

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
Programa de Pós-graduação em Letras

**A NARRAÇÃO ESPORTIVA DE FUTEBOL:
análise discursiva de um fenômeno midiático**

Cristiane Alvarenga Rocha Santos

Belo Horizonte
2010

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Cristiane Alvarenga Rocha Santos

A NARRAÇÃO ESPORTIVA DE FUTEBOL:
análise discursiva de um fenômeno midiático

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Língua Portuguesa e Linguística.

Orientador: Hugo Mari.

Belo Horizonte
2010

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

S237n	<p>Santos, Cristiane Alvarenga Rocha</p> <p>A narração esportiva de futebol: análise discursiva de um fenômeno midiático. / Cristiane Alvarenga Rocha Santos. Belo Horizonte, 2010 181 f.</p> <p>Orientador: Hugo Mari Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Letras. Bibliografia.</p> <p>1 . Análise do discurso. 2. Comunicação Oral. 3. Futebol. I. Mari, Hugo. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDU: 800.855</p>
-------	---

Cristiane Alvarenga Rocha Santos
*A narração esportiva de futebol:
análise discursiva de um fenômeno midiático*

Dissertação defendida publicamente no
Programa de Pós-graduação em Letras da
PUC Minas.

Hugo Mari – PUC Minas

Maria Carmem Aires Gomes – UFV

Patrícia Rodrigues Tanuri Baptista – Faculdade Novos Horizontes

Belo Horizonte, 16 de setembro de 2010.

A Deus, sempre presente e fiel.

Aos meus pais, meus eternos mestres.

A minha avó Neguita, exemplo de fé.

Ao Gui, companheiro de todas as horas.

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Hugo Mari, por me orientar e me ouvir, com paciência, sabedoria e a experiência dos grandes mestres, e por cooperar para a construção do meu conhecimento e elaboração deste trabalho.

Agradeço aos Professores Drs. Hugo Mari, Paulo Henrique Mendes, Marco Antônio Oliveira, Milton do Nascimento, Jane Quintilhano Guimarães, Juliana Alves Assis, Vanda Bittencourt e à querida Maria de Lourdes Meirelles Matêncio, a Malu, que, em tão pouco tempo de convivência, se tornou tão especial. Obrigada a todos por me fazerem ver o universo da linguagem além de suas fronteiras.

Agradeço às secretárias do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUC-Minas, Maria Berenice, Vera e Rosária pela paciência e competência no atendimento.

À tia Cristina e à D. Marly pela compreensão e confiança.

Ao Programa de Pós-Graduação em Letras da PUC - Minas.

À CAPES pela concessão da bolsa de estudos.

RESUMO

O objeto desta dissertação são as *narrativas esportivas de futebol* em dois veículos de comunicação distintos: a televisão (duas emissoras) e o rádio (duas estações). O intuito da investigação é compreender como essas narrativas se configuram em termos discursivos e como, discursivamente, esse gênero toma forma nesses dois tipos de mídia. A partir da análise de categorias como “enunciação”, “função discursiva” e “discurso” e “ação”, pretende-se dar um tratamento adequado à questão, considerando o estudo do gênero discursivo caracterizado como *narrativa esportiva de futebol*. Para encetar tal tarefa, e atingir os objetivos propostos, primeiramente, tratou-se de pressupostos gerais teóricos e da justificativa pela opção por tal objeto de estudo. A seguir, abordaram-se as Teorias da Enunciação, algumas considerações sobre Discurso e Ação e o tema Gênero Discursivo. Na sequência, procedeu-se à análise dos enunciados selecionados para o *corpus* da pesquisa, à luz das teorias relacionadas acima, para, em seguida, efetuar-se um cruzamento para detectar diferenças e semelhanças no tratamento que essa mídia atribuiu aos dados. Esse cruzamento possibilitou a retomada dos dados em termos das regularidades e atualizações presentes nas narrativas. A pesquisa possibilitou compreender melhor o funcionamento enunciativo-discursivo do gênero midiático *narrativa esportiva de futebol* e perceber como um discurso se submete, simultaneamente, a condições enunciativas, sócio-históricas e intencionais. O estudo de aspectos como “enunciação” e “discurso e ação” auxiliaram a alcançar o objetivo central deste trabalho: discutir a possibilidade de uma configuração do gênero *narrativa esportiva de futebol*. Assim, mediante a análise empreendida, verificou-se ser possível configurar tal gênero que, embora apresente aspectos que sofram mais atualizações do que os outros, mantém certa estabilidade, o que obedece, por exemplo, ao princípio da economia linguística. É na enunciação que os narradores e seus interlocutores se apropriam do gênero em análise, efetivando uma prática discursiva que envolve as narrativas de esporte tão popular quanto o futebol.

Palavras-chave: Enunciação. Gênero discursivo. Mídia. Análise do discurso.
Narrativa esportiva de futebol.

ABSTRACT

The scope of this dissertation is to investigate soccer games narratives on two TV channels and in two Radio stations. The aim of the investigation is to find out how these narratives characterize themselves as discourse and are constructed in both types of media. The theme was dealt with under the discussion of categories as *enunciation*, *discursive formation* and *discourse and action* considering the genre *soccer games narratives*. To accomplish the tasks and achieve the objectives proposed, some basic and general principles were presented as well as the reasons for the choice of such a theme. Secondly the theories of Enunciation, Discourse and Action and the topic Discursive Genre were discussed. Following, the *corpus* was analyzed in the light of the above theories. Then data were crisscrossed in order to detect differences and similarities in the narratives of those media supports. Such a procedure allowed for the analysis of data in terms of regularities and actualizations present in the soccer games narratives. The research propitiated not only a better understanding of the discursive and enunciative functioning of the soccer narratives genre but also the perception of how discourse may simultaneously submit itself to conditions both enunciative and intentional. The research on enunciation, discursive functions and discourse and action helped achieve the central objective of this investigation: to check the possibility of the characterization of the *soccer games narratives* as a *genre*. The analysis of the *corpus* proved that possibility true and showed that though embodying aspects which may suffer more actualizations than the other genres, the *soccer games narratives* maintain certain stability and conforms to the principle of linguistic economy. It is inside enunciation that narrators and interlocutors take possession of the genre *soccer games narratives* under discussion here, thus making it effective a discursive practice which involves the narratives of the most popular sport in Brazil – soccer.

Key - words: Enunciation. Discourse genres. Media. Discourse analysis. Soccer games narratives.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	11
2.1 Pressupostos teóricos.....	11
2.2 Seleção do <i>corpus</i>	11
2.3 A Teoria da Enunciação.....	12
2.3.1 <i>Enunciação e subjetividade</i>	12
2.3.2 <i>Enunciação e interação</i>	16
2.3.3 <i>Enunciação e Gênero Discursivo</i>	19
2.4 Discurso e Ação	24
3 A NARRATIVA ESPORTIVA DE FUTEBOL E OS ESTUDOS DO DISCURSO	31
3.1 Enunciação e Gênero do Discurso	31
3.2 Gênero Discursivo e ação na narrativa	32
3.3 A narrativa esportiva de futebol na TV	34
3.3.1 <i>A narrativa esportiva de futebol na Rede Globo</i>	38
3.3.2 <i>Ação e Discurso na narrativa da Rede Globo</i>	62
3.4 A narrativa esportiva de futebol na BAND.....	67
3.4.1 <i>Ação e Discurso na narrativa da BAND</i>	90
3.5 A narrativa esportiva de futebol no Rádio	97
3.5.1 <i>A narrativa esportiva de futebol na Rádio Globo</i>	100
3.5.2 <i>Ação e Discurso na narrativa da Rádio Globo</i>	125
3.5.3 <i>A narrativa esportiva de futebol na Rádio Eldorado/ESPN</i>	132
3.5.4 <i>Ação e Discurso na narrativa da Rádio Eldorado/ESPN</i>	157
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS -UMA PROPOSTA DE CONFIGURAÇÃO DO GÊNERO “NARRATIVA ESPORTIVA DE FUTEBOL”	163
4.1 A “narrativa esportiva de futebol”: regularidades e atualizações.....	163
4.2 Uma configuração do gênero <i>narrativa esportiva de futebol</i> é possível?	175
REFERÊNCIAS.....	178

1 INTRODUÇÃO

No Brasil, o futebol é considerado o “esporte nacional”. Em função dessa posição de destaque, essa modalidade esportiva recebe um tratamento diferenciado pela mídia, o que se pode verificar pelo espaço que ocupa em veículos como a televisão e o rádio, que oferecem cobertura de jogos de diversos campeonatos, como os estaduais e o Brasileiro, o que não ocorre com outros esportes. Há, porém, canais fechados, como Sportv e ESPN, que apresentam uma programação totalmente voltada para a divulgação de esportes variados, com a transmissão de campeonatos nacionais e internacionais, noticiários, programas de entrevista, debates, entre outros, que abordam diversas modalidades esportivas. Além disso, apresentam uma cobertura completa dos Jogos Olímpicos, que acontecem a cada dois anos (alternando-se em Jogos Olímpico de Verão e de Inverno). Mais um exemplo é o destaque dado a cada quatro anos à Copa do Mundo, evento que mobiliza toda a população e cuja repercussão não se compara a qualquer outra competição esportiva, nem mesmo aos Jogos Olímpicos. Esta supervalorização do futebol, em detrimento de outros esportes, é prevista na lei, no capítulo X, art. 84-A da Lei nº 9.615 do Desporto, que, em relação às transmissões televisivas prescreve: “Todos os jogos das seleções brasileiras de futebol, em competições oficiais, deverão ser exibidos, pelo menos, em uma rede nacional de televisão aberta, com transmissão ao vivo, inclusive para as cidades brasileiras nas quais os mesmos estejam sendo realizados”.

No país, são frequentes expressões como: “O Brasil é o país do futebol!”, ou ainda “O futebol é uma paixão nacional!”. Esses jargões disseminam-se pelo país, principalmente em períodos de Copa do Mundo, época em que a mídia se concentra em promover o espírito nacionalista, o que se converte em altos índices de audiência e no aumento de vendas no comércio.

A maioria das pesquisas sobre “narração esportiva” se encontra nas áreas de Sociologia do Esporte, como os trabalhos de Ronaldo Helal; de Comunicação Social, como Márcio Guerra (2006), Édison Gastaldo, José Carlos Marques e nos estudos da Cultura Contemporânea, como os de Victor Andrade de Melo. Apesar disso, segundo Guerra (2006, p.2), “O futebol tem merecido um espaço crescente na produção bibliográfica, mas pouco ou quase nada se tem sobre a narrativa do jogo no rádio e na televisão”.

Sendo assim, há necessidade de pesquisas no campo da análise do discurso e da enunciação, que tomem como objeto de estudo o discurso construído na produção de narrações de jogos de futebol. Nessa linha de pensamento, pretendemos mostrar o valor que a

Análise do Discurso pode assumir ao tratar de um tema tão relevante da cultura brasileira e sobre o qual poucos na área de estudos da linguagem se atentaram.

Após fazer alguns estudos sobre o domínio discursivo do esporte, podemos afirmar que a “narrativa esportiva” se apresenta como um gênero de discurso que comprova o caráter único da enunciação. Assim, um jogo poderá ser narrado de forma distinta, conforme a emissora que o transmite, o próprio narrador, o gênero dos jogadores, os times que estão em campo, o espectador, o suporte (TV ou rádio), dentre outras tantas condições de produção que influenciam a direção que um determinado discurso pode tomar. Dessa forma, podemos afirmar, *a priori*, que o modo como os processos enunciativos se organizam e funcionam em torno de um objetivo inicial, no caso, narrar o jogo, podem ser diferentes e, por isso, comportam alguma forma de análise.

Observamos, durante a “narração esportiva” (aqui estudada em sua dimensão enunciativa), que o narrador mobiliza estratégias não apenas linguísticas, mas também elementos constituintes da cultura e da sociedade na qual ele e o seu alocutário se inserem. Essas estratégias são percebidas, muitas vezes, nas formações discursivas (FDs) através das quais o narrador “convida” o público a participar do contexto de jogo, de modo consciente ou inconsciente. Além disso, as escolhas feitas pelo narrador colaboram no sentido, não apenas de um fazer-saber, mas também de um fazer-creer, ou seja, a intencionalidade do sujeito enunciador é refletida no discurso por ele construído. Um exemplo disso é a forma como alguns narradores constroem a referência a jogadores ou a atos realizados em campo durante a narração de um jogo.

Quanto ao sujeito que produz esse discurso, percebe-se que ele constrói uma identidade de narrador, ao mesmo tempo em que projeta um interlocutor, com o qual procura manter um diálogo, ainda que *in absentia*. Há, normalmente, outros interlocutores que se encontram na função de comentaristas, os quais acabam se tornando locutores em relação ao público que participa dessa interação. Logo, estes apresentam um desdobramento em termos de enunciação, já que se instituem, durante as tomadas de turno, locutores e alocutários.

É possível perceber que, a partir do momento em que o narrador se coloca como sujeito de seu discurso, ele imprime sua subjetividade, seu ponto de vista sobre os fatos que observa em campo, visando a construir um sentido para o telespectador ou ouvinte. Através da enunciação de seu discurso, ele segue um contrato, que variará com as condições de produção nas quais ele e seu alocutário se inserem, visando, em alguns momentos, a informar e/ou entreter, e/ou convencer seu público de algo, ações que tornam questionável dizer que um jogo de futebol visa, apenas, a divertir ou apenas informar o que acontece em campo. Para

isso, ele mobiliza estratégias enunciativas que podem funcionar como instrumentos de persuasão, a fim de obter uma maior adesão ao que diz. Cabe repetir, como foi dito no início, que essas estratégias, assim como o funcionamento dessa enunciação, podem se diferenciar conforme a narração esportiva que se propõe analisar.

Surge, portanto, a necessidade de responder à seguinte questão:

- Como se configura a ‘narração esportiva de futebol’ em termos discursivos? E, mais especificamente,
- Como, discursivamente, esse gênero toma forma na análise de duas transmissões de emissoras de televisão e de duas transmissões de emissoras de rádio diferentes?

A partir da análise de categorias como “enunciação”, “função discursiva” e “discurso e ação”, pretendemos dar um tratamento criterioso a essa questão, considerando o estudo do gênero discursivo caracterizado como “narração esportiva de futebol”.

Por todas as considerações anteriores, e por não terem até hoje, sido analisadas essas narrativas em termos de seu discurso, ação, e de sua enunciação, esta dissertação toma como seu objeto de estudo essa narrativa e se propõe a analisar as falas-discursos dos narradores dessa modalidade esportiva, na TV e no rádio.

Definimos como objetivos deste trabalho, portanto: compreender o funcionamento enunciativo de uma *narrativa esportiva de futebol*; identificar as funções enunciativas presentes em cada narrativa; determinar as funções discursivas desempenhadas pelos enunciadores durante a enunciação; descrever como são tratados elementos como tempo e espaço nas narrativas, considerando o estilo peculiar de cada uma delas; refletir sobre a relação discurso e ação, abordando o modo como o narrador se dirige aos seus interlocutores; verificar se a ação verbal de se dirigir discursivamente aos interlocutores conduz a outra ação consecutiva; discutir se tal ação segue uma regra prévia relativa à função enunciativa dos participantes da interação; verificar se o significado dos atos de linguagem produzidos pelos narradores condiciona as ações dos interlocutores e, por fim, configurar o gênero *narrativa esportiva de futebol* a partir da conclusão dos objetivos anteriores.

Para encetar a tarefa a que me proponho, no capítulo 2 discorro os conceitos de “enunciação”, “formação discursiva” e “discurso” e “ação” que embasarão nossas análises sobre o gênero discursivo caracterizado como *narrativa esportiva de futebol*. No capítulo 3, por sua vez, analiso os enunciados do *corpus* da pesquisa, à luz das teorias relacionadas acima. No quarto e último capítulo, apresento o resultado de minhas pesquisas e análises, efetuando um cruzamento dos dados para detectar diferenças e semelhanças no tratamento que essa mídia lhes atribuiu.

2 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

2.1 Pressupostos teóricos

Tendo em vista nossos objetivos de análise, procedemos a um levantamento de algumas categorias discursivas as quais consideramos relevantes para este estudo. Pressupondo a narrativa como construção discursiva a partir das ações que ocorrem em campo, fez-se necessária uma pesquisa em torno do conceito de “ação” e de sua relação com o discurso (DAVIDSON, 1993; MARI, 2003; QUERÉ, 1999; VERNANT, 1997).

Abordaremos também a Teoria da Enunciação (BENVENISTE, 2006), bem como a concepção e as questões relativas à noção de “interação” e “gênero discursivo” (BAKHTIN, 2003, 2006; CHARAUDEAU, 2006).

2.2 Seleção do *corpus*

O *corpus* desta pesquisa é composto por quatro “narrativas esportivas de futebol”, sendo duas coletadas da mídia televisiva e as outras da radiofônica. A escolha de narrativas provenientes da televisão e também do rádio, deve-se à hipótese de que há elementos linguístico-discursivos que as tornam distintas, se considerarmos o suporte midiático no qual são produzidas.

Para a análise da narrativa televisiva, escolhemos a última partida da última rodada do Campeonato Brasileiro de 2008, ocorrida em 07 de dezembro de 2008, entre São Paulo e Goiás, transmitida pela Rede Globo de São Paulo e pela Rede Bandeirantes. Para a análise da narrativa radiofônica, optamos por uma partida do Campeonato Paulista, ocorrida em 15 de março de 2009, entre Santo André e Corinthians, transmitida pela Rádio Globo de São Paulo e pela Rádio ESPN/Eldorado.

Tais emissoras televisivas foram escolhidas por serem os únicos canais da TV aberta que possuem autorização para transmitir os jogos da Série A do Campeonato Brasileiro. Já as emissoras radiofônicas foram escolhidas, por partirmos da hipótese de que a narração construída pela Rádio Globo contribuiria, em muitos aspectos, para a consecução dos nossos

objetivos, se comparada à narração empreendida pela Rádio ESPN/Eldorado. Quanto à seleção das narrações, optamos por gravar, transcrever e analisar as transmissões que coincidiram com duas emissoras distintas. Essa escolha foi feita, a fim de possibilitar uma análise válida de um *corpus* que permitisse uma comparação entre as enunciações das duas emissoras, tendo em vista possuírem não apenas divergências entre si, mas também pontos de contato na forma em que foram realizadas.

Essas narrações totalizaram cerca de 8 horas de gravação – tendo como suporte a TV aberta, no caso das narrativas televisivas e a internet, no caso das narrativas radiofônicas –, o que exigiu um recorte para fins de análise. Assim, privilegiamos neste estudo a narração do 2º tempo do jogo nas quatro narrativas, embora tenhamos analisado as narrativas, considerando cada uma em seu todo.

2.3 A Teoria da Enunciação

Nesta seção, pretendemos discorrer sobre os autores e as teorias que subsidiaram a análise do *corpus* em questão. Seleccionamos como fundamentação principal a Teoria da Enunciação, os estudos de Émile Benveniste, e os postulados de Mikhail Bakhtin sobre a interação, a partir dos quais abordaremos outros conceitos.

Defenderemos, portanto, uma posição enunciativo-interacionista do uso da linguagem, apresentando uma aproximação entre uma visão subjetiva dos processos enunciativos e sob uma perspectiva interacional. Isso, porque consideramos que a enunciação se complementa com o fenômeno da interação dos sujeitos que realizam um ato de linguagem.

2.3.1 Enunciação e subjetividade

Benveniste (2005), em seu livro *Problemas de Linguística Geral I*, destina um capítulo ao estudo da relação entre o homem e a linguagem e sobre como a subjetividade de quem enuncia um discurso se manifesta ao longo do enunciado. A princípio, o autor critica a definição de linguagem como “instrumento”, defendendo a ideia de que “A linguagem está na natureza do homem, que não a fabricou” (BENVENISTE, 2005, p.285). Segundo ele, essa

primeira concepção conduz a uma oposição do homem à natureza, sendo que, na verdade, ela é um elemento inerente ao ser humano, ainda que pareça “[...] assumir uma função instrumental” (BENVENISTE, 2005, p.285), já que é por meio da palavra, que há “troca”, comunicação, entre os sujeitos.

A subjetividade, portanto, é entendida como a habilidade de se colocar como *sujeito*. Essa subjetividade se instaura no discurso, a partir de uma categoria linguística (os pronomes pessoais, tradicionalmente) que revela um sujeito que diz *eu*. Além disso, Benveniste (2005) afirma que ao enunciar *eu* esse sujeito instaura um *tu*, a fim de atender a uma “condição de diálogo”, a qual também é constitutiva da “pessoa”. Assim, “é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como *sujeito*.” (BENVENISTE, 2005, p.286).

Embora admita essa relação entre um *eu* e um *tu*, o autor a considera uma relação de polaridade que não demonstra igualdade ou simetria de relações entre ambos os participantes – “Essa polaridade não significa igualdade nem simetria: *ego* tem sempre uma posição de transcendência em relação a *tu*; apesar disso, nenhum dos dois termos se concebe sem o outro; são complementares [...]” (BENVENISTE, 2005, p.286).

Devido a essa posição privilegiada do sujeito que enuncia *eu*, é que Benveniste (2005) acredita que a linguagem seja profundamente marcada pela subjetividade, a qual se manifesta, primeiramente, nos pronomes pessoais *eu* e *tu*. Esses pronomes, no entanto, não se referem a um conceito ou a um indivíduo particular, mas a um sujeito que se circunscreve no discurso, em uma situação e sob condições específicas.

[...] *eu* se refere ao ato de discurso individual no qual é pronunciado, e lhe designa o locutor. É um termo que não pode ser identificado a não ser dentro do que, noutro passo, chamamos uma instância de discurso, e que só tem referência atual. A realidade à qual ele remete é a realidade do discurso. É na instância de discurso na qual *eu* designa o locutor que este se enuncia como ‘sujeito’. É, portanto, verdade ao pé da letra que o fundamento da subjetividade está no exercício da língua. (BENVENISTE, 2005, p.288)

Logo, cada locutor se apropria da língua, colocando-se como *eu* e, conseqüentemente, estabelecendo um alocutário e tornando-se o centro organizador do discurso, também em termos de espaço e tempo. Por isso, podemos dizer que a subjetividade revela-se igualmente em aspectos temporais e espaciais, pois, veremos que é o *eu* quem os determina em cada situação específica, ou seja, o *eu* depende daquele que toma a palavra ao enunciar. Isso confirma o fato de que

A linguagem é, pois, a possibilidade da subjetividade, pelo fato de conter sempre as formas lingüísticas apropriadas à sua expressão; e o discurso provoca a emergência da subjetividade, pelo fato de consistir de instâncias discretas. (BENVENISTE, 2005, p. 289)

Com base neste “princípio” de existência da subjetividade na linguagem, Benveniste (2006) afirma que há distinção entre uma descrição lingüística que visa a explicar o emprego da forma e aquela que pretende esclarecer o emprego da língua. Embora admita que o emprego das formas seja necessário a toda descrição, ele focaliza seu estudo na importância de entender como se dá o emprego da língua, o qual seria um “[...] mecanismo total e constante que, de uma maneira ou de outra, afeta a língua inteira.” (BENVENISTE, 2006, p.82).

Portanto, ao ato de colocar uma língua em funcionamento por um ato de um *eu* que se institui e se constitui como sujeito, o autor chama de “enunciação” e, ao resultado deste processo ele denomina “enunciado”. O discurso, nesta perspectiva, seria, então, a manifestação da enunciação, surgindo cada vez que um sujeito fala. O objeto de seu estudo, entretanto, será a “enunciação”, já que lhe interessa a relação que o enunciador estabelece com a língua e o que essa relação determina na enunciação.

Segundo Benveniste (2006), o emprego da língua poderia ser estudado de três maneiras distintas. A primeira teria como objetivo estudar processos de aquisição da língua, além de sua difusão e alteração, a partir de sons emitidos e percebidos, os quais seriam coletados com a finalidade de, com base em recorrências, chegar a uma representação média de sons. Contudo, para o autor, um estudo como esse não demonstra que um mesmo sujeito pode produzir sons distintos por influência da própria situação enunciativa na qual se insere. A segunda está relacionada à semantização da língua e tem como objetivo “[...] ver como o ‘sentido’ se forma em ‘palavras’, em que medida se pode distinguir entre as duas noções e em que termos descrever sua interação.” (BENVENISTE, 2006, p.83). A terceira, na qual se insere os estudos de Benveniste, tem como finalidade “[...] esboçar, no interior da língua, os caracteres formais da enunciação, a partir da manifestação individual que ela atualiza.” (BENVENISTE, 2006, p.83).

Antes da enunciação, a língua é apenas uma possibilidade, pois, é a partir de uma “apropriação” do “aparelho formal” da língua pelo enunciador que ele se investe como sujeito bem como institui seu *tu* e significa o que diz. Essa enunciação suscita, portanto, outra enunciação, quando os papéis entre *eu* e *tu* são invertidos. Assim, “toda enunciação é,

explícita ou implicitamente, uma alocação, ela postula um alocutário” (BENVENISTE, 2006, p.84).

A enunciação também é o lugar onde se estabelece a relação do *eu* com o mundo. Há uma necessidade de referir-se e de referir o que está ao seu redor; logo, observamos que a referência é parte integrante da enunciação. Há algumas formas linguísticas que auxiliam na construção dessa referência, as quais ganham sentido específico em cada enunciação. Dentre elas estão os “pronomes pessoais” que denotarão quem são os indivíduos que ocupam as posições de *eu* e *tu* numa situação determinada. São, assim, “indivíduos lingüísticos”, que nascem na enunciação. Outro grupo são os “pronomes demonstrativos”, entre outros, que recebem o nome de “dêiticos” os quais são determinados em função do sujeito que profere *eu*. Eles também ganham sentido na enunciação, definindo um “aqui” e “agora” próprios. Por último, Benveniste (2006) cita a temporalidade como marca também desse sujeito em uma enunciação. De que forma?

Segundo o autor, a temporalidade é produzida na enunciação. A partir do momento em que *eu* se define, ele define um presente do discurso, e é com base neste tempo zero que os outros “tempos” (passado e futuro) se determinam. Para Benveniste,

o presente formal não faz senão explicitar o presente inerente à enunciação, que se renova a cada produção de discurso, e a partir deste presente contínuo, coextensivo à nossa própria presença, imprime na consciência o sentimento de uma continuidade que denominamos ‘tempo’ [...] (BENVENISTE, 2006, p. 85)

A teoria distingue entidades que têm na língua seu estatuto pleno e permanente e aquelas que, emanando da enunciação, não existem senão na rede de “indivíduos” que a enunciação cria e em relação ao “aqui-agora” do enunciador. A enunciação revela uma relação discursiva entre *eu* e seu parceiro, seja este real ou não. Os parceiros da comunicação são necessários aos propósitos enunciativos, tornando-se protagonistas da enunciação alternativamente. Benveniste denomina esta organização “quadro figurativo da enunciação”, onde passa a existir uma estrutura de “diálogo”, segundo ele.

Por fim, podemos dizer que, na perspectiva da Teoria da Enunciação, “cada enunciação é um ato que serve o propósito direto de unir o ouvinte ao locutor por algum laço de sentimento social ou de outro tipo” (BENVENISTE, 2006, p. 90). Sendo assim, vemos que, neste contexto teórico, a linguagem se caracteriza como um modo de ação, como um “meio” de agir sobre o outro na forma de enunciação.

2.3.2 *Enunciação e interação*

Bakhtin (2006) demonstrou em suas pesquisas uma preocupação em definir o objeto de estudo da filosofia da linguagem, o que o conduziu a efetuar críticas a duas orientações do pensamento filosófico-linguístico, por não encontrar nelas uma resposta adequada à sua indagação. Contudo, essas duas correntes possibilitaram que o pesquisador, por meio de uma síntese dialética, apresentasse uma nova proposta, a qual o transformou em um dos mais importantes pensadores da linguagem, até os dias de hoje.

A primeira orientação que Bakhtin (2006) questiona é o *objetivismo abstrato*, o qual, segundo ele, privilegia o sistema linguístico abstrato de normas, considerando-o desprovido de qualquer subjetividade e interferência histórica. Dessa forma, a língua é vista sob um ponto de vista sincrônico, o que para o pensador “[...] não passa de uma ficção” e “objetivamente, esse sistema não existe em nenhum verdadeiro momento da história.” (BAKHTIN, 2006, p.93 - 94). Isso significa que a língua evolui e essa evolução deve ser estudada numa perspectiva histórica e influenciada pelos sujeitos que, inseridos em sistemas de normas sociais, a utilizam.

Essa corrente também defende que a língua existe para a consciência subjetiva do locutor apenas como sistema objetivo de normas as quais são imutáveis e tomadas isoladamente, e não no conjunto da enunciação. O autor, no entanto, afirma que

Na realidade, o locutor serve-se da língua para suas necessidades enunciativas concretas (para o locutor, a construção da língua está orientada no sentido da enunciação da fala). Trata-se, para ele, de utilizar as formas normativas (admitamos, por enquanto, a legitimidade destas) num dado contexto concreto. (BAKHTIN, 2006, p.95)

Assim, o locutor, ao utilizar-se das formas linguísticas, parte do princípio de que elas sejam flexíveis e ajustáveis aos diversos contextos de enunciação, que se encontram em interação entre si, e não são formas fixas, imutáveis, até mesmo por essas formas adquirirem sentidos diferentes em função também do alocutário. Para Bakhtin (2006), a palavra está sempre carregada de um sentido ideológico, o qual se molda de acordo com a situação e os interlocutores, bem como da posição que estes interlocutores ocupam quando enunciam. Esse argumento faz cair por terra a tese da univocidade da palavra defendida pelo *objetivismo abstrato*. Enfim, podemos afirmar que esta corrente “[...] rejeita a enunciação, o ato de fala,

como sendo individual” (BAKHTIN, 2006, p.112), já que considera a língua como algo externo, objetivo em relação à coletividade, ao social.

A segunda orientação, o *subjetivismo individualista*, reconhece a subjetividade inerente ao uso da língua; no entanto, Bakhtin (2006) critica o ponto de vista individual do ato de fala e a tentativa de “[...] explicá-lo a partir das condições da vida psíquica individual do sujeito falante.” (BAKHTIN, 2006, p.113). Para ele, a enunciação tem um caráter social e é por isso que deve ser considerada como fruto das interações sociais, estabelecidas por meio dos *diálogos*¹.

Os teóricos dessa perspectiva buscavam elaborar uma reflexão linguística, partindo da atividade mental do locutor, ao realizar uma enunciação monológica. Logo, esse estudo focaliza-se sobre a pessoa que fala, que produz “[...] um ato puramente individual, como uma expressão da consciência individual.” (BAKHTIN, 2006, p.114). Essa expressão, formada por um *conteúdo* (interior) e uma *objetivação exterior* (para alguém ou para si), caracteriza-se por uma atividade mental realizada no interior psíquico do locutor, a partir do que ele conhece, e é exteriorizada por meio de signos na enunciação.

Bakhtin (2006) critica essa teoria que serve de fundamento para o *subjetivismo abstrato*, por considerar inadequada a supervalorização que imprime ao componente interior em detrimento do exterior, já que, para ela, o centro organizador da enunciação é interior, é a vida psíquica do locutor. Para o pesquisador, o componente exterior não é um receptor passivo do que procede do interior, mas ele é, na verdade, o responsável pela forma como o locutor vai objetivar o conteúdo interior. Assim, o movimento seria inverso do que pretendem os subjetivistas abstratos. “A situação social mais imediata e o meio social mais amplo determinam completamente e, por assim dizer, a partir do seu próprio interior, a estrutura da enunciação.” (BAKHTIN, 2006, p.117).

Os interlocutores imprimem às palavras seus pontos de vista, ao mesmo tempo em que definem a si próprios a partir delas, interferindo diretamente no sentido que possam adquirir em cada situação específica de interação. Segundo o autor, esse *diálogo* ocorreria da seguinte forma: “uma vez materializada, a expressão exerce um efeito reversivo sobre a atividade mental: ela põe-se então a estruturar a vida interior, a dar-lhe uma expressão ainda mais definida e mais estável.” (BAKHTIN, 2006, p.122).

¹ *Diálogo* aqui será tomado nas acepções bakhtinianas, ou seja, no sentido estrito do termo, como uma das formas de interação verbal, mas também em um sentido amplo, como um aspecto característico de toda comunicação verbal.

Assim, podemos dizer que na construção do sentido em uma interação entram em jogo as crenças, as experiências, os valores que os interlocutores possuem e esses elementos colaboram para a organização e estabilização das expressões na vida interior dos interlocutores. O sentido dessas expressões é ajustado no momento da interação, a fim de adequar-se aos participantes dessa interação, bem como à finalidade e à situação comunicativa como um todo.

Bakhtin (2006) denominou *ideologia do cotidiano* aqueles conteúdos que, materializados na forma de expressões, revelam uma ideologia e colaboram para a cristalização de sistemas ideológicos, e estes

[...] exercem por sua vez sobre esta, em retorno, uma forte influência e dão assim normalmente o tom a essa ideologia. Mas, ao mesmo tempo, esses produtos ideológicos constituídos conservam constantemente um elo orgânico vivo com a ideologia do cotidiano [...] (BAKHTIN, 2006, p.123)

Portanto, enquanto a *ideologia do cotidiano* colabora para a estabilização de instituições ideológicas como a mídia, a ciência, a literatura, por meio de uma mescla entre os sistemas ideológicos já estabelecidos e os “novos” sistemas provenientes da *ideologia do cotidiano*, essas instituições cristalizadas progridem ao longo do tempo, devido à infiltração dessa *ideologia do cotidiano*.

A enunciação, para Bakhtin (2006), é um processo subjetivo, ou seja, que considera a participação ativa do locutor o qual realiza uma atividade mental, partindo de um conteúdo ideológico internalizado, mas também, e principalmente, interativo, já que ganha forma e sentido, apenas quando externalizado e voltado para um auditório e para uma situação comunicativa específicos.

Para ele, o componente exterior da expressão é que organiza e delimita o espaço da interação, devido ao caráter social da enunciação. Ele nega a enunciação monológica isolada, afirmando que a enunciação deve ser tratada como resultado da interação verbal, a qual se trata de um “fenômeno social”. Assim, “a comunicação verbal não poderá jamais ser compreendida e explicada fora desse vínculo com a situação concreta.” (BAKHTIN, 2006, p.128), e deve ser tratada como apenas uma parte de um fluxo de enunciações que se retomam a todo instante a cada nova interação.

A concepção interacionista da enunciação apresentada por Bakhtin (2006) mostra o aspecto social como fundamento das práticas de linguagem, considerando não apenas a atividade mental e a consequente objetivação da expressão interior realizada pelo locutor, mas

também o movimento inverso produzido pelo alocutário. Além disso, sua abordagem passa a considerar a importância da ideologia na atividade mental de objetivação da palavra na enunciação, com base na situação de comunicação e no seu auditório. É a partir dessa posição que Bakhtin estuda os *gêneros discursivos*, propondo uma visão distinta daquela apresentada pelos teóricos da literatura. Esse conceito será de grande importância para definirmos a enunciação que se delinea em nosso *corpus*.

2.3.3 Enunciação e Gênero Discursivo

Bakhtin foi inovador em muitos sentidos, inclusive ao romper com um modelo de estudo de gênero que tinha como origem a Antiguidade clássica, o qual centrou sua preocupação, a princípio, em definir os gêneros literários poéticos e, depois os gêneros retóricos. Os gêneros, nesse período, eram vistos como unidades a serem classificadas por pressuporem uma homogeneidade tanto em sua natureza como em sua funcionalidade. Segundo Machado,

[...] a emergência da prosa passou a reivindicar outros parâmetros de análise das formas interativas que se realizam pelo discurso. Os estudos que Mikhail Bakhtin desenvolveu sobre os gêneros discursivos considerando não a classificação das espécies, mas o dialogismo do processo comunicativo, estão inseridos no campo dessa emergência. [...] A partir dos estudos de Bakhtin foi possível mudar a rota dos estudos sobre os gêneros [...]. (2005, p.152)

Ao afirmar que a interação verbal é parte das diversas atividades humanas, Bakhtin (2006) defende um estudo da linguagem com base no uso que dela faz uma coletividade, e na sua concretização nas mais diversas “comunicações discursivas” a que se submetem os indivíduos que compõem uma sociedade. É a partir dessa abordagem que o autor definirá gênero discursivo como “[...] tipos relativamente estáveis de enunciados [...]” (BAKHTIN, 2006, p.262).

Cabe dizer, de início, que Bakhtin (2006) não faz distinção entre enunciado e enunciação, bem como a palavra “discurso” aparece em seu texto *Gêneros do Discurso*, por exemplo, como “sinônima” de enunciado e enunciação. Dito isso, é importante ressaltar que o autor considera que esses enunciados refletem, por meio de seu conteúdo temático, do estilo

de linguagem e da sua composicionalidade (discutiremos essas categorias mais adiante), condições e finalidades específicas do campo de atividade nos quais são produzidos.

Os gêneros do discurso – orais ou escritos – seriam divididos basicamente em primários e secundários, sendo estes últimos variações, formas modificadas e mais complexas dos primeiros. Isso porque, para Bakhtin (2006), os gêneros alteram-se sócio-historicamente. Assim, à medida que a sociedade evolui e suas atividades sociais se complexificam, complexificam-se também os gêneros.

Um exemplo disso é o diálogo (conversa) entre duas ou mais pessoas que, há alguns anos, somente era possível pessoalmente ou por telefone e hoje é possível por e-mail, chats, MSN, Skype, entre outros programas que a Internet oferece. Essas mudanças constantes no gênero “conversa/bate-papo” guardam algumas características comuns daqueles gêneros primários, porém sofreram modificações para atender à nova realidade social, que é a inserção dessa nova mídia – a Internet – no dia a dia dos indivíduos.

Assim, observamos que, embora esses gêneros secundários apresentem modificações, percebemos que eles possuem “resquícios” dos gêneros que deles se originam, o que facilita a manipulação desses enunciados pela sociedade.

No processo de sua formação eles incorporam e reelaboram diversos gêneros primários (simples), que se formaram nas condições da comunicação discursiva imediata. Esses gêneros primários, que integram os complexos, aí se transformam e adquirem um caráter especial [...] (BAKHTIN, 2006, p.263)

O autor enfatiza a necessidade de se aprofundarem os estudos do enunciado, dizendo que qualquer pesquisa linguística que o desconsidere tende à abstração, deformando a influência dos sujeitos e da historicidade nos enunciados, “ora a língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos (que a realizam); é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua.” (BAKHTIN, 2006, p.264). Desse modo, sua obra *Estética da Criação Verbal* traz uma crítica a alguns pontos da Linguística que merecem uma mudança de perspectiva que passe a considerar o enunciado.

O primeiro deles é a estilística. Para Bakhtin, o estilo é um dos componentes do gênero, como dissemos no início desta seção, e será responsável por denunciar a individualidade do sujeito que enuncia. Ainda que faça ressalvas, afirmando que alguns gêneros como aqueles que são mais padronizados, possuem um conteúdo mais rígido sejam menos propícios a essa revelação da subjetividade do sujeito enunciadador, ele defende a

existência de uma relação “orgânica e indissolúvel do estilo com o gênero” (BAKHTIN, 2006, p.265). Por isso, para o autor,

a separação dos estilos em relação aos gêneros manifesta-se de forma particularmente nociva na elaboração de uma série de questões históricas. As mudanças históricas dos estilos de linguagem estão indissoluvelmente ligadas às mudanças dos gêneros de discurso. (BAKHTIN, 2006, p.267)

O estilo também está estreitamente ligado aos outros dois elementos constituintes do gênero: o conteúdo temático e a composicionalidade, modificando-os, à medida que se modifica. Por exemplo, um jornalista, em um jornal televisivo de rede nacional, deverá mostrar um estilo mais sóbrio, um tom mais sério, uma linguagem mais formal, ao informar sobre a queda de um avião, por exemplo. Como parte da composicionalidade poderá trazer diversas “vozes” para o seu enunciado, por meio de entrevistas com diretores e responsáveis da companhia aérea, com parentes e amigos dos feridos, assim como com especialistas na área de engenharia aeronáutica, para tentar explicar o que aconteceu e/ou o motivo de tal acidente. Ao se mudar a temática, poder-se-ia ter um estilo mais leve e despojado do jornalista, bem como outros elementos, distintos dos que citamos acima, que fariam parte da composicionalidade do enunciado.

Atrelando ao problema relacionado à estilística, Bakhtin (2006) também critica o modo como a gramática e o léxico vinham sendo estudados dentro da Linguística até então. Para ele, a gramática deve ser pensada em conjunto com a estilística, já que em várias práticas sociais observamos que ambas convergem e se misturam, mesmo que alguns fenômenos sejam mais bem analisados em um campo que em outro. Um exemplo dessa tese bakhtiniana é o fato de “[...] que a própria escolha de uma determinada forma gramatical pelo falante é um ato estilístico.” (BAKHTIN, 2006, p.269).

Além disso, o autor questiona o privilégio atribuído pelos estudos linguísticos, até o século XIX, à formação do pensamento como a função primeira da linguagem, pois, para ele, a função comunicativa deveria estar em primeiro plano. Não há como explicar a linguagem em uso, sem considerar o fato de que um enunciado é produzido com base não só no sujeito que enuncia, mas também no seu enunciatário. O “outro”, que também se torna “eu” quando toma a palavra, segundo Bakhtin (2006), deve apresentar uma compreensão ativa do enunciado que lê ou ouve, não atuando simplesmente como um “receptor” passivo.

Toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva (embora o grau desse ativismo seja bastante diverso); toda compreensão

é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante. (BAKHTIN, 2006, p. 271)

Bakhtin (2006) afirma que, assim como as formas da língua, os gêneros do discurso são responsáveis por organizar nosso discurso e, à medida que aprendemos e conhecemos esses gêneros, eles vão se tornando tão familiares que somos capazes de reconhecê-los, quando outro sujeito os utiliza. A melhor forma de conhecermos um gênero discursivo é apreendê-lo por meio das nossas interações sociais, já que elas apresentam grande diversidade, as quais ainda possibilitam, ao longo do tempo, o surgimento de novas formas dos gêneros, seja devido aos hibridismos seja devido às variações daqueles já conhecidos. Essa diversidade também “[...] é determinada pelo fato de que eles são diferentes em função da situação, da posição social e das relações pessoais de reciprocidade entre os participantes da comunicação.” (BAKHTIN, 2006, p.283).

Devemos ressaltar que existem alguns elementos componentes dos gêneros que lhes garantem certa estabilidade, o que permite que os reconheçamos em uma interação, ainda que sob uma forma variada. O próprio Bakhtin já havia dito que os gêneros seriam “tipos *relativamente estáveis* de enunciados”, desse modo, ainda que seja relativa, a estabilidade existe. Contudo, o grande desafio é mostrar sob que aspectos um enunciado se mantém estável e sob que outros aspectos sua estabilidade se torna vulnerável. Cabe dizer que, do mesmo modo como usamos as formas da língua é influenciado pela situação de comunicação, os gêneros também o são, já que alguns são mais adequados a determinados contextos, sujeitos e finalidades específicas.

Nos gêneros discursivos, os sujeitos concretizam em seus enunciados outros enunciados que revelam suas crenças, emoções, opiniões, seus desejos, juízos de valor, ou seja, trazem para seu discurso outras vozes pertencentes aos mais diversos campos da atividade de linguagem: a família, a religião, a ciência, a mídia, entre outros. Esses elementos constituem-se variáveis que interferem na estabilidade de um enunciado, na medida em que a cada situação comunicativa nova, há novos sujeitos, ou um mesmo sujeito, que enunciam que desempenham um novo papel, devido ao lugar de onde falam e ao contrato sócio-comunicativo exigido em cada enunciação. Dessa forma, podemos dizer que os gêneros apresentam um caráter *dialógico*, tanto em relação a outros gêneros, quanto ao conteúdo temático, ao estilo e à composicionalidade. Assim, “[...] cada enunciado é pleno de variadas atitudes responsivas a outros enunciados de dada esfera da comunicação discursiva.” (BAKHTIN, 2006, p.297).

Em síntese, os gêneros discursivos são definidos por Bakhtin (2006) como enunciados que possuem uma relativa estabilidade, que são fruto das relações intersubjetivas e, por isso, meios pelos quais os sujeitos se comunicam nas suas diversas interações sociais. Esses sujeitos, a posição social que ocupam e os papéis que assumem, bem como a situação em que se estabelece uma interação são determinantes para a escolha do gênero – o que inclui escolhas em termos do estilo que será empregado, o conteúdo que será objeto do *diálogo* e as “vozes” que serão trazidas para comporem o enunciado.

É importante também apresentarmos o que será compreendido como “suporte” de gêneros no contexto desta pesquisa, tendo em vista ser um conceito que ainda gera divergências no âmbito dos estudos da linguagem. Conceberemos, portanto, “suporte” como “[...] um *locus* físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto.” (MARCUSCHI, 2008, p.174). Dessa forma, o rádio e a televisão podem ser considerados “suportes” por se caracterizarem como um lugar físico, um *mídium*, que apresentam particularidades e servem para fixar um gênero – no caso, as *narrativas esportivas de futebol*.

O “suporte” é um elemento imprescindível para que um gênero circule em sociedade e, segundo alguns pesquisadores, ele é inerente ao gênero, dada a sua interferência na produção de um determinado gênero de discurso. Podemos dizer, como Maingueneau (2005, p. 71), que “[...] o *mídium* não é um simples ‘meio’ de transmissão do discurso, mas que ele imprime um certo aspecto a seus conteúdos e comanda os usos que dele podemos fazer.”. Assim, observamos que um gênero não é indiferente ao suporte que lhe serve de base, um exemplo disso, é o que veremos nesta pesquisa ao verificar a produção de uma *narrativa esportiva de futebol* na televisão e outra no rádio. O fato de ter como base um suporte ou outro imprime traços distintos às narrações.

O “suporte”, além de modificar a natureza dos textos, também interfere no modo como esses são consumidos. Isso significa que a evolução tecnológica pela qual passam os suportes, que se complexificam cada vez mais, concorre para as mudanças tanto na forma quanto no conteúdo dos gêneros no decorrer da história das sociedades. No entanto, acreditamos que, em parte, o “suporte” também colabora para garantir traços de estabilidade a esses mesmos gêneros.

Nesta pesquisa, o estudo sobre o gênero “narrativa esportiva de futebol” é de suma importância e se faz necessário, já que é por meio dele que os sujeitos do discurso materializarão uma prática social tão comum e típica dos brasileiros: assistir a uma partida de futebol. Além disso, a partir da busca tanto de caracteres que distinguem as narrativas que nos

propomos a analisar, quanto de semelhanças, pensamos ser possível apresentar uma configuração básica do que vem a ser esse gênero ainda pouco estudado pelos analistas do discurso e linguistas.

2.4 Discurso e Ação

Nesta seção, discutiremos brevemente sobre “ação” e sua interface com o discurso. Para isso, abordaremos um texto de Mari (2003), o qual parte de três hipóteses para promover uma relação mais clara entre discurso e ação, a saber: a hipótese de um princípio de *racionalidade* que comande a relação linguagem/ação; a hipótese de que o *significado* possa ser considerado como fundamento para o agir; e, por fim, a hipótese de que seguimos *regras* como princípio normativo para agir por meio do discurso.

Davidson² (1993), ao estudar a relação entre *razão* e *ação*, parte do pressuposto de que a primeira racionaliza a última. Assim, uma ação só é considerada racional, se o agente apresenta uma justificativa para realizá-la, ainda que ela se baseie em argumentos falsos. Para resolver essa questão, o autor alerta para a necessidade de haver um filtro à capacidade de racionalizar as ações por meio de sua dimensão ética e moral.

A ação, portanto, para ser justificável, precisa partilhar uma *crença* e uma *pró-atitude*. “Toda vez que alguém faz alguma coisa por uma razão, pode-se dizer (a) que existia uma espécie de pró-atitude em relação a ações de certo tipo e (b) que esse alguém acreditava (sabia, percebia...) que esta ação era desse tipo.”³ (DAVIDSON, 1993, p.16). Sendo assim, a *pró-atitude* caracteriza-se como uma disposição que o agente possui para realizar uma ação, enquanto a *crença* é uma certeza que temos de que a realização de uma determinada ação pode causar o efeito que pretendemos. Por conduzir o agente a realizar algum tipo de ação, pode-se dizer que o processo de racionalização de uma ação se aproxima da ideia de intenção.

Ao reformular sua tese inicial, Davidson (1993) inclui um novo elemento em seu modelo: a *razão primária*. Para ele, “compreender como uma razão de um tipo qualquer racionaliza uma ação, é necessário e suficiente ver, ao menos em linhas gerais, como construir

² Filósofo americano, sua obra exerceu considerável influência em diversas áreas da filosofia a partir dos anos 1960, e em especial nas áreas de filosofia da mente, filosofia da linguagem, e teoria da ação.

³ “Chaque fois que quelqu’un fait quelque chose pour une raison, on peut donc dire *a*) qu’il avait une sorte de pro-atitude à l’égard d’actions d’un certain type, et *b*) qu’il croyait (ou savait, percevait, remarquait, se rappelait) que cette action était de ce type.”

uma razão primária.”⁴ (DAVIDSON, 1993, p.17). Enquanto uma *pró-atitude* se evidenciaria por um ‘poder X...’, a *razão primária* se evidenciaria por um ‘querer X...’.

As idéias apresentadas por Davidson têm sua importância para um estudo das ações, mas não tratam de uma relação mais estreita entre *ação e linguagem*. No entanto, é possível ver, na sua abordagem, aspectos que abrem uma nova perspectiva para os estudos da linguagem, levando-nos a observar como a racionalidade pode atuar na relação entre linguagem e ação. Para Mari (2003), por exemplo, a racionalidade constitui, na esfera do discurso, um princípio importante e norteador da relação linguagem e ação.

Segundo o autor, racionalidade é uma questão que deve ser estudada em três dimensões distintas, considerando a relação locutor/enunciado, alocutário/enunciado e locutor/alocutário. Quanto à construção do significado de uma ação, o autor revela a importância de se conceber a realização de uma ação dentro de uma situação de enunciação,

Quando reportamos condições que estão associadas ao estatuto, ao comportamento dos falantes, já estamos argumentando com recursos que se situam fora do enunciado, ou seja, às condições enunciativas desse ato, como justificativa para o seu emprego diferenciado. (MARI, 2003, p.112)

Dessa forma, Mari (2003) afirma que o uso de um princípio de causalidade para justificar ações pelo discurso, seja adequado à finalidade de representar uma explicação satisfatória para essas ações. Assim, questiona as análises das ações com base apenas na lógica formal, partindo de proposições tais como [Se p, então q], já que, ao fazer isso, o analista isola a proposição de suas condições reais de utilização, ou seja, da enunciação. Logo, “[...] estamos longe de acreditar na possibilidade de se poder construir qualquer esquema de correlação entre discurso e ação, sem que aí se faça intervir todos os fenômenos que reportamos no plano da enunciação.” (MARI, 2003, p 107).

A proposta do autor de articular uma perspectiva racional – a partir do que Davidson apresentou em termos de *razão primária* – e uma abordagem enunciativa, leva-nos a

[...] supor uma explicação que justifique a correlação entre locutor e enunciado, a qual deve ser justificada em função de pró- atitudes específicas para essa circunstância enunciativa; ou ainda uma justificativa para pró- atitudes que devem vigorar na relação entre alocutário e enunciado; e ainda mais, pró- atitudes que sirvam para justificar a correlação entre locutor e alocutário. (MARI, 2003, p. 107).

⁴ “[...] comprendre comment une raison d’un type quelconque rationalise une action, il est nécessaire et suffisant de voir, au moins dans les grandes lignes, comment construire une raison primaire.”

A segunda hipótese que apresentamos é a de que o *significado* possa ser considerado como fundamento para o agir. Assim, a partir de algumas considerações feitas por Queré (1999), podemos dizer, em termos de percepção das ações, que não podemos separar percepção e significação, pois, uma fica intrínseca a outra, no momento em que um sujeito percebe uma ação que é produzida por meio do discurso. “A percepção da significação faz parte intrínseca da percepção das coisas, pois é ela que nos dá acesso aos objetos, aos acontecimentos, às ações, às situações determinadas, individuais, significantes.”⁵ (QUERÉ, 1999, p. 305). Essa abordagem coloca em xeque outras teorias, que acreditam na percepção direta das ações, como fenômenos físicos, para depois perceber os significados que elas podem assumir em uma situação específica.

Assim, não podemos dissociar a forma linguística de sua significação, quando uma ação é percebida por meio do discurso. Percebemos o mundo, a partir da significação que este mundo passa a ter para nós em um dado momento, em uma dada interação discursiva. Apreendemos, portanto, ao mesmo tempo, forma e significação, como um todo. Isso não significa dizer que o significado é imanente aos objetos, pelo contrário, defendemos aqui que a significação possui uma ancoragem no sujeito (suas experiências, seu conhecimento, suas crenças, etc.), mas também é determinada pela situação na qual é produzida ou percebida. Contudo, é importante dizer que os sentidos possíveis e necessários que uma ação pode ter dependem também das condições iniciais sobre o significado registradas no enunciado.

Para ratificar essa ideia, nos apoiaremos na noção de *ação situada*, proposta por Queré (1999), ou seja, aquela que ocorre em uma circunstância social e discursiva específica. Queremos deixar claro que, para nós, os objetos construídos ao longo da interação podem ter um caráter emergencial, no entanto, as condições de realização de uma ação por meio do discurso possuem certa organização e planificação prévias, ainda que possam sofrer ajustes durante a interação verbal.

Podemos dizer, então, que a enunciação pode funcionar como o lugar de produção e percepção de ações concretizadas no discurso, definindo o tempo, o espaço e os participantes por meio dos quais as ações são construídas e percebidas. Ela seria, portanto, responsável por fundamentar uma dimensão racional, social e intencional das ações. Além disso, a enunciação possibilita aos sujeitos agentes uma definição do significado que uma ação pode adquirir, considerando-se as condições de sua produção.

⁵ “La perception de la signification fait donc intrinsèquement partie de la perception des choses, pour autant que celle-ci nous donne accès à des objets, des événements, des actions, des situations déterminées, individuels, signifiants.”

De acordo com Queré (1999, p.334), “um meio sociocultural é determinado de um lado pelas instituições, regras, técnicas e moralidades comuns, de outro pelas atitudes, hábitos e práticas.”. A partir disso, veremos que as ações que produzimos e percebemos por meio de nossas práticas de linguagem, de nossas interações, obedecem a certo “contrato” de comunicação dotado de regras, restrições e estratégias, que pode ser estabelecido previamente pelos agentes, mas que também é passível de ajustamentos ao longo da interação.

A terceira e última hipótese que discutiremos aqui será a de que seguimos *regras* como princípio normativo para agir por meio do discurso. Assim, percebe-se que algumas regras, definidas sócio-historicamente pelos participantes da situação interativa, são necessárias para assegurar a construção do sentido por parte deles, mas também por corresponder a uma expectativa de “regulação social”.

Segundo Mari (2003, p.113), “[...] seguir uma regra é um procedimento racional motivado – razão – e não apenas uma causalidade – pró-atitudes”. Para que uma regra se efetive, é necessário que os sujeitos participantes da interação pretendam segui-la, portanto está mais atrelada à razão desses sujeitos do que a um simples princípio de causalidade. Assim como dependem dos sujeitos para se efetivarem, as regras também dependem das circunstâncias em que se realizam as práticas de linguagem, não possuindo, portanto, um padrão único. Isso porque vivenciamos tanto circunstâncias de formalidade, quanto de informalidade, as quais determinam se nossas ações no discurso serão mais sujeitas a restrições que outras. Enfim, Mari diz que

[...] percebemos a relação entre discurso e ação [...] enquanto circunscrita a um tipo de prática de linguagem que supõe normas intersubjetivamente válidas para administrar uma relação interativa, assegurada de um lado, pelas condições providas pelo significado, e do outro, pela garantia do atendimento a preceitos de regulação social. (MARI, 2003, p.115-6).

Finalizaremos nossa discussão, apontando a importância dos agentes e da concepção das interações verbais, como resultado de uma *ação conjunta* para a produção e percepção das ações produzidas por meio dos discursos.

Vernant (1997), partindo de uma visão pragmática, compreende a interação verbal como parte das condutas humanas e, portanto, trata-se de uma ação, a qual é um modo de intervenção dos sujeitos sobre o mundo. A ação diferencia-se de um evento por exigir a figura de um agente, segundo o autor, dotado de inteligência, que seja capaz de não apenas conduzir suas ações, mas também de controlá-las ao longo do tempo.

Ao analisarmos o “agente” de uma ação, devemos considerar quatro aspectos: a capacidade desse agente de auto-referenciar o seu pensamento, a si mesmo e à enunciação na qual se insere (reflexividade); a capacidade de calcular os meios pelos quais agirá, (racionalidade); a capacidade de orientar e planificar suas ações em função de objetivos, de um projeto de ação, o qual sofre determinações de normas e valores do próprio agente (finalidade); e, por fim, a capacidade de agir estabelecendo um diálogo com seu(s) interlocutor(s); assim, os interlocutores se configuram como co-agentes, inseridos em uma situação historicamente definida, a fim de juntos construir o mundo (cooperatividade).

Desse modo, a atividade de interação linguageira configura-se como uma “ação situada”, a qual consiste em um processo que exige escolhas e especificidades impostas pela conduta dos agentes e pelo controle da transação. Essa transação se caracteriza sob diversas formas por meio das quais os sujeitos intervêm sobre o mundo, sendo elas: *ações singulares* e *ações coletivas*, sendo essas últimas subdivididas em *ações comuns* e *ações conjuntas*.

Destacaremos, neste trabalho, o estudo das *ações conjuntas*, entre as quais se situam as interações verbais, segundo Vernant (1997). Para ele, este tipo de ação seria a forma mais complexa pela qual os sujeitos agem, pois é guiada por um objetivo conjunto que exige uma planificação e uma negociação das ações que se pretende realizar.

Essa planificação sempre aberta e parcial permite uma hierarquização do objetivo comum em sub-objetivos conduzindo a estratégias que estipulam a articulação de diferentes ações particulares. [...] Ao assinalar o sentido da ação, a consideração do papel estratégico das ações particulares permite um cálculo prático sobre as condições e as consequências das ações dos co-agentes.⁶ (VERNANT, 1997, p. 159)

Assim, podemos definir as interações verbais como *ações conjuntas*, devido ao fato de que nossas práticas discursivas consistem na presença de interlocutores os quais compartilham do mesmo objetivo, que é interagir, utilizando, para isso estratégias ancoradas tanto em um “mundo” particular quanto coletivo. Observamos aqui, mais uma vez, o caráter dialógico dessas ações – fruto dessas imbricações tanto em uma mesma enunciação, quanto entre enunciações diversas – que, trazidas para o âmbito da linguagem, passam a ser denominados “atos”. Segundo Vernant (1997, p. 168), “a função dialógica de um ato é determinável em sua interação com outros atos que o precedem e que o seguem. Então, o discurso não constitui em nada um ato singular, mas uma ação coletiva, precisamente uma ação conjunta.

⁶ “Cette planification, toujours ouverte et partielle, permet une hiérarchisation de l’objectif conjoint en buts et sous-buts conduisant à une stratégie qui stipule l’articulation des différentes actions particulières. [...] En assignant un sens à l’action, la considération du rôle stratégique des actions particulières permet un calcul pratique sur les conditions et les conséquences des actions des coagents.”

Por fim, concluiremos esta seção, corroborando a ideia de que

É no diálogo que o agente humano toma consciência de si, dos outros e do mundo, é na e pela linguagem que ele reflete sua ação e elabora projetos sofisticados, é pelo discurso que ele assegura a partilha dos objetivos e estratégias e controla a realização de ações coletivas. Sob o pretexto de que já se pensou demais a linguagem sem a ação, não seria necessário pensar a ação sem a linguagem.⁷ (VERNANT, 1997, p. 170)

Como já dissemos, embora esta pesquisa tenha como foco o discurso produzido por um sujeito enunciativo, ou melhor, o modo como ele age por meio do discurso que produz, seja na televisão seja no rádio, defenderemos o ponto de vista de que esse discurso é elaborado, tendo em vista um público mais ou menos determinado e com o qual este sujeito supõe partilhar objetivos e estratégias, revelando, assim, um anseio de que o seu telespectador, ou ouvinte, esteja disposto a realizar uma *ação conjunta*, compartilhando da construção do discurso.

Retomamos, portanto, o percurso proposto no início deste capítulo concluindo que um sujeito age em seu discurso, a partir de uma *racionalidade* que comanda a relação linguagem/ação. Para promover essa relação, ele parte de um *significado* para, então, ajustá-lo a outros, e adequá-los à situação em que produz seu discurso.

Por fim, esse sujeito precisa adequar-se a *regras*, as quais podem variar de um nível mais institucionalizado a um plano mais informal de acordo com a enunciação, como princípio normativo para agir por meio do discurso. A obediência a essas *regras* será de suma importância para que a interação se realize.

A metodologia de pesquisa utilizada consistiu, em um primeiro momento, de uma revisão bibliográfica dos principais conceitos pertinentes ao tema, dos quais partimos para buscar a configuração do gênero “narrativa esportiva de futebol”. Em seguida, selecionamos jogos que extraímos de gravações em DVDs – a última partida da última rodada do Campeonato Brasileiro de 2008, entre São Paulo e Goiás, transmitida pela Rede Globo e pela Rede Bandeirantes, ambas de São Paulo, e uma partida do Campeonato Paulista, entre Santo André e Corinthians, transmitida pela Rádio Globo e pela Rádio ESPN/Eldorado (ambas de São Paulo). Em seguida, as narrativas foram transcritas com base nas normas do Projeto NURC, do LAEL/PUCSP. A seguir, realizamos recortes no *corpus*, devido ao curto espaço de

⁷ “C’est dans le dialogue, [...] que l’agent humain prend conscience de lui-même, des autres et du monde, c’est dans et par le langage qu’il réfléchit son action et élabore des projets sophistiqués, c’est par le discours qu’il assure la mise en commun des buts et stratégies et contrôle la réalisation des actions collectives. Sous prétexte que l’on a trop pensée le langage sans l’action, il ne faudrait pas, [...] prétendre penser l’action sans le langage.”

tempo disponível para fazer as análises e ao volume de dados a serem analisados. Esse recorte resultou na concentração da análise no 2º tempo de jogo das quatro narrativas, embora tenhamos analisado as narrativas, considerando cada uma no seu todo.

Neste trabalho analítico, partiremos, a princípio, de uma análise isolada de cada narrativa em termos de “enunciação” e “ação” para, em seguida, efetuarmos um cruzamento das diferenças e semelhanças entre esses dados em função do suporte midiático. Por fim, retomamos as regularidades e atualizações presentes nas narrativas, a fim de atendermos nosso principal objetivo: verificar a configuração do gênero “narrativa esportiva de futebol”.

3 A NARRATIVA ESPORTIVA DE FUTEBOL E OS ESTUDOS DO DISCURSO

3.1 Enunciação e Gênero do Discurso

Procuraremos, no início deste capítulo, promover uma articulação entre as propostas teóricas apresentadas no capítulo anterior, a fim de esclarecer um pouco mais sob qual perspectiva trataremos o *corpus* que estará sob análise, logo a seguir. As considerações que precedem nossa análise têm como objetivo resgatar conteúdos anteriores, porém, buscando uma aproximação entre teorias que, a princípio, podem parecer excludentes, mas que, na verdade, se complementam.

Ao defendermos a ideia de que quando se produz um discurso, este se revela como uma ação, ou melhor, como um ato de linguagem, uma forma de intervenção dos sujeitos na realidade, acreditamos ser necessário compreender sob quais condições enunciativas (relacionadas à enunciação/interação) e condições naturais e intencionais (ligadas à ação e suas relações com a razão, a comunicação e a intencionalidade) esse discurso é produzido.

Pelo que pudemos perceber, as perspectivas de Bakhtin (2006) e Benveniste (2005, 2006) podem ser vistas como complementares, em termos do estudo das condições enunciativas, tendo em vista que, para haver interação, é necessário que um dos sujeitos “inaugure” tal interação. Não ignoramos o fato de a proposta benvenistiana ser subjetivista, destacando a ação do sujeito enunciador, mas acreditamos que ela, apenas, não dá conta de um fenômeno social como as práticas discursivas.

Assim, concebemos que uma enunciação é o resultado de um trabalho em parte interior, cognitivo do sujeito, pois este articula e coloca seus conhecimentos, crenças e experiências em jogo, por meio de operações mentais que realiza e em parte, exterior, visto que a situação enunciativa, o que inclui o “outro”, colabora para a produção de seu discurso.

Não podemos afirmar, portanto, que apenas o sujeito seja a fonte de sentido de um discurso ou que ela esteja reduzida à interação, à troca verbal. Ambos cooperam e interferem no modo como os sujeitos agem pela linguagem, definindo papéis, tempo, espaço, conteúdo temático, estilo, composicionalidade e outros elementos integrantes da enunciação.

Um sujeito, como se sabe, se constitui como tal por meio da linguagem, a partir do momento em que elabora seu discurso, que faz suas escolhas linguísticas e estilísticas, tendo em vista seu interlocutor, do qual espera uma postura ativa, co-participante dessa elaboração,

desse trabalho com a linguagem, e o compartilhar de uma mesma finalidade comunicativa. Benveniste (2005, 2006) e Bakhtin (2006) concordam com o fato de que a enunciação resultante deste trabalho é única, irrepetível, apresentando sentidos determinados dentro de uma situação específica.

A enunciação, caracterizada como interação verbal, revela não somente uma relação entre os indivíduos de uma sociedade, mas também desses sujeitos com o mundo. A forma mais concreta e visível na qual essas relações se dão a conhecer são os *gêneros discursivos*. Dito de outro modo, os gêneros discursivos mostram como nós, enquanto sujeitos, nos relacionamos com o mundo e com os outros, por meio da linguagem.

Comunicamo-nos por meio de inúmeros enunciados, os quais concretizam as diversas práticas sociais às quais somos submetidos em nosso cotidiano, das mais institucionalizadas àquelas mais informais. Esses gêneros estão sujeitos a modificações, seja devido aos interlocutores, às circunstâncias sócio-históricas, ao suporte em que são produzidos, à finalidade comunicativa, seja por conta de estratégias ou restrições que lhes são impostas. Assim, podemos afirmar que as condições enunciativas atuam diretamente na escolha do gênero discurso dos sujeitos em uma interação.

É importante acrescentar que, como parte da enunciação, os gêneros discursivos também apresentam um caráter dialógico, tanto na dimensão do enunciado, quanto em termos de relações inter-genéricas. Isso significa que um gênero secundário traz “ecos” de um gênero primário, pois surge com base neste último. Mais adiante, discutiremos se esse fenômeno se aplica ao nosso *corpus* de análise.

Retomando nosso objetivo principal de análise que é: a partir do estudo das condições elencadas acima (enunciativa, e naturais e intencionais), apresentar uma configuração do gênero *narrativa esportiva de futebol*, o qual é, então, concebido como um enunciado *relativamente estável* que se inscreve como parte das atividades humanas e, por isso, revela-se como uma forma de ação dos sujeitos no mundo e sobre os outros, abordamos na próxima seção o gênero discursivo e a ação na narrativa.

3.2 Gênero Discursivo e ação na narrativa

Como afirmamos na seção anterior, os gêneros discursivos materializam as nossas relações intersubjetivas e as que realizamos com o mundo. Logo, caracterizam-se como uma

forma de ação dos sujeitos – uma *ação conjunta* – enunciada por meio desses gêneros. Dessa maneira, observamos que, no caso da *narrativa esportiva de futebol*, há uma sincronia em termos da ação e produção do enunciado, já que o enunciador não possui um enunciado previamente elaborado/escrito, para ser lido no momento em que se inicia a narração da partida. O enunciado é construído no *aqui e agora* da enunciação. Portanto, o uso que um narrador esportivo fará da linguagem apresenta peculiaridades em relação ao conceito clássico de *narrativa*.

Gostaríamos de ressaltar que outros gêneros presentes na mídia também podem apresentar a *narrativa* como um modo pelo qual os enunciados se organizam nesses gêneros, como por exemplo, uma notícia ou uma reportagem enunciada em um telejornal. No caso da *narrativa esportiva de futebol*, pretendemos concluir, ao final desta pesquisa, que a *narrativa* aqui se constitui enquanto um gênero discursivo, com regularidades, ainda que *tipos relativamente estáveis*.

Observamos que, embora apresentem inúmeras diferenças, uma *narrativa esportiva de futebol* em muito se assemelha a uma narrativa tradicional, pois possui como uma de suas finalidades a enunciação de uma história, constituída de personagens, de um narrador, de conflitos, de acontecimentos que se entrelaçam formando uma unidade discursiva.

O narrador, de um lugar externo à partida, enuncia tais acontecimentos, por isso ele não participa diretamente do que ocorre em campo, mas não deixa de revelar seu ponto de vista sobre as ações que se passam nesta “história”, tentando desempenhar, em diversos momentos, o papel do técnico, este detentor do poder de orientar o que os jogadores devem ou não fazer, e até mesmo de reclamar, diretamente, contra uma atitude do juiz “à beira do gramado”. Assim, enquanto em uma narrativa de ficção, o narrador/autor intervém diretamente nos fatos, decidindo o que acontecerá ou não aos personagens, na narrativa esportiva, o narrador intervém apenas discursivamente, dando a sua versão discursiva dos fatos.

Embora ambas as narrativas tenham começo, meio e fim, os acontecimentos na *narrativa esportiva de futebol* não são enunciados de forma linear, como em uma narrativa tradicional. E, essa alinearidade é, muitas vezes, resultado de uma interrupção na narração, causada por um acontecimento, quer pela intervenção de um comentarista, pela sobreposição de outros fatos, quer por outras ações consideradas mais importantes do que aquelas que vinham sendo narradas anteriormente.

Acredita-se que a narrativa de futebol teria base em um modelo de tradição oral, tendo em vista o vocabulário, a prosódia, o caráter das interações estabelecidas entre os sujeitos e a

improvisação típicas de um enunciado produzido na enunciação de uma partida de futebol, seja na televisão, seja no rádio.

Como pudemos ver em Bakhtin (2006), um gênero apresenta três elementos que fazem parte da sua constituição, sendo um deles o *estilo*, que seria responsável por trazer à cena enunciativa a subjetividade do sujeito que enuncia, e a qual, não podemos deixar de dizer, leva em consideração o “outro”, tendo em vista a interação. Assim, alguns traços típicos da fala de um narrador podem permanecer, mas outros podem se perder com o tempo ou em uma ou outra narrativa, partindo-se da ideia de que o gênero, juntamente com a situação em que é produzido, possui um caráter coercivo na determinação do estilo. Além disso, o narrador, ao narrar ações específicas de uma partida, utiliza certas expressões ou construções as quais pode ou não usar em outra narração, já que depende da reincidência dessas mesmas ações em outra partida.

Assim, o modo como a informação será enunciada depende do narrador, das ações que ele julga serem relevantes ou interessantes para seus interlocutores. A forma como ele interpreta as ações que vê diante de si, influenciado pela sua história e pela enunciação, tem como alvo o interlocutor e também a forma como este verá uma partida. É como se o espectador assistisse a um jogo pela lente do narrador. Veremos, mais adiante, como isso ocorre na televisão e no rádio.

O narrador percebe, antes de tomar a palavra e enunciá-la ao espectador, não as ações, acontecimentos e objetos de forma direta, mas as significações intrínsecas a eles. Entra em jogo, portanto, a racionalidade, ou seja, a capacidade de justificar uma ação por meio de regras que devem ser compartilhadas com o seu espectador e que permitem ao narrador agir de uma maneira ou de outra por meio de seu discurso. Cabe dizer que essas regras também se submetem às circunstâncias em que uma ação é enunciada.

Por meio das escolhas que os sujeitos de uma interação materializam nos *gêneros discursivos*, define-se uma ação situada e única, a qual é resultado de um planejamento e negociação que visam a uma finalidade comunicativa específica. O *gênero discursivo* caracteriza-se, então, como uma forma de ação, ou seja, como uma forma de intervenção no mundo e no “outro”.

3.3 A narrativa esportiva de futebol na TV

A informação veiculada pela televisão apresenta muitas peculiaridades como, por exemplo, a sua articulação às imagens. Assim, a televisão apresenta uma rede semiológica complexa, sendo a significação o resultado de um trabalho em conjunto de fala e imagem. As imagens que são vistas pelo telespectador apresentam uma orientação em termos de significado, pois, ao serem mostradas, são acompanhadas da fala de um ou mais jornalistas os quais imprimem um significado a elas (considerando, é claro, a situação comunicativa como um todo), seja simultaneamente ao momento em que são mostradas, seja *a posteriori*, como no caso de uma notícia, por exemplo.

O sentido construído a partir dessa relação pode distinguir-se segundo o sujeito que enuncia, ou de uma emissora para outra, já que, como dissemos, entram em jogo na produção do sentido as formações ideológicas de tais sujeitos e as das instituições midiáticas às quais se vinculam. Segundo Charaudeau(2006, p.110), “[...] as mesmas imagens tomam um sentido diferente conforme o comentário que as acompanha.”

O mesmo autor afirma que, na televisão, o tempo da enunciação não coincide com o tempo durante o qual os fatos ocorrem, o que também é observável no rádio. No caso de uma partida de futebol, observamos que o presente da enunciação coincide, num certo aspecto, ao presente do acontecimento. É o que Charaudeau (2006) diz sobre a possibilidade de uma *diegese narrativa*⁸ “colar-se” em uma *diegese evenemencial*⁹. Isso nos leva a ter a ilusão de que a narrativa dos acontecimentos é produzida simultaneamente ao encadeamento dos acontecimentos.

A articulação entre imagem e som teve início com o cinema, o que, segundo Camargo (2005), possibilitou o surgimento do que chamamos de “audiovisual”. Para o autor, “o som é também um fenômeno natural e os meios de captá-lo, reproduzi-lo e transportá-lo decorreram de avanços tecnológicos a exemplo do que aconteceu com as imagens.” (CAMARGO, 2005, p.5). Com o seu aparecimento, a televisão se revela semelhante ao cinema, por unir à imagem o movimento, contudo mostra a ocorrência desse movimento em tempo real. Ainda de acordo com Camargo (2005, p.5), “com o passar do tempo, a televisão transforma também o modo de informar, dando-lhe a simultaneidade na construção imagética, o que antes só era possível obter no contexto sonoro pelas transmissões radiofônicas.”

⁸ Charaudeau empresta o termo *diegese narrativa* da semiótica narrativa e diz que o seu papel “[...] é então o de construir uma história segundo um esquema narrativo intencional, no qual se poderá identificar os projetos de busca dos atores e as consequências de suas ações.” (2006, p.153)

⁹ O autor diz que a *diegese evenemencial* “[...] em seu estado bruto, é que se trata de uma ação ou de uma sucessão de atos dos quais não se conhecem nem a intencionalidade nem a finalidade.” (2006, p.153)

A complexidade, portanto, das transmissões televisivas, como as narrativas esportivas de futebol, consiste em apresentar uma natureza múltipla na qual encontramos diversos níveis expressivos envolvidos (som, imagem, gestos, texto verbal, por exemplo) que, juntos, atendem a uma necessidade ou finalidade: informar, entreter, dentre outras.

Segundo Thompson (2002), o desenvolvimento da tecnologia da telecomunicação na 2ª metade do século XIX, influenciou o modo como os meios técnicos passaram a se relacionar com o tempo e o espaço da vida social. Uma das transformações empreendidas pelo advento da telecomunicação foi a “disjunção” entre espaço e tempo, o que significa que o fato de dois interlocutores estarem em lugares diferentes não implica estarem em tempos diferentes. Basta observarmos que, no decorrer da história, quanto maior foi se tornando a distância entre as pessoas, menor foi se tornando a distância temporal entre elas, devido à velocidade de transmissão das informações.

Assim, por ser transmitida ao vivo, tem-se a impressão de que, durante a transmissão da partida de futebol, a distância espacial existente entre narrador/comentaristas e telespectador é reduzida, promovendo um efeito de proximidade, pois, o tempo presente da narração e o dos acontecimentos é o mesmo do telespectador, ainda que este esteja em casa sentado em seu sofá assistindo à partida.

Por fim, para Thompson (2002, p.39), os meios de comunicação, ao longo dos anos, exerceram cada vez mais um papel importante no modo como compreendemos o sentido de “distância”. Dessa maneira, podemos dizer, em concordância com Charaudeau, que “[...] cria-se a ilusão de uma história se fazendo numa co-temporalidade com o fluxo da consciência do telespectador: o acontecimento mostrado, eu o vi, eu, em meu presente, ao mesmo tempo atual e intemporal, pois passado e futuro se fundem nele.” (2006, p.111).

Ainda em relação ao espaço, o efeito de proximidade produzido pela transmissão televisiva procura criar um ambiente de pseudo-interação face a face entre o(s) sujeito(s) que enuncia(m) e o telespectador. A “realidade” televisiva, construída pelos primeiros (sujeitos), busca identificar-se com a realidade dos últimos (telespectadores), por meio de estratégias que podemos recuperar no discurso. O que observamos, portanto, é que

se a televisão é, por excelência, a mídia do visível, ela só pode proporcionar dois tipos de olhar: um olhar de *transparência*, mas de ilusão de transparência, quando pretende desvelar, descobrir o oculto, mostrar o outro lado do espelho; o outro de *opacidade*, quando impõe sua própria semiologização do mundo, sua própria intriga, sua própria dramatização. (CHARAUDEAU, 2006, p. 112).

Na *narrativa esportiva de futebol*, percebemos também um duplo movimento no que tange ao modo como o discurso é organizado. Este oscila entre momentos de relato e de comentário, os quais se revezam e se complementam, durante a enunciação dos acontecimentos.

Existem fatos que são mais sujeitos ao relato, ou seja, à sua descrição. Isso depende, segundo Charaudeau (2006), do “potencial diegético” desses fatos, mas também da encenação discursiva que pretende empreender o sujeito enunciador. Como já dissemos, uma *narrativa esportiva de futebol* apresenta uma simultaneidade entre a diegese dos acontecimentos e a diegese da narrativa. Logo, esse processo de narrativização “[...] implica a descrição do processo da ação (‘o quê?’), dos atores implicados (‘quem?’), do contexto espaço-temporal no qual a ação se desenrola ou se desenrolou (‘onde?’ e ‘quando?’).” (CHARAUDEAU, 2006, p.153)

Descrever um fato implica também que o sujeito explique-o, justifique-o, com base no conhecimento que ele possui desse fato ou de outros que a ele estejam relacionados, tentando “[...] dizer o que o motivou, quais foram as intenções de seus atores, as circunstâncias que o tornaram possível, segundo qual lógica de encadeamento, enfim, que conseqüências podem ocorrer.” (CHARAUDEAU, 2006, p.154). Segundo o pesquisador, essas explicações distinguem-se dos comentários, pois visam a apresentar apenas causas e conseqüências, sem análises mais aprofundadas dos fatos. Além disso, os recursos de *close* das câmeras, de *replay* e os efeitos computacionais na tela, que visam a mostrar algo não percebido pelo telespectador ou que mereceria algum destaque, atuam como elementos que amparam a descrição e a explicação dos fatos.

Percebemos, hoje, a reação do telespectador a esses relatos e explicações, seja por meio de e-mails, *chats*, enquetes, telefone ou qualquer outra forma que lhe possibilite expressar sua opinião sobre o que lhe foi enunciado. A transmissão esportiva é um dos programas nos quais as emissoras têm se empenhado constantemente para adaptar-se às novas exigências do “mercado da informação”. Hoje as emissoras prezam muito a interatividade, tanto para atrair maior audiência, quanto para criar um clima mais intimista e de cumplicidade entre os jornalistas e os telespectadores. Pinheiro (2002, p.269) confirma esse caráter dinâmico desses gêneros que são produzidos na mídia, dizendo que “a situacionalidade faz a história e, nessa perspectiva, articula experiências individuais a experiências coletivas, desenhando, assim, a linguagem, a forma e o conteúdo de textos específicos”.

Esse jornalista, no entanto, não é totalmente livre para dizer o que bem entender. Ele é submetido a estratégias e a restrições, em parte impostas, muitas vezes, pela instituição da

qual é quase um “porta-voz”, revelando formações ideológicas, tanto as suas quanto as da emissora em que trabalha. Mesmo assim, um dos papéis desempenhados pelo sujeito que produz um discurso em uma mídia como a televisão “[...] é a da testemunha esclarecida, o que aumenta sua responsabilidade em relatar fielmente o acontecimento e, ao mesmo tempo, o compromete, pois a narrativa que constrói não pode prescindir da visada de captação.” (CHARAUDEAU, 2006, p.157).

É esperado, portanto, que a instância midiática *descreva* os acontecimentos, assegurando-lhes certa sequência, *explique-os*, por meio de recursos linguísticos e através de efeitos de imagem, e lhes faça *apreciações*, incitando o telespectador a partilhar, tanto das emoções, quanto das opiniões emitidas pelo sujeito enunciador.

Para Charaudeau (2006, p. 176), “[...] o comentário procura revelar o que não se vê, o que é latente e constitui o motor (causas, motivos e intenções) do processo evenemencial do mundo.”. Comentar um acontecimento implica induzir o telespectador a pensar, raciocinar sobre ele e, a partir da emissão do ponto de vista do enunciador, chegar a uma conclusão sobre esse acontecimento. Observamos que, em algumas situações enunciativas na mídia, o gênero ou mesmo a própria instituição impõem restrições quanto ao que pode ser dito, principalmente em termos de opinião. Muitas vezes, o ponto de vista da instituição é que deve ser enunciado, na fala do jornalista, de forma “camuflada”.

Na *narrativa esportiva de futebol*, percebemos que o espaço destinado ao comentário varia de uma emissora para outra, como veremos mais detalhadamente nas análises. Parece-nos que os enunciadores dispõem de maior liberdade, nas emissoras de TV, para expor seu ponto de vista sobre os fatos. Contudo, vimos também uma grande influência das *formações ideológicas* dessas instituições, na fala dos enunciadores, seja em maior ou em menor grau, dependendo da emissora.

Após essas considerações gerais sobre como se apresenta a *narrativa esportiva de futebol* em um suporte midiático como a televisão, passaremos a uma análise mais pontual das duas narrativas coletadas da mídia televisiva, baseando-nos nas categorias que discutimos no capítulo anterior. Partindo das semelhanças e diferenças que esperamos encontrar, temos como objetivo apresentar as regularidades que podem constituir a *narrativa esportiva de futebol* como um gênero discursivo.

3.3.1 A narrativa esportiva de futebol na Rede Globo

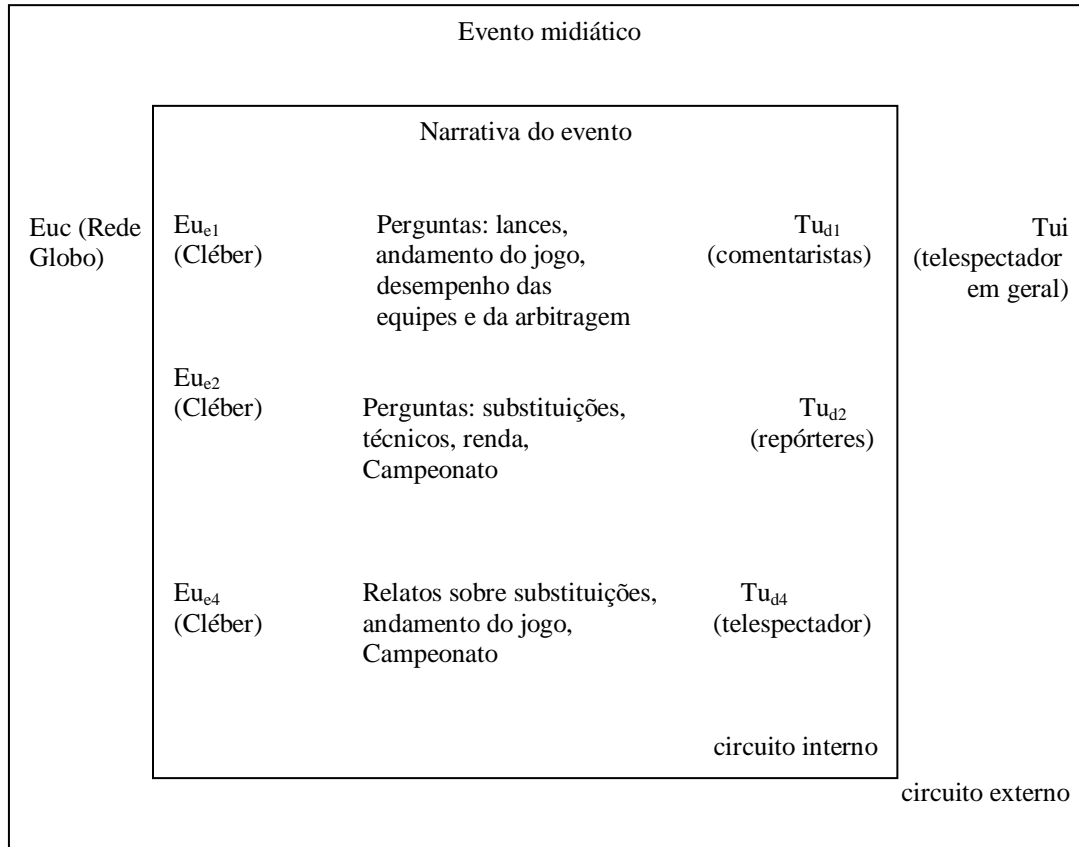
O Campeonato Brasileiro de Futebol é um evento realizado todos os anos pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF), no período de maio a dezembro. Ele é disputado em 38 rodadas, nas quais vinte equipes de variadas regiões do país disputam o título de *Campeão Brasileiro*. Além disso, os times melhor colocados garantem vagas para participar de outros campeonatos que são realizados ao longo do ano, como a *Taça Libertadores da América* na qual os quatro primeiros colocados representam o Brasil, em um campeonato que envolve times do continente americano, e a *Copa Sul Americana*, na qual os oito primeiros colocados representam o Brasil, em um campeonato que envolve times da América do Sul. Os times que permanecem nas quatro últimas posições são “rebaixados”, “descem”, ou seja, no ano seguinte passam a disputar com equipes da Série B, uma categoria inferior àquelas equipes que jogam na Série A. Os quatro primeiros colocados da Série B “sobem” para a Série A, no ano seguinte.

A narrativa transmitida pela Rede Globo, construída a partir da disputa entre as equipes do São Paulo e do Goiás, no Estádio Walmir Campelo Bezerra, mais conhecido como Bezerrão, faz parte dos últimos jogos da 38ª rodada do *Campeonato Brasileiro de 2008*. O time paulista joga “fora de casa” e o Goiás, devido a problemas em seu estádio, precisa jogar neste estádio localizado na cidade-satélite Gama, no Distrito Federal.

Optamos por efetuar um recorte no *corpus*, devido à sua extensão (considerando as quatro narrativas coletadas) e tendo em vista o propósito desta pesquisa: promover uma primeira aproximação dos estudos do discurso e a *narrativa esportiva de futebol*. Assim, focalizaremos nossa análise no 2º tempo da partida, por o considerarmos decisivo para seu resultado final e, no caso das narrativas da TV, no resultado final do campeonato.

Partindo inicialmente da análise da cena enunciativa, observamos que a Rede Globo de Televisão conta com uma equipe de seis jornalistas, os quais desempenham funções distintas durante a produção da narrativa. Em relação ao telespectador, todos eles atuam como sujeitos responsáveis por “desencadearem” a enunciação a qual tem como pressuposto a interação com esse telespectador que assiste à partida e que participa da co-construção do sentido de que a narrativa precisa. Entre o narrador (Cléber Machado), os comentaristas (Arnaldo César Coelho, Paulo Roberto Falcão, Caio Ribeiro Decousseau) e os repórteres de campo (Bruno e Mauro Naves, este último também comentarista) também há interlocução, tendo em vista que dialogam entre si e com o telespectador ao mesmo tempo, o que nos faz perceber um duplo movimento circulatório em termos de enunciação. Ao mesmo tempo em que atuam como enunciadores em relação ao telespectador são enunciatários uns dos outros.

Podemos representar os sujeitos participantes da construção dessa narrativa e suas respectivas funções a seguir, em um quadro enunciativo semelhante ao proposto por Charaudeau.



Cena enunciativa geral

O quadro demonstra, de forma sucinta, o papel desempenhado pelos sujeitos que participam dessa interação. Assim, observamos que, em um circuito externo de produção do enunciado, os participantes são a TV Globo, desempenhando a função de um *eu comunicante* (EUC), o qual se pronuncia por meio de diversos enunciadores que dão voz à emissora na construção da narrativa. Nesse mesmo circuito, inscreve-se o telespectador como um *tu* interpretante, ou seja, um público que é idealizado como interlocutor e cuja audiência a emissora visa a conquistar por meio de estratégias discursivas diversas materializadas no discurso do EUC. Assim, podemos afirmar que o circuito externo caracteriza o nível situacional, que representa o lugar de um *fazer* psicossocial.

No circuito interno da enunciação, percebemos a presença do narrador que assume a função enunciativa de *eu enunciator* (Eue), atuando como *porta-voz* da instituição da qual é funcionário, elaborando estratégias que tragam à tona os anseios da emissora e o que, segundo ela, pode e deve ser dito. Em uma *narrativa esportiva de futebol*, podemos considerar, sob

outro ângulo, os diversos sujeitos que enunciam (comentaristas, repórteres) como enunciadores e, conseqüentemente, o telespectador como um Tud a quem todos eles se dirigem, às vezes de forma explícita. No entanto, neste trabalho, abordaremos apenas a interação entre narrador (EUE) e demais participantes (TUd), incluindo neste último o torcedor. O *tu destinatário* (TUd), então, consiste nas diversas instâncias de interlocução, descritas no quadro, com quem o enunciador interage. Esse circuito interno caracteriza o nível comunicacional, que representa o lugar onde o *dizer* é organizado.

Benjamin (1936) concebe o ato de narrar como “a faculdade de intercambiar experiências” (p.198). Dessa forma, cabe ao narrador, ao produzir uma narrativa, contar experiências das quais ele é o protagonista. Ainda, segundo ele, o narrador tem a função de ensinar algo, transmitir ao ouvinte algum tipo de sabedoria, “essa utilidade pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida - de qualquer maneira, o narrador é um homem que sabe dar conselhos” (BENJAMIN, 1936, p. 200). Contudo, o autor afirma que a função do narrador vem se modificando; ao longo do tempo, passa pelo narrador clássico, pelo do romance e pelo narrador jornalista. O narrador que ele mais desvaloriza é o narrador jornalista, já que, para ele, esse tipo de narrador só transmite, por meio do narrar, a informação, porquanto não tem o objetivo de narrar a própria experiência, mas o que aconteceu com os outros em um determinado momento e lugar. Para Santiago, esse novo narrador “[...] é o puro ficcionista, pois tem de dar ‘autenticidade’ a uma ação que, por não ter o respaldo da vivência, estaria desprovida de autenticidade. Esta advém da verossimilhança que é produto da lógica interna do relato.” (SANTIAGO, 1989, p. 40)

É preciso compreender que a perspectiva defendida por Benjamin (1936) e ratificada por Santiago (1989), deve ser respeitada, tendo em vista que circunscreve as funções do narrador no campo da literatura. No entanto, tem sua importância por apontar uma nova abordagem do que seriam as funções do “novo” narrador que surgia com o nascimento da imprensa.

De acordo com o *Glosario de Narratología* (s/d), escrito por Darío Villanueva, o narrador é o “sujeito da enunciação narrativa cuja voz cumpre as funções de descrever o espaço, o desenrolar do tempo, os personagens da novela e suas ações.”¹⁰ Essa definição, embora também elaborada no âmbito da teoria literária, apresenta um desenvolvimento da

¹⁰ “Sujeto de la ENUNCIACIÓN narrativa cuya VOZ cumple las funciones de describir el espacio, el desarrollo del tiempo, los personajes de la novela y sus acciones.” (s/a)

ideia defendida por Benjamin (1936), pois já apresenta o narrador como um sujeito que enuncia uma narrativa focada no tempo, espaço e nas ações dos personagens e não mais em suas próprias experiências.

Ao tratar da narrativa de ficção, também numa abordagem narratológica, Reuter (2002) afirma ser o narrador portador de duas funções básicas – a *função narrativa* e a *função de direção* ou *de controle*. A primeira diz respeito ao contar, evocar um mundo e a última ao organizar a narrativa, alternando momentos de narração e descrição, falas de personagens, inserindo-se mais ou menos na narrativa. A partir dessas funções, o autor admite que o narrador ainda possa apresentar outros sete tipos de funções que se complementam.

A função *comunicativa* seria aquela que permeia todas as outras funções, já que caracteriza a busca do narrador por dirigir-se ao seu narratário e manter o contato com ele enquanto narra. Já a função *metanarrativa* teria um caráter de direção, em que o narrador, por meio de intervenções explícitas na narrativa revela o rumo de seu relato em cada momento, explicando ao narratário como a narrativa está sendo organizada.

De acordo com Reuter (2002), três funções serão responsáveis por “[...] exprimir a relação mantida pelo narrador com a história que ele mesmo conta.”; são elas: a *testemunhal*, a *modalizante* e a *avaliativa*. A primeira função manifesta o grau de certeza ou distância do acontecimento em relação ao narrador; a segunda demonstra as emoções do narrador diante dos fatos que narra e a última traduz o julgamento que o narrador faz dos fatos, avaliando a história, os personagens, as suas ações ou as da própria narrativa.

Há ainda duas funções citadas pelo autor: a *explicativa* e a *generalizante ou ideológica*. A primeira assemelha-se à função metanarrativa, pois se trata de um momento em que o narrador interrompe seu relato, a fim de explicar algum detalhe da história ou dar alguma informação considerada necessária ao seu narratário. A última função revela a relação do narrador com o mundo em que vive,

[...] interrompendo assim o curso da história e situada nas passagens mais gerais, mais abstratas, mais didáticas, ela frequentemente toma a forma de máximas, passíveis de se tornarem autônomas, nas quais são propostos juízos sobre a sociedade, os homens, as mulheres [...] (2002, p.68).

Em linhas gerais, quais seriam, então, as funções de um narrador, no âmbito dos estudos discursivos, em um ambiente como a mídia? Mais especificamente, quais seriam as funções desempenhadas por um narrador ao narrar uma partida de futebol?

O que pudemos observar é que, ainda que haja semelhanças entre as funções desse narrador caracterizado por Villanueva e Reuter (2002), um narrador inserido no contexto midiático, além de narrar ou descrever uma ação ou um acontecimento relativo a terceiros, em geral, parte de fatos verídicos, transpondo-os da realidade cotidiana à tela da televisão, a fim de tornar aquele “mundo” da mídia próximo, familiar ao telespectador. Para isso, esse narrador, ao mesmo tempo em que se distancia dos fatos para tentar garantir-lhe objetividade, deseja revelar-se sua testemunha com o objetivo de dar autenticidade ao que diz.

Segundo Barbosa (2007, p.5), “a lógica da narrativa da televisão diz respeito, primeiramente, às articulações temáticas: coloca em evidência o cotidiano das maiorias, apelando às sensações do público. Do extraordinário coletivo à vida comum de existência à mais privada, tudo é re-configurado como excepcional e, ao mesmo tempo, cotidiano.”. Quanto à forma, observamos uma necessidade de se imprimir à narrativa um caráter interativo, típico dos diálogos que estabelecemos no cotidiano, como uma conversa entre amigos, da qual o telespectador faz parte. “Mesmo nas narrativas que têm a pretensão de informar, o lócus de produção discursiva se dá num ambiente que reproduz cenas da oralidade.” (BARBOSA, 2007, p. 13).

Partiremos da concepção, portanto, de que a principal função do narrador em uma *narrativa esportiva de futebol* é relatar os fatos, descrevê-los, ainda que narrados de forma alinear, devido à especificidade do evento narrado, pois uma partida de futebol se desenrola com diversas jogadas coletivas ou individuais, ações que se intercalam e que compõem um todo articulado com sentido.

No quadro a seguir, sintetizamos as principais funções discursivas desempenhadas pelo narrador e pelos demais participantes dessa enunciação. Marcamos com um “x” as funções e os fatos a elas relacionados, referentes a cada uma das instâncias enunciativas.

Função discursiva	Fatos	Narrador	C-1 (ACC)	C-2 (PRF)	C-3 (C)	R-1 (MN)	R-2 _(B)
narrar	O evento	x		x			
informar	Escalação dos times	x					
	Trio de arbitragem	x	x				
	Substituições	x					x
	Dados do jogo: resultado, tempo, cartões, público	X				x	x
	Episódios diversos de bastidores					x	x
	Dados/histórico dos participantes da partida					x	
	Campeonato: resultados, classificação	x					
	Dados paralelos ao evento						
emitir opinião	Andamento do jogo (faltas, chutes a gol, bolas na trave, escanteios, posse de bola etc.)	x	x	x	x	x	
	Desempenho das equipas	x		x	x		
	Desempenho da arbitragem (lances duvidosos, disciplina)	x	x				
	Episódios de bastidores					x	
	Desenrolar do campeonato (tabela, resultados, classificação)	x				x	
solicitar	Informações dos repórteres	x					
	Avaliação sobre o desempenho dos times	x					
	Avaliação sobre o desempenho da arbitragem	x					
	Reprise de lances	x					
	Lances de outras partidas	x					
propor	Discussão sobre aspectos técnicos do jogo	x					
	Discussão sobre fatos de arbitragem	x					

Sabemos que o narrador ocupa uma função primordial e central na narrativa, ao gerenciar os turnos de fala, dos quais detém a maior parte, e as informações que devem ser

dadas, por quem e quando. Dessa forma, fica perceptível a função específica de cada um dos participantes, as quais se complementam para produzir um sentido para o telespectador.

Dentre as funções discursivas¹¹ elencadas no quadro, podemos destacar como comuns a um narrador de uma partida de futebol a de *narrar as ações*, *solicitar a participação de comentaristas e de repórteres* e a de *propor temas para discussão ao longo da partida*. Pode-se constatar que ele acaba por desempenhar outras funções, as quais seriam típicas dos demais participantes da enunciação. Concluimos, então, que, dentre todos eles, o narrador é o que exerce o maior número de funções discursivas durante a produção da narrativa. Isso acontece, devido a um efeito em cadeia durante a produção do enunciado, já que ao desempenhar a função discursiva que lhe é própria esta exige que ele assuma outra função e assim por diante. Um exemplo disso é o momento no qual o narrador emite sua opinião, ou faz uma crítica à arbitragem e, a seguir, solicita ao comentarista uma avaliação sobre o desempenho do juiz. Esta e outras interveniências durante a narração do jogo nos permitem afirmar, como veremos abaixo, que o narrador é a instância enunciativa que desempenha o maior número de funções discursivas nesta enunciação.

Vejamos, inicialmente, alguns exemplos na narrativa em que o narrador desempenha sua função discursiva específica de narrar e, a seguir, outros nos quais ele exerce outras funções, a fim de comprovarmos o que foi descrito na tabela acima.

CM: O Goiás vai tentando chegar com o Tiago Feltre, bola pra dentro da área, o toque de cabeça do Rodrigo. Voltou a bola. E a zaga afastada... a face da zaga com o André. Diga, Mauro.

CM: [...] Jorge Wagner. Hugo faz o cruzamento, essa vai direto, essa dá pra pegar.

CM: Tentar chegar agora o Goiás. Ó Paulo Bayer, bola foi desviada pela defesa do São Paulo, chega no Vitor aqui na direita...

CM: Olha, o olha o time do Goiás chegando, a bola cruzada, consegue afastar parcialmente a zaga Richarlisson completa, Jorge Wagner toca pra fora. Diga!

Esses trechos são os únicos turnos de fala de todo o 2º tempo em que o locutor atende apenas à função de narrador. Neles podemos ver que ele narra as ações dos jogadores e gerencia o turno de fala dos demais interlocutores, o que caracteriza sua função básica.

¹¹ Atribuímos à função enunciativa os valores associados ao locutor (Euc, Eue) e ao alocutário (Tud, Tui) e à função discursiva, valores inerentes a gêneros específicos (narrar, informar...)

Vejamos, a seguir, alguns exemplos em que percebemos que ele oscila entre atender à função discursiva de narrar e outras que o distanciam dessa.

CM: Bola em jogo pra você ligado na Globo. Começa o 2º tempo da decisão do Brasileirão 2008! O time do Goiás dominando pela direita com o: Paulo Bayer. A bola dividida. Saiu, portanto, o Júlio César, número 11 e entrou o Adriano, número 16! O Adriano, aquele Adriano mesmo que tá aí com a bola já ó... que fez o gol do título do mundial do Internacional contra o Barcelona./ O chute do Tiago! Acompanhou o Rogério, a bola foi embora pela linha de fundo./ O torcedor se ajeita de novo, procura seu espaço, começa a... se ligar nas emoções do 2º tempo, torcedor presente aqui no Bezerrão, ligado na Globo em todo o Brasil (imagem com informação da substituição). Afinal de contas, é agora a hora da decisão. São Paulo vai ganhando o jogo por 1 a 0, Grêmio tá empatando 0 a 0. Grêmio precisa ganhar e de uma derrota do São Paulo. Pra você ver como aumentou a vantagem são paulina depois das primeiras etapas da última rodada./ Aí o Dagoberto. Chegou o Ramalho batendo na bola ela tocou ainda no Dagoberto, arremesso é pra equipe do São Paulo [...] Foi o Jorge Wagner agora [...]

Este excerto exemplifica o caráter caótico da narrativa durante a maior parte dos turnos de fala do narrador em termos da organização discursiva; isso, porque ele assume funções que não lhe cabem ou não lhe são típicas e, por isso, mescla conteúdos temáticos variados dentro de seus enunciados. A fim de tornar mais fácil a compreensão, dividiremos o trecho anterior em partes, apresentando as ações discursivas¹² que podemos encontrar nesta fala do narrador.

Excertos do trecho	Ações discursivas
“Bola em jogo pra você ligado na Globo. Começa o 2º tempo da decisão do Brasileirão 2008! O time do Goiás dominando pela direita com o Paulo Bayer. A bola dividida.”	Narrar o evento.
“Saiu, portanto, o Júlio César, número 11 e entrou o Adriano, número 16!”	Informar sobre substituições.
“O Adriano, aquele Adriano mesmo que tá aí com a bola já ó... que fez o gol do título do mundial do Internacional contra o Barcelona.”	Adicionar dados paralelos ao evento.
“O chute do Tiago! Acompanhou o Rogério, a bola foi embora pela linha de fundo.”	Narrar o evento.
“O torcedor se ajeita de novo, procura seu espaço, começa a... se ligar nas emoções do 2º tempo, torcedor presente aqui no Bezerrão, ligado na Globo em todo o Brasil (imagem com informação da substituição). Afinal de contas é agora a hora da decisão. São Paulo vai ganhando o jogo por 1 a 0, Grêmio ta empatando 0 a 0. Grêmio precisa ganhar e de uma derrota do São Paulo. Pra você ver como aumentou a vantagem são paulina depois das primeiras etapas da última rodada.”	Descrever metaforicamente algumas ações do público e informar sobre o andamento de outros jogos cujos resultados interferirão diretamente na classificação final do campeonato.
“Aí o Dagoberto. Chegou o Ramalho batendo na bola ela tocou ainda no Dagoberto, arremesso é pra equipe do São Paulo [...] Foi o Jorge Wagner agora [...]”	Narrar o evento.

¹² Estamos considerando uma ação discursiva a junção de uma função discursiva a um fato.

Como observamos, ao mesmo tempo em que Cléber Machado atua na função enunciativa de narrador, relatando o evento e dando informações sobre o jogo, ele desempenha outras funções, geralmente assumidas por um repórter, como dar informações sobre os times em outros jogos em andamento, e outros dados paralelos, relativos aos protagonistas do evento. Vejamos outro exemplo.

CM: [...] Vai pra cobrança de falta o time do São Paulo. [...] Não entrou ainda o Alex Terra. Vai voltar o Vitor, a bola cobrada aí em cima do Borges. Essa jogada parece claramente trabalhada pelo time do São Paulo. Fica todo mundo esperando a bola dentro da área e aí alguém abre pra receber. Dessa vez foi o Borges e não deu certo. Tiago Feltre, com o Joílson em cima dele, veio pra ajudar o Ernando, bateu a bola pra frente o... Henrique bateu a bola pra frente. Joílson, Adriano. O time do Goiás não consegue sair do campo de defesa, São Paulo adiantou a marcação e complica a vida do... do Goiás. Tem dois jogadores fora do campo, né? O Vitor que trocou a chuteira e o Dagoberto foi atendido. Os dois pedem desesperadamente pra voltar, agora foram autorizados. E o Goiás tenta puxar o contra-ataque com o Tiago Feltre. Continua chovendo aqui no Gama, o barulho é a... o pingo d'água batendo no microfone ambiente. O Goiás vai mexer daqui a pouquinho com o Alex Terra, jogador que passou pela Ponte Preta. O time do São Paulo agora recua, o Goiás toca a bola, são 18 minutos! O São Paulo vence por 1 a 0. Grêmio e Atlético empatam 0 a 0, São Paulo está ficando com o título brasileiro de 2008. Chega o Richarlisson, jogando pra longe. Globo, a gente se vê por aqui!

Neste trecho, também percebemos como o fato de o narrador assumir diversas funções discursivas interfere na organização geral do discurso por ele enunciado. Em sua fala, é possível recuperar elementos que caracterizam a função de comentarista, de repórter e até mesmo de anunciante publicitário, uma vez que sempre que diz “Globo, a gente se vê por aqui!”, ele faz propaganda da própria emissora, ao mesmo tempo em que alerta o telespectador para o anúncio dos patrocinadores. Mais uma vez, usaremos o quadro explicativo para mostrar, mais claramente, as diversas funções discursivas desempenhadas pelo narrador-enunciador, a partir das ações discursivas por ele realizadas.

Excertos do trecho	Ações discursivas
“[...] Vai pra cobrança de falta o time do São Paulo.”	Narrar o evento.
“[...] Não entrou ainda o Alex Terra.”	Informar substituições.
“Vai voltar o Vitor, a bola cobrada aí em cima do Borges.”	Narrar o evento.
“Essa jogada parece claramente trabalhada pelo time do São Paulo. Fica todo mundo esperando a bola dentro da área e aí alguém abre pra receber.”	Emitir opinião sobre o andamento do jogo.
“Dessa vez foi o Borges e não deu certo. Tiago Feltre, com o Joílson em cima dele, veio pra ajudar o Ernando, bateu a bola pra frente o... Henrique bateu a bola pra frente. Joilson, Adriano.”	Narrar o evento.
“O time do Goiás não consegue sair do campo de defesa, São Paulo adiantou a marcação e complica a vida do... do Goiás.”	Emitir opinião sobre andamento do jogo.
“Tem dois jogadores fora do campo, né? O Vitor que trocou a chuteira e o Dagoberto foi atendido. “Os dois pedem, desesperadamente, pra voltar;	Informar episódios dos bastidores da partida.

“agora foram autorizados.”	
“E o Goiás tenta puxar o contra-ataque com o Tiago Feltre.”	Narrar o evento.
“Continua chovendo aqui no Gama, o barulho é a... o pingo d’água batendo no microfone ambiente.”	Informar dados paralelos ao evento
“O Goiás vai mexer daqui a pouquinho com o Alex Terra...”	Informar substituições.
“... jogador que passou pela Ponte Preta.”	Informar sobre dados e o histórico dos participantes da partida.
“O time do São Paulo agora recua, o Goiás toca a bola, são 18 minutos!”	Narrar o evento.
“O São Paulo vence por 1 a 0. Grêmio e Atlético empatam 0 a 0, São Paulo está ficando com o título brasileiro de 2008.”	Informar dados do jogo e sobre o andamento (resultados) do campeonato.
“Chega o Richarlison, jogando pra longe.”	Narrar o evento.
“Globo, a gente se vê por aqui!”	Incitar e conclamar o espectador a permanecer na Globo. Fazer propaganda da Rede Globo de TV.

Podemos dizer, após a análise das funções desempenhadas pela instância enunciativa do narrador, que Cléber Machado organiza seu discurso de um modo peculiar e distinto do que se espera de um sujeito que se propõe atender a tal posição enunciativa. Esse modo de organização, alternando, na maior parte de seus turnos de fala, a função de narrar com outras que não são típicas de um narrador, revelam o estilo desse enunciatador.

É interessante apontarmos que o fato de assumir outras funções discursivas, além da função de narrador, é um comportamento que pode ser considerado como comum aos narradores em geral, caracterizando uma função que podemos denominar “metanarrativa”. Essa função compreenderia todas as funções desempenhadas pelo narrador que, por sua vez, define-se como um metanarrador, pois não se restringe às circunstâncias específicas de uma função discursiva, ao contrário dos demais enunciatadores que assumem um turno de fala com uma função determinada.

A busca por um estilo próprio parece ser uma necessidade entre os narradores esportivos que almejam, por meio de seu discurso, ou do modo como organizam todas as informações que precisam ser transmitidas, criar uma identidade sócio-discursiva. Alguns dos traços do seu estilo seriam, por exemplo, o fato de ele falar muito ao longo da narrativa, não porque o relato sobreponha ao comentário, mas por ele fazer parte de um grupo de narradores que possuem esse comportamento como traço de estilo, levando a prevalecer o comentário sobre o relato e o entusiasmo exagerado em alguns momentos da narrativa (o que é típico das narrativas radiofônicas). Além disso, a imagem projetada pela câmera de TV deve se fazer acompanhar do som, da fala, técnica usada para se completar um espaço vazio que se criaria, se a voz lá não estivesse. No rádio, ocorre o mesmo. Há que se preencher o vazio do silêncio, ainda com mais cuidado, visto que não se pode contar com a imagem física.

Segundo Guerra (2006), Cléber pertenceria a uma “escola de narradores”, da qual fazem parte personalidades como Galvão Bueno, pois,

Da mesma forma que vários narradores buscaram inspiração em Luciano do Vale, Galvão Bueno criou também o ‘Padrão Galvão de Qualidade’, com seguidores bem fiéis ao estilo, tais como Cléber Machado, Luís Roberto e Maurício Torres. (GUERRA, 2006, p.119).

Analisemos, agora, as funções discursivas assumidas por C1 (Arnaldo César Coelho), o qual participa da narrativa ocupando, *a priori*, uma função bem delimitada: informar sobre e comentar as ações do trio de arbitragem dos jogos transmitidos pela Rede Globo da qual é funcionário. Vejamos, por meio de alguns exemplos, se essa hipótese se confirma, ou se ele desempenha outras funções durante a produção desta narrativa.

ACC: Achei falta, mas, nesse lance é é... a gente não tem como analisar direito porque tá... todo mundo tá derrapando dentro de campo. Se entrar com a chuteira com trava de borracha, tá tudo molhado...

ACC: Não teve nada e o árbitro parece que tá tudo bem.

ACC: Porque o Hugo forçou uma falta. A bola o Hugo bateu a falta pro Borges e foi receber na frente. A bola, o zagueiro tira a bola, o Borges tropeça no zagueiro e ele marcou falta. Errou o juiz.

Nos exemplos acima, à função discursiva de C1 corresponde a sua função enunciativa, pois, observamos que ele emite opinião acerca do desempenho da arbitragem durante a narrativa. Em todos os enunciados, percebemos que a temática diz respeito à tentativa ou ao cometimento de faltas, sendo o comentarista responsável por avaliar o desempenho dos jogadores em relação ao assunto e por emitir opinião, quando o narrador encontra-se em dúvida sobre um lance polêmico de falta.

O fato de ser conhecido como ex-árbitro de futebol, garante a legitimidade do que C1 diz, bem como a da emissora, que traz uma autoridade para discutir questões polêmicas relacionadas às atitudes do trio de arbitragem. C1 deseja conquistar também a credibilidade do público ao passar segurança em relação ao que enuncia, posicionando-se, às vezes, até mesmo contra algumas decisões da arbitragem, o que se pode constatar no último excerto, quando analisa um lance que o juiz apita como falta.

Contudo, apesar de manter seu discurso inscrito na temática (arbitragem, falta etc.), observamos que C1 também desempenha outras funções discursivas na produção da narrativa,

que complementam sua função enunciativa. Vejamos algumas dessas funções nos exemplos a seguir.

ACC: O árbitro ficou no meio do campo no intervalo e... recebeu muitas instruções.

ACC: Rafael entrou (replay) dando pontapé, veja na repetição.

O quadro, a seguir, demonstra que C1, assim como o narrador, não exerce apenas uma função discursiva, mas também outras, ao realizar outras ações discursivas, como: informar episódios dos bastidores do jogo — fatos que ocorreram no intervalo e a que o público não tem acesso, a não ser por meio dele — e solicitar reprises de lances. É necessário dizer, no entanto, que, embora a temática de seus enunciados seja coerente com sua função enunciativa (pois tratam de fatos relativos à arbitragem), ele exerce outras funções discursivas distintas, pois “informar episódios de bastidores” e “solicitar reprises de lances” não são funções típicas de um enunciatador que desempenhe a função enunciativa de comentarista. Quanto à função de emitir a opinião sobre o andamento do jogo em termos de faltas, consideramo-la como uma função comum a este sujeito em uma narrativa esportiva de futebol, já que também cabe a ele informar e comentar sobre a ocorrência, ou não, de faltas e a conduta/ação da arbitragem em relação a elas.

Excertos do trecho	Ações discursivas
“O árbitro ficou no meio do campo no intervalo e... recebeu muitas instruções.”	Informar episódios de bastidores
“Rafael entrou (replay) dando pontapé...”	Emitir opinião sobre o andamento do jogo (falta)
“veja na repetição.”	Solicitar reprises de lances.

Analisemos, a partir de agora, as funções discursivas assumidas por C2 (Paulo Roberto Falcão), o qual também participa da narrativa ocupando, *a priori*, a função de comentar as jogadas em campo bem como o desempenho dos jogadores durante a partida. Vejamos, por meio de alguns exemplos, se C2 exerce sua função precípua ou não.

Excertos dos trechos	Ações discursivas
“É evidente que ele é um jogador importante, mas aceita demais a boa marcação do Richarlison. Agora com a entrada do Adriano Gabiru pode ser que ele tenha um pouquinho mais de espaço, mas ele fica muito parado, o Richarlison marca bem, mas tem muita facilidade também na marcação.”	Emitir opinião acerca do desempenho profissional dos jogadores.

“É muito, muito. Mas o o... o que deve... o São Paulo não ta pensando muito também, né, Cléber, porque o Goiás não tem chegado. Faz horas que ele não chega perto do... do do... do Rogério. O time tá sem consistência ofensiva, é muito jogo de meio campo.”	Emitir opinião acerca do desempenho das equipes em campo.
“Essa é mais um... mais uma grande diferença nos dois times, né? O time do São Paulo tem chegada com dois atacantes, foram os dois que chegaram. O time do Goiás sem o Iarley que está suspenso, o ataque não consegue ter que... chegar absolutamente não chegou no jogo.”	Emitir opinião acerca do desempenho das equipes em campo.
“Muito ajudado, né? O capitão do time... o time do São Paulo faz um bom jogo. Muito ajudado pelo adversário o adversário não tem chegada, é um time frágil no ataque, o time do São Paulo, é um time que tá melhor, inclusive fisicamente. E merece o resultado.”	Emitir opinião acerca do desempenho das equipes em campo.
“Eu acho que sim, é... só por um acidente o Goiás consegue, porque o Goiás não tem ataque, o Goiás não chega, o São Paulo marca bem, tá ligado, tá com...”	Emitir opinião acerca do desempenho das equipes em campo..
“Fazia tempo que... que o Goiás não chegava, o Goiás tá tentando chegar no sufoco...”	Emitir opinião acerca do desempenho das equipes em campo.
“...mas até aqui a marcação do São Paulo tá quase que perfeita.”	Emitir opinião acerca de uma das equipes e do andamento do jogo.
“É interessante, né, é claro que o o o treinador quando é campeão brasileiro ele ta cheio de méritos, cheio de vibra então é por isso. O caso do Muricy com toda a indentif, indentif, identificação que ele tem com o São Paulo, esse... ê é evidente que ele vai se emocionar. Ele nasceu nesse clube, e também tá aí o Borges chorando, é evidente que ele vai ta emocionado porque ele é cria desse time.”	Emitir opinião acerca do treinador de um dos times e descrever emoções após o término da partida.

Dos oito exemplos, os sete primeiros revelam que C2 se restringe, na maior parte de seu discurso, à função discursiva de emitir opinião sobre o desempenho das equipes, a qual corrobora sua função enunciativa. No último exemplo, C2 extrapola, por assim dizer, sua função de opinar sobre as equipes e os jogadores em campo e opina sobre o técnico, além de tecer considerações sobre o estado emocional dos jogadores e desse treinador. Isso ocorre após o narrador dizer: “[...] e o Muricy acaba de ganhar o presentão do ano, o tricampeonato...[...] pra ele se igualar ao Rubens Minelli com 3 títulos consecutivos. Ele, o único que tem 3 pelo mesmo clube. Ele que passou esse ano, como o ano passado, nem saiu da Libertadores, vai dançar não vai, tem pressão o sigo... o presidente segura, e o Muricy mais uma vez, ele que é três vezes o craque, o técnico do Campeonato na eleição que amanhã vai ter mais uma edição. É um dos indicados e é campeão de novo.” Assim, C2 complementa a fala do narrador, porém sem ser evocado por ele.

Desse modo, percebemos que C2 preocupa-se mais em comentar sobre o desempenho das equipes como um todo, do que os lances isolados dos jogadores de um ou outro time. Esse comportamento, de certa forma, leva-o a não comprometer seu discurso com alguma

informação acerca dos protagonistas da partida. Isso caracteriza o estilo do comentarista nesta partida, diferenciando-o de outros comentaristas da mesma emissora ou das demais. Além disso, observamos também que, em alguns momentos, C2 só assume o turno de fala para responder a uma pergunta do narrador, o qual solicita sua participação, a fim de obter sua avaliação sobre ações das equipes. Vejamos nos exemplos abaixo algo peculiar que também acontece no momento em que C2 enuncia.

Excertos dos trechos	Ações discursivas
“Agora, o Arnaldo ressaltou lá com 2 minutos de jogo que essa marcação do... Richarlisson no Paulo Bayer e... o que chama a atenção é que o Paulo Bayer não consegue se mexer, né?...”	Emitir opinião sobre o andamento do jogo.
“... Agora, parece que... vai receb... uma bola sozinho, vai lá, Cléber!”	Narrar o evento.
“E sai, né, Cléber? Com tanta tranquilidade porque até aqui não corre risco, né? O time do, o time do Goiás não ataca, não chega...”	Emitir opinião sobre o andamento do jogo.
“...Recupera de novo a bola e vem de novo.”	Narrar o evento.

O que percebemos nos trechos acima, e nos anteriores referentes a C2, é que o comentarista, assim como também observaremos em C3, fala muito, sendo algumas vezes “atropelado” pelos próprios acontecimentos. Como a emissora deseja passar uma imagem de organização e seriedade jornalísticas, e na narrativa esportiva de futebol não é diferente, o narrador acaba por não retomar seu turno de fala, não tirando a palavra do comentarista, e deixando-o concluir seu pensamento, na maioria dos casos. Isso leva o comentarista a “narrar” parte de algum lance da partida, para não comprometer a imagem da emissora, por não ter sido “narrada” uma jogada considerada de tanta importância para o jogo.

Vejamos também as funções discursivas assumidas por C3 (Caio Ribeiro Decoussau), o qual também participa da narrativa ocupando, *a priori*, as mesmas funções de C2: comentar as ações dos jogadores em campo e o desempenho dos times ao longo da partida. Utilizamos, a seguir, alguns exemplos cujo intuito é verificar se essa hipótese se confirma ou não, se C3 também desempenha outras funções durante a enunciação.

CRD: Tudo bem que a bola foi em cima dele, mas foi uma defesa sem direito a rebote.

CRD: E esse Richarlisson, Cléber, em cima do que o Falcão falou, é o Richarlisson útil ao São Paulo, não aquele Richarlisson que, em determinado momento do campeonato, deu uma deslumbrada, começou a jogar um pouco mais difícil do que se deve num jogo de futebol. Esse batalhador, jogador que marca em cima, guerreiro, que joga com simplicidade, é muito útil ao Muricy.

CRD: Agora, não pode perder um gol como esse. Claro que com a chuva, num momento que a bola quiçá na frente do... Borges, dificulta muito o arremate, mas é o tipo do gol que, se você faz 2 a 0 num jogo decisivo, é praticamente o título garantido.

CRD: É uma esperança a mais pro torcedor gremista, porque o que o Hélio dos Anjos tá tentando é colocar o time mais à frente. Perder por 1, perder por 2 isso significa o título pro São Paulo da mesma forma, então ele abre mão de um volante e coloca um jogador de mais movimentação ofensiva.

CRD: Cléber, no 1º tempo você citou o Jorge Wagner como um dos jogadores que no momento do vamo ver, cresceu muito de produção. Eu queria citar também o Borges, jogador que pode não ser uma unanimidade, um jogador que, muitas vezes, foi preterido no ataque tricolor, mas num momento de afunilamento, na hora que o campeonato realmente é é... mostrava quem ia brigar pelo título, na hora que o São Paulo embalou de vez com esses 18 resultados positivos, foi um jogador que chegou com responsabilidade e pôs a bola pra dentro.

Observamos que C3 exerce, ao longo da narrativa, a função discursiva de emitir sua opinião acerca do andamento do jogo. Como nos mostram esses exemplos nos quais, por meio de expressões modalizadoras, C3 faz apreciações sobre um lance – “defesaça”(hipérbole), “começou a jogar um pouco mais difícil”, “Não pode perder um gol como esse”; sobre o desempenho dos jogadores na partida, ou no campeonato: “cresceu muito de produção”, “foi um jogador que chegou com responsabilidade”; sobre a qualidade e/ou caráter dos jogadores e técnicos (júízo de valor): “útil ao São Paulo”, “batalhador”, “guerreiro”, “com simplicidade”, “pode não ser uma unanimidade” e sobre as estratégias dos técnicos – “o Hélio dos Anjos tá tentando é colocar o time mais à frente.”.

Sendo assim, podemos dizer que, ao contrário de C2, C3 apresenta, na maior parte de seu discurso, comentários direcionados aos sujeitos participantes do evento, citando inclusive nomes de jogadores e técnicos, criticando seu desempenho positiva ou negativamente – “Richarlisson útil ao São Paulo”, e ainda sobre o mesmo jogador: “Esse batalhador, jogador que marca em cima, guerreiro, que joga com simplicidade, é muito útil ao Muricy”; “coloca um jogador de mais movimentação ofensiva.”; “Hélio dos Anjos tá tentando é colocar o time mais à frente”; e “[Borges] foi um jogador que chegou com responsabilidade e pôs a bola pra dentro.

No entanto, embora em menor escala, também faz alguns comentários relativos às equipes como um todo, que permeiam os comentários mais pontuais a respeito dos protagonistas da partida, como por exemplo: “Perder por 1, perder por 2, isso significa o título pro São Paulo da mesma forma” e “na hora que o São Paulo embalou de vez com esses 18

resultados positivos, foi um jogador que chegou com responsabilidade e pôs a bola pra dentro”.

Inserindo esses dados em nossa tabela, podemos encontrar as funções discursivas de emitir opinião acerca do andamento do jogo e do desempenho das equipes da seguinte maneira:

Excertos dos trechos	Ações discursivas
“E esse é um dos segredos do forte sistema de marcação do São Paulo...”	Emitir opinião sobre o desempenho das equipes.
“... Jogador talvez não esteja aparecendo muito pra torcida, mas tá fazendo, porque o principal jogador do Goiás, o Paulo Bayer, não apareça muito no campo de ataque.”	Emitir opinião sobre jogadores e o andamento do jogo.
“E o mais e... e o mais importante, Cléber, é com objetividade. O São Paulo mantém a posse de bola, mas é incisivo na hora que encontra espaço.”	Emitir opinião sobre o desempenho das equipes.
“O jogo de hoje sim. O jogo de hoje o São Paulo volta a ser aquele São Paulo competitivo, que marca forte, que não dá espaço ao adversário e que na retomada de bola é objetivo. Faz hoje uma grande partida.”	Emitir opinião sobre o desempenho de uma equipe.
“São Paulo ainda pode sofrer um gol de empate, né? E isso ainda Garante o título de campeão brasileiro, tricampeão brasileiro...”	Emitir opinião sobre o desempenho das equipes.
“... Então, o Muricy abre mão de um atacante de velocidade pra congestionar o meio de campo e reforçar o setor de marcação.”	Emitir opinião sobre estratégias de jogo e seu andamento..

Outra questão interessante é o fato de serem raras (no 2º tempo são apenas duas) as intervenções de C3 que visam a atender uma solicitação do narrador. C3, portanto, é um comentarista que, apesar de desejar transmitir a ideia de estar promovendo um diálogo constante com o narrador, quando evoca o narrador, fala “sozinho”, porque não há uma troca direta entre eles, ao contrário do que ocorre muitas vezes com o repórter Mauro Naves, como veremos adiante, quando, por exemplo, um deles pergunta e o outro responde, um afirma algo e o outro replica.

Dentre esses excertos, o quarto, que se inicia por “O jogo de hoje sim”, é um dos trechos em que percebemos que C3 responde a uma solicitação do narrador para avaliar o desempenho do time paulista naquele jogo. A partir da sua afirmativa, desenvolve seus argumentos e conclui, retomando que a equipe “faz hoje uma grande partida”. Esse exemplo é um dos que figuram como uma exceção, já que C3 focaliza seu comentário na equipe e não nas ações realizadas pelos jogadores de forma específica. Mostramos a outra exceção presente no discurso do comentarista, logo abaixo.

CRD: Mais devagar, né? A ansiedade, né, você não vê a hora de () você conquistando essa vantagem, o São Paulo vence a partida. É claro que cê quer que o jogo acabe mais rápido possível.

C3 responde a outra questão proposta pelo narrador, mesmo que esta não tenha sido dirigida especificamente a ele, mas aos comentaristas, para que opinassem se o tempo de jogo estava passando mais rápido ou mais devagar, partindo do pressuposto de que o técnico Muricy Ramalho estivesse angustiado para que a partida acabasse logo e sua equipe fosse declarada campeã, conforme narrativa de Cléber Machado. Contudo, o que nos chama a atenção neste exemplo é que este comentário apresenta um novo desdobramento em termos das funções discursivas, já que C3 assume a função discursiva de emitir sua opinião, porém, sobre outro fato: o estado psicológico do torcedor e dos participantes do evento quanto à passagem do tempo, isto é, analisar emoções.

Com a participação desses sujeitos, a Rede Globo pretende mostrar que possui, em sua equipe de jornalismo esportivo, nomes conhecidos por sua experiência no futebol, como árbitros (caso de C1) ou como jogadores (C2 e C3), como repórteres (R1) que conhecem a história do esporte e dos times, principalmente a dos paulistas, como é o caso de Mauro Naves, de quem trataremos logo adiante. Com essa atitude, a emissora espera conquistar o telespectador com a informação que veicula, levando-o a crer e a reconhecer como legítimos os enunciadores que se engajam na produção de uma narrativa.

Vamos nos deter, a seguir, no discurso do repórter Mauro Naves (R1), para apontar quais funções discursivas ele exerce na narrativa esportiva de futebol. Discutiremos apenas alguns dos exemplos que evidenciam essas funções, tendo em vista o grande volume de turnos de fala.

Excertos dos trechos	Ações discursivas
“Cléber, durante o intervalo agora, o Presidente da Associação Nacional dos Árbitros de Futebol, Jorge Paulo, o ex-assistente conversou com o Alessandro e ele, segundo o Jorge, olha aí, olha aí.” (passa a palavra para CM)	Informar episódios de bastidores.
“É, pra terminar essa história, né, Cléber... a posição do assistente é que ele achou que foi gol contra.” (O narrador devolve-lhe a palavra)	Informar episódios de bastidores.
“... que pode render muitos anos ainda, a posição, e ele, não sei se vai dar entrevista depois...”	Emitir opinião sobre episódios de bastidores.
“Agora a maior esperança para os gremistas supersticiosos, o Falcão deve ter ouvido isso lá pelo Sul é Adriano Gabiru, né? ...”	Informar episódios de bastidores.
“...O que se dizia por lá essa semana que ele deu um importantíssimo título ao Inter, poderia dar um ao Grêmio agora.”	Informar e fornecer dados históricos sobre os participantes de uma outra partida.

“Como disse agora a pouco... aquecer o garoto que tem só 20 anos...”	Informar dados e históricos sobre participantes da partida.
“...tentou... é... pensou em colocar o Bruno... mas mudou de idéia...”	Emitir opinião sobre táticas e o andamento do jogo.
“...daqui a pouco Jancarlos é que vai entrar no lugar de Joílson.”	Informar substituições.
“E com 41 gols, né, no ano, Kléber Pereira e Keivisson.” (complementa informação de CM)	Informar sobre o campeonato.

Esses trechos demonstram como R1 exerce funções discursivas variadas – informar episódios de bastidores, como relatar o conteúdo das entrevistas realizadas no intervalo e não transmitidas ao torcedor/telespectador; informar dados e histórico dos participantes da partida, como para que outros times os jogadores jogaram, quantos títulos alcançaram, qual o perfil dos jogadores; informar substituições, tanto aquelas que estão acontecendo no momento imediato, quanto aquelas que são possíveis de acontecer; informar sobre o campeonato etc.

É interessante notar que Mauro Naves não restringe sua função discursiva ao informar, como podemos ver na análise apresentada na tabela. Exercer também a função de emitir opinião é característico de seu estilo, o que amplia sua função enunciativa de repórter. Cabe ressaltar que a função de emitir opinião está direcionada aos episódios de bastidores, mas também ao andamento do jogo, quando ele comenta, por exemplo, as decisões/ações do técnico, quando diz “[...] tentou... é... pensou em colocar o Bruno... mas mudou de idéia [...]”.

R1 é o interlocutor que mais dialoga com o narrador ao longo da narrativa. Seus turnos de fala são, em sua maioria, curtos, mas recorrentes, o que o leva algumas vezes a interromper seu próprio discurso, para passar a palavra ao narrador; exemplo disso é o primeiro excerto da tabela anterior, quando enuncia “olha aí, olha aí”, ou recebê-la novamente deste, quando retoma, dizendo “É, pra terminar essa história...”. Além disso, ele também complementa, retifica ou corrobora uma informação dada pelo narrador, como no último excerto, quando, após Cléber comentar sobre os artilheiros do campeonato, afirmando terem os três (Kléber Pereira, Keivisson e Washington) 21 gols, ele o corrige indiretamente, alegando que dois deles realizaram 41 gols no ano.

Vejamos mais alguns exemplos que também caracterizam a diversidade de funções discursivas assumidas por R1.

Excertos dos trechos	Ações discursivas
“[nesses últimos oito anos, Falcão, ganhou o Muricy 8 títulos, contabilizando aí títulos estaduais. Um título por ano nos últimos 8.”	Informar dados e históricos dos participantes da partida.
“É, 83 gols oficialmente, reconhecidos pela FIFA.”	Informar dados e históricos dos participantes da partida.

“Acho que não, porque até saiu de lá.”	Emitir opinião acerca do andamento do jogo.
“É, 34 é o número da camisa dele... Bruno é volante...”	Informar dados técnicos e históricos dos participantes.
“...vai sair Dagoberto...”	Informar substituições.
“...e cê já entende que tá na hora de segurar esse resultado, como se diz no futebol.”	Emitir opinião sobre andamento do jogo.
“Aqui mais dois...”	Informar dados do jogo.

Nestes trechos, observamos que R1 assume as funções discursivas de informar dados históricos dos participantes, como no primeiro e no segundo excertos, ao informar quantos títulos o técnico do São Paulo ganhou nos últimos anos e quantos gols o goleiro da equipe fez e que são reconhecidos pela FIFA. Neste último exemplo, R1 complementa a informação fornecida pelo narrador que o questiona se o número que aparece inscrito na chuteira do jogador é 83 – “[...] Como é que é o número ali, Mauro? 83?” e acrescenta após a fala de R1: “E ele tem a camisa número 1 e tem o número 83 na chuteira, que é o número de gols que o Rogério marcou na carreira. Vai pra cobrança de falta, Rogério Ceni! [...]”.

Esses enunciados confirmam a recorrente interatividade entre o narrador e R1, quando aquele pergunta e este responde, inclusive quanto a dúvidas sobre o que acontece em campo, como, por exemplo, quem vai cobrar uma falta, ou sobre fatos curiosos, como qual número aparece na chuteira ou está na camisa de um jogador. R1, por exercer a função discursiva de informar dados do jogo, revela-se responsável por dizer quantos minutos de acréscimo o juiz terá dado ao evento. Além disso, verificamos, novamente, o desempenho da função discursiva de emitir opinião acerca do andamento do jogo, quando diz que “tá na hora de segurar esse resultado”, assim como também a função de informar substituições, ao enunciar “vai sair Dagoberto”.

Como pudemos perceber, R1 se detém mais em trazer informações e dados históricos relacionados aos times, técnicos, jogadores e árbitros, embora exerça outras funções. Só não percebemos em suas falas comentários sobre a arbitragem e ações realizadas em campo, funções assumidas por C1 e pelo narrador. Uma das funções que desempenha, no entanto, coincide com a de C2 e C3 – emitir opinião sobre o andamento do jogo.

Por fim, nesta parte da análise, abordaremos as funções discursivas exercidas por R2, durante a produção da narrativa.

R2 desempenha a função enunciativa de repórter de campo, atuando próximo ao gramado, entrevistando os jogadores, os técnicos e outras personalidades relevantes para a compreensão da partida, no seu início e fim. Além disso, ao longo da narrativa ele participa,

dando outras informações sobre o jogo, atendendo alguma dúvida do narrador, e também dialogando com ele, como veremos nos trechos a seguir.

Excertos dos trechos	Ações discursivas
“Perguntei pro Fausto quantos pontos foram, ele falou: “Muitos, nem sei. Muitos.”.	Informar episódios de bastidores.
“Vai mexer o Goiás.”	Informar substituições.
“O Alex Terra, 17, vai pro jogo no lugar do Fausto que tem a camisa número 9...”	Informar substituições.
“...O Vitor tá trocando aqui as chuteiras do lado de fora do campo.”	Informar episódios de bastidores.
“Romerito, 18, no lugar do Fabel que tem a número 7.”	Informar substituições.
“A torcida te ouviu, Cléber. Agora eles gritam “é campeão!”(imagem da torcida gritando).	Informar sobre andamento do jogo.
“Tá aqui o Borges, Cléber, autor do gol do título, chorando muito, Borges, fala desse momento, fala da tua alegria.”	Informar episódios de bastidores.

Ao analisarmos esses trechos, observamos que as funções discursivas mais desempenhadas por R2 são: informar substituições e episódios dos bastidores, já que seu posicionamento, próximo ao campo, e também das pessoas que participam do evento, favorece seu acesso a esses dados. As entrevistas que ele realiza no início e no final da partida caracterizam-se, assim como as funções citadas, sua função enunciativa, o que demonstra haver uma coincidência entre o que seria a função enunciativa de R2 e as funções discursivas por ele assumidas.

É através das entrevistas que R2 exerce sua função discursiva de informar o que sentem e/ou pensam os jogadores e técnicos, o que pode ser incluído no que classificamos como episódios de bastidores. Além de dialogar com os protagonistas do evento, R2 também estabelece uma troca verbal com o narrador, complementando informações que ele transmite ao público, como no primeiro trecho em que o repórter comprova o relato do narrador, usando o discurso direto – “Perguntei pro Fausto quantos pontos foram, ele falou: ‘Muitos, nem sei. Muitos.’ ” –, a fim de mostrar que foi o próprio jogador que lhe teria contado ter recebido alguns pontos cirúrgicos, decorrência do corte que recebera, após o choque com outro jogador. No terceiro e quarto exemplos, R2 também dialoga com o narrador, o qual, nesses dois casos, convoca a participação do repórter.

Podemos dizer que os sujeitos que participam dessa enunciação apresentam, *a priori*, uma função enunciativa que parece ser bem definida. No entanto, quando tomam a palavra, passam a exercer funções discursivas que coincidem com a sua função enunciativa, mas

também outras que se distanciam desta. Contudo, esse distanciamento não anula sua função discursiva; apenas a complementa.

É interessante observar que o fato de um enunciador exercer determinadas funções se relaciona, em parte, com o estilo que adota em seu discurso. Acreditamos que, até mesmo por esse motivo, as funções discursivas assumidas pelos enunciadores variem de uma emissora para outra e de um suporte para outro, questão à qual pretendemos responder ao final desta pesquisa.

Em relação ao espaço, sabemos que o narrador, os comentaristas e o repórter Mauro Naves se encontram em uma cabine instalada pela emissora no estádio, em uma posição que os possibilite assistir aos fatos, narrá-los e comentá-los de forma mais verossímil para o telespectador que assiste à partida pela TV. No entanto, a televisão, por meio de seus enunciadores, tenta promover um efeito de real, estabelecendo um ambiente de proximidade entre os enunciadores e o telespectador, como se estivessem em um mesmo lugar, assistindo à partida juntos. Esse efeito é marcado pelas referências que os enunciadores fazem aos telespectadores, convidando-os a ver um lance que para o narrador seria importante; por exemplo.

CM: Bola em jogo **pra você** ligado na Globo. [...] O **torcedor** se ajeita de novo, procura seu espaço, começa a... se ligar nas emoções do 2º tempo, **torcedor** presente **aqui** no Bezerrão, **ligado na Globo em todo o Brasil**. [...] São Paulo vai ganhando o jogo por 1 a 0, Grêmio ta empatando 0 a 0. Grêmio precisa ganhar e de uma derrota do São Paulo. **Pra você** ver como aumentou a vantagem são paulina depois das primeiras etapas da última rodada. [...] **Olha**, tá perdendo o Palmeiras, 1 a 0 pro Botafogo. Tá perdendo o Palmeiras, tá perdendo o Cruzeiro, tá perdendo o Flamengo! [...] Daqui a pouco **a gente** vai ver o gol do Hélio. [...] **Você** ta ouvindo... o... ah... esse barulho... no fundo, é que... chove, **né?** Tem... sol ali na arquibancada em frente naquela metade do campo. Não **sei** se... mas que já começou a chover, começou. [...] Com chuva **todo mundo** se agita! Chuva e sol **aqui** em Brasília! E arco-íris. [...] Essa esse barulho que **você** ouve, **eu** repito, são os pingos da chuva caindo nos microfones que... trazem ao ambiente **pra você aqui** no Bezerrão. [...] Olha o Hernanes, tomou a bola! [...] **A gente** vai mostrar os gols **pra você**. [...] **ai** o time do São Paulo com o Borges. [...]

Esse trecho caracteriza o que Benveniste (2005, 2006) explicita em sua Teoria da Enunciação, já que o sujeito, ao enunciar-se em seu discurso, define o espaço, o tempo e o outro, exatamente como demonstram essas falas do narrador. É ele quem faz a maior parte das referências ao telespectador, por meio de expressões como “você”, “né”, “olha” e dialoga com ele, como se estivesse em um mesmo espaço, em uma interação face a face, num aqui e agora: “**Olha**, tá perdendo o Palmeiras, 1 a 0 pro Botafogo. Tá perdendo o Palmeiras, tá perdendo o Cruzeiro, tá perdendo o Flamengo! [...] **Você** tá ouvindo... o... ah... esse barulho... no fundo, é

que... chove, **né?** Tem... sol ali na arquibancada em frente naquela metade do campo. Não **sei** se... mas que já começou a chover, começou. [...] **aí** o time do São Paulo com o Borges. [...]”, entre outros que **podemos** ver ao longo da narrativa.

Por meio de efeitos técnicos como o de aproximação das câmeras, o telespectador também é convidado a participar da narrativa, comentando o que pensa sobre a partida. A inserção da tecnologia na TV também tem proporcionado uma maior participação do telespectador por meio dos chats, durante os quais são feitas perguntas, as quais são respondidas, geralmente, pelos comentaristas em tempo real.

O narrador oscila entre a 1ª pessoa do singular e do plural e a 3ª pessoa. Aproximando-se mais de um papel de “torcedor”, quando se propõe a fazer um comentário, seja sobre a partida ou qualquer outro assunto, como sobre o clima, ele utiliza a 1ª pessoa do singular – “**não sei**”, “**eu repito**” – mas ao remeter-se a uma ação que é, ou será realizada por ele, no papel de jornalista, em conjunto com a equipe de jornalismo esportivo, ele utiliza a 1ª pessoa do plural - “**a gente**”. Quando relata fatos que ocorrem no estádio ou em campo, ele distancia-se do papel de “torcedor”, chamando mais a atenção para a informação que é narrada do que para o que pensa sobre o que é narrado – “**São Paulo vai ganhando o jogo por 1 a 0, Grêmio ta empatando 0 a 0**”, “**o Hernanes, tomou a bola!**” e “**aí o time do São Paulo com o Borges**”. Consequentemente, o espaço entre o narrador e o telespectador se amplia quando esse narra e reduz-se quando esse mesmo comenta.

Embora os comentaristas tenham o papel específico de “comentar”, na maioria das vezes, não utilizam a 1ª pessoa. Isso acontece, por representarem a voz do especialista, daquele que possui o conhecimento e por isso falam de um lugar institucionalizado, de autoridade – ex-jogador, ex-árbitro, jornalista especializado em futebol, etc. -, em nome de uma coletividade da qual faz parte. Por isso, parecem manter um distanciamento em relação ao telespectador, por falarem de um lugar “superior” ao de um torcedor que gosta de “palpitar” sobre o que assiste. Observemos como isso acontece:

ACC: O árbitro ficou no meio do campo no intervalo e... recebeu muitas instruções.

MN: Cléber, durante o intervalo agora, o Presidente da Associação Nacional dos Árbitros de Futebol, Jorge Paulo, o ex-assistente conversou com o Alessandro e ele, segundo o Jorge, olha aí, olha aí.

CRD: E esse é um dos segredos do forte sistema de marcação do São Paulo. Jogador talvez não esteja aparecendo muito pra torcida, mas tá fazendo, porque o principal jogador do Goiás, o Paulo Bayer, não aparece muito no campo de ataque.

PRF: É evidente que ele é um jogador importante, mas aceita demais a boa marcação do Richarlisson. Agora com a entrada do Adriano Gabiru pode ser que ele tenha um pouquinho mais de espaço, mas ele fica muito parado, o Richarlisson marca bem, mas tem muita facilidade também na marcação.

A temporalidade da narrativa também é determinada pelo narrador, pois é ele o responsável por narrar os acontecimentos. Devido ao fato de a enunciação se realizar simultaneamente aos acontecimentos, há uma “colagem” do tempo da partida no tempo da narrativa. Assim, o narrador usa, na maioria das vezes, o presente e o passado e, em menor escala, o futuro.

CM: [...] É importante esclarecer a visão do árbitro que **errou**. **Sai** jogando o time do... **sai** jogando o time do Sã... do do do do Goiás com o Rafael [...]. O Botafogo **abre** o placar no Palestra Itália, 1 a 0 para o Palmeiras. Olha, **tá perdendo** o Palmeiras, 1 a 0 pro Botafogo. **Tá perdendo** o Palmeiras, **tá perdendo** o Cruzeiro, **tá perdendo** o Flamengo! **Sai** jogando o time do Goiás. **Vem** a jogada pela direita com o... Vitor. O cruzamento! **Pegou** bem! **Pegou** firme o Rogério! Com a derrota do Flamengo, mesmo... com o Cruzeiro perdendo da Portuguesa e com o Palmeiras perdendo do Botafogo, os dois **tão** se garantindo na Libertadores. Daqui a pouco a gente **vai ver** o gol do Hélio. Agora o Goiás **sai jogando** lá pelo lado esquerdo. Hernando. **Recebe** aqui no meio pra tentar a jogada o Adriano. **Levou** a bola até o Vitor, **girou** bem na frente do Jorge Wagner, **tocou** pro Fausto! **Dividiu, brigou, chega** o Richarlisson, **gira** e **tira**. A torcida do Goiás **voltou** agitada, animada no 2º tempo e a do São Paulo **começou** agora a soltar a voz. **São** quase 4 minutos! [...] **Sai** jogando o Henrique do setor defensivo do time do Goiás. Abertura na esquerda pro Tiago Feltre. Tiago **faz** o passe pro Paulo Bayer. **Foi** falta do Richarlisson. **Atropelou** o Paulo Bayer. [...] Time do Goiás se solta. **Vai** atrás do gol de empate. O São Paulo **se fecha, marca, chega** de novo o Richarlisson que **tá** realmente de olho no Paulo Bayer a partida inteira. [...] E ele **atrapalhou** de novo a ação do Paulo Bayer. O Hernanes **ajudou**, Richarlisson **puxa** o contra-ataque. Com o som de “São Paulo”, ecoando no Bezerrão! Olha o Hernanes, **tomou** a bola! O Hugo **pede** pelo meio, ele **tentou** a jogada individual. **Foi**... egoísta agora, o Hernanes. **Toma** a bola pelo time do Goiás e **sai** jogando a zaga goiana. [...]

Pelo que podemos notar no trecho acima, ao narrar as ações dos torcedores e, principalmente, dos jogadores, o narrador oscila entre o presente e o passado. No entanto, percebemos que, mesmo conjugando os verbos no presente, essas ações, ao serem realizadas já fazem parte de um passado, ainda que próximo; é o presente histórico. Esse uso do presente do indicativo pode, então, ser pensado como uma forma de o narrador acompanhar, ou até tentar antecipar, o que é mostrado na imagem ao telespectador; uma forma de evidenciar que sua enunciação é atual, é co-construída com os seus interlocutores no aqui e agora da narração.

O enunciado produzido segue um “modelo” prévio, embora adequado a condições de produção específicas, enunciado-modelo esse que faz com que o telespectador reconheça, ao ligar a TV, que se trata da narração de uma partida de futebol. Elementos como iniciar a

narrativa com uma saudação aos co-participantes diretos da enunciação e ao telespectador (“Alô, amigos da Rede Globo”, “torcedor”), informações sobre a escalação dos times, a intercalação de turnos de fala com comentaristas, a narração das ações que se passam em campo, a presença da publicidade, inclusive a da programação da emissora, e de seu slogan “Globo, a gente se vê por aqui”, entre outros, revelam uma regularidade nestes enunciados.

Esse comportamento discursivo deve-se também à escola, a uma corrente de narradores, da qual CM é discípulo, que não restringem seu discurso à função enunciativa que lhes é atribuída, mas que acreditam ser papel do narrador não só narrar, mas também informar, emitir opinião, solicitar informações e reprises, avaliar e propor questões passíveis de discussões aos seus interlocutores.

Embora tenhamos citado alguns exemplos na narrativa empreendida por Cléber Machado, admitimos que o maior representante deste estilo hoje é o narrador Sílvio Luiz, considerado por Guerra (2006, p.121) como um locutor que “se diferencia, com a plena consciência de que é responsável por uma transmissão absolutamente ajustada ao meio”. Segundo o pesquisador, este estilo displicente, difuso, que não se encerra na função discursiva de narrar o evento, que geralmente vincula o narrador apenas à sua função enunciativa de narrar eventos acompanhando a imagem, mostra uma forma de narrar mais adequada à transmissão televisiva. William citado por Guerra (2006, p.122), afirma que com Sílvio

Começava a nascer um estilo único de locução esportiva. Sílvio vai, aos poucos, rompendo com o padrão clássico de narração em televisão e passa a fazer brincadeiras, criar bordões e até a avisar no ar que havia problemas técnicos na transmissão... Pela primeira vez um narrador de televisão rompia com a escola do rádio para comunicar-se de maneira inovadora.... Sílvio Luiz abandonava o até então único modo de se transmitir futebol, e finalmente libertava a imagem na televisão, percebendo o que era evidente: o telespectador estava vendo o que ocorria. Não era preciso dizer o que ele já sabia.

Enfim, a narrativa de Sílvio Luiz demonstra que o óbvio, ou seja, o que o telespectador vê em campo, não necessitava ser narrado com pormenores, o que permite ao narrador assumir as mais diversas funções discursivas, revelando um sujeito caracterizado por uma dispersão retórica.

3.3.2 Ação e Discurso na narrativa da Rede Globo

Consideremos, a partir deste ponto, a categoria das ações, observando como se realizam durante a produção discursiva.

É importante retomarmos a ideia de que, ao enunciar, agimos por meio do discurso e levamos o(s) nosso(s) interlocutor(es) também a agir. A linguagem é uma forma de ação. Por isso, a partir do que apresentamos em relação às ações discursivas desempenhadas pelo narrador de “solicitar” – informações dos repórteres, avaliação do desempenho dos times, avaliação sobre o desempenho da arbitragem, reprises de lances, lances de outras partidas – e “propor” – discussão sobre aspectos do jogo e sobre fatos de arbitragem –, discutiremos como se realiza a interação entre CM e seus interlocutores.

Tomaremos como ponto de partida a figura desse narrador, tendo em vista que ele atua como um enunciador responsável por centralizar a troca verbal e, conseqüentemente, por coordenar essa interação. Nosso objetivo, portanto, é descrever o modo como o narrador se dirige aos seus interlocutores, e se essa ação verbal conduz a outra ação consecutiva. Nosso intuito é também mostrar se tal ação segue uma regra prévia relativa à função enunciativa dos participantes da interação e, por fim, verificar se o significado dos atos de linguagem produzidos por CM condicionam as ações dos interlocutores.

Partindo, portanto, da posição enunciativa do narrador, observaremos, a princípio, os diversos modos como o narrador exerce as funções discursivas de “solicitar”, “propor” e “atender a um pedido/passar a palavra”, as quais se manifestam, a partir de atos de fala diretos e indiretos que apresentam forças ilocucionais com características distintas. Mais adiante, veremos alguns exemplos que demonstram a recorrência dessa função, ao longo da narrativa, na voz do narrador em pauta. Nos trechos em análise o enunciado foi sublinhado.

Trecho	Ação discursiva	Ato de fala/Força Ilocucional ¹³
CM: O Goiás vai tentando chegar com o Tiago Feltre, bola pra dentro da área, o toque de cabeça do Rodrigo. Voltou a bola. E a zaga afastada... a face da zaga com o André. <u>Diga, Mauro.</u>	Atender a um pedido/ passar a palavra	Direto; π : diretivo; μ : interpelação; θ : verbo no imperativo; Σ : como narrador ser gerenciador de turnos ao longo da narrativa; Ψ : que a fala do repórter deva trazer algo de relevante para a narrativa
CM: E o Vitor tomou um cartão amarelo também naquela jogada com o Jorge Wagner. O Vitor também tomou cartão amarelo. <u>Diga, Bruno.</u>	Atender a um pedido/passar a palavra	Direto; π : diretivo; μ : interpelação; θ : verbo no imperativo; Σ : como narrador ser gerenciador de turnos ao longo da narrativa; Ψ : que a fala do repórter deva trazer algo de relevante para a narrativa

¹³ π (Ponto de realização); μ (Modo de realização); θ (Condições de conteúdo proposicional); Σ (Condições preparatórias); Ψ (Condições de sinceridade).

<p>CM: [...] Mais uma falta pro time do São Paulo. Se com o campo seco já é ruim pro goleiro, imagina agora (imagem da torcida do São Paulo na chuva). <u>Cê achou falta, Arnaldo?</u></p>	<p>Solicitar avaliação sobre o desempenho da arbitragem.</p>	<p>Direto; π: diretivo; μ: pergunta; θ: forma interrogativa do enunciado; Σ: como narrador ser gerenciador de turnos ao longo da narrativa; Ψ: que a opinião do interlocutor deva trazer algo de relevante para a narrativa</p>
<p>CM: Eh... ele deu falta do Ramalho, que não houve e o Rogério vai lá! <u>Como é que é o número ali, Mauro? 83?</u></p>	<p>Solicitar informações ao repórter.</p>	<p>Direto; π: diretivo; μ: pergunta; θ: forma interrogativa do enunciado; Σ: como narrador ser gerenciador de turnos ao longo da narrativa; Ψ: que a informação do interlocutor deva trazer algo de relevante para a narrativa</p>
<p>CM: [...] Entrou o Alex Terra e... saiu o Fausto do time do Goiás (diz após “gráfico” indicar na tela) [...] Paulo Bayer, faz o corte o André Dias pelo time do São Paulo, jogou pra frente. <u>O quanto pensa no relógio o jogador do São Paulo agora?</u></p>	<p>Propor discussão sobre aspectos do jogo (ao comentarista?).</p>	<p>Direto; π: diretivo; μ: pergunta; θ: forma interrogativa do enunciado; Σ: como narrador ser gerenciador de turnos ao longo da narrativa; Ψ: que a opinião do interlocutor deva trazer algo de relevante para a narrativa</p>
<p>CM: [...] O torcedor ligado no futebol da Globo, navega pela internet e participa com a gente (mensagem aparece no vídeo). “O São Paulo está jogando como campeão?”, o Alex, que está em São Francisco nos Estados Unidos, quer saber. <u>Esse jogo tá jogando como campeão?</u></p>	<p>Solicitar avaliação sobre o desempenho dos times.</p>	<p>Direto; π: diretivo; μ: pergunta; θ: forma interrogativa do enunciado; Σ: como narrador ser gerenciador de turnos ao longo da narrativa; Ψ: que a avaliação do interlocutor deva trazer algo de relevante para a narrativa</p>
<p>CM: <u>Cê também acha?</u></p>	<p>Solicitar avaliação sobre o desempenho dos times.</p>	<p>Direto; π: diretivo; μ: pergunta; θ: forma interrogativa do enunciado; Σ: como narrador ser gerenciador de turnos ao longo da narrativa; Ψ: que a avaliação do interlocutor deva trazer algo de relevante para a narrativa</p>
<p>CM: O pessoal do Goiás ta bravo agora com o... Jaílson Freitas, <u>Arnaldo?</u></p>	<p>Solicitar avaliação sobre o desempenho da arbitragem.</p>	<p>Direto; π: diretivo; μ: pedido; θ: forma interrogativa do enunciado; Σ: como narrador ser gerenciador de turnos ao longo da narrativa; Ψ: que a avaliação do interlocutor deva trazer algo de relevante para a narrativa</p>
<p>CM: [...] O Grêmio precisa vencer o jogo como está vencendo, mas precisa de uma vitória do Goiás aqui em Brasília e o Goiás muda de <u>novo, Bruno?</u></p>	<p>Solicitar informações do repórter.</p>	<p>Direto; π: diretivo; μ: pedido; θ: forma interrogativa do enunciado; Σ: como narrador ser gerenciador de turnos ao longo da narrativa; Ψ: que a avaliação do interlocutor deva trazer algo de relevante para a narrativa</p>

Notamos que o narrador solicita, em muitos momentos da narrativa, a presença dos demais participantes da enunciação. Esse movimento imprime à narrativa maior dinamicidade das informações, quando transmitidas ao público. O que nos chama a atenção é o modo como esses participantes são evocados, já que, na metade das vezes em que o narrador os convoca, o faz implicitamente. Selecionamos estes excertos do quadro acima: – “O quanto pensa no relógio o jogador do São Paulo agora?”, “Esse jogo tá jogando como campeão?” e “Cê também acha?”. De que forma, então, cada enunciador sabe a quem se dirige cada uma das perguntas do narrador e, por conseguinte, a responde? Como já discutimos, embora o narrador, assim como os demais sujeitos, possa assumir diferentes funções discursivas ao longo da produção da narrativa, ele exerce uma função enunciativa pré-determinada (a de narrar, por exemplo).

Isso também acontece com os demais interlocutores, aos quais é atribuída uma função enunciativa pré-determinada e, por isso, reconhecem no discurso do narrador o conteúdo temático a que se vinculam na enunciação, identificando-o com sua função enunciativa e, conseqüentemente, assumindo o turno de fala para responder ao narrador.

Como podemos perceber, os enunciados do narrador, neste contexto enunciativo caracterizam-se como diretos e são realizados por meio de formas linguísticas comuns a esse tipo de ato, como o uso do modo imperativo e de formas interrogativas para enunciar uma interpelação, um pedido e uma pergunta. Observamos que o fato de o enunciado apresentar ou não o interlocutor de forma explícita, não impede que este ato seja considerado direto. Além disso, as funções enunciativas de “solicitar”, “propor” e “atender a um pedido/passar a palavra” se materializam de formas variadas quanto ao modo – interpelação, pergunta, pedido.

Para que um ato de fala se realize, é necessária a presença, no quadro da enunciação, de um locutor, de uma proposição e de um ou mais interlocutores, que interagem entre si. A partir de agora, nos interessa tecer alguns comentários acerca das ações implicadas nessa interação narrador/interlocutores em tal situação comunicativa.

Trecho _{narrador}	Ação ₁	Trecho _{interlocutores}	Ação ₂
CM: O Goiás vai tentando chegar com o Tiago Feltre, bola pra dentro da área, o toque de cabeça do Rodrigo. Voltou a bola. E a zaga afastada... a face da zaga com o André. <u>Diga, Mauro.</u>	Atender a um pedido ou passar a palavra	MN: É, pra terminar essa história, né, Cléber, que pode render muitos anos ainda, a posição, e ele, não sei se vai dar entrevista depois, a posição do assistente é que ele achou que foi gol contra.	Informar episódios diversos de bastidores.
CM: E o Vitor tomou um cartão amarelo também naquela jogada com o Jorge Wagner. O Vitor também tomou cartão amarelo.	Atender a um pedido ou passar a palavra	Bruno: O Alex Terra, 17, vai pro jogo no lugar do Fausto que tem a camisa número 9. O Vitor tá trocando aqui as chuteiras do lado	Informar episódios diversos de bastidores e

<u>Diga, Bruno.</u>		de fora do campo.	substituições.
CM: [...] Entrou o Alex Terra e... saiu o Fausto do time do Goiás (diz após “gráfico” indicar na tela) [...] Paulo Bayer, faz o corte o André Dias pelo time do São Paulo, jogou pra frente. <u>O quanto pensa no relógio o jogador do São Paulo agora?</u>	Propor discussão sobre aspectos do jogo (ao comentarista?).	F: É muito, muito. Mas o o... o que deve... o São Paulo não ta pensando muito também, né, Cléber, porque o Goiás não tem chegado. Faz horas que ele não chega perto do... do do... do Rogério. O time ta sem consistência ofensiva, é muito jogo de meio campo.	Emitir opinião sobre andamento do jogo.
CM: [...] Mais uma falta pro time do São Paulo. Se com o campo seco já é ruim pro goleiro, imagina agora (imagem da torcida do São Paulo na chuva). <u>Cê achou falta, Arnaldo?</u>	Solicitar avaliação sobre desempenho da arbitragem (falta).	A: Achei falta, mas, nesse lance é é... a gente não tem como analisar direito porque ta... todo mundo ta derrapando dentro de campo. Se entrar com a chuteira com trava de borracha, ta tudo molhado...	Emitir opinião sobre desempenho da arbitragem.
CM: [...] O Grêmio precisa vencer o jogo como está vencendo, mas precisa de uma vitória do Goiás aqui em Brasília e o Goiás muda de novo, <u>Bruno?</u>	Solicitar informações ao repórter.	Bruno: Romerito, 18, no lugar do Fabel que tem a número 7.	Informar substituições.
CM: [...] O torcedor ligado no futebol da Globo, navega pela internet e participa com a gente (mensagem aparece no vídeo). “O São Paulo está jogando como campeão?”, o Alex, que está em São Francisco nos Estados Unidos, quer saber. <u>Esse jogo tá jogando como campeão?</u>	Solicitar avaliação sobre desempenho das equipes (ao comentarista?)	C.: O jogo de hoje sim. O jogo de hoje o São Paulo volta a ser aquele São Paulo competitivo, que marca forte, que não dá espaço ao adversário e que na retomada de bola é objetivo. Faz hoje uma grande partida.	Emitir opinião sobre o desempenho das equipes.
CM: <u>Cê também acha?</u>	Solicitar avaliação sobre desempenho das equipes (ao comentarista?)	F: Muito ajudado, né? O capitão do time... o time do São Paulo faz um bom jogo. Muito ajudado pelo adversário o adversário não tem chegada, é um time frágil no ataque, o time do São Paulo, é um time que ta melhor, inclusive fisicamente. E merece o resultado.	Emitir opinião sobre o desempenho das equipes.
CM: O pessoal do Goiás tá bravo agora com o... Jaílson Freitas, <u>Arnaldo?</u>	Solicitar avaliação sobre desempenho da arbitragem.	A: Porque o Hugo forçou uma falta. A bola o Hugo bateu a falta pro Borges e foi receber na frente. A bola, o zagueiro tira a bola, o Borges tropeça no zagueiro e ele marcou falta. Errou o juiz.	Emitir opinião sobre o desempenho da arbitragem.

CM: Eh... ele deu falta do Ramalho, que não houve e o Rogério vai lá! <u>Como é que é o número ali, Mauro? 83?</u>	Solicitar informações ao repórter.	MN: É, 83 gols oficialmente, reconhecidos pela FIFA.	Informar dados dos participantes da partida.
---	------------------------------------	---	--

Notamos, no quadro acima, que os atos diretos citados implicam uma ação consecutiva por parte dos interlocutores, o que não acontece de forma arbitrária, pois depende de esses atos seguirem uma regra a qual condiciona a satisfação, ou não, de uma ação. Eis as regras a que cada um dos interlocutores obedece e que podem ser comprovadas pelo quadro anterior

Interlocutor	Regra
ACC	Condiciona-o a enunciar seu posicionamento, por meio da modalidade comentário, diante das ações dos jogadores e do trio de arbitragem, que ocorrem na partida. Condiciona-o a enunciar informações do jogo, como o trio de arbitragem.
PRF	Condiciona-o a enunciar seu posicionamento, por meio da modalidade comentário, diante das ações dos jogadores, que ocorrem na partida.
CRD	Condiciona-o a enunciar seu posicionamento, por meio da modalidade comentário, diante das ações dos jogadores, que ocorrem na partida.
MN	Condiciona-o a enunciar informações do jogo, como resultado, tempo, cartões, substituições, público, renda, episódios diversos de bastidores, e dados/histórico dos participantes da partida.
B	Condiciona-o a enunciar informações do jogo, como resultado, tempo, cartões, substituições, público, renda, episódios diversos de bastidores.

Devido à existência dessas regras que controlam e guiam o que, por quem e quando pode e deve ser dito, percebemos que o significado de muitos atos diretos condiciona os interlocutores de Cléber Machado a realizarem um ato assertivo como forma de dar uma resposta a ele. Isso explica, por exemplo, o fato de o narrador, ao praticar um ato direto como: “O Hernanes tá ali, será que o Hernanes vai bater?”, ouvir um ato assertivo da parte do repórter que segue a regra de informar dados do jogo ou dos bastidores, aos quais só tem acesso o jornalista responsável por esta função enunciativa.

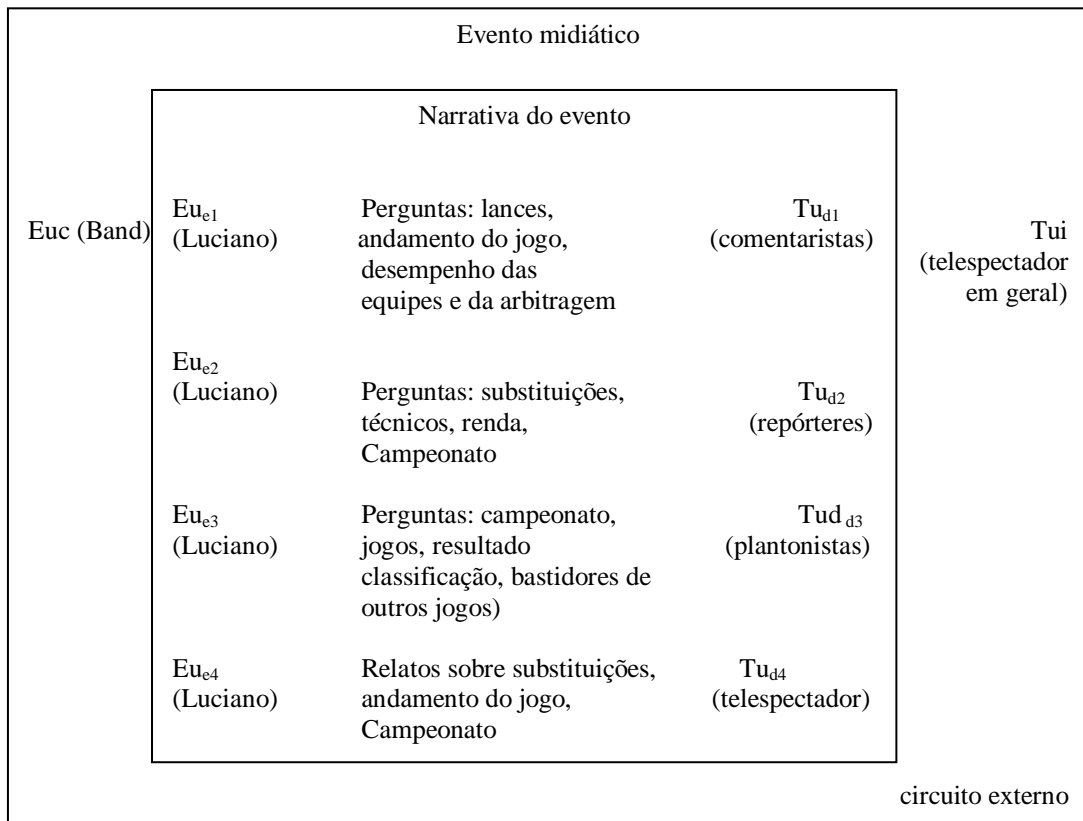
3.4 A narrativa esportiva de futebol na BAND

A narrativa transmitida pela Band – Rede Bandeirantes de Televisão –, construída a partir da disputa entre as equipes do São Paulo e do Goiás, no Estádio Walmir Campelo Bezerra, conhecido como Bezerrão, faz parte dos últimos jogos da 38ª rodada do *Campeonato Brasileiro de 2008*. Como já dissemos, o time paulista joga “fora de casa” e o Goiás, devido a

problemas em seu estádio, precisa jogar neste estádio localizado em Gama, cidade-satélite do Distrito Federal.

Realizamos um recorte no *corpus*, devido à sua extensão (considerando as quatro narrativas coletadas) e ao objetivo desta pesquisa, que é promover uma primeira aproximação dos estudos do discurso e a *narrativa esportiva de futebol*. Assim, focalizaremos nossa análise, novamente, no 2º tempo da partida, por o considerarmos decisivo para o resultado final da partida e, no caso das narrativas da TV, no resultado final do campeonato.

Partindo, inicialmente, da análise da cena enunciativa, observamos que a Band apresenta uma equipe de seis jornalistas que desempenham funções distintas durante a produção da narrativa. Em relação ao telespectador, todos eles atuam como sujeitos responsáveis por “desencadearem” a enunciação que tem como pressuposto a interação com esse telespectador que assiste à partida. Há, também, uma relação de interlocução entre o narrador (Luciano do Valle), os comentaristas (Oscar Roberto Godói, José Ferreira Neto), os repórteres (Fernando Fernandes, Antônio Pétrin) e os plantonistas (Rodrigo e Cassiano), considerando-se que dialogam entre si e com o telespectador, o que estabelece um duplo movimento em termos de enunciação. Eles atuam como enunciadorees em relação ao telespectador e também como enunciatários uns dos outros. Podemos representar os sujeitos participantes da construção dessa narrativa e suas respectivas funções no esquema abaixo, baseado no quadro enunciativo proposto por Charaudeau.



Cena enunciativa geral

Este quadro demonstra, de forma sucinta, o papel desempenhado pelos sujeitos que participam dessa interação. Assim, observamos que, em um circuito externo de produção do enunciado, os participantes são a Band, que possui a função de um *eu comunicante* (EUC), o qual enuncia por meio de diversos sujeitos que dão voz à emissora durante a construção da narrativa e que intercambiam sua função enunciativa no transcorrer do evento. Nesse mesmo circuito, inscreve-se o telespectador como um *tu* interpretante, o público que é idealizado como interlocutor e cuja audiência a emissora visa a conquistar, por meio de estratégias discursivas materializadas no discurso do EUC. Assim, o circuito externo caracteriza o nível situacional, que representa o lugar de um *fazer* psicossocial.

No circuito interno da enunciação, percebemos a presença do narrador que assume a função enunciativa de *eu enunciator* (Eue), atuando como *porta-voz* da instituição da qual é funcionário, elaborando estratégias que trazem à tona os anseios da emissora, que são materializados na função enunciativa ocupada por esses enunciatadores.

Em uma *narrativa esportiva de futebol*, podemos considerar, sob outro ângulo, os diversos sujeitos que enunciam (comentaristas, repórteres e plantonistas) como enunciatadores

e, conseqüentemente, o telespectador como um Tud a quem todos eles se dirigem. No entanto, neste trabalho, abordaremos apenas a interação entre narrador (EUE) e demais participantes (TUd), incluindo neste último o torcedor. Logo, o *tu destinatário* (TUd) consiste nas diversas instâncias de interlocução, descritas no quadro, durante as quais o enunciador interage. Esse circuito interno caracteriza o nível comunicacional, o qual representa o lugar onde o *dizer* é organizado.

Porque na análise da narrativa anterior procedemos a uma criteriosa discussão sobre qual(is) seria(m) função(ões) de um enunciador que assume a função enunciativa de narrador de uma *narrativa esportiva de futebol*, nesta seção apenas retomaremos a ideia de que sua principal função é relatar os fatos e descrevê-los.

Vejamos no quadro a seguir as principais funções discursivas desempenhadas pelo narrador (LV) e pelos demais participantes dessa enunciação. Marcamos com um “x” as funções e os fatos a elas relacionados e referentes a cada uma das instâncias enunciativas.

Função discursiva	Fatos	Narrador	C-1 (ORG)	C-2 (JFN)	R-1 (FF)	R-2 (AP)	P-1 (R)	P-2 (C)
narrar	O evento	x						
informar	Escalação dos times	x						
	Trio de arbitragem	x						
	Substituições	x			x	x		
	Dados do jogo: resultado, tempo, cartões, público	x		x	x			
	Episódios diversos de bastidores	x		x	x	x		
	Dados/histórico dos participantes da partida			x	x	x		
	Campeonato: resultados, classificação	x		x	x		x	x
	Dados paralelos ao evento	x						
emitir opinião	Andamento do jogo (faltas, chutes a gol, bolas na trave, escanteios, posse de bola etc)	x	x	x				

	Desempenho das equipas	x		x				
	Desempenho da arbitragem (lances duvidosos, disciplina)		x					
	Episódios de bastidores	x	x	x				
	Desenrolar do campeonato (tabela, resultados, classificação)	x		x				
solicitar	Informações dos repórteres	x						
	Avaliação sobre o desempenho dos times	x						
	Avaliação sobre o desempenho da arbitragem	x						
	Reprise de lances	x						
	Lances de outras partidas	x						
propor	Discussão sobre aspectos técnicos do jogo	x						
	Discussão sobre fatos de arbitragem	x						

Nesta narrativa, o narrador também ocupa uma função primordial e central, gerenciando os turnos de fala dos quais detém a maioria, e as informações que devem ser repassadas. Apesar disso, observamos, em muitos momentos que, por a narrativa transmitida pela Band ter um carácter mais descontraído, Pétrin, Fernando e Neto, em especial, pedem o turno de fala ou o assumem naturalmente. É perceptível, também, que os participantes possuem funções específicas na enunciação que se complementam, a fim de produzir um sentido para o telespectador.

Dentre as funções discursivas¹⁴ elencadas no quadro, podemos destacar como comuns a um narrador de uma partida de futebol as de narrar as ações, solicitar a participação de comentaristas e de repórteres e propor temas para discussão ao longo da partida. Podemos

¹⁴ Atribuímos à função enunciativa os valores associados ao locutor (Euc, Eue) e ao alocutário (Tud, Tui) e à função discursiva, valores inerentes a gêneros específicos (narrar, informar...)

notar, no entanto, que o narrador acaba por desempenhar outras funções, as quais seriam típicas dos demais participantes da enunciação, o que nos leva a concluir que, dentre todos eles, o narrador é o que exerce o maior número de funções discursivas durante a produção da narrativa.

Isso acontece durante a produção do enunciado, porque, ao desempenhar a função discursiva que lhe é própria, esta exige que ele assuma outra função e assim por diante. Um exemplo disso é um momento em que, ao informar a ação de um jogador, ele emite uma opinião sobre o desempenho deste e, por sua vez, solicita uma avaliação do desempenho do atleta ao comentarista. Por meio desta e de outras ocorrências durante a narrativa, podemos afirmar que o narrador é a instância enunciativa que desempenha o maior número de funções discursivas, também nesta enunciação.

Vejamos alguns exemplos, nesta narrativa, nos quais o narrador atende à função discursiva de narrar as ações, solicitar a participação de comentaristas e de repórteres e propor temas para discussão ao longo da partida e, a seguir, outros em que ele exerce outras funções, a fim de comprovar o que foi descrito na tabela acima.

LV: Bola devolvida lá pro Rogério Ceni. Levantamento Rogério. (...) Rodrigo!

LV: Dentro da grande área o Borges. Esqueceu a bola.

LV: Paulo Bayer!!! Cruzou logo pelo gol.

LV: Hernanes. Boa a bola. Olha só! O cruzamento partiu, olha o gol do São Paulo!!! Ainda o gol do São Paulo!!! Não entrou!!! Borges da primeira vez, e na segunda vez a bola metida na trave pelo Dagoberto! Essa foi demais!! Vale à pena você rever (replay) a lá! Bateu, inda bateu no zagueirão Henrique, a bola ficou amortecida na perna! Porque normalmente bateria na perna e entraria.

LV: Jorge Wagner dominou pra equipe do São Paulo. Saiu cruzamento, sai bem o goleiro.

LV: Vem Joflson. Recebeu Hernanes. Deu só o tiro de meta. Cê tava falando câimbra?

LV: Tá no Dagoberto! Vai pra grande área. Torcedor queria pênalti. Só isso.

LV: Rogério Ceni saiu lentamente lá de trás. Agora tá mais pra ele, hein?

Esses trechos são os únicos turnos de fala do 2º tempo em que o narrador atende apenas à função de narrador. Neles, Luciano do Valle narra ações dos jogadores e gerencia o

turno de fala dos demais interlocutores, o que caracteriza algumas das funções discursivas assumidas por um narrador. Analisemos, agora, alguns exemplos nos quais percebemos que ele oscila entre atender à função discursiva citada anteriormente e distanciar-se dela.

LV: Olha o Cruzeiro se garantindo, o Palmeiras, Palmeiras tá perdendo em casa. Dá pro Flamengo virá esse jogo aí, o Palmeiras perde a vaga da Libertadores, hein? E o Cruzeiro parece que fez gol já já nós vamo ver aí, hein? Parece que já virou pra 2 a 1, hein? Enquanto isso, ganha o São Paulo. Richarlisson. É o que eu diria, que o que eu dizia a você logo na abertura da transmissão, que a cada minuto ia acontecer um monte de coisa. (...) Boa antecipação feita ali pelo Rafael. (...) Dagoberto, Dagoberto, ia pra dentro da grande área com o Hernanes. Melhor pra equipe do Goiás.

Este excerto exemplifica o caráter caótico da maior parte dos turnos de fala do narrador, em termos da organização discursiva. Isso ocorre, porque ele assume diversas funções que, ou não lhe são atribuídas ou não lhe são típicas, o que resulta na mescla de conteúdos temáticos variados ao seu enunciado. A fim de tornar mais fácil a compreensão, apresentaremos o trecho acima em excertos apontando as ações discursivas¹⁵ que podemos encontrar nesta fala do narrador.

Excertos do trecho	Ações discursivas
“Olha o Cruzeiro se garantindo, o Palmeiras, Palmeiras tá perdendo em casa. Dá pro Flamengo virá esse jogo aí, o Palmeiras perde a vaga da Libertadores, hein? [...]”	Informar sobre campeonato.
“[...] E o Cruzeiro parece que fez gol já já nós vamo ver aí, hein? Parece que já virou pra 2 a 1, hein?”	Informar sobre campeonato./Solicitar lances de outras partidas.
“[...] Enquanto isso, ganha o São Paulo.”	Informar dados do jogo.
“[...] Richarlisson. [...] Boa antecipação feita ali pelo Rafael. (...) Dagoberto, Dagoberto, ia pra dentro da grande área com o Hernanes. [...]”	Narrar o evento.
“[...] É o que eu diria, que o que eu dizia a você logo na abertura da transmissão, que a cada minuto ia acontecer um monte de coisa. [...]”	Narrar o evento.
“[...] Melhor pra equipe do Goiás.”	Emitir opinião sobre andamento do jogo.

Deduzimos, pela tabela, que Luciano do Valle, além da função discursiva típica de um narrador (relatar o evento e descrever as ações do jogo), desempenha outras que seriam normalmente assumidas por um repórter, (dar informações sobre os times, sobre o campeonato e outros dados paralelos relativos aos protagonistas do evento) e por um

¹⁵ Estamos considerando uma ação discursiva a junção de uma função discursiva a um fato.

comentarista (emitir opinião sobre o andamento do jogo). LV assume aqui outra função discursiva comumente atribuída aos narradores em geral. Trata-se da metanarrativa, função que abrangeria todas as funções desempenhadas pelo narrador que se define como metanarrador, pois não se circunscreve a apenas uma função discursiva, ao contrário dos demais enunciadores que assumem um turno de fala com uma função determinada. Vejamos outro exemplo.

LV: 2 a 1 Cruzeiro, ou seja, o Cruzeiro vai pra 67 pontos, já deixou o Palmeiras tá perdendo o meia cinco e o Flamengo que tá na cola ali do Atlético Paranaense, 3 a 2. Se o Flamengo virar o jogo, o Palmeiras fica fora dos quatro da Libertadores. Aí a crise vai se instalar de vez, hein? Mas por enquanto tá só no “se”. Dagoberto, vai bater, avisou, bateu, espalma o goleirão!!! Harlei. Sacudindo o torcedor daqui. Realmente o torcedor do São Paulo viu o gol de perto!! É que ele é um grande goleiro!! Não é à toa que ele é o capitão do Goiás!! Numa bomba do Dagoberto! (...) Cidade aqui de Gama, né? É que a gente fala Brasília porque é tudo, são cidades-satélite, então é um ponto de referência, mas é verdade, né? Se você tá em Santo André, no ABC, cê não tá ainda em São Paulo, é por isso mesmo aqui é Gama. Lá vai o Jorge pra cobrança de escanteio pro time do São Paulo. Bateu bem! Tiro de meta. Richarlisson, aparecendo ali...

Esses trechos confirmam que o fato de o narrador assumir diversas funções discursivas, interfere na organização do discurso que ele enuncia. Sua fala recupera elementos que caracterizam a função não apenas de narrador, mas também de comentarista e de repórter. Mais uma vez, usaremos o quadro explicativo, a fim de mostrar mais claramente as diversas funções discursivas que o narrador-enunciador assume, a partir das ações discursivas por ele realizadas.

Excertos do trecho	Ações discursivas
“2 a 1 Cruzeiro, ou seja, o Cruzeiro vai pra 67 pontos, já deixou o Palmeiras tá perdendo o meia cinco e o Flamengo que tá na cola ali do Atlético Paranaense, 3 a 2. Se o Flamengo virar o jogo, o Palmeiras fica fora dos quatro da Libertadores. [...]”	Informar sobre campeonato.
“[...] Aí a crise vai se instalar de vez, hein? Mas por enquanto tá só no “se”.”	Emitir opinião sobre desenrolar do campeonato.
“[...] Dagoberto, vai bater, avisou, bateu, espalma o goleirão!!! Harlei. [...]”	Narrar o evento.
“[...] Sacudindo o torcedor daqui. Realmente o torcedor do São Paulo viu o gol de perto!! [...]”	Emitir opinião sobre desempenho das equipes.
“[...] Numa bomba do Dagoberto! [...]”	Narrar o evento.
“[...] É que ele é um grande goleiro!! Não é à toa que ele é o capitão do Goiás!! [...]”	Informar dados paralelos ao evento.
“[...] Cidade aqui de Gama, né? É que a gente fala Brasília porque é tudo, são cidades-satélite, então é um ponto de referência, mas é verdade, né? Se você tá em Santo André, no ABC, cê não tá ainda em São Paulo, é por isso mesmo aqui é Gama. [...]”	Informar dados paralelos ao evento.
“[...] Lá vai o Jorge pra cobrança de escanteio pro time do	Narrar o evento.

São Paulo. Bateu bem! Tiro de meta. Richarlisson, aparecendo ali... [...]"	
--	--

A seguir, um último excerto que não só corrobora o que já afirmamos sobre a diversidade na função discursiva do narrador nesta narrativa, mas também apresenta outra função ainda não analisada: anunciar patrocinadores e seus eventos e a programação da própria emissora. Assim, em alguns momentos, o narrador assume a função discursiva de anunciante, porque atua como porta-voz das instituições que patrocinam a transmissão da BAND, e dos produtos, sejam eles materiais ou culturais.

LV: Richarlisson! Já dá o bico pra fora, arremesso lateral. Vem aí “Escolinha Muito Louca”, estréia dia 15, 8 e 15 da noite, aqui na Band. Cê vai ver cada peça comandada... a escolinha, né, pelo professor Sidney Magal. Eu tive a oportunidade de conversar com o Sidney, tá bem feliz, é um grande desafio. Paulo Bayer. André. O time do São Paulo tá mais preocupado muito em acertar a bola, () a bola não, viu?

Excertos dos trecho	Ações discursivas
“Richarlisson! Já dá o bico pra fora, arremesso lateral. [...]"	Narrar o evento.
“[...] Vem aí “Escolinha Muito Louca”, estréia dia 15, 8 e 15 da noite, aqui na Band. Cê vai ver cada peça comandada... a escolinha, né, pelo professor Sidney Magal. Eu tive a oportunidade de conversar com o Sidney, tá bem feliz, é um grande desafio. [...]"	Anunciar patrocinadores e a programação da emissora.
“[...] Paulo Bayer. André. [...]"	Narrar o evento.
“[...] O time do São Paulo tá mais preocupado muito em acertar a bola, () a bola não, viu?"	Emitir opinião sobre desempenho das equipes.

Podemos dizer, após a análise das funções desempenhadas pela instância enunciativa do narrador, que essa diversidade de funções/papéis discursivos não prejudica a compreensão do telespectador, já que eles cooperam para a construção da narrativa. Assim, as ações de emitir opinião, anunciar, informar, dentre outras, compõem a ação de narrar, tornando a narrativa mais completa em termos de informação.

Percebemos, também, que Luciano do Valle organiza seu discurso de um modo distinto daquele que se espera de um sujeito que propõe a atender a tal posição enunciativa. Esse modo de organização, alternando na maior parte de seus turnos de fala a função de narrar com outras que não são características de um narrador, revelam seu estilo. Como já dissemos, a procura por um estilo próprio parece ser uma necessidade entre os narradores esportivos que almejam, por meio de seu discurso, ou do modo como organizam todas as informações que precisam ser transmitidas, criar uma identidade sócio-discursiva.

Na narrativa de Luciano, percebemos que o comentário sobrepõe-se ao relato, não só porque ele divide mais os turnos de fala com seus co-enunciadores, mas também porque, em seus próprios turnos de fala, ele se atém mais aos comentários sobre as ações que ocorrem na partida ou em outras partidas - resultados e classificação das equipes -, do que ao relato das ações em si. Se destacarmos esses elementos na narrativa, perceberemos essa característica claramente.

De acordo com Guerra (2006), Luciano do Valle desempenhou um papel importante na difusão do jornalismo esportivo na televisão, tendo trabalhado inicialmente na Rede Globo, onde foi destaque nas transmissões de partidas de futebol. Quando foi contratado pela Rede Bandeirantes, implantou uma programação forte voltada para os esportes em geral, o que chegou a ameaçar a audiência da Rede Globo. Adotando um estilo mais típico do rádio e uma empolgação ao narrar, “[...] Luciano do Valle sempre usou a emoção ao extremo, optou pelo grito de gol demorado, tal qual os locutores de rádio. Carrega o crédito de melhor do país para muitos torcedores que se mantêm fiéis a seu estilo” (GUERRA, 2006, p. 118).

Devido às características de sua narrativa, os enunciados de Luciano são permeados de expressões populares, metáforas, prolongamento de vogais e uma referência constante ao telespectador. Isso o aproxima do campo, para sentir até mesmo o clima, ouvir o “barulho” da torcida, ver “de perto” o que o narrador está vendo da sua cabine, no estádio onde se realiza a partida.

Outro traço estilístico recorrente e vinculado à sua intenção de construir uma narrativa descontraída é o fato de ele não assumir, muitas vezes, a responsabilidade de determinar quem deve assumir o turno de fala, como, por exemplo, quando um comentarista, simplesmente, fala “sem ser chamado”. Apesar disso, observamos que seus interlocutores, em alguns momentos, lhe pedem a palavra, ocorrência que requer um sinal positivo, uma confirmação, por parte do narrador para que enunciem. Assim, a narrativa parece fluir naturalmente, de forma organizada, para que o telespectador possa compreender o que acontece em campo.

Analisamos, a seguir, as funções discursivas assumidas por C1 (Oscar Roberto Godói), o qual participa da narrativa, ocupando inicialmente uma função bem delimitada: informar e comentar as ações do trio de arbitragem dos jogos transmitidos pela Band. Destaquemos alguns exemplos, a fim de comprovarmos nossa hipótese, ou verificar se há ocorrência de outras funções relativas a este enunciator, durante a produção desta narrativa.

Excertos do trecho	Ações discursivas
“Olha, Luciano, ô Luciano eh... uai foi o árbitro que falou isso ou foi o assistente? Se foi o árbitro, no posicionamento,	Emitir opinião sobre episódios de bastidores (relativos à arbitragem).

na posição dele, pode dar essa impressão, agora, se foi o assistente, pode mandar ele lá pro doutor João Sobral pra fazer exame de vista que ele ta cego. (...)”	
“Isso daí é pra justificar o erro... [...] é pra justificar o erro, Luciano... [...] é pra justificar o erro, Luciano... [...] É pra justificar o erro! [...] Mas não assumir que errou! Aí a... fala que achou que foi contra o gol.”	Emitir opinião sobre episódios de bastidores (relativos à arbitragem).
“Ficou de bom tamanho, Luciano, porque o Dagoberto também encenou bastante. É o sexto amarelo, já, eh... cinco para o... jogadores do Goiás e o o o árbitro tem, o Jaílson tem uma média de sete cartões por jogo, amarelos.”	Emitir opinião sobre andamento do jogo (falta) e sobre desempenho da arbitragem.
“Diria que pela fria que o Jaílson entrou, ele se saiu bem, né? E se não fosse o erro grotesco do Alessandro Mattos, a arbitragem poderia ser considerada muito boa, mas o erro que acabou pesando no resultado, porque até agora temos um gol do jogo e o único gol marcado de forma irregular. Portanto, ele tá apitando bem num jogo que ele não foi tão exigido, o assistente Alessandro acabou prejudicando o trabalho do trabalho do Jaílson e o Milton até agora não fez nada a não ser assistir o jogo. Medalha de bronze para o trio, Luciano.”	Emitir opinião sobre desempenho da arbitragem.

Nos exemplos acima, a maior parte das funções discursivas exercidas por C1 coincide com sua função enunciativa, pois, ele emite opinião acerca do desempenho da arbitragem ou do andamento do jogo. Os enunciados demonstram uma temática que gira em torno do cometimento de faltas, dos cartões dados pelo árbitro, ou das decisões da arbitragem sobre lances polêmicos. O comentarista, então, é o responsável por avaliar o desempenho dos jogadores em relação às faltas e por emitir opinião, especialmente quando o narrador encontra-se em dúvida, sobre um lance duvidoso de falta.

O fato de ser ex-árbitro de futebol garante legitimidade ao discurso de C1, e conseqüentemente, também à emissora, porque dispõe de uma autoridade para discutir questões relacionadas às decisões dos árbitros que apitam o jogo. C1 deseja conquistar também a credibilidade do público, ao transmitir segurança ao enunciar, posicionando-se até mesmo contra algumas ações da arbitragem. Podemos constatar isso, por exemplo, nos dois primeiros excertos, quando C1 analisa uma declaração dada pelo árbitro sobre sua decisão de confirmar o gol em uma jogada em que havia impedimento.

Apesar de manter seu discurso inscrito na temática (arbitragem, lances de falta etc.), C1 também desempenha outra função discursiva na produção da narrativa que complementa sua função enunciativa. Esta pode ser observada nos dois primeiros exemplos presentes no quadro acima: C1 emite opinião sobre episódios de bastidores do jogo, como os fatos que ocorreram no intervalo e aos quais o público não tem acesso, a não ser por meio de repórteres,

do narrador ou dos comentaristas. Consideramos a função de emitir a opinião sobre a ocorrência de faltas comum a este sujeito em uma narrativa esportiva de futebol, já que também cabe a ele informar e comentar o cometimento de faltas e as decisões da arbitragem em relação a elas.

Detenhamo-nos, na sequência, às funções discursivas desempenhadas por C2 (José Ferreira Neto), o qual também participa da narrativa assumindo, *a priori*, a função enunciativa de comentar as ações e o desempenho dos jogadores e das equipes em campo. Vejamos alguns exemplos, a fim de verificar se essa hipótese se confirma ou se ele desempenha outras funções, durante a construção desta narrativa.

Excertos dos trechos	Ações discursivas
“Sabe o que tem pra acrescentar? Do... o <u>o menino</u> , o Júlio César tava jogando com a chuteira rosa, aí o cara falou ‘Pelo amor de Deus! Chuteira rosa não! [...]’”	Emitir opinião sobre desempenho dos jogadores.
“[...] Vamo botar o Adriano Gabiru porque é um meia atacante, um atacante, vai jogar com o Fausto lá na frente <u>pra incomodar</u> a equipe do Pa... a equipe do São Paulo’.”	Emitir opinião sobre andamento do jogo (substituição)
“Ou se esforçando <u>um pouquinho mais</u> pra ser titular, né? [...] do que ficar no banco (ri) Eh... ó o cara tá no banco, vem ficar prestando atenção no jogo aí pra jogar, quer ver ficar sabendo resultado de outro, devia se esforçar <u>um pouquinho mais</u> pra num sentar no banco, pra num ficar acostumado a sentar no banco. [...]”	Emitir opinião sobre episódios de bastidores.
“[...] Agora, pra mim, Luciano, nesse 2º tempo quem tá jogando <u>muito</u> é o Richarlisson, que <u>é brincadeira</u> o que o Richarlisson tá jogando.”	Emitir opinião sobre desempenho dos jogadores.
“E na defesa <u>maravilhosa</u> do Hugo, cabeceou <u>certinho</u> , no pro chão Rodrigo até atrapalhou, né? [...]”	Emitir opinião sobre desempenho dos jogadores.
“[...] Ele, o São Paulo parte pra cima, com como time <u>grande</u> mesmo <u>que é</u> , um clube <u>grande</u> , buscando aí o resultado, ó o Borges. Ai.”	Emitir opinião sobre desempenho das equipes.
“Porque tudo aquilo que o Goiás pediu e quis no Maracanã foi o contra-ataque. O São Paulo <u>tá gostando</u> do jogo. Já teve a oportunidade pra fazer o segundo gol [...]”	Emitir opinião sobre desempenho das equipes.
“[...] mas não pode o Jôilson tomar uma bola no costado do Paulo Bayer, até porque quando o Paulo Bayer vem por dentro, Luciano, a marcação é <u>perfeita</u> do Richarlisson, tanto é que o Paulo Bayer só fez uma jogada, aquela de letra, que quase ele faz o gol, foi cruzado, cruzado não, que o Vitor chutou pra área.	Emitir opinião sobre desempenho dos jogadores.
“Com esse resultado, o São Paulo tem que perder o jogo pro Goiás. O Goiás tem que fazer dois gols no São Paulo pra que o Grêmio possa ser campeão, né, com esse resultado. Do do jeito que tá o jogo, Luciano, eu não acredito nisso, <u>mas</u> o futebol <u>pode</u> acontecer tudo. [...]”	Emitir opinião sobre o desenrolar do campeonato.
“[...] Agora, o que o Goiás <u>não</u> está fazendo, que, 20 minutos do do 2º tempo, qual a defesa que o Rogério Ceni fez? <u>Nenhuma!</u> Qual é jogada? Quem ta tendo as oportunidades é o São Paulo, tanto é que já ta saindo no contra-ataque, ó, cin... quatro contra quatro. [...]”	Emitir opinião sobre o desempenho das equipes.
“Exatamente. Como a bola já amorteceu na batida do poste, do lado esquerdo do Harlei. Cê vê só a a <u>facilidade</u> que o São Paulo tem. [...]”	Emitir opinião sobre o desempenho das equipes e emitir opinião sobre o desempenho dos jogadores.
“[...] O Grêmio <u>pode</u> ser campeão, <u>pode, se</u> o Goiás atacar um pouquinho mais.	Emitir opinião sobre o

[...]"	desenrolar do campeonato.
"[...] Como o Goiás <u>não</u> está atacando e o time do São Paulo tá marcando <u>muito</u> , principalmente o Richarlison, o Joílson, o Miranda, o Jorge Wagner, no contra-ataque quase sai o segundo gol. Aí era o gol do título. Como não fez o gol, o São Paulo não pode dar o contra-ataque pra equipe do Goiás, tem que jogar desse jeito. Que o São Paulo ta jogando <u>muito</u> esse jogo, viu? [...]"	Emitir opinião sobre o desempenho das equipes e emitir opinião sobre o desempenho dos jogadores.

Esses exemplos revelam a recorrência de comentários, avaliações no discurso de C2, o que corresponde às funções discursivas de emitir opinião sobre o andamento do jogo, sobre o desempenho das equipes e dos jogadores. Além disso, podemos notar que C2 opina também sobre o desenrolar do campeonato e sobre acontecimentos ocorridos nos bastidores, como as atitudes dos jogadores do time goiano no banco de reservas. Ainda que o universo de objetos a que se refere C2 seja amplo, podemos considerar que as funções discursivas apontadas acima corroboram a função enunciativa assumida por este sujeito, pois esta engloba também a ação discursiva de “emitir opinião”.

A ocorrência desta função discursiva no discurso de C2 pode ser comprovada em dois momentos de seu discurso nos trechos do quadro acima, no qual detectamos a presença de algumas expressões modalizadoras que explicitam o ponto de vista do comentarista sobre os fatos e as ações que acontecem na partida. Assim, em vários momentos, observamos uma valorização do desempenho da equipe paulista em detrimento do da goiana e o uso por C2, de operadores argumentativos, termos modalizadores de seu dizer, com a finalidade de apresentar o que pensa sobre a partida e sobre o campeonato.

É também possível verificar no quadro a ocorrência de outras ações discursivas a que correspondem outras funções discursivas assumidas pelo comentarista, que não a função enunciativa que o caracteriza. Seguem abaixo excertos que comprovam essa afirmação.

Excertos dos trechos	Ações discursivas
“É. Exatamente. Tem que ir pra cima, tanto é que tirou um jogador de meio de campo, que é o Júlio César, que é o camisa 11, né? Tá fazendo a função junto com o Tiago Feltre, né?”	Emitir opinião sobre desempenho do técnico e dos jogadores.
“[...] Taí as imagens aí que vai vim chuva braba mesmo, já tá começando a chover e o arco-íris lindo, né? [...]"	Informar dados paralelos.
“[...] Agora, o que o São Paulo tem que fazer, é não... não dar o contra-ataque. E é isso que o São Paulo não vai fazer [...]"	Emitir opinião sobre desempenho das equipes.
“[...] porque o Flamengo fez isso, ganhando de 3 a 0, e tomou 3 a 3, e o São Paulo sabe disso, o Muricy sabe disso. [...]"	Informar sobre o campeonato.
“[...] Num campo menor como esse, o São Paulo já estando ganhando o jogo de 1 a 0 [...]"	Emitir opinião sobre desempenho das equipes.
“[...] e começa a ventar [...]"	Informar dados paralelos.
“[...] e agora entrou o Adriano Gabiru que vai tentar partir pra cima, Luciano. [...]"	Informar substituição.
“[...] E já a chuva já pega no pé dando breu. [...]"	Informar dados paralelos.
“Tá certo, né, ô Luciano? Eu acho que, com o campo molhado, com essa chuva,	Informar dados paralelos ao

né, [...]”	jogo.
“[...] ganhando o jogo de 1 a 0, podendo ainda ter... [...]”	Informar dados do jogo.
“[...] o São Paulo tem que tomar dois gols se continuar esse resultado, né? [...]”	Informar sobre o campeonato.
“[...] O São Paulo é um time, quer dizer, sete partidas não perde, então, tá marcando forte [...]”	Informar sobre campeonato e emitir opinião sobre desempenho das equipes.
“[...] o Joílson, jogando bem também, um jogador que no Botafogo jogava muito, no São Paulo ainda não jogou o futebol que o torcedor são paulino esperava, tá dentro do time do do Goiás jogando já na intermediária [...]”	Informar dados/histórico dos participantes.
“[...] porque vai pressionar, pode ter certeza que 10, 15 minuto o time do Goiás vai pra cima, e sabe o que vai acontecer? Na minha opinião? Na minha modesta opinião? O São Paulo vai ter mais chance de fazer gol, gols porque vai dar um espaço no contra-ataque com o Dagoberto. [...]”	Emitir opinião sobre desempenho das equipes.
“[...] Olha aí a entrada agora com o Ramalho, em cima do Dagoberto. (...)”	Narrar o evento.
“É. Ele ta com câimbras até porque pela pela qualidade que... que é um jogador super importante, o próprio eh... Zé Luiz já disse no Jogo Aberto na semana passada. [...]”	Emitir opinião sobre desempenho dos jogadores.
“[...] Tá saindo um jogador aí do time do Goiás, né?”	Informar substituições.
“E vão ser... o gol da equipe do... do São Paulo foi irregular como o Godói disse depois como eu tava lembrando que você enxergou muito bem. Vai dá pano pra manga isso aí, hein?”	Emitir opinião sobre o desempenho da arbitragem.

Os enunciados acima demonstram a diversidade de funções discursivas desempenhadas por C2, como informar dados paralelos ao jogo, analisar as condições do tempo ou do gramado, informar sobre o campeonato, substituições, dados, histórico dos participantes da partida que são funções típicas de um repórter, e até mesmo “narrar o evento” e informar dados do jogo, funções típicas do narrador. C2 assume a maior parte dos turnos de fala, sem a intervenção ou o “convite” do narrador; ele parece aproveitar as “brechas” que este oferece para falar. Algumas vezes o narrador faz uma pergunta, mas ela não é dirigida explicitamente a C2, embora este responda grande parte delas, como veremos mais adiante. Assim, diremos que C2 realiza a ação de “narrar o evento”, pelo simples fato de uma ação considerada importante ocorrer em um momento no qual o turno de fala pertence a ele, e não ao narrador. Por isso, tal interlocutor acaba por enunciar a informação para que o telespectador não fique “desinformado” do fato.

Nossa análise se centra, agora, nas funções discursivas assumidas por R1 (Fernando Fernandes), que atua como um dos repórteres de campo nesta enunciação. Analisaremos apenas alguns exemplos que demonstram essas funções, tendo em vista o grande volume de turnos de fala desse enunciator.

Excertos dos trechos	Ações discursivas
“Tem sim. No Goiás, Luciano, tá saindo o Júlio César, número 11, o homem das chuteiras rosas, entra Gabiru, Adriano Gabiru, número 16, o jogador que fez o gol do título mundial pelo Internacional em 2006 contra o Barcelona. 16,	Informar substituições./ Informar dados/histórico dos participantes.

Adriano Gabiru.”	
“Informação importante – na hora do gol do São Paulo, o juiz acabou confessando aqui que ele achou que tinha batido no jogador do Goiás, que foi gol contra, por isso que ele acabou validando o gol. Rodeado que ele teve aqui por uma pessoa.”	Informar dados de bastidores.
“Não, foi o bandeira, Luciano. O Alessandro.”	Informar dados do jogo.
“Saiu a renda aqui. Olha só. 1 milhão, 602 mil foram arrecadados com um público de apenas 18 mil e 98 espectadores. Ingresso caro, () uma grana legal.”	Informar dados do jogo.
“E o Borges é o artilheiro do São Paulo na temporada, com 16 gols, o Hugo tem 14.”	Informar dados/histórico dos jogadores.
“Nada. 83 gols aí na chuteira dele fica isso.”	Informar dados/histórico dos jogadores.
“Vai mudar.”	Informar substituições.
“Bruno, volante, no lugar de Dagoberto. (...)”	Informar substituições.
“André Lima, 19, no lugar de Borges.”	Informar substituições.
“Vamos ouvir o Muricy aqui! Tem uma rodada em cima do Muricy, ele tá conversando aqui com o pessoal.”	Informar dados de bastidores.

Esses trechos demonstram como R1 exerce a mesma função discursiva – informar dados–, ainda que esses dados informem diferentes conteúdos, como episódios de bastidores; fatos a partir de entrevistas realizadas no início e no fim de jogo, ou relatar aquelas realizadas no intervalo e que não foram transmitidas ao torcedor/telespectador; *informar* dados e histórico dos participantes da partida, como: para quais times já jogaram, quantos títulos já ganharam, e o perfil dos jogadores; *informar* substituições; *informar* sobre o campeonato e *informar* dados do jogo, como a renda e os lances duvidosos.

As entrevistas são a forma pela qual R1 realiza sua função discursiva de informar o que sentem, e/ou pensam, os jogadores e técnicos, ações que englobamos sob o rótulo de episódios de bastidores. Além de dialogar com os protagonistas do evento, R1 também estabelece uma troca verbal com o narrador, complementando informações que ele transmite ao público.

É interessante notar que Fernando Fernandes restringe sua função discursiva ao ato de informar, como se pode ver na análise apresentada na tabela anterior. Além disso, ele é um dos repórteres que mais interagem com o narrador, pedindo-lhe a palavra em alguns momentos e em outros sendo por ele requisitado. Seus turnos de fala são, em sua maioria, curtos, atendendo à função enunciativa que desempenha na narrativa.

Consideremos, a partir de agora, os enunciados produzidos por R2 (Antônio Pétrin), e vejamos em que sentido ele atende à função enunciativa de repórter de campo e até que ponto ele avança sobre outras funções discursivas, ao longo desta narrativa.

Excertos dos trechos	Ações discursivas
“Luciano! [...] É só pra informar o seguinte, que aqui no banco de reservas do Goiás, né? É impressionante o interesse dos jogadores que não estão jogando sobre os... outros resultados da rodada. Eu tô virando quase um plantão de informação aqui, todos interessados no Vasco, no Flamengo, no Palmeiras, no Cruzeiro, enfim, se eles pudessem, estariam em casa, né? Acompanhando a transmissão da Band nessa última rodada do Brasileiro.”	Informar dados de bastidores.
“Com a com o gandula, Luciano. Ta demorando pra bola voltar.”	Informar dados de bastidores.
“() são do Goiás.”	Informar dados de bastidores.
“É isso, Luciano, ele tá esperando pra entrar, provavelmente, no lugar do Fausto. [...]”	Informar dados de bastidores/substituições.
“[...] O Alex Terra que marcou três gols nesse Campeonato Brasileiro, dois deles na vitória de 3 a 2 contra o Palmeiras no Serra Dourada.”	Informar dados/histórico dos jogadores.
“Ô Luciano. [...] A entrevista do... Wagner Tardelli será imperdível mesmo, mas só pra antecipar, ele disse que nem da Madonna ele gosta, que os cantores preferidos são Nelson Ned e... e e também o Nelson Gonçalves. É com você.”	Informar dados de bastidores.
“É o Fabel, Nel, Neto. E tá entrando o Romerito, número 18 [...]”	Informar substituições.
“[...] Romerito é o mesmo que foi campeão com o Sport da Copa do Brasil no primeiro semestre.”	Informar dados/histórico dos jogadores.
“Gabiru.”	Informar substituições.
“E vai mudar, hein?”	Informar substituições.
“Bruno, número 34, é volante. Vai entrar.”	Informar substituições.
“E, ô Luciano... [...] Detalhe curioso, o ano passado o Caio Junior perdeu a vaga na Libertadores pelo Palmeiras na última rodada e hoje se repete essa situação com o Flamengo.”	Informar dados/histórico do técnico/ Informar sobre o campeonato.

Percebemos que as funções discursivas de R2 se assemelham às desempenhadas por R1, as quais são condizentes com a função enunciativa assumida por estes enunciadores. Em vários momentos, vemos que, ao invés de o narrador dirigir-se a Pétrin, é ele quem pede a palavra ao narrador. Em outros, ao identificar no enunciado do narrador ou do comentarista (quando este não explicita o interlocutor) uma questão relativa aos bastidores e que lhe cabe, pela sua função, responder, ele também assume o turno de fala, como é o caso das interações abaixo:

LV: Chegando pertinho dos 14 minutos do 2º tempo. A torcida do São Paulo comemorando o título que o São Paulo vai conquistando com esse resultado de 1 a 0. (...) Ouça você em casa (imagem da torcida gritando), olha aí, torcedor do São Paulo, se você é são paulino junte-se a ele. (...) Bola fora. Tiro de meta pra equipe do Goiás! (...) O Harlei ta reclamando o quê?

AP: Com a com o gandula, Luciano. Tá demorando pra bola voltar.

JFN: É. Ele tá com câimbras até porque pela pela qualidade que... que é um jogador super importante, o próprio eh... Zé Luiz já disse no Jogo Aberto na semana passada. Tá saindo um jogador aí do time do Goiás, né?

AP: É o Fahel, Nel, Neto. E tá entrando o Romerito, número 18. Romerito é o mesmo que foi campeão com o Sport da Copa do Brasil no primeiro semestre.

Abordando, por fim, as funções discursivas exercidas por P1 (Rodrigo) durante a produção da narrativa, encerramos esta primeira parte de nossa análise.

P1 exerce a função enunciativa de plantonista, atuando como um suporte para o narrador e trazendo informações sobre os demais jogos do Campeonato Brasileiro. Sua função é de grande importância, tendo em vista tratar-se dos últimos jogos da última rodada desse campeonato e, por isso, o resultado de alguns jogos é determinante para se conhecer o campeão do ano.

Excertos dos trechos	Ações discursivas
“Eh, Luciano, é gol do Botafogo no Palestra Itália. Wellington Paulista! Palmeiras 0, Botafogo 1! E gol também no Mineirão. Cruzeiro empata. Tiago Ribeiro. Cruzeiro1, Portuguesa também 1.”	Informar sobre o campeonato.
“Pois não, Luciano, Wanderlei vira pro time mineiro. Agora, Cruzeiro 2, Portuguesa 1.”	Informar sobre o campeonato.
“É gol no Orlando Scarpellin. Marquinho, para o Figueirense. Figueirense 1, Inter, também 1! (...)”	Informar sobre o campeonato.
“Figueirense1, Luciano, Inter 1.”	Informar sobre o campeonato.
“É, Luciano, Figueirense vira pra cima do Inter. Primeiro, o gol foi de Rafael Coelho. E depois o Claiton...”	Informar sobre o campeonato.
“e depois, Luciano, Claiton Xavier. Figueirense 3, Inter 1. e no Maracanã, Fluminense 1, gol de Washington, Ipatinga também 1, gol de Adilson.”	Informar sobre o campeonato.
“É gol na Arena da Baixada, Luciano! Zé Antonio pro time da casa, hein? Atlético Paranaense 4, Flamengo 2. E em São Januário também temos gol...”	Informar sobre o campeonato.
“Adriano faz o segundo do Vitória. Vasco 0, Vitória 2. (...)”	Informar sobre o campeonato.
“É gol do Grêmio, Luciano. Soares, segundo gol do Grêmio no Olímpico! Grêmio 2, Atlético Mineiro 0!”	Informar sobre o campeonato.
“É, Luciano, mais um do Atlético Paranaense na Arena da Baixada. () Alan Bahia! Atlético Paranaense 5 a 2 em cima do Flamengo.”	Informar sobre o campeonato.

Esses trechos evidenciam que a função discursiva desempenhada por P1 é bem delimitada e coerente com a função enunciativa que apresenta no quadro desta enunciação. Ele não interfere discursivamente nos acontecimentos da partida entre São Paulo e Goiás, mas complementa as informações desta, já que, para o público conhecer quem será o campeão brasileiro de 2008, é necessário saber o resultado da partida entre Grêmio e Atlético Mineiro. Além disso, a emissora tenta transmitir uma imagem de um jornalismo atualizado e que dispõe de muitos profissionais que estão “a postos” para trazer a informação ao telespectador da forma mais completa e atual possível.

Quanto a Cassiano (P2), sua participação neste 2º tempo da narrativa é exígua e seu comportamento discursivo semelhante ao de P1 em relação às funções desempenhadas ao longo de seu discurso.

Podemos dizer que os sujeitos que participam dessa enunciação apresentam, *a priori*, uma função enunciativa que parece ser bem definida. No entanto, alguns deles, como o narrador, C1 e C2, quando tomam a palavra, exercem funções discursivas que coincidem com sua função enunciativa, mas também outras que se distanciam desta, como pudemos observar nas análises apresentadas. Contudo, esse distanciamento não anula tal função discursiva, complementa-a.

Vimos, também, que o fato de um enunciador exercer determinadas funções, se relaciona, em parte, ao estilo que adota em seu discurso. Acreditamos que, até mesmo por esse motivo, as funções discursivas assumidas pelos enunciadores variem de uma emissora para outra e de um suporte para outro, afirmativa a que pretendemos responder ao final desta pesquisa.

Em relação ao espaço, sabemos que o narrador e os comentaristas se encontram em uma cabine instalada pela emissora, no estádio, em posição estratégica que lhes possibilite assistir, narrar e comentar a partida sob o melhor ângulo possível. Fernando e Pétrin, por sua vez, se posicionam próximos ao campo; Rodrigo e Cassiano, provavelmente, falam da própria emissora, afirmativa que poderia se confirmar por pistas que deixam em seus discursos, como, por exemplo, alguns dêiticos nas suas falas e determinados sons ou ruídos ao fundo.

FF: Informação importante – na hora do gol do São Paulo, o juiz acabou confessando **aqui** que **ele** achou que tinha batido no jogador do Goiás [...] Rodeado que **ele** teve **aqui** por uma pessoa.

LV: [...] Tem um arco-íris **agora ali**, que saiu **daquele meio** daquele... Pandemônio que tava **ali**, preto! Pra sorte de todo mundo. [...]

JFN: [...] **Tá** as imagens **á** que vai vim chuva braba mesmo, já tá começando a chover e o arco-íris lindo, né? [...]

LV: [...] Os refletores estão acesos **aqui** porque realmente, tá muito escuro. Só amarelo ficou de bom tamanho, Godoy?

ORG: Ficou de bom tamanho, Luciano, porque o Dagoberto também encenou bastante. É o sexto amarelo, já, eh... cinco para o... jogadores do Goiás e o o o árbitro tem, o Jaílson tem uma média de sete cartões por jogo, amarelos.

R: Eh, Luciano, é gol do Botafogo **no Palestra Itália**. Wellington Paulista! Palmeiras 0, Botafogo 1! E gol também **no Mineirão**. Cruzeiro empata. Tiago Ribeiro. Cruzeiro1, Portuguesa também 1.

AP: É só pra informar o seguinte, que **aqui no banco de reservas do Goiás**, né? É impressionante o interesse dos jogadores que não estão jogando sobre os... outros resultados da rodada. **Eu** tô virando quase um plantão de informação **aqui**, todos interessados no Vasco, no Flamengo, no Palmeiras, no Cruzeiro, enfim, se eles pudessem, estariam em casa, né? [...]

Nestes exemplos, recuperamos por meio de expressões dêiticas, o lugar de onde os jornalistas enunciam. Ao dizerem “eu”, situam-se em relação ao espaço e também ao tempo da enunciação. Fernando e Pétrin, como já discutimos, localizam-se próximos ao campo. Pode-se comprovar isso, quando o primeiro diz que “o juiz”, que se localiza no gramado, “confessou **aqui**”, ou seja, o repórter compartilha desse mesmo espaço, e quando o último diz “**aqui no banco de reservas do Goiás** [...] eu tô virando quase um plantão de informação **aqui** [...]”.

Para aproximar o telespectador da partida, trazendo-o para a cena do jogo que acontece no estádio, e mostrar que estão nesse local acompanhando tudo de perto, para trazer o máximo de informação com quantidade e qualidade, o narrador e o comentarista Neto descrevem até mesmo o clima: “[...] Tem um arco-íris **agora ali**, que saiu **daquele meio** daquele... pandemônio que tava **ali**, preto!” e “[...] Os refletores estão acesos **aqui**, porque realmente, tá muito escuro.”. Já Godoy não marca, explicitamente, o lugar de onde enuncia, mas seu discurso oferece pistas de que também se encontra na cabine junto a LV e Neto, pois opina sobre os acontecimentos como se estivesse em uma interação face a face com o narrador, compartilhando do mesmo lugar e podendo dizer, por exemplo, que “Dagoberto encenou” ao simular uma falta sobre ele”.

O espaço de onde Rodrigo enuncia os resultados de outras partidas não é explicitado, porém sua função é “fazer boletins” de todos os outros jogos. Quando fala, sua voz parece abafada, como se falasse de um rádio ou telefone com o narrador; concluímos que ele pode

estar na própria emissora, monitorando as imagens e acontecimentos das partidas, juntamente com uma equipe para a qual ele atua como porta voz.

O diálogo, no entanto, que se estabelece entre os interlocutores, e é transmitido para o telespectador, tenta promover a sensação do real, ao estabelecer um ambiente de proximidade entre os enunciadores e o telespectador, como se estivessem em um mesmo lugar, assistindo à partida juntos. Esse efeito é marcado pelas referências que os enunciadores fazem aos telespectadores, convidando-os, por exemplo, para ver um lance que, para o narrador seria importante.

Os efeitos de aproximação das câmeras também são um recurso utilizado para promover essa aproximação com o telespectador, que é levado a ver a jogada ou a falta de perto, como se estivesse no estádio. A Band, a partir dessa narrativa, se revela uma emissora que não explora muito a tecnologia, não apresentando recursos gráficos na tela (a não ser em publicidades), nem a possibilidade de o telespectador participar, por meio de *chats* ou enquetes na Internet que são trazidos para a TV. O único momento em que percebemos o uso explícito da “interatividade” nessa narrativa, é quando o narrador incentiva o telespectador, por meio de verbos no imperativo e do uso de pronomes como “você” e “seu”, a participar de um jogo de azar promovido pela Caixa Econômica Federal, uma das patrocinadoras da transmissão.

LV: E olha, você, o seguinte, **dá** uma ligada pra... **participar da nossa interatividade** porque ainda vou dar uma chance, não era mais pra dar não, mas vou dizer pra **você**, basta enviar o **seu** lance pra 13 13 pra que o lance seja corretamente coletado **você** tem o status. **Mande** a vírgula pra separar os centavos. Se for o menor e único **você** leva um Kia Sportage e duas motos que valem mais de 80 mil reais. **Participe**, vai! Isso é uma... colher de chá da equipe do esporte **pra você**, que já num podia mais é o tempo já tinha sido esgotado. Mas **vamo** lá, **acredite!** [...]

Ao longo da narrativa, observamos que o narrador oscila entre a 1ª pessoa do singular e do plural e a 3ª pessoa do singular. Ainda assim, a 1ª pessoa do plural e a 3ª do singular predominam na narrativa transmitida pela Band. Isso, no entanto, não exclui o fato de o narrador ou os comentaristas exporem sua opinião sobre a partida, o que, aliás, fazem a todo o momento. Contudo, emitir essa opinião não é ação marcada, geralmente, pelo uso da 1ª pessoa do singular, mas pelos modalizadores deônticos, afetivos, adjetivações, verbos, entre outros.

LV: 2 a 1 Cruzeiro, ou seja, o Cruzeiro vai pra 67 pontos, já deixou o Palmeiras tá perdendo o meia cinco e o Flamengo que tá na cola ali do Atlético Paranaense, 3 a 2. Se o Flamengo virar o jogo, o Palmeiras fica fora dos quatro da Libertadores. Aí a

crise vai se instalar de vez, hein? Mas por enquanto **tá só no “se”**. Dagoberto, vai bater, avisou, bateu, espalma o **goleirão!!!** Harlei. **Sacudindo** o torcedor daqui. Realmente o torcedor do São Paulo viu o gol **de perto!!** É que ele é um **grande** goleiro!! **Não é à toa** que ele é o **capitão** do Goiás!! Numa **bomba** do Dagoberto! [...]

LV: Hernanes. **Boa** a bola. Olha só! O cruzamento partiu, olha o gol do São Paulo!!! Ainda o gol do São Paulo!!! Não entrou!!! Borges da primeira vez, e na segunda vez a bola metida na trave pelo Dagoberto! **Essa foi demais!!** Vale à pena você rever (replay) a lá! Bateu, **inda** bateu no **zagueirão** Henrique, a bola ficou amortecida na perna! Porque normalmente bateria na perna e entraria.

Nestes trechos, comprova-se o que afirmamos anteriormente sobre a opinião do narrador ser explícita no seu discurso, ainda que este não marque a 1ª pessoa ao enunciar. Isso caracteriza uma estratégia argumentativa, já que o enunciador pode revelar o que pensa, sua percepção das ações, mantendo um “distanciamento” dos fatos, que o jornalismo exige, mesmo que este se reduza ao dizer, ou não, “eu”. No âmbito do jornalismo esportivo e, em especial, na *narrativa esportiva de futebol*, o narrador e os comentaristas procuram criar um ambiente de descontração, no qual a liberdade de expressão predomine, para que o telespectador, ao integrar-se ao discurso do narrador, sintá-se, juntamente com ele, como os próprios técnicos, ordenando o que os jogadores devem ou não fazer.

Percebemos, no entanto, que, ao falar em nome de sua equipe de jornalismo esportivo, ele utiliza a 1ª pessoa do plural – “a gente”. Isso também acontece, quando relata fatos que ocorrem no estádio ou em campo, quando se distancia do papel de um “torcedor”, chamando mais a atenção para a informação que é narrada. Ao se movimentar das 1ª pessoas do singular e do plural para a 3ª pessoa do singular, o espaço entre ele e o telespectador se amplia quando narra, e reduz-se quando comenta.

LV: Agora, Godoy, **eu sou** obrigado a chamar você logo de início porque essa uma declaração que **eu nunca vi** na minha vida, hein? ()

LV: E pro torcedor do São Paulo de todo o Brasil, o relógio tá andando rapidinho, hein? 29 minutos! Falta em cima do Paulo Bayer. (...) **Vamo** ver a cobrança pra equipe do Goiás. É o próprio Paulo. Paulo vai botar lá dentro da grande área, hein? Não, não é o Paulo Bayer não, é o Romerito. É o Romerito. O Paulo tá lá na entrada da grande área. E a a chuva bate no olho, o cidadão não enxerga nada. Olha o cruzamento pra grande área. Veja a sobra. Tentou virar o Paulo Bayer na grande área. Tem... fez o corte pro time do São Paulo o Hernanes. E agora **vamos** ver porque se armar direito, o Joílson pode sair o gol da vitória, do título, do que você quiser! [...]

LV: Já vai clareando. Felizmente essa chuva vai passar. Torcedor vai poder fazer a festa que quiser com muita simpatia. **Vamos** aproveitar pra ver o lance Lukscolor

nesse 2º tempo? Antes o gol, o que que **nós fazemo**? É, primeiro o lance Lukscolor, é, (replay), olha aí, que beleza. [...]

O uso da 1ª pessoa do singular e da 1ª pessoa do plural nos excertos acima aproximam o narrador e o telespectador. No caso da 1ª primeira pessoa do plural, o narrador convida-o a agir conjuntamente com ele, seja para atentar-se para um lance considerado importante – “**Vamo** ver a cobrança pra equipe do Goiás.” –, seja para “pedir-lhe” uma sugestão sobre o que fazer em determinado momento da narrativa, como se estivesse “narrando-a” juntamente com o narrador – “**Vamos** aproveitar pra ver o lance Lukscolor nesse 2º tempo?”, ou para explicitar uma ação que deveria ser feita por sua equipe – “Antes o gol, o que que **nós fazemo**?”.

Embora os comentaristas tenham como função enunciativa “comentar”, eles não utilizam, na maioria das vezes, a 1ª pessoa, por representarem a voz do especialista que possui o conhecimento, e por isso fala de um lugar institucionalizado, em nome de uma coletividade da qual faz parte – ex-jogador, ex-árbitro, jornalista especializado em futebol etc. Por isso, parecem manter um distanciamento em relação ao telespectador, por falarem de um lugar “superior” ao do de um torcedor que gosta de “palpitar” sobre o que assiste. Observemos os exemplos a seguir.

AP: É isso, Luciano, ele tá esperando pra entrar, provavelmente, no lugar do Fausto. O Alex Terra que marcou três gols nesse Campeonato Brasileiro, dois deles na vitória de 3 a 2 contra o Palmeiras no Serra Dourada.

JFN: O que tá jogando o Jorge Wagner é brincadeira, viu? Ta tomando conta do jogo, ele, o Richarlison, Dagoberto, uma responsabilidade assim, sabe, da... do cara tocar a bola pro cara, num jogo difícil como esse. E aí ó dá a bola aqui pra mim que eu sei o que eu faço. Pega a bola, volta, cruza, não errou um escanteio. Bateu bem todas as faltas que que que teve que bater laterais. Te... eh... jogando forte, marcando, grande partida do Jorge Wagner também que... é um jogador extraordinário.

LV: Falta dura! Cartão amarelo! Pra falou o seguinte: “Rafael, já já eu vou mandar ocê embora, hein?”. [...] Só amarelo ficou de bom tamanho, Godói?

ORG: Ficou de bom tamanho, Luciano, porque o Dagoberto também encenou bastante. É o sexto amarelo, já, eh... cinco para o... jogadores do Goiás e o o o árbitro tem, o Jaílson tem uma média de sete cartões por jogo, amarelos.

Esses trechos mostram a mesma característica que apontamos anteriormente sobre o discurso do narrador: o fato de os comentaristas expressarem uma opinião, mas não a marcarem com a 1ª pessoa do singular. Como dissemos, essa atitude revela um sujeito que fala a partir da investidura de um papel institucionalizado, reconhecido, sendo, por isso,

necessário manter certo “distanciamento”, o que favorece a construção de uma imagem legítima que conquista a credibilidade dos telespectadores.

A temporalidade da narrativa também é determinada pelo narrador, pois é ele o responsável por narrar os acontecimentos, enunciando-os, mesmo que não-linearmente, ou de forma organizada, a fim de que o telespectador possa compreender em que momento da partida as ações estão ocorrendo. A enunciação, ao realizar-se simultaneamente aos acontecimentos, promove uma “colagem” do tempo real da partida no tempo da narrativa. Logo, o narrador usa, na maioria das vezes, o presente e o passado e, em menor escala, o futuro ao enunciar.

LV: Adriano Gabiru. Cê **tá vendo** a imagem aí (imagens do campo e da torcida) que, aliás, é nítida demais, é uma maravilha essa imagem gerada pela Band. Que coisinha linda, **olha** só (imagem focaliza um bebê com a camisa do São Paulo). Linda, né? Mas a chuva que **tá chegando** aqui, amigo, é aquele temporal mesmo (imagem mostra o céu). **Tá** aí ó... só olhar, né? Só olhar a cor da nuvem e eh... o que **tem** de () no meio disso tudo, o que **tem** de () o que tem de... é uma festa! Pra quem gosta de emoção forte, só entrar com avião nisso daí. **Vai começar** o 2º tempo [...]

LV: E pro torcedor do São Paulo de todo o Brasil, o relóginho **tá andando** rapidinho, hein? 29 minutos! Falta em cima do Paulo Bayer. (...) **Vamo ver** a cobrança pra equipe do Goiás. É o próprio Paulo. Paulo **vai botar** lá dentro da grande área, hein? Não, não é o Paulo Bayer não, é o Romerito. É o Romerito. O Paulo **tá** lá na entrada da grande área. E a a chuva **bate** no olho, o cidadão não **enxerga** nada. **Olha** o cruzamento pra grande área. **Veja** a sobra. **Tentou** virar o Paulo Bayer na grande área. Tem... **fez** o corte pro time do São Paulo o Hernanes.

Pelo que podemos notar nos trechos acima, ao narrar as ações dos torcedores e, principalmente, dos jogadores, o narrador oscila entre o presente e o passado, usando o futuro apenas em momentos como o anúncio do início da partida, ou quando convida o telespectador a ver um lance que ocorrerá em poucos segundos, como “bater um pênalti”, cobrar uma falta, ou um escanteio, por exemplo. Percebemos, também, que, mesmo conjugando os verbos no presente, algumas dessas ações já foram realizadas em um passado próximo. Esse uso do presente do indicativo, então, pode ser pensado como uma forma de o narrador acompanhar ou até tentar antecipar o que é mostrado na imagem ao telespectador, uma forma de mostrar que sua enunciação é atual, é co-construída com seus interlocutores no aqui e agora da narração.

Atentando-nos um pouco mais sobre o enunciado e a situação comunicativa em que se insere, e as quais tentamos descrever brevemente acima, observamos que o enunciado segue um “modelo” prévio, mas que se molda a condições de produção específicas, as quais levam o

telespectador a reconhecê-lo, ao ligar a TV, como uma *narrativa de uma partida de futebol*. Isso é possível, a partir da observação de elementos que o compõem e marcam certa regularidade como: iniciar a narrativa com uma saudação aos comentaristas, repórteres e ao telespectador, dar informações sobre a escalação, promover a intercalação de turnos de fala com comentaristas, a narração das ações que se passam em campo, anunciar a presença das publicidades, inclusive da programação da emissora e de seu slogan “Futebol na Band tem mais emoção!”, entre outros.

3.4.1 Ação e Discurso na narrativa da BAND

Consideremos, nesta subseção, a categoria das ações, analisando como essas se realizam durante a produção do discurso. Para isso, vale retomar a ideia de que, ao enunciar agimos por meio do discurso e levamos o(s) nosso(s) interlocutor(es) a agir (AUSTIN,1962)¹⁶. Sendo assim, a linguagem é uma forma de ação. Por isso, a partir do que apresentamos em relação às ações discursivas desempenhadas pelo narrador de “solicitar” – informações dos repórteres, avaliação do desempenho dos times, avaliação sobre o desempenho da arbitragem, reprises de lances, lances de outras partidas – e “propor” – discussão sobre aspectos do jogo e sobre fatos de arbitragem –, discutiremos como se estabelece a interação entre LV e seus interlocutores.

Nossa proposta é partir de uma análise do discurso do narrador, tendo em vista que ele atua como um enunciador responsável por manter centralizada a troca verbal e, conseqüentemente, por coordenar a interação. Os objetivos, portanto, são: descrever o modo como este narrador interpela seus interlocutores e, se essa ação verbal conduz a outra ação consecutiva, mostrar se tal ação segue um padrão prévio relativo à função enunciativa dos participantes da interação e, por fim, verificar se o significado dos atos de linguagem produzidos por Luciano do Valle (LV) condiciona as ações dos interlocutores.

Considerando, então, a posição enunciativa do narrador, observaremos, a princípio, os diversos modos como o narrador exerce a função discursiva de “solicitar”, “propor” e “atender a um pedido/passar a palavra”, que são expressos a partir de atos de fala diretos e

¹⁶ John Langshaw Austin autor da Teoria dos **Atos de Fala** em *Quando dizer é fazer*, do original em inglês *How to do things with words*.

indiretos que veiculam forças ilocucionais com características distintas, como evidenciam alguns exemplos que apontam a recorrência dessa função, ao longo da narrativa do enunciador-narrador.

Trecho	Ação discursiva	Ato de fala/Força Ilocucional ¹⁷
<p>LV: Começou o 2º tempo, finalmente! Só mais 45, 47, 48 e teremos o campeão brasileiro de fato e de direito. <u>Diga!</u></p> <p>LV: É campeão! É campeão! É campeão! Vai mudar. <u>Diga, Fernando!</u></p>	Atender a um pedido/passar a palavra	Direto; Π: diretivo; μ: ordem; θ: ordem; Σ: reconhecer que deve estabelecer um diálogo com o repórter/comentarista; Ψ: ser narrador e gerenciador de turnos ao longo da narrativa.
<p>LV: <u>Eu queria que cê repetisse, Fernandinho,</u> ele achou o quê?</p>	Solicitar informações Do repórter.	Direto; Π: diretivo; μ: pergunta; θ: pedido de informação; Σ: reconhecer que uma das funções desse interlocutor, com quem deve dialogar, é informar dados de bastidores; Ψ: ser narrador e gerenciador de turnos ao longo da narrativa.
<p>LV: [...] O Harlei tá reclamando o quê?</p>	Solicitar informações (ao repórter?).	Direto; Π: diretivo; μ: pergunta; θ: pedido de opinião; Σ: reconhecer que a função de alguns interlocutores, com quem deve dialogar, é informar dados sobre a partida; Ψ: ser narrador e gerenciador de turnos ao longo da narrativa.
<p>LV: [...] Tem gol no Campeonato Brasileiro, <u>Rodrigo?</u></p>	Solicitar informações Do repórter.	Direto; Π: diretivo; μ: pergunta; θ: pedido de informação; Σ: reconhecer que uma das funções deste interlocutor, com quem deve dialogar, é informar dados sobre a partida; Ψ: ser narrador e gerenciador de turnos ao longo da narrativa.
<p>LV: Deve ser muito aplaudido quando deixar o gramado Dagoberto, com uma campanha brilhante, que fez, <u>Neto?</u></p>	Propor discussão sobre aspectos do jogo (desempenho do jogador na partida).	Direto; Π: diretivo; μ: pergunta; θ: pedido de opinião; Σ: reconhecer que a função de alguns interlocutores, com quem deve dialogar, é opinar acerca do andamento do jogo e do desempenho dos jogadores; Ψ: ser narrador e gerenciador de turnos ao longo da narrativa.
<p>LV: [...] Só amarelo ficou de bom tamanho, <u>Godoy?</u></p>	Solicitar avaliação sobre o desempenho da arbitragem.	Direto; Π: diretivo; μ: pergunta; θ: pedido de opinião; Σ: reconhecer que a função deste interlocutor, com

¹⁷ Π (Ponto de realização); μ (Modo de realização); θ (Condições de conteúdo proposicional); Σ (Condições preparatórias); Ψ (Condições de sinceridade).

		quem deve dialogar, é opinar acerca do desempenho da arbitragem; Ψ: ser narrador e gerenciador de turnos ao longo da narrativa.
LV: [...] Vai começar o 2º tempo para a equipe do São Paulo. O para o Goiás, alteração do time do Goiás. Alguma coisa pra acrescentar nessa alteração, <u>Neto</u> ?	Solicitar avaliação sobre andamento do jogo (substituição)	Direto; Π: diretivo; μ: pergunta; θ: pedido de opinião; Σ: reconhecer que a função de alguns interlocutores, com quem deve dialogar, é opinar acerca do andamento do jogo; Ψ: ser narrador e gerenciador de turnos ao longo da narrativa.
LV: Agora, <u>Godoy</u> , eu sou obrigado a chamar você logo de início porque essa uma declaração que eu nunca vi na minha vida, hein? ()	Solicitar avaliação sobre o desempenho da arbitragem.	Indireto; Π: assertivo; μ: asserção; θ: evocação do comentarista; Σ: reconhecer que uma das funções deste interlocutor, com quem deve dialogar, é opinar sobre o desempenho da arbitragem; Ψ: ser narrador e gerenciador de turnos ao longo da narrativa.
LV: Cartão amarelo de novo. Saiu mais um cartão amarelo!	Solicitar informações (ao repórter?).	Indireto; Π: assertivo; μ: asserção; θ: evocação do comentarista; Σ: reconhecer que uma das funções deste interlocutor, com quem deve dialogar, é informar dados sobre a partida; Ψ: ser narrador e gerenciador de turnos ao longo da narrativa.

Os trechos revelam que o narrador solicita, em muitos momentos da narrativa, a presença dos demais participantes da enunciação. Essa interação imprime à narrativa maior dinamicidade na troca de informações, quando são transmitidas aos telespectadores. É interessante observar o modo como esses participantes são evocados e conclamados a participar, já que, diferentemente da narrativa anterior, LV os evoca, na maioria das vezes, explicitamente, usando um vocativo específico (nomes). Isso é percebido ao longo de toda a narrativa, embora tenhamos usado apenas alguns excertos para proceder à nossa análise.

Quanto à questão de esses atos ilocucionários serem diretos ou indiretos, e em relação ao seu ponto de realização, percebemos que a maior parte dos atos enunciados pelo narrador, neste contexto enunciativo, caracteriza-se como direto, já que temos apenas um ato ilocucionário em cada um dos exemplos, realizado por meio de formas linguísticas comuns a esses tipos de atos, como o modo imperativo para enunciar uma ordem ou um pedido e a entonação no caso das perguntas. Observamos que o enunciado apresentar ou não o interlocutor de forma explícita não constitui empecilho para que este ato seja considerado direto, pois este também realiza apenas um ato ilocucionário com traços linguísticos bem delimitados.

As funções enunciativas de “solicitar”, “propor” e “atender a um pedido/passar a palavra” se materializam de forma variada, em especial, quanto ao ponto de realização – assertivo, diretivo, – e também quanto à modalização desses atos: pergunta, ordem, afirmação, etc.

Isso exige uma breve reflexão acerca dos atos indiretos, já que os dois últimos exemplos citados no quadro acima podem ser enquadrados como tais, pois há um ato ilocucionário sendo realizado sob a forma de outro. Neste caso, temos um ato diretivo se realizando na forma de um assertivo, já que o narrador solicita a participação dos interlocutores, não a partir de formas linguísticas tradicionalmente empregadas neste tipo de ato, como uma pergunta, por exemplo, mas por meio de uma asserção.

Logo, compreendemos que, embora esses dois atos tenham ponto de realização assertivo e se apresentem na modalização afirmativa, na verdade, temos dois atos diretivos que se realizam através de assertivos, pois o narrador, na verdade, dirige-se, tanto a Godoy, quanto a Fernando Fernandes (repórter de campo), com a intenção de fazê-los tomar a palavra, assumir o turno de fala, seja comentando sobre o desempenho da arbitragem, seja informando para quem foi dado o cartão amarelo. Mais uma vez, demonstramos que o fato de o interlocutor estar ou não explícito, não determina se um ato será direto ou indireto.

Cabe ressaltar que Fernando assume o turno de fala porque, assim como os demais enunciadores, embora possa assumir diferentes funções discursivas ao longo da produção da narrativa, a ele é atribuída uma função enunciativa pré-determinada: informar dados sobre a partida. Além disso, o repórter reconhece no discurso do narrador o conteúdo temático que lhe diz respeito na enunciação e que o identifica com sua função enunciativa.

Há muitos momentos durante a enunciação em que os interlocutores pedem o turno de fala e, na maioria desses casos, o narrador não explicita o nome do outro enunciador. Uma hipótese para esse tipo de ocorrência pode ser o fato de que, como o seu interlocutor enuncia primeiro, o narrador pressupõe que o telespectador já tenha conhecimento (por reconhecer a voz) se se trata de um dos comentaristas ou de um dos repórteres. Vejamos alguns trechos que mostram como isso acontece nesta narrativa.

Trechos das interações
<p>FF: Luciano!</p> <p>LV: Começou o 2º tempo, finalmente! Só mais 45, 47, 48 e teremos o campeão brasileiro de fato e de direito. <u>Diga!</u></p> <p>FF: Informação importante – na hora do gol do São Paulo, o juiz acabou confessando aqui que ele achou que tinha batido no jogador do Goiás, que foi gol contra, por isso que ele acabou validando o gol. Rodeado que ele teve aqui por uma pessoa.</p>

<p>JFN: Viu, Luciano. Deu pra perceber aqui de cima da cabine no a () antes é que o Hugo tá tendo câimbras. É () pro Joílson.</p> <p>LV: Vem Joílson. Recebeu Hernanes. Deu só o tiro de meta. <u>Cê tava falando câimbra?</u></p>
<p>AP: E, ô Luciano...</p> <p>LV: <u>Diga!</u></p> <p>AP: Detalhe curioso, o ano passado o Caio Junior perdeu a vaga na Libertadores pelo Palmeiras na última rodada e hoje se repete essa situação com o Flamengo.</p>

Nesses exemplos, percebemos que o narrador é que é solicitado pelos seus interlocutores, seja para informá-lo sobre acontecimentos dos bastidores da partida – “o juiz acabou confessando aqui que ele achou que tinha batido no jogador do Goiás, que foi gol contra, por isso que ele acabou validando o gol. Rodeado que ele teve aqui por uma pessoa” –, seja para informar sobre o andamento do jogo – “Deu pra perceber aqui de cima da cabine no a () antes é que o Hugo tá tendo câimbras. É () pro Joílson” –, ou para dar informações sobre o histórico de jogadores, técnicos e times que participam do Campeonato Brasileiro.

Como afirmamos, não há como recuperar, na superfície do enunciado, quem evoca o narrador, a não ser a partir das hipóteses que apresentamos, já que ele responde aos interlocutores das seguintes maneiras: “Diga!” e “Cê tava falando câimbra?”. Apesar disso, esses atos do narrador podem ser considerados diretos, pois se dirigem a um Tu com quem visa a interagir. Eles se realizam de modos distintos – com modalização ordem e pergunta e apresentam como condições de conteúdo proposicional uma ordem e um pedido de informação, respectivamente. Além disso, observamos que os três excertos têm como condições preparatórias reconhecer que uma das funções destes interlocutores (FF e AP), com quem o narrador deve dialogar, é informar dados sobre a partida. Isso acontece, apesar de esse comportamento não ser comum nos demais enunciados produzidos por JFN, já que, neste caso particular, seu discurso demonstra sua vinculação a uma função discursiva distinta da função enunciativa que lhe foi atribuída. As condições de sinceridade dizem respeito ao fato de que LV é narrador e, por isso, também gerenciador de turnos ao longo da narrativa.

Gostaríamos de chamar a atenção, também, para o comportamento do comentarista JFN, uma vez que é recorrente a sua participação, ao longo da narrativa, sem que seja “convidado” a assumir o turno de fala, completando as informações dadas pelo narrador, ou simplesmente comentando algum lance ou alguma outra informação. É importante complementar que depois do narrador, ele é o enunciador que mais participa da construção da narrativa, desempenhando a função enunciativa de comentarista.

Trechos da interação JFN/LV	
LV: Também pro Goiás não quer dizer mais nada, né?	JFN: É. Exatamente. Tem que ir pra cima, tanto é que tirou um jogador de meio de campo, que é o Júlio César, que é o camisa 11, né? Tá fazendo a função junto com o Tiago Feltre, né? Taí as imagens aí que vai vim chuva braba mesmo, já tá começando a chover e o arco-íris lindo, né? Agora, o que o São Paulo tem que fazer, é não... não dar o contra-ataque. E é isso que o São Paulo não vai fazer, porque o Flamengo fez isso, ganhando de 3 a 0, e tomou 3 a 3, e o São Paulo sabe disso, o Muricy sabe disso. Num campo menor como esse, o São Paulo já estando ganhando o jogo de 1 a 0 e começa a ventar e agora entrou o Adriano Gabiru que vai tentar partir pra cima, Luciano. E já a chuva já pega no pé dando breu.
LV: [...] Cê vê que o Rodrigo foi pra bola também, mas o Hugo cabeceou. Olha o Harlei, tá fechando o gol do Goiás!	JFN: E na defesa maravilhosa do Hugo, cabeceou certinho, no pro chão Rodrigo até atrapalhou, né? Ele, o São Paulo parte pra cima, com como time grande mesmo que é, um clube grande, buscando aí o resultado, ó o Borges. [...]
LV: Famosa, famosa, fumaça que ninguém sabe de onde vem...	JFN: E... como que entra no estádio, né?

Se observarmos o modo como JFN introduz sua fala, percebemos que ele parece buscar um diálogo com o narrador, dando prosseguimento ao assunto por este iniciado: – “É. Exatamente”, “E na defesa maravilhosa do Hugo, cabeceou certinho, no pro chão Rodrigo até atrapalhou, né?” e “E... como que entra no estádio, né?”. No primeiro exemplo, embora o narrador use a expressão “né” em um tom interrogativo, na verdade, ele a usa como um recurso retórico, ou seja, pergunta que não exige resposta. Este excerto foi, portanto, incluído neste grupo, por não se caracterizar como ato direto de fala de LV, mas como pergunta retórica. A participação de JFN pode soar ao enunciador, às vezes, como uma intromissão, tendo em vista não ter sido evocado para participar da narrativa. Além disso, percebemos que JFN não obtém, na maioria das vezes, um retorno do narrador que prossegue narrando a partida, informando ou comentando outros fatos e acontecimentos.

Por fim, é importante reiterar que, para que um ato de fala se realize, é necessária, na cena enunciativa, a presença de um locutor, de uma proposição e de um ou mais interlocutores, que interajam entre si. Interessa-nos, no momento, tecer alguns comentários acerca das ações imbricadas nessa interação narrador/interlocutores desta cena-situação comunicativa.

Trecho _{narrador}	Ação ₁	Trecho _{interlocutores}	Ação ₂
LV: [...] Temos alteração, <u>né</u> ?	Solicitar informações ao repórter.	FF: Tem sim. No Goiás, Luciano, tá saindo o Júlio César, número 11, o homem das chuteiras rosas, entra Gabiru, Adriano Gabiru, número 16, o jogador que fez o gol do título mundial pelo Internacional em 2006 contra o Barcelona. 16, Adriano Gabiru.	Informar episódios diversos de bastidores.

LV: <u>Diga!</u>	Atender a um pedido ou passar a palavra	AP: Detalhe curioso, o ano passado o Caio Junior perdeu a vaga na Libertadores pelo Palmeiras na última rodada e hoje se repete essa situação com o Flamengo.	Informar dados sobre histórico de jogadores, técnicos e times.
LV: [...] Godoy, como é que foi o trio de arbitragem, Godoy nesse final de Campeonato com o São Paulo chegando ao título de campeão, <u>Godoy?</u>	Propor discussão sobre aspectos do jogo (arbitragem)	G: Diria que pela fria que o Jaílson entrou, ele se saiu bem, né? E se não fosse o erro grotesco do Alessandro Mattos, a arbitragem poderia ser considerada muito boa, mas o erro que acabou pesando no resultado, porque até agora temos um gol do jogo e o único gol marcado de forma irregular. [...]	Emitir opinião sobre desempenho da arbitragem na partida.
LV: [...] Mais uma alteração na equipe do Goiás. O número 17 às costas é o Alex Terra. É isso, <u>Pétrin?</u>	Solicitar informações ao repórter.	AP: É isso, Luciano, ele tá esperando pra entrar, provavelmente, no lugar do Fausto. O Alex Terra que marcou três gols nesse Campeonato Brasileiro, dois deles na vitória de 3 a 2 contra o Palmeiras no Serra Dourada.	Informar substituições.
LV: Deve ser muito aplaudido quando deixar o gramado Dagoberto, com uma campanha brilhante, que fez, <u>Neto?</u>	Solicitar avaliação sobre desempenho dos jogadores	N: Olha, Luciano, eu, eu gosto muito do Dagoberto. Eu acho ele um jogador extraordinário, eu acho que ele tem eh... muitos problemas no Atlético Paranaense, eh... começou muito mal no São Paulo, mas um jogador que hoje mostrou a sua capacidade como bom jogador, tá saindo aplaudido, olha aí... tá saindo aplaudido, eh... o São Paulo merece, quem mais na minha opinião eh... deveria ser vangloriado é o Muricy Ramalho, né? [...]	Emitir opinião sobre o desempenho dos jogadores.
LV: Temos gol no Brasileiro, <u>Rodrigo?</u>	Solicitar informações ao repórter.	R: É, Luciano, Figueirense vira pra cima do Inter. Primeiro, o gol foi de Rafael Coelho. E depois o Claiton...	Informar dados do campeonato (resultados, classificação).

Podemos notar no quadro acima que os atos tanto diretos quanto indiretos implicam uma ação consecutiva por parte dos interlocutores, o que não acontece de forma arbitrária, já que depende de eles seguirem uma regra a qual condiciona a satisfação ou não de uma ação. Eis as regras a que cada um dos interlocutores obedece e que podem ser comprovadas no quadro anterior.

Interlocutor	Regra
ORG	Condiciona-o a enunciar seu posicionamento, por meio da modalidade comentário, diante das ações dos jogadores (faltas) e do trio de arbitragem, que ocorrem na partida.
JFN	Condiciona-o a enunciar seu posicionamento, por meio da modalidade comentário, diante das ações dos jogadores (faltas, chutes a gol, bolas na trave, escanteios, posse de bola) e das equipes.
FF	Condiciona-o a enunciar informações do jogo, como resultado, tempo, cartões, substituições, público, episódios diversos de bastidores, e dados/histórico dos participantes da partida.
AP	Condiciona-o a enunciar informações do jogo, como resultado, tempo, cartões, substituições,

	público, episódios diversos de bastidores, e dados/histórico dos participantes da partida.
R	Condiciona-o a enunciar informações sobre o Campeonato Brasileiro (resultado, classificação, jogos).

Devido à existência dessas regras que regulam como, o que e por quem deve ser dito, percebemos que o significado de muitos atos diretos e indiretos condiciona os interlocutores de Luciano do Valle a realizarem um ato assertivo como forma de resposta. Isso permite, por exemplo, que, ao enunciar um ato de fala direto como “[...] Temos alteração, né?”, o interlocutor que segue a regra “informar substituições”, responda ao ato de fala do enunciador. No caso dos atos produzidos em que o interlocutor é explicitado na superfície dos enunciados, observamos que, por reconhecer a função enunciativa de cada um de seus interlocutores, LV solicita sua participação, considerando a respectiva função que cada um desempenha na construção da narrativa.

3.5 A narrativa esportiva de futebol no Rádio

Não posso atinar bem como uma bola, jogada à distância, alcance tanta repercussão no centro de Minas. Que um indivíduo se eletrize diante da bola e do jogador, quando este joga bem, é coisa fácil de compreensão. Mas contemplar, pelo fio, a parábola que a esfera de couro traça no ar, o golpe do center-half investindo contra o zagueiro, a pegada soberba deste, e extasiar-se diante desses feitos, eis o que excede de muito a minha imaginação. Há centenas de quilômetros, eles assistem ao jogo sem pagar entrada. E havia quem reclamasse contra o juiz, acusando-o de venal. Um sujeito puxou-me pelo paletó, indignado, e declarou-me: ‘o senhor está vendo que pouca- vergonha? Aquela penalidade de Evaristo não foi marcada’. Eu olhei para os lados, à procura de Evaristo e da penalidade, via apenas a multidão de cabeças e de entusiasmos; e fugi.

Carlos Drummond de Andrade

A narrativa radiofônica tem suas peculiaridades, inclusive quando se trata da *narrativa esportiva de futebol*. Antes de passarmos à análise, apresentaremos algumas considerações gerais sobre a relação histórica entre futebol e rádio e sobre a narrativa produzida por sujeitos que enunciam a partir deste outro suporte midiático.

O rádio surgiu no início do século XX, criado por Guglielmo Marconi, embora muitos atribuam sua invenção a um padre brasileiro, Roberto Landell de Moura. A primeira transmissão no Brasil data de 1922 e, a partir daí, muitas emissoras surgiram, devido ao sucesso promovido pela recém-chegada invenção.

De acordo com uma pesquisa realizada por Guerra (2006, p.18), o futebol surgiu na segunda metade do século XIX, na Inglaterra enquanto um jogo regulamentado, embora haja

indícios da prática em outros países e em períodos anteriores. É trazido ao Brasil por Charles Miller que introduz o esporte entre pessoas da elite da sociedade paulistana até que, aos poucos, foi se tornando um esporte popular.

A primeira transmissão radiofônica de uma partida de futebol aconteceu em 1931, pela Rádio Educadora Paulista, na voz de Nicolau Tuma, que ficou conhecido como *speaker metralhadora* por sua forma de narrar. Uma das narrações esportivas de Tuma foi um jogo entre São Paulo e Paraná, partida da oitava edição do Campeonato Brasileiro (GUERRA, 2006, p.19). Segundo Guerra,

No começo as transmissões eram feitas apenas pelo narrador. Não havia repórter de campo, comentarista e nem plantonista de estúdio. Daí a preocupação de Nicolau Tuma em não parar de falar em momento algum. Ele fazia de tudo para não perder o ritmo, com receio de “abrir buracos na transmissão” e o ouvinte mudar de estação. (GUERRA, 2006, p. 21)

O autor afirma que, após a Revolução Paulista, em 1933, os narradores começaram a apresentar um caráter “bairrista” ao narrar, especialmente em disputas que envolviam times paulistas e cariocas. “Nas disputas interestaduais os locutores acrescentavam um toque de torcedor, sob o argumento [sic] que estava em jogo o fortalecimento do Estado. Isso despertou a concorrência entre as emissoras e começou a valorizar os narradores e seus estilos.” (GUERRA, 2006, p. 22).

Com a evolução do rádio, em termos técnicos e estruturais das emissoras, evoluiu também a forma como as partidas eram narradas. Ao longo dos anos, elementos foram incorporados (como hoje, por exemplo, quando temos a participação do ouvinte pela internet), e melhorados a fim de atender a um público cada vez mais exigente. No entanto, algumas características permaneceram e ainda são o motivo pelo qual muitos indivíduos, mesmo com o advento da televisão, não abandonaram o rádio.

A popularização da *narrativa esportiva de futebol* no rádio se deve, para Guerra (2006), a dois fatores principais. O primeiro deles é o fato de ser característico do futebol o imprevisto, o inusitado; essa expectativa criada pelo narrador e provocada no ouvinte faz com que este fique “ligado”, o tempo todo na narrativa, procurando não perder uma jogada sequer, já que isso pode até mesmo fazê-lo perder o “fio da meada” da partida. Todo esse clima envolve narrador e ouvinte em um ambiente de emoção, paixão e tensão, em que a sorte conta muito mais do que a técnica, a estratégia ou a força.

Um segundo fator, interligado ao primeiro, é a relação que se estabeleceu entre futebol, religião e superstição. Assim, tanto o narrador, quanto o ouvinte passam a evocar

seres divinos, bem como a fazer referência a atitudes supersticiosas, como acreditar que usar determinada camisa “dá sorte” ao time ou que, quando um determinado sujeito narra a partida, ele “dá sorte” ou “azar” (“pé frio”) a uma equipe.

O modo como o enunciatador narra, juntamente com outros elementos, transforma a partida em um grande espetáculo, uma verdadeira batalha entre os times, durante a qual tudo pode acontecer. A partida apresenta um caráter simbólico de luta, em que os heróis são eleitos dentre os jogadores, a fim de conquistar a vitória sobre o adversário. Isso mostra o quanto o rádio explora a imaginação do ouvinte, o que, segundo a pesquisa de Guerra (2006), se confirma, quando vários ouvintes afirmaram que, quanto mais trabalhada for a narrativa, melhor se torna a partida e mais prestigiado o narrador. De acordo com o cronista Armando Nogueira,

Sempre achei que o futebol perdeu muito, em fantasia, depois que apareceu a televisão, apacando no torcedor a capacidade de sonhar cada drible, cada passe, cada chute, cada gol. Graças a Deus, o rádio me pegava pela mão e me transportava aos campos de futebol na minha utopia. Abençoado o rádio que me nutriu de tantos devaneios recolhidos nas tramas da grande área. (NOGUEIRA apud GUERRA, 2006, p.56).

Na transmissão pelo rádio, apenas o narrador tem a posse da imagem. Isso dá liberdade para o ouvinte imaginar a partida, os jogadores, os gols e lances diversos, enquanto, com a força de sua narração, o narrador permite, ao ouvinte, por assim dizer, participar mais da construção da narrativa, sonhar, sentir e desfrutar da sensação de construir cada jogada, de estar no campo assistindo ao jogo. Isso faz com que muitas pessoas prefiram o rádio à televisão. Por isso, o grande desafio do narrador radiofônico é narrar, simultaneamente, os diversos acontecimentos durante toda a partida, evitando a hesitação e o silêncio prolongado, já que este pode fazer o ouvinte mudar de estação; o narrador deve ter cautela para, ao fazer isso, não preencher o espaço da sua enunciação com “falas vazias”, que objetivem tão somente ao passar do tempo ou que não interessem ao seu interlocutor. Além disso, cabe ao narrador gerenciar a participação dos outros participantes – como comentaristas, repórteres de campo e plantonistas – e o momento de usar as vinhetas e as publicidades, de forma que essas ações não atropelam a transmissão e o ouvinte não fique confuso, já que não dispõe, como dissemos, da imagem para auxiliá-lo.

Para suprir a ausência da imagem, o narrador explora os recursos prosódicos que lhe possibilitam *mostrar* ao ouvinte a intensidade com que percebe as ações que acontecem em campo, como um chute ou uma falta cometida. Assim, a velocidade e a entonação da fala, a

dicção e a imprevisibilidade são aspectos que revelam a percepção do narrador e também a sua intenção ao narrar de um modo ou de outro. É o narrador que imprime o ritmo à narrativa, o que também caracterizará o seu estilo.

É comum aos narradores esportivos imprimirem ritmos rápidos às suas falas, representando a realidade subjetiva e não a objetiva. A memória emocional tem papel semelhante ao funcionar como um arquivo no qual o apresentador encontra a tonalidade emotiva que vai imprimir à informação. Da mesma forma, a recriação da emoção dá subsídios ao profissional para, por exemplo, transmitir a sensação que o espetáculo, a partida de futebol, lhe provocaram. (SANZ apud GUERRA, 2006, p. 53)

Guerra (2006, p.54) afirma que o narrador, ao elaborar um estilo próprio de narrativa, também se vale de uma série de estratégias com a finalidade de captar a audiência e a atenção de seu ouvinte, muitas vezes referido como “torcedor”. Algumas delas seriam: a linguagem estereotipada; a associação do jogo a uma batalha, onde vence o melhor; as adjetivações relativas tanto a jogadas quanto aos jogadores e demais participantes do jogo; e o que ele denomina retórica das amplificações, ou seja, o uso de vocativos quando conclama o ouvinte a participar da partida e da narrativa, enfim, para que ele venha fazer parte do espetáculo.

Dessa maneira, vemos que, assim como na televisão, a narrativa do rádio apresenta uma equipe jornalística esportiva que serve de apoio ao narrador, publicidades que são narradas pelo próprio enunciador da partida, ou por outra voz não explicitada, e entrevistas com os jogadores, técnicos e outras personalidades, realizadas pelos repórteres de campo.

Após essas considerações gerais sobre como se caracteriza a *narrativa esportiva de futebol* radiofônica, passaremos à análise das duas narrativas veiculadas por esse tipo de mídia, baseando-nos nas categorias discutidas no capítulo 2. Partindo das semelhanças e diferenças que esperamos encontrar, temos como objetivo também apresentar regularidades que possam respaldar a constituição da *narrativa esportiva de futebol* como um gênero discursivo.

3.5.1 A narrativa esportiva de futebol na Rádio Globo

O Campeonato Paulista é um evento organizado desde 1941, pela Federação Paulista de Futebol¹⁸, que acontece no período de janeiro a maio (antecedendo ao Campeonato Brasileiro), sendo composto por 3 fases, em que equipes de variadas regiões do estado de São Paulo disputam o título de *Campeão Paulista*. Ao final das dezenove rodadas, as quatro melhores equipes competem pelo título de campeão estadual, em jogos das semifinais e na final. Os quatro últimos colocados, segundo os critérios de desempate, são rebaixados para a série A2 do ano seguinte. Os dois melhores ficam automaticamente qualificados para a “Copa do Brasil” do ano seguinte e, se conquistarem vagas como os melhores colocados desta Taça, também participam da “Libertadores da América”.

Segundo consta no site *Memória Globo*, a Rádio Globo foi inaugurada em 2 de dezembro de 1944, quando transmitiu a final do Campeonato Brasileiro de Futebol para os soldados da FEB, em campanha na Europa, durante a Segunda Guerra Mundial. Com seu crescimento, a partir de 1974, começou a ser denominada Sistema Globo de Rádio, para se referir às empresas de rádio do grupo Globo espalhadas por todo o país.

Em um depoimento concedido à própria Rádio Globo¹⁹, Mário Luís que, a partir de 1970, dirigiu-a durante muitos anos, afirma que a emissora teve seu formato modificado por volta de 1966, devido ao advento da televisão, a qual atraiu tanto a população como muitos artistas do rádio. Segundo ele, o rádio, que também era divertimento, passou a valorizar mais a informação, transmitida como um serviço prestado à sociedade. Foi assim que a Rádio Globo foi conquistando seu espaço até alcançar a liderança, na qual permaneceu por muito tempo.

A narrativa transmitida pela Rádio Globo que coletamos, foi produzida a partir da disputa entre as equipes do Corinthians e Santo André, no dia 15 de março de 2009, no Estádio Bruno José Daniel em Santo André, e faz parte da 14^a rodada do *Campeonato Paulista de 2009*.

Como já dissemos, optamos por efetuar um recorte no *corpus* de análise, devido à sua extensão, e tendo em vista o propósito desta pesquisa, que é promover uma aproximação dos estudos do discurso e a *narrativa esportiva de futebol*. Assim, focalizaremos nossa análise no 2^o tempo da partida, por o considerarmos decisivo para o resultado final da partida.

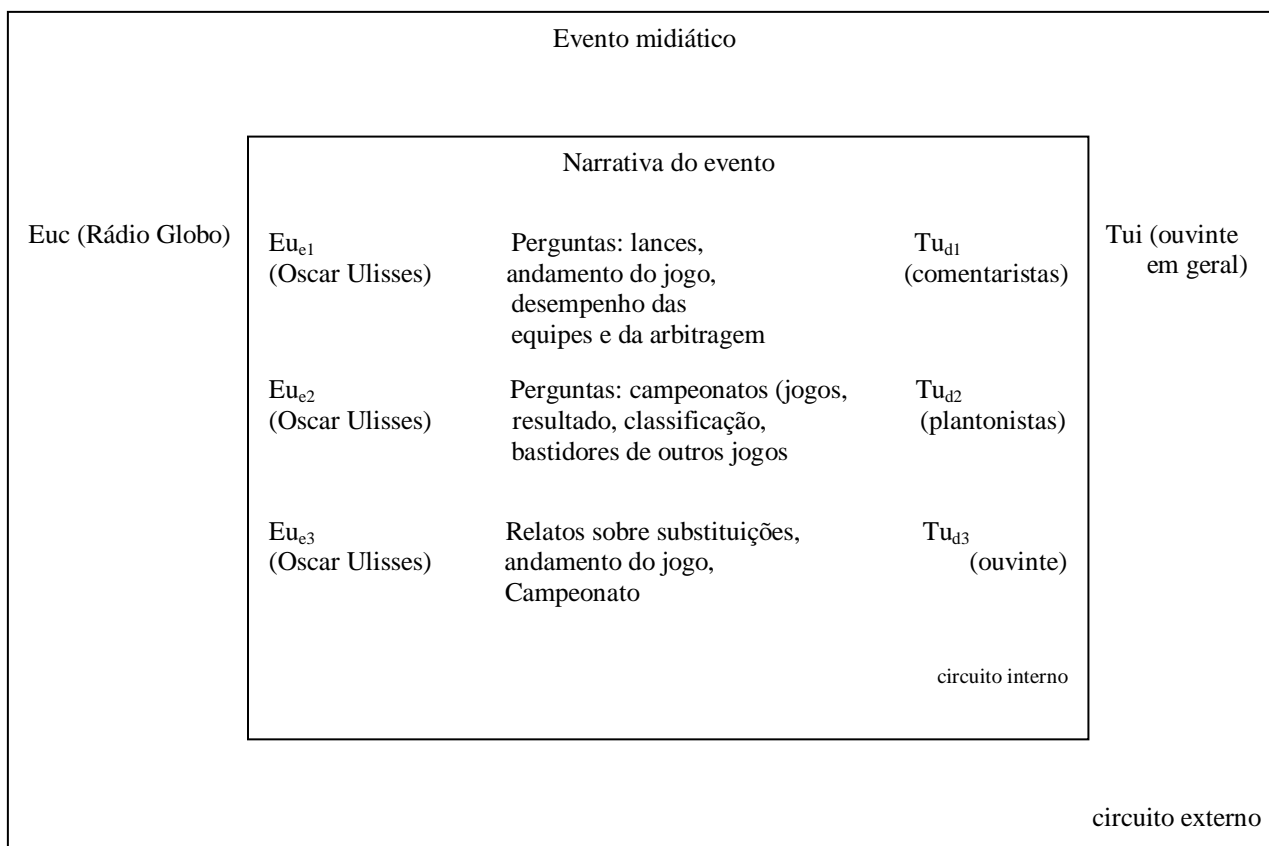
Partindo, inicialmente, da análise da cena enunciativa, observamos que a Rádio Globo conta com uma equipe de nove jornalistas, os quais desempenham funções distintas ao longo

¹⁸ A disputa é realizada desde 1902, e teve como organizadoras diversas entidades, segundo o site: http://pt.wikipedia.org/wiki/Campeonato_Paulista_de_Futebol

¹⁹ Não é possível informar quando e a quem foi concedido tal depoimento, que pode ser acessado em: <http://www.radiobase.hpg.com.br/radioglobo.htm>.

da transmissão. Eles atuam como sujeitos responsáveis por “inaugurarem” a interação com o espectador que ouve a partida e participa da co-construção do sentido da narrativa. Entre o narrador (Oscar Ulisses), os comentaristas (Osvaldo Paschoal e Jesse Nascimento) e os repórteres e plantonistas (Silva Jr., Gustavo Vilani, Laércio Ramos, Nathalie Gedra, Márcio e PJ) também se estabelece uma relação de interlocução, considerando que dialogam entre si e com o ouvinte (quase) ao mesmo tempo, embora com este último seja em menor escala.

Representamos os sujeitos participantes da construção dessa narrativa e suas respectivas funções em um quadro enunciativo semelhante ao proposto por Charaudeau.



Cena enunciativa geral

Observamos que, em um circuito externo de produção do enunciado, os participantes são a Rádio Globo, a qual desempenha a função de um *eu comunicante* (EUC), o qual se pronuncia por meio de diversos enunciadores que dão voz à emissora na construção da narrativa. Nesse mesmo circuito, inscreve-se o ouvinte como um *tu* interpretante, ou seja, um público que é idealizado como interlocutor e cuja audiência a emissora visa a conquistar por meio de estratégias discursivas diversas materializadas no discurso do EUE. Assim, podemos afirmar que o circuito externo caracteriza o nível situacional, que representa o lugar de um *fazer* psicossocial.

No circuito interno da enunciação, percebemos a presença do narrador o qual assume a função enunciativa de *eu enunciador* (Eue), atuando como *porta-voz* da instituição da qual é funcionário, elaborando estratégias que tragam à tona os anseios da emissora e que determina, segundo ela, o que e por quem pode e deve ser dito.

Em uma *narrativa esportiva de futebol* podemos considerar, sob outro ângulo, os diversos sujeitos que enunciam (comentaristas, plantonistas) como enunciadore e, conseqüentemente, o ouvinte como um Tud a quem todos eles se dirigem. No entanto, neste trabalho, abordaremos apenas a interação entre narrador (EUE) e demais participantes (TUD), incluindo neste último o torcedor. O *tu destinatário* (TUD), então, consiste nas diversas instâncias de interlocução, descritas no quadro, com quem o enunciador interage. Esse circuito interno caracteriza o nível comunicacional, o qual representa o lugar onde o *dizer* é organizado.

Discutimos nas análises anteriores que a principal função de um narrador em uma *narrativa esportiva de futebol* é relatar os fatos, descrevê-los, embora estes não sejam narrados de forma linear, devido à especificidade do evento narrado, e visto que uma partida de futebol se divide em diversos blocos de ação que se unem formando um todo articulado e significativo. Vejamos como se comporta o narrador durante o desempenho de suas funções, ao produzir uma narrativa em um suporte como o rádio.

O narrador esportivo, em uma transmissão radiofônica, não possui o auxílio da imagem para ajudá-lo a produzir o sentido para o ouvinte. Sendo assim, diremos que cabe a ele, mais do que a um narrador que transmite um jogo pela TV, explorar o imaginário do ouvinte ao narrar cada acontecimento/ação da partida. Esse aspecto da narrativa radiofônica é tão importante que, segundo Guerra (2006, p. 37), “[...] o locutor será melhor e mais prestigiado à medida que for capaz de transmitir, e mais, inventar o jogo.”

O narrador, neste contexto comunicativo, deve saber lidar com o imprevisto, já que não pode contar com uma fala programada, devido às situações se modificarem a cada instante. Isso também implica o fato de ele não deixar lacunas na transmissão, preenchendo todos os espaços de tempo, o que o faz recorrer reiteradas vezes à linguagem fática.

De acordo com Guerra (2006, p.52), “[...] o narrador precisa criar para si uma situação, uma referência, que contribui para que ele consiga alcançar o clima que deseja transmitir, tal qual na construção dramática.” Assim, o narrador molda o evento, assumindo um papel de contador de histórias, incorporando a emoção e o drama à sua fala e transmitindo ao ouvinte o sentimento que o evento lhe provoca enquanto assiste à partida dentro do estádio.

(...) a bola é um reels (...) detalhe, pois o que interessa no esporte é o ser humano por trás da bola, é o drama, é a tragédia, é o horror, é a compaixão. O que vale são as histórias – cômicas, dramáticas ou simplesmente pitorescas – que se formam em torno das personagens e instituições do universo futebolístico. Através desse suplemento interpretativo, que são os incontáveis discursos que a sociedade produz sobre o espetáculo, o jogo ganha uma dimensão nova e emocionante. (RODRIGUES FILHO, 1994, p.11)

Um narrador inserido no contexto midiático, além de narrar ou descrever uma ação ou um acontecimento relativo a terceiros, em geral, parte de fatos verídicos, transpondo-os da realidade cotidiana à voz no rádio, a fim de tornar aquele “mundo” da mídia próximo, familiar ao ouvinte.

Destacamos, no quadro a seguir, as principais funções discursivas desempenhadas pelo narrador (OU) e pelos demais participantes dessa enunciação. Marcamos com um “x” as funções e os fatos a elas relacionados, referentes a cada uma das instâncias enunciativas.

Função discursiva	Fatos	Narrador	C-1 (OP)	C-2 (JN)	P-1 (LR)	P-2 (NG)	P-3 (GV)	P-4 (SJ)	P-5 (M)	P-6 (PJ)
narrar	o evento	x		x						
informar	Escalção dos times									
	Trio de arbitragem									
	Substituições	x	x	x						
	Dados do jogo: resultado, tempo, cartões, público	x		x			x			
	Episódios diversos de bastidores	x	x	x			x		x	
	Dados/histórico dos participantes da partida	x		x						
	Campeonato: resultados, classificação	x			x	x	x	x	x	
	Dados paralelos ao evento	x						x	x	x
emitir opinião	Andamento do jogo (faltas, chutes a gol, bolas na trave, escanteios, posse de bola etc)	x	x	x	x					
	Desempenho das equipes	x	x	x						
	Desempenho da arbitragem (lances duvidosos,		x		x					

	disciplina)									
	Episódios de bastidores	x	x	x					x	
	Desenrolar do campeonato (tabela, resultados, classificação)	x			x					
solicitar	Informações dos repórteres	x	x							
	Avaliação sobre o desempenho dos times	x								
	Avaliação sobre o desempenho da arbitragem	x								
	Reprise de lances									
	Lances de outras partidas									
propor	Discussão sobre aspectos técnicos do jogo	x								
	Discussão sobre fatos de arbitragem	x								

Sabemos que o narrador ocupa uma função primordial e central na narrativa, gerenciando os turnos de fala, dos quais detém a maior parte, e as informações que devem ser dadas, por quem e quando. Percebe-se, também, que todos os participantes desempenham funções específicas na enunciação, as quais se complementam, para que se construa um sentido para o telespectador.

Dentre as funções discursivas²⁰ elencadas no quadro, podemos destacar como comuns a um narrador de uma partida de futebol a de narrar ações, solicitar informações aos repórteres, comentaristas e propor temas para discussão ao longo da partida. Percebemos que ele acaba por desempenhar outras funções, as quais seriam típicas dos demais participantes da enunciação. Concluimos, então, que, dentre todos eles, o narrador é o que exerce o maior número de funções discursivas durante a produção da narrativa no rádio.

Isso acontece, devido a um efeito em cadeia durante a produção do enunciado, já que ao desempenhar a função discursiva que lhe é própria, ela exige que ele assuma outra função e outra, e daí por diante. Um exemplo disso é a narração sobre falta cometida por um jogador, momento em que o narrador emite uma opinião sobre o fato e, ao mesmo tempo, solicita ao

²⁰ Atribuímos à função enunciativa os valores associados ao locutor (Euc, Eue) e ao alocutário (Tud, Tui) e à função discursiva, valores inerentes a gêneros específicos (narrar, informar...)

comentarista que avalie o desempenho da arbitragem, ou propõe uma discussão entre os interlocutores. Por meio desta e de outras ocorrências durante a narrativa, como veremos abaixo, podemos afirmar que o narrador é a instância enunciativa que desempenha o maior número de funções discursivas nesta enunciação.

Vejamos alguns exemplos de narrativas durante a qual Oscar Ulisses atende à função discursiva de narrador e, a seguir, outros em que ele exerce outras funções, a fim de comprovar o que foi descrito na tabela anterior.

OU: Lá Corinthians! Bola pra Chicão, daí pra Fabinho, Fabinho domina, rola para aqui pela meia, domina Túlio, Túlio vai para o ataque. Laaaaança pelo alto lá na ponta esquerda, cai lá pela canhota pra André, André domina com dificuldades, mas agora arruma bem. Já passou a metade do campo, adiantou pra Sousa, dominou pela minha esquerda, André passa, pede de volta, Sousa a finta, rola pra Doooooouglas, passa por ele! Perde a bola, Douglas. Retoma outra vez o time do Santo André! Na esquerda tem posse de bola o Escobar, Escobar recuou um pouquinho, toca a bola pro camisa número 10, Elvis, Elvis domina aqui pela ponta esquerda, Boquita aperta na marcação, Elvis volta pro goleiro e o Neneca pega na marca do pênalti. Futebol show é na Rádio Globo!

OU: Pois é, escanteio pro time do Santo André bater pela direita, Marcelinho, na ponta, levantou, com cuuuuurva, Felipe! Tá na mão do goleiro! Felipe pega para o Corinthians, entrega lá pela direita para Christian, faz a finta, limpa bem o lance, toque para Boquita, contra-ataque pode ser gigante pro Timão, Boquita dominooooou, fez a finta, caiu, foi atingido, falta do Cezinha! É falta pro Corinthians bater na metade do campo. Falta batida, bola enfiada pela linha pra Túlio! Túlio abre bola pela ponta esquerda pelo alto, André! Corre pra evitar a saída de bola, alcança André, dominou pela ponta, mais adiante pra Dentinho, bico da área, levou na esquerda, linha de fundo, parou, voltou, pra André preparou o cruzamento, bateu na grande área, tiiiira de qualquer jeito o Marcel! Bola fora! Lateral pro Corinthians pela esquerda. Futebol show é na Rádio Globo!

OU: Lá vem pro ataque Corinthians, bola para Boquita, Boquita domina pela direita, o comentarista falou que cê vai sair, Boquita! Boquita recebe, abriu na ponta pra Dentinho, só uma marca Dentinho, botou na frente, só um tira do Dentinho! Elvis toca na bola, faz o corte, Dentinho fica caído, Elvis fica com a bola! Sai jogando pro time do Santo André, aprofunda aqui na metade do campo Antônio Flávio perde, Boquita, de novo, no ataaaaaque! Abre errado na direita. Elvis corrige, dá contra-ataque pro Santo André, bola enfiada, que passe! Pablo Escobar pra Junior Dutra, levou, pra grande área, mira a marca, Junior tentou a fiiiiinta, escapa dele, espirra, vai pro goleiro! (vinheta “Gôôl!”) Felipe pega pro Timão, domina bem. Futebol show é na Rádio Globo! (barulho de água)

Esses trechos selecionados do 2º tempo do jogo correspondem a alguns dos momentos nos quais o narrador atende apenas à função enunciativa de narrador. Neles, podemos perceber que ele narra as ações dos jogadores e enuncia uma chamada, constantemente – “Futebol show é na Rádio Globo!” –, dentre outras que fazem parte da transmissão, e que delimitam momentos específicos da narrativa, como, por exemplo, anunciar o placar, o tempo

e o resultado do jogo, ou uma publicidade. Seguem abaixo alguns exemplos nos quais notamos que o narrador oscila entre atender à função discursiva de narrar e distanciar-se dela.

OU: Aaaaaapita o árbitro! Começa o 2º tempo aqui em Santo André! (vinheta cantando “Oscar Ulisses!”) Comigo e com a equipe do pai da matéria! (vinheta – música de futebol). Emoção! Pablo Escobar, bateu pro gol! Pra fora do goooooool!!! (vinheta ecoando “Rádio Globo!”) Uma jogada perigosíssima do Santo André, Pablo Escobar!!! Nos primeiros segundos do 2º tempo uma boooooomba do meio da (). Vai fora, quase o gol, passou perto, hein, Jesse?

Este excerto exemplifica o caráter caótico da maior parte dos turnos de fala do narrador, que aponta para uma “desorganização” discursiva. Isso ocorre, porque ele assume diversas funções não lhe são atribuídas, ou que não lhe são típicas; conseqüentemente, ele mescla conteúdos temáticos variados aos seus enunciados. Apresentamos o trecho acima em partes, apontando as ações discursivas²¹ que podemos encontrar nesta fala do narrador.

Excertos do trecho	Ações discursivas
“Aaaaaapita o árbitro! Começa o 2º tempo aqui em Santo André! (vinheta cantando “Oscar Ulisses!”) Comigo e com a equipe do pai da matéria! (vinheta – música de futebol). Emoção! Pablo Escobar, bateu pro gol! Pra fora do goooooool!!! (vinheta ecoando “Rádio Globo!”)”	Narrar o evento.
“Uma jogada perigosíssima do Santo André, Pablo Escobar!!! Nos primeiros segundos do 2º tempo uma boooooomba do meio da (). Vai fora, quase o gol [...]”	Emitir opinião sobre andamento do jogo.
“[...] passou perto, hein, Jesse?”	Solicita avaliação sobre o desempenho dos times.

Como podemos constatar, ao mesmo tempo em que Oscar Ulisses desempenha sua função discursiva de narrador, relatando o evento e solicitando uma avaliação sobre o desempenho dos times a um comentarista, ele desempenha outra função que seria comumente assumida por um comentarista: emitir sua opinião acerca de uma jogada realizada pelo jogador do Santo André. Analisemos outro exemplo.

OU: Corinthians no ataque. Sousa, Dentinho, tabela feita, Dentinho, dominou, na esquerda, linha de fundo, volta um pouco. André pega pela canhota, prepara o cruzamento, voltou, Dentinho, lá na ponta, sobe a bandeira. Impedido o Dentinho, Dentinho ficou bravo com o André. Ele pediu pro André num passar, o André passou, tava impedido o Dentinho. Placar da Globo, aqui 0 a 0. Daqui a pouco, Silva Junior com aquele vozeirão que Deus deu pra ele, transmite o jogo com PJ, com Natalie Gedra, o São Paulo contra o Marília no Morumbi daqui a pouco. Tem também daqui a pouco no Estádio do Pacaembu... (vinheta)

²¹ Ação discursiva aqui entendida como a junção de uma função discursiva a um fato.

Notamos, mais uma vez, que o narrador, concomitantemente, procura narrar cada ação da partida e informar dados do jogo, como o placar, já que o rádio não dispõe do recurso visual da televisão; informa sobre a programação da emissora, bem como sobre os times que ainda competirão neste dia no Campeonato Paulista; e solicita a participação do repórter, ainda que de um modo peculiar, distinto do que podemos ver nas narrativas televisivas, pois sua fala é completada por uma vinheta e pela voz do narrador da partida anunciada. Essa variação em termos de função é representada no quadro a seguir, e revela o desempenho de funções discursivas comuns a um repórter e a um plantonista, além da sua função enunciativa de narrador.

Excertos do trecho	Ações discursivas
“Corinthians no ataque. Sousa, Dentinho, tabela feita, Dentinho, dominou, na esquerda, linha de fundo, volta um pouco. André pega pela canhoto, prepara o cruzamento, voltou, Dentinho, lá na ponta, sobe a bandeira. Impedido o Dentinho, Dentinho ficou bravo com o André. Ele pediu pro André num passar, o André passou, tava impedido o Dentinho.”	Narrar o evento.
“Placar da Globo, aqui 0 a 0.”	Informar dados do jogo.
“Daqui a pouco, Silva Junior com aquele vozeirão que Deus deu pra ele, transmite o jogo com PJ, com Natalie Gedra, o São Paulo contra o Marília no Morumbi daqui a pouco.”	Informar sobre programação da emissora e sobre campeonato.
“Tem também daqui a pouco no Estádio do Pacaembu... (vinheta)”	Solicitar informações ao repórter.

Comentamos, a seguir, mais um excerto que corrobora o que foi afirmado a respeito da diversidade na função discursiva do narrador nesta narrativa. É importante salientar que, devido a aspectos situacionais, o narrador se mantém (mais do que nas narrativas televisivas), na maior parte de seus turnos, fiel à sua função enunciativa de narrar a partida, embora desempenhe outras funções discursivas.

OU: É zagueiro, vai entrar, vai sair o Junior Dutra. Essa é a mudança feita pelo técnico do Santo André no 2º tempo aqui. Falta pro Timão bater pela minha esquerda, falta peeeeeerigosa! Chicão, pertinho da bola, André também, Christian por ali, barreira formada, já no interior da grande área, vem todo time do Santo André pra marcação, todo encolhidinho. Santo André com 10 em campo agora. Corinthians no ataque, Chicão pronto pra bater a falta. Christian, André Santos, um dos três. Atenção, Christian passou, lá vai Chicão, colocou pro goooooool, peeeeeega o goleiro! (vinheta, ecoando “Rádio Globo!”) Com o braço direito, Neneca domina para o Santo André, futebol show é na Rádio Globo!

Excertos do trecho	Ações discursivas
“É zagueiro, vai entrar, vai sair o Junior Dutra. Essa é a mudança feita pelo técnico do Santo André no 2º tempo aqui.”	Informar substituição.

<p>“Falta pro Timão bater pela minha esquerda, falta peeeeeerigosa! Chicão, pertinho da bola, André também, Christian por ali, barreira formada, já no interior da grande área, vem todo time do Santo André pra marcação, todo encolhidinho. Santo André com 10 em campo agora. Corinthians no ataque, Chicão pronto pra bater a falta. Christian, André Santos, um dos três. Atenção, Christian passou, lá vai Chicão, colocou pro goooooool, peeeeeega o goleiro! (vinheta, ecoando “Rádio Globo!”) Com o braço direito, Neneca domina para o Santo André, futebol show é na Rádio Globo!”</p>	<p>Narrar o evento.</p>
---	-------------------------

O excerto demonstra que o relato produzido pelo narrador no rádio ocupa-se muito mais da narração das ações do que dos comentários. Nos exemplos anteriores, observamos que o narrador interrompe sua narrativa apenas para informar o placar e anunciar que logo será transmitida outra partida pela Rádio. Esse tipo de narrativa apresenta um caráter dinâmico, seja pela velocidade que o narrador imprime ao seu discurso, e os interlocutores trocam os turnos de fala, seja pelo volume de informações que são dadas ao ouvinte em um curto espaço tempo. Isso exige do ouvinte maior concentração, embora lhe possibilite ouvir a narrativa e compreendê-la, enquanto realiza outras atividades, ao contrário do que acontece na narrativa da televisão, na qual nem tudo é narrado de forma detalhada pelo narrador, o qual se permite até momentos de silêncio.

Assim, essa dinamicidade da narrativa radiofônica acaba se tornando um diferencial, devido às condições nas quais é produzida – a necessidade de conciliar a simultaneidade da enunciação e dos acontecimentos, tendo como apoio apenas a voz – e à exigência do mercado, já que, se o narrador não produzir algo distinto da televisão, não há motivos para o indivíduo ouvir a partida pelo rádio, a não ser que este seja o único meio de comunicação de que disponha.

Após essa breve análise das funções desempenhadas pela instância enunciativa do narrador, podemos dizer que essa mudança de funções/papéis discursivos não prejudica a compreensão do ouvinte, já que eles se complementam na construção da narrativa. Dessa forma, as ações de emitir opinião, anunciar, informar, solicitar, dentre outras, compõem a ação de narrar, tornando a narrativa mais completa, em termos de informação e mais dinâmica, captando a atenção e a audiência do ouvinte, e caracterizando OU como um metanarrador.

Oscar Ulisses é apresentador de um programa de esportes diário, no qual, juntamente com uma equipe de jornalistas, transmite informações dos clubes paulistas e comenta as partidas; é também narrador titular das partidas de futebol em que estiverem em campo equipes da cidade de São Paulo. Percebemos que a narrativa é mais focalizada no *narrar* do

que no *comentar*, seja devido à necessidade de seu discurso acompanhar o ritmo da partida, seja pela ausência da imagem como apoio na transmissão da narrativa. Ele também atua como um mediador, definindo a quem é dado o direito de pronunciar-se, quando e sobre o quê deve enunciar. Os seus turnos são mais numerosos, mas bem distribuídos entre os outros participantes, os quais são convocados ao longo de toda a narrativa para dar breves informações ou fazer rápidos comentários.

O narrador organiza seu discurso de um modo particular e distinto do que se espera de um sujeito que propõe atender a tal posição enunciativa. Esse modo de organização, alternando, em alguns de seus turnos de fala, a função de narrar com outras que não são características de um narrador, revelam seu estilo. Esse estilo tem sido adotado por alguns locutores em narrativas radiofônicas de futebol há pouco tempo, já que, até então, se considerava inadequada à situação comunicativa o fato de o narrador se permitir “abandonar” a narrativa por alguns segundos, para tecer comentários, informar dados da partida, do campeonato, da programação da emissora, ou mesmo para dar espaço, no decorrer do jogo, aos comentaristas e repórteres.

Apesar disso, ainda há um predomínio, no rádio, dos turnos de fala do narrador os quais se caracterizam pela preponderância da ação discursiva de “narrar o evento”. O entusiasmo do narrador também é percebido pelo uso de recursos prosódicos variados. A enunciação em que se constrói esta narrativa apresenta suas peculiaridades, a princípio, por não possuir o suporte imagético de que a TV dispõe. Para suprir esta falta, a narração radiofônica explora inúmeros recursos sonoros (vinhetas, músicas, efeitos prosódicos na fala do narrador, inclusive nas publicidades...). Vejamos os exemplos a seguir.

OU: Aaaaaapita o árbitro! Começa o 2º tempo aqui em Santo André! (**vinheta cantando “Oscar Ulisses!”**) Comigo e com a equipe do pai da matéria! (**música – “No ritmo que se toca a bola e a bola rola trazendo emoção”**). Emoção! Pablo Escobar, bateu pro gol! Pra fora do **goooooooool!!!** (**vinheta ecoando “Rádio Globo!”**) Uma jogada **peeeeeerigosíssima** do Santo André, Pablo Escobar!!! Nos primeiros segundos do 2º tempo uma **boooooomba** do meio da (.). Vai fora, quase o gol, passou perto, hein, Jesse?

OU: [...] Falta pro Corinthians bater! E o jogo tá parado mais uma vez aqui em Santo André. Falta lá pela ponta esquerda para o Timão. Futebol show é na Rádio Globo!

[Não demore, nem deixe a porta da geladeira aberta à toa. Economize energia elétrica! Uma dica da AES Eletropaulo]

Excertos do trecho	Ações discursivas
“ Aaaaaapita o árbitro! [...] Pra fora do goooooooool!!! ”	Realizar efeitos prosódicos sobre o narrar.

“Começa o 2º tempo aqui em Santo André!”	Narrar o evento.
“(vinheta cantando ‘Oscar Ulisses!’)”	Vinhetas (tema do narrador).
“Comigo e com a equipe do pai da matéria!”	Informar dados de bastidores.
“Emoção! Pablo Escobar, bateu pro gol!”	Narrar o evento.
“(música – “No ritmo que se toca a bola e a bola rola trazendo emoção”)”	Músicas.
“(vinheta ecoando “Rádio Globo!”)”	Vinhetas (tema da emissora).
“Uma jogada peeeeeerigosíssima do Santo André, Pablo Escobar!!!”	Narrar o evento/ Realizar efeitos prosódicos sobre o narrar.
“Nos primeiros segundos do 2º tempo uma boooooomba do meio da ().”	Narrar o evento/ Realizar efeitos prosódicos sobre o narrar.
“Vai fora, quase o gol, passou perto, hein, Jesse?”	Narrar o evento/ Solicitar avaliação sobre andamento do jogo.
“[...] Falta pro Corinthians bater! E o jogo tá parado mais uma vez aqui em Santo André. Falta lá pela ponta esquerda para o Timão.”	Narrar o evento.
“Futebol show é na Rádio Globo!”	Publicidades da emissora.
“[Não demore, nem deixe a porta da geladeira aberta à toa. Economize energia elétrica! Uma dica da AES Eletropaulo]”	Publicidades.

No primeiro trecho representado graficamente, o narrador prolonga as vogais das palavras “apita”, “gol” e “bomba”, para alertar o ouvinte para o início da segunda metade da partida, para descrever a intensidade do chute e a distância que a bola passou do gol, na visão do narrador. Entremeando a fala do narrador, são inseridas vinhetas e músicas as quais criam uma atmosfera de movimento, agitação e alegria, que objetivam conclamar o ouvinte a participar da construção da narrativa.

O segundo trecho exemplifica muitos outros momentos ao longo da narrativa em que Oscar Ulisses, ao enunciar o *slogan* “Futebol show é na Rádio Globo!”, sinaliza que a narrativa será interrompida para dar lugar a uma publicidade, responsável pela transmissão desse “show”. É importante esclarecer que essas publicidades, sempre acompanhadas de onomatopeias referentes ao produto divulgado, são narradas por outra voz, não identificada, provavelmente, uma gravação. Além disso, muitas das publicidades veiculadas retomam a ideia do rádio como um prestador de “serviço” à sociedade; exemplo disso é o anúncio da AES Eletropaulo, que visa a alertar a população sobre a economia de energia, e que foi mencionado no depoimento de Mário Luís, que citamos no início da análise desta subseção.

A situação comunicativa no rádio cria um ambiente que visa a trazer o ouvinte para perto do campo onde ocorre a partida, para que ele “veja” cada jogada e sinta a emoção de que é tomado o estádio. Por isso, alguns afirmam ser a narrativa do rádio mais emocionante que a da TV, já que o esforço do narrador de rádio para invocar o ouvinte é mais vibrante, intenso e contundente do que o do narrador da TV.

A retórica do narrador do rádio procura não apenas convencer o ouvinte de que é verdade aquilo que diz, mas também agradá-lo, comunicar ideias e sensações, intenções e ações facilmente perceptíveis pelas funções discursivas que assumem os enunciadores.

Desta transmissão não participam comentaristas de arbitragem que tenham sido ex-jogadores, sendo os participantes, em sua maioria, radialistas, jornalistas esportivos, com exceção de Osvaldo Paschoal, que chegou a trabalhar como dirigente de alguns times de futebol no Brasil. Não há preocupação da emissora de rádio em contratar como narrador e comentaristas “personalidades/autoridades” reconhecidas por seu passado como árbitro ou jogador, mas sim, pessoas que tenham experiência, história no rádio, como é o caso de Oscar Ulisses, irmão de um renomado locutor de rádio, Osmar Santos.

Analisemos agora as funções discursivas assumidas por Osvaldo Paschoal (C1), o qual também participa da narrativa exercendo, *a priori*, a função de comentar as ações dos jogadores em campo, bem como o desempenho dos times na partida. Vejamos, por meio de alguns exemplos, se essa hipótese se confirma, ou se ele desempenha outras funções durante a produção desta narrativa.

Excertos dos trechos	Ações discursivas
“Ficô sim, até porque ele fez a defesa em dois tempos, né. Agora, o Lulinha, ele tem que entrar no meio campo do Corinthians pra tentar articular as jogadas, e aí quem vai sair é o Boquita, né? Porque o Boquita não tá jogando bem.”	Emitir opinião acerca do desempenho dos jogadores.
“É uma opção, né? De repente com o Sousa é um pouco mais centralizado, segurando um pouco mais as jogadas. Claro que o time do Corinthians poderá ter a aproximação dos homens de meia, né? E aí fica aquele ponto de interrogação. Quem é que vai fazer a chegada? Eu, se fosse treinador do Corinthians, sabe quem eu tiraria? O Jorge Henrique. O Jorge Henrique hoje num acertou nada. Ele não acertou passe, não acertou posicionamento, não acertou domínio de bola. Hoje o Jorge Henrique num acertou nada no 1º tempo. Dá pra fazer esse tipo de alteração e aí com o Sousa como centro-avante, o Corinthians muda um pouco a característica, já que os dois jogadores de defesa da equipe o Sandro e o André são altos, o Cezinha e o Marcel vai obrigar também o Fernando a ficar na marcação e aí tira um homem a mais do meio campo, porque com o Sousa tem a preocupação sempre da sobra. Se ele jogar centralizado entre os dois zagueiros da equipe do Santo André. É isso que o a gente projeta, é isso que a gente vê no time do Corinthians.”	Emitir opinião acerca do desempenho das equipes.
“Bom, eu tinha perguntado se vocês tinham visto ao o Douglas, pra ele jogar um pouquinho de bola, e pelo jeito, nem eu nem a torcida do Corinthians viu. Jogou rigorosamente nada, é um atacante canhoto que entra agora, um jogador de velocidade que bate bem na bola, Oscar.”	Emitir opinião acerca do desempenho dos jogadores.
“Corinthians teve 17 minutos pra fazer um gol com um homem a mais e nem assim conseguiu articular as suas jogadas de meio campo. Corinthians hoje não faz uma boa partida. Santo André fez um ótimo trabalho de marcação, principalmente no 1º tempo e agora com um homem a menos dá mostras de mais vontade, mais determinação. Tá faltando aquele algo mais (vinheta) pro time do Corinthians.”	Emitir opinião acerca do desempenho das equipes.

“Tem um homem de composição no meio campo defensivo vai ter que recuar o Boquita pra fazer a marcação. O melhor era ele deixar o Túlio que já sabe marcar e botar o o... Lulinha no lugar do Boquita. Muito embora eu não gosto do Lulinha, eu não sei nem porque que ele tá entrando, né, ô Oscar?”	Emitir opinião sobre o andamento do jogo.
--	---

Os trechos exemplificam o fato de C1 se restringir, na maior parte de seu discurso, às funções discursivas de emitir opinião sobre o desempenho dos jogadores, sobre o desempenho das equipes e sobre o andamento da partida, que corroboram sua função enunciativa. É interessante notar, entretanto, que o comentarista exerce mais a função de opinar sobre o desempenho dos jogadores do que as duas últimas (vide narrativa em anexo), embora o quadro anterior demonstre relativo equilíbrio quanto ao exercício dessas funções.

Logo, percebemos que C1 preocupa-se mais em comentar o desempenho dos jogadores em particular, pois isso facilita ao ouvinte compreender o que acontece em campo, como por exemplo, entender o motivo pelo qual o time não está atuando bem no jogo. Na narrativa construída na televisão, esta especificação é desnecessária, na maioria das vezes, já que o telespectador tem acesso à imagem do jogador, podendo, assim, ver o que ele faz na partida, e isso permite ao narrador referir-se mais ao time como um todo do que a um atleta específico. Observamos também que, na maioria das ocasiões que C1 enuncia, ele só assume o turno de fala para responder a uma pergunta do narrador, o qual solicita sua participação, para avaliar algum aspecto do jogo. Apesar de manter seu discurso inscrito na temática (desempenho de jogadores, equipes, andamento do jogo), observamos que C1 também desempenha outras funções discursivas na produção da narrativa, as quais complementam sua função enunciativa. Vejamos como essas funções afloram nos exemplos a seguir.

Excertos dos trechos	Ações discursivas
OU: Tá ligado. Ainda há pouco tava de brincadeira com o Laércio, chamei ele no telefone e no ar chamei ele pra ir pro Plantão. (Paschoal ri) OP: Ah, os dois ao mesmo tempo num dá, né?	Emitir opinião sobre episódios de bastidores da transmissão.
JN: Sousa vem aí, hein. OP: É? Sousa na frente é isso?	Solicitar informações ao repórter/comentarista.
OP: é uma coisa, o Brasil tem umas coisas que não dá pra entender né, rapaz?	Emitir opinião sobre episódios de bastidores do jogo.
OU: Cartão amarelo pra Marcel. Tá expulso. Foi pra tanto, Paschoal? OP: Foi. Ele já tinha cartão amarelo. É lance de cartão amarelo. É tanto que o árbitro mostrou primeiro o amarelo e depois o vermelho. Era falta de cartão. Foi expulso o Marcel pela lentidão e falta de qualidade ali na marcação do jogador do	Emitir opinião acerca do desempenho da arbitragem.

Corinthians.	
OU: Otacílio Neto vai entrar. Quem é que sai, Paschoal? OP: Ah, ele pode escolher ali, ele não vai tirar o Sousa, mas possivelmente o Dentinho, né, que ele tá com uma contusão, tomou um pisão no pé ao longo desse 2º tempo. Corinthians tá tentando de todas as formas, Oscar. Pena que eu não consigo ver o Douglas até agora, cê você encontrar o Douglas aí avisa que tem jogo.	Emitir opinião sobre episódios de bastidores do jogo (substituição)/ Emitir opinião acerca do desempenho das equipes/ Emitir opinião acerca do desempenho dos jogadores.

O quadro anterior comprova que C1 não exerce, assim como o narrador, apenas uma função discursiva, mas outras quais sejam: emitir opinião sobre episódios de bastidores do jogo e da transmissão; emitir opinião sobre o desempenho da arbitragem (o que na TV é destinado a um comentarista com tal função discursiva específica) e solicitar informações aos repórteres. Consideramos a função de emitir opinião sobre o desempenho da arbitragem comum a este sujeito, enquanto comentarista em uma narrativa esportiva de futebol, pois, na transmissão radiofônica informar e comentar o cometimento ou não de faltas e as decisões da arbitragem referentes a elas são funções que, geralmente, também lhe cabem.

Analisemos a partir de agora as funções discursivas assumidas por C2 (Jesse Nascimento). É importante e necessário dizer, antes de qualquer coisa, que este enunciador apresenta uma peculiaridade, pois desempenha uma dupla função enunciativa – de repórter e comentarista. Assim, sua participação na narrativa, em termos numéricos, só é menor que a do narrador. Ele não dialoga apenas com o narrador, mas com outros enunciadores, especialmente quando estes apresentam alguma dúvida sobre fatos e/ou dados relativos à partida. O narrador o evoca também com esse objetivo, mas principalmente quando deseja que C2 expresse sua opinião acerca de algum lance do jogo. Vejamos, por meio de alguns exemplos, como esse comportamento em termos de funções discursivas se confirma, durante a produção desta narrativa.

Excertos dos trechos	Ações discursivas
“Sousa vem aí, hein”	Informar dados do jogo (substituição).
“Sai Jorge Henrique.”	Informar dados do jogo (substituição).
“É... ele tá lá com a camisa 50, do Corinthians, e o Jorge Henrique, de acordo com o Júlio Estantarte, que é o médico do clube, sentiu uma dor na coxa. (...) (Ouve-se o hino do São Paulo ao fundo)”	Informar dados do jogo/ informar dados dos bastidores.
“Olha... o Boquita fez o cruzamento, mas essa bola foi lá na bandeirinha de escanteio, à direita do goleiro Neneca. Muito mal!”	Emitir opinião acerca do desempenho dos jogadores.

“Olha, eu destaco o posicionamento do Marcelinho Carioca e o levantamento do Elvis, foi lá na ponta realmente. No bico da pequena área o Marcelinho fi escorou de cabeça pra fora, mas o Felipe já tinha ido, hein, Oscar?”	Emitir opinião acerca do desempenho dos jogadores.
“Olha, foi uma paulada do Dentinho, a bola foi tirada pelo Cezinha, de cabeça, deve tá doendo até agora [...]”	Emitir opinião acerca do desempenho dos jogadores.
“Olha, o Chicão teve que colocar pra fora porque o Antônio Flávio chegava ali pra tentar alguma coisa. E tá estranho o Felipe nos últimos jogos, hein, Oscar?”	Emitir opinião acerca do andamento do jogo.
“Olha, uma falta cobrada ali com perfeição praticamente pelo Marcelinho o carioca. Bateu ainda no defensor (vinheta) e saiu.”	Emitir opinião acerca do desempenho dos jogadores.

Como já afirmamos, é comum a C2 atuar nas funções discursivas de comentarista e repórter. No entanto, em seu discurso como um todo, ele tende a assumir mais a função de repórter que a de comentarista, tendência perceptível, sobretudo, quando computamos seus turnos de fala: 21 destinados à função de repórter e 14 à função de comentarista, sendo que dentre esses últimos, 10 são mesclados com outras funções, como a de narrador, de comentarista de arbitragem e de repórter. Vejamos essas outras funções assumidas por C2 nesta narrativa.

Excertos dos trechos	Ações discursivas
“É, saiu ali, ficou fácil para o Felipe que já ligou ali pro Chicão. Vem o Corinthians, Oscar!”	Narrar o evento.
“Pois é, ô Oscar, escanteio anotado, Marcelinho Carioca se prepara e vem lançamento perigoso aê na área do Felipe, Oscar.”	Narrar o evento.
“Duas vezes seguidas o Lulinha. Armou esta a equipe do Corinthians! Uma deixou o Sousa praticamente na cara do gol e agora foi a vez do Dentinho. Douglas no escanteio!”	Emitir opinião acerca do desempenho dos jogadores/ Narrar o evento.
“O Marcel vai ser expulso, o árbitro tá conferindo agora, fez a falta no Dentinho e tá certo o Celene, Oscar. Tá fora Marcel!”	Emitir opinião acerca do desempenho da arbitragem.
“Olha, o Marcelinho inclusive beija a bola, saiu o público e renda, 1.993 torcedores, 313.410 reais, Oscar.”	Narrar o evento/ Informar dados dos bastidores (renda)

O que percebemos nos trechos acima é que C2, por participar intensamente da narrativa, o que acontece na maioria das vezes a pedido do narrador, é algumas vezes “atropelado” pelos próprios acontecimentos. Dessa forma, o comentarista acaba por “narrar” parte de algum lance da partida, a fim de não comprometer a compreensão do ouvinte sobre o que se passa em campo, bem como não arranhar a imagem da emissora, por não ter transmitido a narração de uma jogada considerada importante para o jogo. Além disso, ele

também desempenha a função discursiva de comentarista de arbitragem, a qual não é sua função enunciativa definida na narrativa.

Vejam, neste momento, as funções discursivas assumidas por P1 (Laércio Ramos), o qual também participa da narrativa ocupando, *a priori*, a função de plantonista, ou seja, de informar sobre o campeonato. Apresentamos, a seguir, alguns exemplos para verificar se essa hipótese se confirma, ou se ele também desempenha outras funções durante a enunciação.

Excertos dos trechos	Ações discursivas
“Então, Oscar, juntamente com o São Paulo e Marília, no mesmo horário, 18 e 10, tem Guarani e Oeste. Essa 14ª rodada só se encerrará na terça-feira, com o jogo do Mirassol contra o Paulista lá em Mirassol. Nessa mesma terça-feira joga o Palmeiras contra o Noroeste no Palestra. Só que esse jogo é de uma remarcação da 5ª rodada, por isso que o Palmeiras tem um jogo a menos, continua líder da competição. Se o Corinthians tropeçar, aí o Verdão vai abrir uma boa pontuação em cima do time do Parque São Jorge, Oscar. (vinheta)”	Informar sobre campeonato (jogos, classificação)
“Foi falta, Oscar. A bola só ficou parada pro Dentinho porque parou nas mãos dele.”	Emitir opinião sobre andamento do jogo.
OU: Placar de 0 a 0, tá empatado o jogo! Lateral pro time do Santo André batido, mas o gandula tá em campo... (ouve-se uma risada ao fundo) E o bandeira marcou impedimento do gandula... LR: Tem cada uma, hein, Oscar?	Emitir opinião acerca do desempenho da arbitragem.

Podemos verificar que a participação do plantonista é ínfima, fato comprovado pelo quadro anterior em que transcrevemos todos os turnos de fala de P1 ao longo do 2º tempo da partida, e detectamos apenas três. É interessante notar que, somente no primeiro excerto, P1 desempenha a função de plantonista, informando dados sobre o campeonato, enquanto nos demais, ele assume duas funções: a de comentarista geral, quando opina sobre um lance do jogo que, segundo ele seria falta, e a de comentarista de arbitragem, quando diz “tem cada uma, hein, Oscar?”, opinando sobre a absurdidade da ação do bandeira que considerara impedimento uma ação de um gandula.

Assim sendo, podemos afirmar que, embora a participação de P1 na narrativa seja acanhada, ele participa, assumindo mais de uma função discursiva. No caso das duas funções, na primeira, ele é convocado pelo narrador a enunciar, já na última, ele assume o turno sem ser convidado. Entretanto, o fato de ser ou não convidado a participar, não compromete a compreensão do ouvinte, já que a narrativa radiofônica parece apresentar uma flexibilidade naturalmente maior, se comparada aos papéis discursivos que os enunciadores assumem (com exceção do narrador); isso não implica que ela seja desorganizada.

Passemos agora à análise das funções discursivas assumidas por P2 (Nathalie Gedra), a qual também participa da narrativa ocupando, *a priori*, a função enunciativa de plantonista,

uma espécie de repórter, desempenhando, por isso, uma função semelhante a de P1, informando episódios de bastidores, dados e histórico dos participantes, escalação, porém de outros jogos do campeonato. Apresentamos, a seguir, alguns exemplos para comprovar nossa hipótese e verificar se ela também desempenha outras funções durante a enunciação.

Excertos dos trechos	Ações discursivas
OU: [...] Morumbi! Fala Nathalie! NG: As duas equipes já chegaram por aqui, Oscar. Daqui a pouco às 6:10 da noite tem São Paulo e Marília. As duas equipes já nos vestiários.	Informar sobre campeonato (jogos, episódios de bastidores)
“Times escalados.”	Informar sobre campeonato (dados do jogo)
OU: O São Paulo pro jogo de hoje Natalie Gedra? NG: Rogério Ceni, Rodrigo, Miranda e Renato Silva, Zé Luiz, Jean, Hernanes, Jorge Wagner e Junior César, Borges e Washington! (vinheta, ecoando “Rádio Globo!”) (vinheta, ecoando “São Paulo!”)	Informar sobre campeonato (dados do jogo)

Os excertos demonstram que P2 não desempenha outra função discursiva distinta da sua função enunciativa de plantonista; ela informa episódios de bastidores e a escalação dos times da partida na qual, provavelmente, atuará como repórter. Além disso, ela também apresenta poucos turnos de fala neste 2º tempo de jogo. Esse comportamento discursivo revela que sua função na narrativa é bem demarcada, específica, não lhe possibilitando assumir outras funções.

Tratemos agora das funções desempenhadas por P3 (Gustavo Vilani) e verifiquemos se ele também segue a tendência da atuação de P2.

Excertos dos trechos	Ações discursivas
“Daqui a pouco, [...] às 7 e 10, a bola rola para Santos e Mogi Mirim no Pacaembu, com narração de Gustavo Vilani.”	Informar sobre campeonato (jogo)
“Daqui a pouco, às 7 e 10, no Pacaembu, Santos recebe o Mogi Mirim. Uma vitória pode colocar o Peixe na zona de classificação nas semi-finais.”	Informar sobre campeonato (jogo, classificação)
“Hoje tem Santos no Pacaembu, às 7 e 10, contra o Mogi Mirim. Neymar, aos 17 anos, fará sua primeira partida como titular.”	Informar sobre campeonato (jogo, dados dos jogadores)
“Santos e Mogi Mirim se enfrentam às 7 e 10 no Pacaembu com transmissão da Rádio Globo. Lúcio Flávio, depois de semanas afastado, está de volta à equipe.”	Informar sobre campeonato (jogo, dados dos jogadores)
GV: Fechou, fechou, agora fechou, Paschoal. OPP: Hã? GV: O gandula em campo e o bandeira marcou impedimento do gandula...	Informar dados relativos à partida.

Percebemos que P3 também mantém um comportamento discursivo regular quanto às funções discursivas que desempenha. A maioria dos enunciados por ele proferidos demonstra que a função discursiva que ele desempenha – “informar sobre campeonato” – corresponde à sua função enunciativa de plantonista. Nestes excertos, ele informa a Oscar Ulisses, o narrador, e aos ouvintes, horário, local e times de uma das próximas partidas que serão transmitidas pela emissora – “Daqui a pouco, às 7 e 10, no Pacaembu, Santos recebe o Mogi Mirim. Uma vitória pode colocar o Peixe na zona de classificação nas semi-finais.”. Além disso, ele informa sobre a situação dessas equipes no campeonato (classificação) e sobre jogadores que estréiam – “Neymar, aos 17 anos, fará sua primeira partida como titular.” – ou retornam à ativa – “Lúcio Flávio, depois de semanas afastado, está de volta à equipe.”.

A única exceção é o último trecho citado no quadro, no qual assume mais a função de repórter da partida que está sendo transmitida do que de plantonista, pois explica o que está acontecendo em campo, no momento da enunciação e não informa sobre outros jogos do campeonato.

A seguir, apresentamos alguns trechos enunciados por P4 (Silva Junior) que também desempenha a função enunciativa de plantonista nesta narrativa.

Excertos dos trechos	Ações discursivas
“Daqui a... já já, a partir das 6 e 10 o jogo São Paulo e Marília, aqui no Morumbi!”	Informar sobre campeonato (jogo)
“Daqui a pouquinho, às 6 e 10, o tricolor tenta mais uma vitória segunda consecutiva no Campeonato Paulista, 6 e 10, São Paulo e Marília!”	Informar sobre campeonato (jogo, classificação)
“Lentamente a torcida vai chegando aqui ao Estádio do Morumbi, Oscar e a torcida do Marília tá aqui, viu! Cerca de 20 torcedores de Marília aqui pra acompanhar o Mac. Já já tem São Paulo e Marília, a partir das 6 e 10. O São Paulo sem André Dias, machucado, mas do resto, força máxima!”	Informar sobre campeonato (jogo, dados dos jogadores)
“Eles já estão aqui, viu, Oscar! Tava conversando com a Graça, com o Plínio e com o Décio, né? Pra falar de bola da vez, Plínio Marcos, o novo projeto que tá surgindo aí.”	Informar sobre campeonato (jogo, dados dos jogadores)

Como já havíamos observado no comportamento dos demais plantonistas, a função discursiva desempenhada por P4 corresponde à sua função enunciativa. Por meio de seus enunciados, ele informa horário, local e os times de outra partida que será transmitida pela emissora – “Daqui a... já já, a partir das 6 e 10 o jogo São Paulo e Marília, aqui no Morumbi!”, informa sobre o desempenho das equipes no campeonato – “[...]o tricolor tenta mais uma vitória segunda consecutiva no Campeonato Paulista [...]”, sobre o que acontece no estádio momentos antes de a partida começar – “Lentamente a torcida vai chegando aqui ao

Estádio do Morumbi, Oscar e a torcida do Marília tá aqui, viu! Cerca de 20 torcedores de Marília aqui pra acompanhar o Mac. [...]”, sobre a condição dos jogadores e dos times – “O São Paulo sem André Dias, machucado, mas do resto, força máxima!” e, por fim, sobre os bastidores da transmissão – “Eles já estão aqui, viu, Oscar?! Tava conversando com a Graça, com o Plínio e com o Décio, né? Pra falar de bola da vez, Plínio Marcos, o novo projeto que tá surgindo aí.”

Citamos, a partir de agora, alguns exemplos relativos à P5 (Márcio), a fim de observarmos as funções discursivas desempenhadas por este enunciador.

Excertos dos trechos	Ações discursivas
“Guarani e Oeste, às 18 e 10, lá em Campinas. Lá no Rio de Janeiro, o Vasco da Gama vence o Boa Vista e o Macaé vence o Fluminense, Oscar! (vinheta “Globo!”)”	Informar sobre campeonato carioca (jogos e placar)
“Lá no Campeonato Mineiro estão jogando América e Cruzeiro e ta 0 a 0 esse 2º tempo. (vinheta “Globo! Brasil!”)”	Informar sobre campeonato mineiro (jogos e placar)
“Estamos na 14ª rodada do Campeonato Paulista e ela só se encerrará na 3ª feira com o jogo lá em Mirassol, 19 horas e 30 minutos entre Mirassol e Paulista! (vinheta “Globo, domingo, futebol!!”)”	Informar sobre campeonato paulista (rodada, jogos)
“Lá no Rio de Janeiro, o Fluminense fez uma festa para estreiar Fred, mas tá perdendo pro Macaé por 1 a 0. (vinheta “Rádio Globo!”)”	Informar sobre campeonato carioca (jogos e placar)
“18 e 10, em Campinas, o Guarani recepciona o Oeste, no Campeonato Carioca o Vasco da Gama vai vencendo o Boa Vista por 1 a 0. (vinheta “Rádio Globo só dá bola pra você!”)”	Informar sobre campeonato carioca (jogos e placar)
“Tem gol.”	Informar sobre campeonato (gols)
“E ele não pegou a bola, o gandula, largou a bola lá dentro de campo. [...] Ele queria participar do jogo. Ele tava a fim de jogar.”	Informar dados relativos à partida.

Os trechos no quadro anterior comprovam que a função discursiva desempenhada por P5 corresponde também à sua função enunciativa de plantonista, embora o conteúdo de suas informações seja distinto do que é enunciado pelos demais plantonistas. Isso se deve ao fato de caber a P4 informar jogos, placares, rodadas ou gols de todos os campeonatos estaduais – em especial o carioca, o paulista e o mineiro –, como podemos comprovar pelos excertos no quadro. Vale ressaltar que as informações fornecidas por P5 são sobre jogos em andamento, simultaneamente à partida transmitida no momento, ao contrário das informações dadas pelos

outros plantonistas já comentados que dizem respeito aos jogos que serão transmitidos pela emissora mais tarde.

Percebemos que, apesar de P5 exercer a função discursiva de informar sobre os campeonatos estaduais, na maior parte de seus turnos de fala, ele assume também a função de repórter da partida que está sendo transmitida – “E ele não pegou a bola, o gandula, largou a bola lá dentro de campo. [...] Ele queria participar do jogo. Ele tava a fim de jogar.” –, enunciados informando sobre a “invasão” do gandula e questionando o que o teria, motivado a entrar em campo durante o jogo.

Por fim, vejamos um trecho que exemplifica a única participação de P6 (PJ) na narrativa, durante o 2º tempo da partida, a fim de identificar sua(s) função(ões) discursiva(s) nesta enunciação.

Excertos dos trechos	Ações discursivas
<p>PJ: Eu cruzei com ele. Ô ô ô Oscar, boa tarde!</p> <p>OU: Ô PJ!</p> <p>PJ: Cruzei com ele aqui fora. Ele tava indo acho que pro camarote da Rádio Globo, hein?</p> <p>OU: E o filho dele? O Vítor também é são paulino. Tá aí no...</p> <p>PJ: Também tava com ele, tá com ele.</p> <p>OU: estádio pra ver o jogo, provavelmente lá no camarote o pai da matéria o Santos.</p> <p>PJ: engrossando a torcida do Marília.</p> <p>OU: Eh... tem alguma bandeira do Marília aí não?</p> <p>PJ: Tem ali uns meninos que tem a bandeira da Mac ali a lá. É azulzinho e branco.</p>	<p>Informar sobre campeonato (bastidores do jogo)</p>

Optamos por citar o diálogo que se estabelece entre o plantonista e o narrador para que ficasse mais nítida a função discursiva exercida por P6. Como podemos observar, tal função discursiva corresponde à função enunciativa de plantonista assumida pelo enunciador. Seu enunciado se circunscreve à apresentação de dados dos bastidores de outra partida, na verdade, de outra transmissão, já que ele trata de fatos que ocorreram no estúdio e não em campo, apesar de no final responder à pergunta do narrador sobre a presença de torcedores do Marília no estádio.

Diremos, enfim, que os sujeitos que participam dessa enunciação apresentam, inicialmente, uma função enunciativa que parece ser bem definida. Porém, quando assumem um turno de fala, passam a exercer, em sua maioria, funções discursivas que coincidem com a sua função enunciativa, mas também outras que se distanciam dela, embora a complementem. Percebemos que isso acontece com maior frequência nos enunciados produzidos pelo narrador e por C1 (Oswaldo Paschoal), já que C2 (Jesse Nascimento) apresenta, desde o princípio, uma

dupla função enunciativa – de comentarista e de repórter –, não sendo possível determinar qual seria sua função discursiva prioritária, se assim podemos dizer.

Podemos acrescentar, ainda que, apesar de assumir outras funções discursivas, C1 se mantém fiel à sua função enunciativa de comentarista, já que não parece ser muito comum a distinção entre comentarista geral e comentarista de arbitragem nas narrativas radiofônicas, como acontece normalmente nas transmissões televisivas. Assim, poderíamos admiti-las como uma mesma função discursiva, se levássemos em consideração essa peculiaridade do suporte midiático.

É interessante observar que o fato de um enunciador exercer determinadas funções, se relaciona, em parte, com o estilo que adota em seu discurso, mas também com o suporte por meio do qual ele enuncia.

A presença de expressões dêiticas especialmente relacionadas ao tempo e ao espaço tem mais destaque na narrativa radiofônica que na televisiva. Isso ocorre devido à necessidade de o narrador localizar seu ouvinte em relação às ações que são realizadas em campo, como o jogador tocar a bola, de onde e para onde, o que é necessário para que o ouvinte dê sentido ao que ouve.

OU: Tô de volta **aqui de Santo André** com a equipe da Globo! (vinheta ecoando “Rádio Globo!”). Placar de 0 a 0 Corinthians e Santo André. (vinheta “Balanço do Intervalo!”). Balanço do Intervalo. Comigo, Osvaldo Paschoal, Laércio Ramos lá no Plantão Esportivo da Rádio Globo. Alô, Laércio?

LR: Tô ligado **aqui**, Oscar!

OU: Tá ligado. Ainda há pouco tava de brincadeira com o Laércio, chamei ele **no telefone** e **no ar** chamei ele pra ir pro Plantão. (Paschoal ri)

OU: Brasinha, tá **aqui no chat** da Rádio Globo dizendo que no computador tá um pouquinho atrasado o chat, é assim mesmo ô rapaz. (barulho de teclas e de computador). Atenção, **lá** pro ataque vem Corinthians. Sousa na () sai da **grande área** o goleiro e tira! Faz a finta no Sousa, ta com a bola domina, vem Neneca, perna esquerda, ele tira, toca **aqui na metade do campo** Corinthians vem com Christian, abafa, dá um toque de cabeça, responde Conceição, abre o jogo **lá pela minha esquerda**, no ataque, soooooobe pra fazer o corte Túlio! Túlio bate na **metade do campo**, tentando tirar rebote, volta mais uma vez pra Túlio e a bola não cai no chão. Túlio, de cabeça, bate **pela ponta esquerda** pra André, André domina, entrega pra Christian, Christian adianta errado **na meia**, vem pra fazer o corte Cezinha, Cezinha atira pro time do Ramalhão, volta **lá pela ponta direita** pra Cicinho, Cicinho parte pro ataque, passa por todo mundo, **vai pro goleiro**, Filipe sai do gol e faz a defesa. Hein, Jesse?

OU: [...] Goleirão cai no **canto direito** pra fazer a defesa. A Globo marca **11 minutos do 2º tempo de jogo**. (vinheta) Placar da Globo. Campeonato Paulista de Futebol, Santo André. (vinheta ecoando “Corinthians! Santo André!”). 0 a 0, ta empatado! **Morumbi!**

SJ: Já já, a partir das 6 e 10, o jogo São Paulo e Marília, **aqui no Morumbi!**

Percebemos como os enunciadores, ao se posicionarem como sujeitos de seu discurso, definem também o lugar de onde falam; o momento em que enunciam. Ao dizer “tô de volta aqui de Santo André”, o narrador situa o ouvinte em relação a quem fala, enunciando o verbo em primeira pessoa e determinando a que se refere o “aqui”. Quando ele troca de turno com o plantonista, atualiza este “eu tô”, referindo-se a si próprio, assim como a expressão “aqui”, que refere a um outro lugar, o que se confirma no momento em que Oscar diz: “chamei ele **no telefone e no ar** chamei ele pra ir pro Plantão”. O mesmo ocorre com o uso que Silva Jr., repórter, faz do dêitico “aqui”, referindo-se, então, ao Estádio do Morumbi, de onde falava. No segundo trecho, o dêitico “aqui” também adquire um outro sentido, já que se refere ao chat e não à cidade de Santo André.

Em maior número que na televisão, os dêiticos que localizam os interlocutores espacialmente, também são usados por Oscar Ulisses, no momento em que narra as ações que acontecem em campo, a fim de que o ouvinte possa “visualizar,” mentalmente, o que ocorre na partida, tendo como centro organizador desse espaço o lugar de onde enuncia o narrador: “lá pro ataque”, “**sai da grande área**”, “**aqui** na metade do campo”, “lá pela **minha** esquerda”, “**pela ponta esquerda**”, “**na meia**”, “lá pela **ponta direita**”, “**vai pro** goleiro” e “**canto direito**”. Observemos, também, como o narrador descreve o espaço onde acontecerá a partida.

OU: E aqui no estádio em Santo André, no Bruno José Daniel tá tudo prontinho, vai começar o 2º tempo! Saída pertence à equipe do Corinthians **à esquerda da cabine** da Rádio Globo. **A direita** o time do Santo André, o Azulão tá ali, o o o Ramalhão o Ramalhão tá ali todinho de azul, na esperança de fazer uma partida melhor no 2º tempo. Fala, Paschoal!

Ao enunciar, o narrador situa-se também em relação ao tempo e, ao fazer isso, situa também seus interlocutores. Por não apresentar nenhum recurso visual para informar placar e tempo, na narrativa radiofônica faz-se necessário enunciá-los a todo o momento, para que o ouvinte, ao ligar o rádio, obtenha tais informações tão rápido quanto se tivesse suas imagens.

OU: Aaaaaapita o árbitro! **Começa o 2º tempo** aqui em Santo André! [...] **Placar de 0 a 0! Começa o 2º tempo** na cidade de Santo André. [...] **Placar de 0 a 0.** [...] Lateral pro Corinthians aqui pela direita no ataque. **2 minutos!** Etapa final de jogo, **placar de 0 a 0** em Santo André! [...] **0 a 0, ta empatado!** [...] Corinthians de novo no ataque, **na marca de 20 minutos** do 2º tempo de jogo [...] **2º tempo** de jogo, **23 minutos**, e o **placar de 0 a 0**, ta empatado, **0 a 0** aqui em santo André. [...] **28 do 2º tempo** [...]

Ainda em relação à temporalidade da narrativa, ela também é determinada pelo narrador, pois é ele o responsável por narrar os acontecimentos, à semelhança de um contador de histórias. Devido à enunciação se realizar simultaneamente aos acontecimentos, o tempo da partida “cola” no tempo da narrativa. Assim, em sua grande maioria, a narrativa apresenta as ações no presente. O enunciador, então, traz o presente do jogo para a narrativa, que também possui alguns verbos no passado, especialmente quando o narrador está relatando uma ação que já finalizou. Em menor escala, algumas ações são narradas no futuro, como por exemplo, antes de o jogador cobrar uma falta.

OU: Placar de 0 a 0. Falta para o Corinthians **bater** lá pela ponta esquerda. André **tá colocado** pra cobrança de falta, Christian pertinho da bola, Christian **sai** da bola, e todo o Timão **vai** lá para o ataque na expectativa de fazer o primeiro gol. Atenção, André **tá** prontinho pra **bater** lá pela ponta, só **há** uma barreira, **volta** todo o time do Santo André, só o Antônio Flávio no meio do campo. André!! **Levantou**, fechaaaaado!! **Sobe** Neneca, **dá** um tapa na bola, **tira**!! (vinheta “Gôô!!”) Lateral pro Corinthians aqui pela direita no ataque. 2 minutos! Etapa final de jogo, placar de 0 a 0 em Santo André! Lateral para o Corinthians **bater** pela direita, lateral **cochado**, a bola **tocada** para Boquita, Boquita **recebe**, **enfiou** na meia pra Douglas!! Boa bola! **Rodopiou**, **botou** pro gol. **Peeega** o goleiro!! Neneca, no canto direito **faz** a defesa. Contra-ataque do Santo André, Neneca, Marcelinho, **lança** pela direita, pra Junior, Junior Dutra! **Não pega**, bola fora. Lateral pro Corinthians. Futebol show é na Rádio Globo!

OU: Placar de 0 a 0 aqui. Lá pro ataque **vem** santo André, Lulinha **tira**. **Corta** para o Corinthians, **toca** pra Douglas, Douglas **levou** pela direita, **fez** a finta, o contra-ataque **pode ser** gigante, () **acerta** Douglas! **Adianta** um pouco e perde! Num **dá** certo. **Recupera** Santo André! Marcelinho com a bola, **trabalha** na metade do campo **abre** bola pela direita e **entrega** lá pela ponta, pouco depois da metade do campo para Cicinho **recebe**. **Enfia** pela ponta para Junior Dutra, Junior Dutra pra Marcelinho, Marcelinho pela meia pra Fernando, **abriu** espaço **levou** pro (), **tocou** pra Antônio Flávio, **levantou** na grande área, **vem** Junior Dutra! Faaaaaaaaaaaaaalta na boca do gol!!!! (vinheta “Gôô!!”) Mas o bandeira **levantava** lá a bandeira, **soobe** a bandeira, o impedimento **tava marcado**! E o Santo André quase **faz** o gol, mas não **valia**. No entanto, ainda Junior Dutra **errou** lá na grande área. **Permanece** 0 a 0. Futebol show é na Rádio Globo!

Estes trechos exemplificam o que dissemos anteriormente, e mostram a sobreposição do uso do presente em relação ao passado e ao futuro. Entretanto, é interessante observar que, em alguns momentos, o narrador usa o presente para se referir a um pretérito perfeito – “volta todo o time do Santo André”, “Sobe Neneca, dá um tapa na bola, tira”, “peeega o goleiro”, “não pega”, entre outros tantos exemplos existentes na narrativa. Por outro lado, percebemos também o uso do presente para se referir a uma ação futura próxima também, como no exemplo: “o contra-ataque **pode ser** gigante”.

Por fim, as expressões dêiticas que marcam os sujeitos do discurso, principalmente os enunciadores da narrativa, aparecem em maior número nas falas dos comentaristas e, ainda

assim, em menor escala que na TV. Isso deve acontecer, devido ao pouco espaço que o rádio destina a opiniões e pontos de vista dos participantes da narrativa. Logo, quando eles comentam um fato, esse comentário fica mais atrelado ao próprio fato do que a uma opinião do comentarista.

OU: [...] Boquita corre, tenta pegar pela ponta direita, **atenção**, consegue parar a jogada, vem pra Sousa, no comando no ataque de volta para Boquita, Boquita domina pela ponta, [...] de volta pra Boquita, dominou, **atenção**, Sousa, pediu no comando, a bola pra Douglas, domina pela meia, brilha a bola [...]

JN: Olha, Oscar, realmente foi falta do Dentinho **na minha** opinião. **Tô** aqui atrás do gol, o toque do Douglas deixou o Dentinho na cara do gol, Neneca fechou bem o ângulo, fez a defesa, mas no carrinho, o Dentinho pra **mim** fez a falta, Oscar.

OU: Essa é a mudança. O técnico mexe lá, o comentarista fala aqui. Fala, Paschoal!

OP: Tem um homem de composição no meio campo defensivo vai ter que recuar o Boquita pra fazer a marcação. O melhor era ele deixar o Túlio que já sabe marcar e botar o o... Lulinha no lugar do Boquita. Muito embora **eu** não gosto do Lulinha, **eu** não sei nem porque que ele tá entrando, né, ô Oscar?

Os ouvintes são evocados em alguns momentos, por meio de expressões como “atenção”, “olha” (!), “você”; nas publicidades –, “Com a nova instantânea Daqui você pode ganhar até 60 mil reais na hora. Instantânea Daqui é da Caixa. É só pra São Paulo. Compre e raspe”, entre outras; em bordões como “você ligado na Globo e a Globo ligada em você!”, “você e Globo, bota amizade nisso!” e “Sempre pra você! Futebol campeão da Rádio Globo”; e em vinhetas – “Rádio Globo só dá bola pra você!”, esta última, uma construção polissêmica magistral com o sintagma *só dá bola pra você*, que faz evocar os dois sentidos de *dar bola*, conferindo ao bordão-enunciado a ambiguidade sintática de que precisa para agradar aos ouvidos. O enunciado construído segue um “modelo” prévio, embora adaptado a condições de produção específicas que fazem com que o ouvinte reconheça, ao ligar o rádio, que se trata da narração de uma partida de futebol.

Fica, no entanto, a impressão de que, no rádio, a participação do ouvinte é mais reduzida, e isso pode ocorrer, devido ao foco na narrativa em si e não nos comentários. Esse foco dá pouco espaço ao ouvinte para interpretar as ações em campo à sua maneira, ainda que, em relação à imagem, o ouvinte tenha mais liberdade para imaginar e “criar” do que o telespectador.

A narrativa esportiva de futebol no rádio apresenta algumas regularidades, como: a sobreposição do relato em detrimento do comentário, a dinamicidade da informação e da troca de turnos, a existência de plantonistas com a função de informar sobre o horário e as equipes que disputam outras partidas, bem como seus resultados. Além disso, são alguns elementos

característicos de uma *narrativa esportiva de futebol* radiofônica: o jogo de palavras nos *slogans* e bordões proferidos ao longo da narrativa, bem como vinhetas e músicas que promovem uma atmosfera de agitação e emoção - e cujo intuito é comover o ouvinte partícipe da narrativa - e a presença de publicidades para as quais se usam recursos sonoros e onomatopeias e cujo objetivo é suprir a ausência da imagem.

Este “modelo prévio” de enunciado, aliás, num certo sentido, pode ter sido estabelecido inicialmente pelo rádio e acabou tendo seu prolongamento na TV, em decorrência de muitos locutores terem migrado para a televisão, quando esta surgiu. Assim, fica evidente que a narrativa radiofônica possui diferenças em relação à TV, visto que, aos poucos, os narradores têm tentado adequar a narrativa ao ambiente televisivo.

Algumas diferenças envolvem o espaço destinado ao *narrar* e ao *comentar*, como a presença das vinhetas que anunciam momentos da narrativa, como o momento do “Placar da Globo”, de anunciar a programação esportiva no “Plantão da Globo” e o resultado de outras partidas, bem como as publicidades. Estas, por sua vez, também se diferenciam da TV, por se iniciarem com um som relativo ao produto que está sendo anunciado, bem como pela duração, pois o tempo destinado a elas é longo no rádio.

Desse modo, quanto ao estilo, o narrador centra-se mais em narrar as ações que ocorrem na partida, sendo interrompido rapidamente pelos repórteres, plantonistas ou pela publicidade. Ainda que o narrador busque uma imagem de objetividade em relação às informações, tanto de um time quanto de outro, não deixa de exprimir suas emoções ao longo da narrativa, principalmente por meio do uso de efeitos prosódicos, repetições, prolongamento de vogais, entre outros. Faz também parte do estilo da narrativa do rádio a repetição constante do placar e da informação sobre o tempo de jogo já transcorrido, como exemplificado anteriormente.

3.5.2 Ação e Discurso na narrativa da Rádio Globo

A categoria ação/discurso constitui nesta subseção nosso foco de análise. Observaremos como as ações se revelam durante a produção discursiva.

Partiremos do pressuposto teórico delineado no capítulo 2, de que, ao enunciar, agimos por meio do discurso e levamos nosso(s) interlocutor(es) a agir, o que caracterizaria a linguagem como uma forma de ação. Sendo assim, com base no que apresentamos em relação

às ações/funções discursivas desempenhadas pelo narrador de “solicitar” – informações da partida, do Campeonato Paulista e de outros campeonatos estaduais, avaliação do desempenho dos times e da arbitragem -, ou de “propor” – discussão sobre aspectos do jogo e sobre fatos de arbitragem - e de “atender a um pedido/passar a palavra” –, discutiremos como se realiza a interação entre OU e seus interlocutores.

Considerando que o narrador atua como um enunciador responsável por centralizar a troca verbal e, por isso, por coordenar tal interação, o tomaremos como nosso ponto de partida. Nosso objetivo, assim como nas demais análises, é descrever o modo como o narrador se dirige aos seus interlocutores e, se essa ação verbal conduz a outra ação consecutiva, mostrar se tal ação segue uma regra prévia relativa à função enunciativa dos participantes da interação e, por fim, verificar se o significado dos atos de linguagem produzidos por OU condicionam as ações dos interlocutores.

Observando a posição enunciativa do narrador, analisaremos, a princípio, os diversos modos pelos quais o narrador exerce as funções discursivas de “solicitar”, “propor” e “atender a um pedido/passar a palavra” as quais se manifestam, a partir de atos de fala diretos e indiretos que apresentam forças ilocucionais com características distintas, como pretendemos comprovar em alguns exemplos mais adiante, que demonstram a recorrência dessa função, na fala do narrador, ao longo da narrativa.

Trecho	Ação discursiva	Ato de fala/Força Ilocucional ²²
OU: Neneca pega. Oi, <u>Paschoal!</u>	Atender a um pedido/passar a palavra	Indireto; π : diretivo; μ : interpelação; θ : forma exclamativa do enunciado; Σ como narrador, ser gerenciador de turnos ao longo da narrativa; Ψ : que a fala do comentarista deva trazer algo de relevante para a narrativa
OU: Gol no Campeonato, <u>gol na Globo!</u>	Atender a um pedido/passar a palavra	Indireto; π : diretivo; μ : permissão (metonímica); θ : forma exclamativa do enunciado; Σ como narrador, ser gerenciador de turnos ao longo da narrativa; Ψ : que a fala do comentarista deva trazer algo de relevante para a narrativa
OU: Morumbi, como é que tá pro jogo de daqui a pouco, <u>Silva Junior?</u> (vinheta)	Solicitar informações ao plantonista.	Direto; π : diretivo; μ : pergunta; θ : forma interrogativa do enunciado; Σ : como narrador, ser gerenciador de turnos ao longo da narrativa; Ψ : que a informação do plantonista deva trazer algo de relevante para a

²² π (Ponto de realização); μ (Modo de realização); θ (Condições de conteúdo proposicional); Σ (Condições preparatórias); Ψ (Condições de sinceridade).

		narrativa
OU: Cartão amarelo pra Marcel. Tá expulso. Foi pra tanto, <u>Paschoal</u> ?	Solicitar avaliação sobre o desempenho da arbitragem.	Direto; π : diretivo; μ : pergunta; θ : forma interrogativa do enunciado; Σ : como narrador ser gerenciador de turnos ao longo da narrativa; Ψ : que a avaliação do comentarista deva trazer algo de relevante para a narrativa
OU: Vai fora, quase o gol, passou perto, hein, <u>Jesse</u> ?	Solicitar informações ao repórter/comentarista.	Direto; π : diretivo; μ : pergunta; θ : forma interrogativa do enunciado; Σ : como narrador, ser gerenciador de turnos ao longo da narrativa; Ψ : que a informação do interlocutor deva trazer algo de relevante para a narrativa
OU: E o jogo, <u>Paschoal</u> ? Aproveita e fala do jogo. 13 e 20, 2º tempo, 0 a 0. Fala, <u>Paschoal</u> !	Solicitar avaliação sobre o desempenho das equipes e dos jogadores.	Direto; π : diretivo; μ : pergunta; θ : forma interrogativa do enunciado; Σ : como narrador ser gerenciador de turnos ao longo da narrativa; Ψ : que a avaliação do comentarista deva trazer algo de relevante para a narrativa Direto; π : diretivo; μ : interpelação; θ : verbo no imperativo; Σ : como narrador ser gerenciador de turnos ao longo da narrativa; Ψ : que a fala do repórter deva trazer algo de relevante para a narrativa
OU: Só um destaque, <u>Jesse Nascimento</u> .	Solicitar avaliação sobre o desempenho dos jogadores.	Direto; π : diretivo; μ : pedido; θ : forma afirmativa do enunciado; Σ : como narrador, ser gerenciador de turnos ao longo da narrativa; Ψ : que a avaliação do interlocutor deva trazer algo de relevante para a narrativa
OU: Placar da Globo! 5 minutos, 2º tempo de jogo, Santo André (vinheta ecoando “Corinthians! Santo André!”). 0 a 0, ta empatado! (...) <u>Pacaembu</u> !	Solicitar informações ao plantonista.	Direto; π : expressivo; μ : evocação (metonímica); θ : forma exclamativa do enunciado; Σ como narrador ser gerenciador de turnos ao longo da narrativa; Ψ : que a fala do comentarista deva trazer algo de relevante para a narrativa
OU: [...] <u>Plantão Globo</u> , o locutor é show!	Solicitar informações ao plantonista.	Indireto; π : diretivo; μ : interpelação (metonímica); θ : forma exclamativa do enunciado; Σ como narrador ser gerenciador de turnos ao longo da narrativa; Ψ : que a fala do comentarista deva trazer algo de relevante para a narrativa

O narrador solicita, durante muitos momentos da narrativa, a presença dos demais participantes da enunciação. No entanto, as formas como esses participantes são evocados apresentam padrões diferentes, como, por exemplo, o nome do interlocutor ou expressões metonímicas como “Gol no Campeonato, gol na Globo!”, “Pacaembu!” e “Plantão Globo”. As expressões metonímicas são muito usadas em suportes como o rádio, porque trazem consigo uma economia de linguagem, pois, ao mesmo tempo em que evoca seu interlocutor, o narrador já informa o conteúdo temático do que será enunciado. Esse movimento imprime à narrativa maior dinamicidade das informações quando transmitidas ao público. Como já dissemos, essa dinâmica permite que os enunciadores dialoguem o tempo todo entre eles e com o ouvinte, mantendo o contato com este último, evitando que ele desligue o aparelho ou mude de emissora.

As condições preparatórias a que está submetido o narrador o caracterizam como um gerenciador dessas interações, cabendo-lhe o papel de determinar quem assume o turno de fala, quando e para quê. Essas condições estão atreladas às condições de sinceridade, já que para gerenciar a troca verbal, OU deve crer que cada interlocutor tem algo relevante a dizer a respeito do desempenho das equipes e dos jogadores, da arbitragem, de outros jogos do Campeonato, de jogadas importantes, entre outros. Essas condições apresentam uma expressão genérica, independentemente do ato realizado, o que lhes garante uma identidade na narrativa, como se pode observar no quadro acima.

É relevante destacar que nesta narrativa radiofônica não localizamos momentos em que o narrador “propõe” a discussão sobre aspectos técnicos do jogo ou sobre ações e decisões da arbitragem. Isso depende, com certeza, do suporte em que a narrativa é produzida, pois na ausência da imagem, a narrativa não se caracteriza como apenas um complementador desta, e, sem a narração as imagens não se constroem na mente do ouvinte. Assim sendo, o narrador não pode e não cede muito tempo da transmissão para propor discussões, dando espaço apenas a breves comentários e informações da partida, de outros jogos que serão transmitidos pela emissora e dados de outros campeonatos estaduais, e para a publicidade dos patrocinadores.

Observamos que o narrador evoca os participantes de modo explícito, ou seja, chamando-os pelos nomes, ou através de expressões metonímicas relacionadas ao conteúdo que deve ser transmitido por um enunciador específico, por exemplo, quando diz “Pacaembu!” ele /define com quem a troca de turno de fala se dará, com GV (Gustavo Vilani), um dos plantonistas; quando diz “Morumbi!”, que o turno agora pertence a SJ (Silva Junior), outro plantonista; e, quando enuncia “Plantão Globo!”, cede a M (Márcio), outro

plantonista, o turno. Isso se torna recorrente, uma regularidade durante a narração, o que leva o ouvinte a reconhecer e relacionar tais sintagmas nominais ao nome de cada enunciador, embora o narrador também retome esses nomes, constantemente, ao longo da narrativa. Cabe ressaltar que isso acontecerá, em particular, com esses enunciadores mencionados, já que, ao evocar a participação de comentaristas, repórteres e dos plantonistas NG (Nathalie Gedra) e PJ (Paulo Junior), OU é explícito, evocando-os pelo próprio nome.

Podemos observar que a maioria dos atos enunciados pelo narrador neste contexto enunciativo caracteriza-se como diretos identificados por meio de formas linguísticas comuns a esses tipos de atos, como o uso do imperativo, das formas interrogativa, exclamativa e afirmativa para enunciar uma interpelação, um pedido e uma pergunta. As funções enunciativas de “solicitar” e “atender a um pedido/passar a palavra” se materializam de formas variadas, em especial, quanto à modalização – interpelação, pedido, pergunta ou evocação (metonímica). É importante dizer, também, que o fato de o enunciado apresentar ou não o interlocutor de forma explícita, não impede que este ato seja considerado direto, pois estes também realizam um ato ilocucionário com traços lingüísticos bem delimitados.

Nesta narrativa destacamos dentre os atos diretos, também, a presença de um ato de fala expressivo quando o narrador enuncia “Pacaembu!”. Este ato marca a posição do enunciador frente a um estado de coisas, logo, neste contexto, pretensões à verdade cedem lugar a pretensões à expressividade. Isso significa que PS não se preocupa, ao enunciar, se o seu enunciado é verdadeiro ou não e sim em evocar o plantonista da forma mais expressiva possível, por meio de uma exclamação que apresenta um termo metonímico referente ao seu interlocutor.

Quanto aos atos indiretos, é importante dizer que eles também variam quanto à modalização – interpelação, permissão e interpelação (metonímica), e caracterizam-se como tal, pois há um ato ilocucionário sendo realizado na forma de outro.

Partindo do pressuposto de que para um ato de fala se realizar são necessárias, no quadro da enunciação, a presença, de um locutor, de uma proposição e de um ou mais interlocutores, os quais interagem entre si, interessa-nos, agora, tecer alguns comentários acerca das ações implicadas nessa interação narrador/interlocutores, em tal situação comunicativa.

Trecho _{narrador}	Ação ₁	Trecho _{interlocutores}	Ação ₂
OU: Neneca pega. Oi, <u>Paschoal!</u>	Atender a um pedido ou passar a palavra	OP: Normal!	Emitir opinião sobre desempenho de

			jogadores.
OU: Gol no Campeonato, <u>gol na Globo!</u>	Atender a um pedido/passar a palavra	M: Lá no Rio de Janeiro, festa lá pro Fluminense, o Fred, que está estreando, marcou de cabeça. Agora Fluminense 1, Macaé também 1!	Informar dados de outros campeonatos estaduais.
OU: Morumbi, como é que tá pro jogo de daqui a pouco, <u>Silva Junior?</u> (vinheta)	Solicitar informações ao plantonista.	SJ: Daqui a pouquinho, às 6 e 10, o tricolor tenta mais uma vitória segunda consecutiva no Campeonato Paulista, 6 e 10, São Paulo e Marília!	Informar dados sobre outra partida do Campeonato Paulista.
OU: Cartão amarelo pra Marcel. Tá expulso. Foi pra tanto, <u>Paschoal?</u>	Solicitar avaliação sobre o desempenho da arbitragem.	OP: Foi. Ele já tinha cartão amarelo. É lance de cartão amarelo. É tanto que o árbitro mostrou primeiro o amarelo e depois o vermelho. Era falta de cartão. Foi expulso o Marcel pela lentidão e falta de qualidade ali na marcação do jogador do Corinthians.	Emitir opinião sobre desempenho da arbitragem.
OU: Vai fora, quase o gol, passou perto, hein, <u>Jesse?</u>	Solicitar informações ao repórter/comentarista.	JN: Muito perto, Oscar, a pegou ali a defesa da equipe do Corinthians no contra-pé, O Escobar, que é da seleção boliviana acabou chutando pra fora, 0 a 0.	Informar dados da partida (esclarece lance)
OU: E o jogo, <u>Paschoal?</u> Aproveita e fala do jogo. 13 e 20, 2º tempo, 0 a 0. Fala, <u>Paschoal!</u>	Solicitar avaliação sobre o desempenho das equipes e dos jogadores.	OP: Ó, o time do Santo André tá melhor coordenado no 2º tempo do que o time do Corinthians. A entrada do Sousa significou que o Corinthians deve passar os laterais mais, porém os laterais do Corinthians não estão saindo e o Douglas continua marcado e marcado ele não produz, tá faltando a bola chegar no Sousa que é o homem da referência e o Santo André tá jogando bem no contra-ataque.	Emitir opinião sobre o desempenho das equipes.
OU: Placar da Globo! 5 minutos, 2º tempo de jogo, Santo André (vinheta ecoando “Corinthians! Santo André!”). 0 a 0, ta empatado! (...) <u>Pacaembu!</u>	Solicitar informações ao plantonista.	SJ: Daqui a... já já, a partir das 6 e 10 o jogo São Paulo e Marília, aqui no Morumbi!	Informar dados sobre outra partida do Campeonato Paulista.
OU: Só um destaque, <u>Jesse Nascimento.</u>	Solicitar avaliação sobre o desempenho dos jogadores.	JN: Olha, Oscar, aqui na saída dos jogadores do Corinthians pegaaa rapidamente uma palavrinha do André Santos. Como é que foi o jogo aí, André?	Informa dados de bastidores.

OU: [...] <u>Plantão</u> <u>Globo</u> , o locutor é show!	Solicitar informações ao plantonista.	M: Guarani e Oeste, às 18 e 10, lá em Campinas. Lá no Rio de Janeiro, o Vasco da Gama vence o Boa Vista e o Macaé vence o Fluminense, Oscar! (vinheta “Globo!”)	Informar dados sobre outras partidas do Campeonato Paulista e dos campeonatos estaduais.
---	---------------------------------------	--	--

Percebemos, no quadro acima, que os atos tanto diretos quanto indiretos implicam uma ação consecutiva por parte dos interlocutores, o que não acontece de forma arbitrária, já que depende de eles seguirem uma regra a qual condiciona a satisfação ou não de uma ação. Isso está relacionado com o que apontamos anteriormente sobre as condições preparatórias e de sinceridade, pois, para participar desta interação, os interlocutores devem reconhecer no narrador o gerenciador de seus turnos, a partir do qual a interação tem início; por outro lado, devem saber que deles é esperada uma resposta em contrapartida ao que lhes foi solicitado, ou quando o narrador lhes atende a um chamado.

Observamos, entretanto, que, no penúltimo excerto, a resposta de JN não é adequada ao que lhe foi solicitado, ou seja, enquanto OU desejava uma avaliação sobre quem teria se destacado na partida, JN informava dados de bastidores, dando início a uma entrevista. Apesar dessa exceção, explicada pelo fato de JN querer aproveitar a oportunidade de entrevistar o jogador André Santos e, por isso, não respondeu ao que o narrador lhe perguntara, as demais trocas verbais exemplificam o fato de que, por seguirem uma regra, esta condiciona a satisfação ou não de uma ação dos interlocutores. As regras a que cada um dos interlocutores obedece, encontram-se no quadro a seguir.

Interlocutor	Regra
OP	Condiciona-o a enunciar seu posicionamento, por meio da modalidade comentário, diante das ações dos jogadores e do trio de arbitragem, que ocorrem na partida.
JN	Condiciona-o a enunciar seu posicionamento, por meio da modalidade comentário, diante das ações dos jogadores e das equipes como um todo. Condiciona-o a enunciar informações do jogo, como resultado, tempo, cartões, substituições, público, renda.
LR	Condiciona-o a enunciar informações sobre outros jogos do campeonato.
NG	Condiciona-o a enunciar informações sobre outra partida do Campeonato Paulista.
GV	Condiciona-o a enunciar informações sobre outra partida do Campeonato Paulista.
SJ	Condiciona-o a enunciar informações sobre outra partida do Campeonato Paulista.
M	Condiciona-o a enunciar informações sobre jogos do Campeonato Paulista e de outros campeonatos estaduais.

Essas regras que controlam e guiam o que pode e deve ser dito por sujeitos específicos, nos mostram que o significado de muitos atos diretos ou indiretos condiciona os

interlocutores de Oscar Ulisses a realizarem um ato assertivo na forma de resposta. Isso explica, por exemplo, o fato de o narrador, ao praticar um ato direto como “Cartão amarelo pra Marcel. Tá expulso. Foi pra tanto, Paschoal?”, obter como resposta um ato assertivo por parte do comentarista que segue a regra de emitir opinião sobre o desempenho da arbitragem e que apresenta a função enunciativa de comentarista. Ou ainda, ao praticar um ato indireto, como “[...] Plantão Globo, o locutor é show!”, obter como resposta um ato assertivo do plantonista que segue a regra de informar dados do Campeonato Paulista e de outros campeonatos estaduais.

3.5.3 A narrativa esportiva de futebol na Rádio Eldorado/ESPN

A Rede Eldorado/ESPN é resultante de um contrato firmado entre a empresa do Grupo Estado denominada “Rádio Território Eldorado” e do Grupo ABC Network e da Hearst Corporation que pertence à empresa ESPN, bem como a afiliada ESPN Brasil, o que permite à rádio paulista transmitir alguns programas esportivos da Rádio ESPN Brasil. É importante dizer que a Rádio Eldorado em São Paulo (92, 9 FM) possui uma programação mais dedicada à música, com entrevistas, críticas, entre outras apresentações relacionadas também à música. A Rádio ESPN Brasil, por sua vez, tem uma grade de programação destinada apenas a esportes, como o próprio nome da emissora define “Entertainment and Sports Programming Network”, transmitindo jogos, campeonatos nacionais e internacionais de diversas modalidades esportivas.

A narrativa transmitida pela Rádio ESPN/Eldorado que coletamos também foi produzida, a partir da disputa entre as equipes do Corinthians e do Santo André, no dia 15 de março de 2009, no Estádio Bruno José Daniel, em Santo André, e fazia parte da 14^a rodada do Campeonato Paulista de 2009.

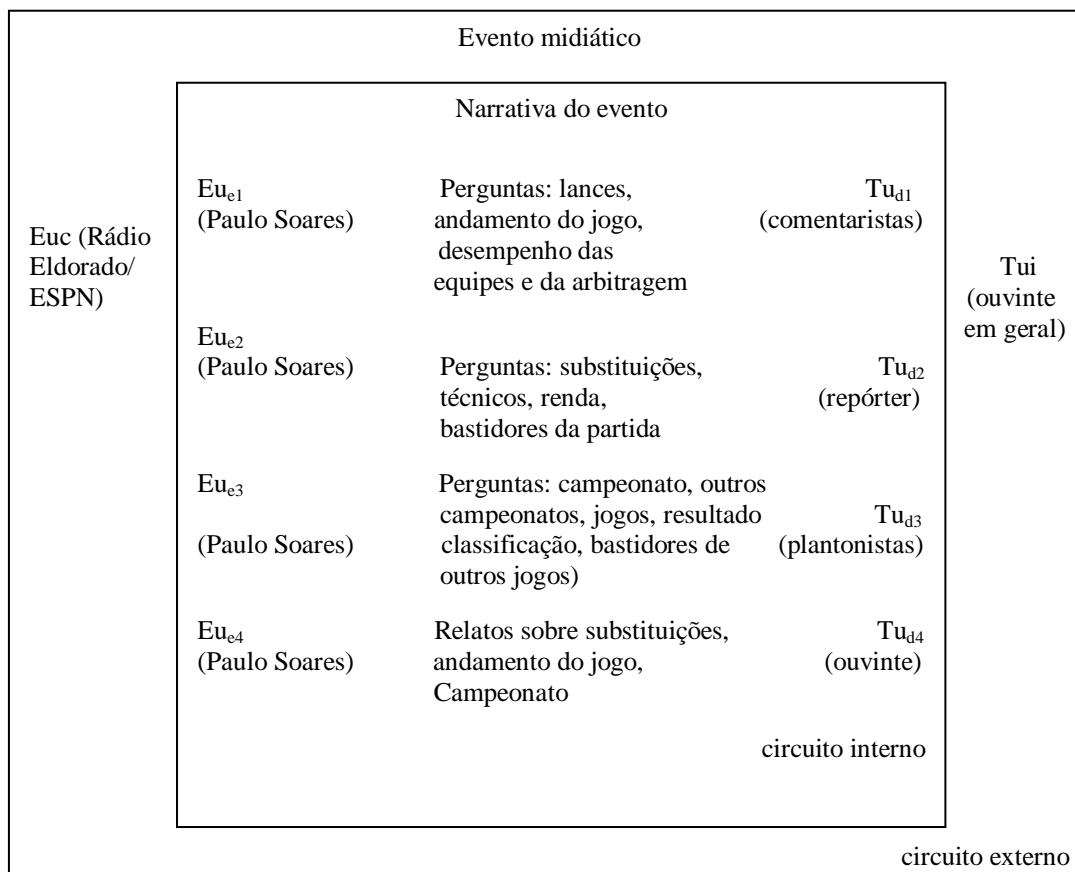
Como já dissemos, optamos por efetuar um recorte no *corpus*, devido à sua extensão, e tendo em vista o propósito desta pesquisa, que é apresentar uma primeira aproximação dos estudos do discurso e a *narrativa esportiva de futebol*. Assim, focalizaremos nossa análise no 2^o tempo da partida, por considerá-lo decisivo para seu resultado final.

Ao analisarmos a cena enunciativa em que se constrói a narrativa, observamos que a Rádio Eldorado/ESPN conta com uma equipe de dez jornalistas, os quais desempenham funções distintas ao longo da transmissão e dialogam com o narrador, ao longo da narrativa.

Devido à posição enunciativo-discursiva que ocupam e à finalidade comunicativa, tornam-se responsáveis por “inaugurarem” a interação com o ouvinte que ouve a partida e participa da co-construção do sentido da narrativa.

Entre o narrador (Paulo Soares), o comentarista (Paulo Calçade), os repórteres (Sérgio Loredó, Flávio Ortega e Paulo Vinícius Coelho) e os plantonistas (Marcelo Di Lallo, Reinaldo Costa, Conrado Giulietti e Eduardo Affonso) também se estabelece uma relação de interlocução, pois dialogam ora entre si, ora com o ouvinte, embora com este último em menor escala. É necessário dizer que a transmissão ainda conta com um âncora, Flávio Gomes, que guia a interação com comentaristas, repórteres e até mesmo com o narrador, antes de a partida começar. Deixaremos a análise do discurso deste enunciativo para outra oportunidade, pois isso implicaria a construção de outro quadro da cena enunciativa paralelo ao que apresentaremos a seguir, já que estaríamos diante de outra cena, distinta da enunciação da narrativa, e tendo em vista ser uma interação que acontece antes de a partida ter início.

Os sujeitos participantes da construção dessa narrativa e suas respectivas funções discursivas podem ser representados no esquema a seguir, baseado no quadro enunciativo proposto por Charaudeau.



Cena enunciativa geral

Demonstramos, de forma objetiva, no quadro acima, o papel desempenhado pelos sujeitos que participam dessa interação. Assim, observamos que, em um circuito externo de produção do enunciado, os participantes são a Rádio ESPN/Eldorado, a qual possui a função de um *eu comunicante* (EUc), o qual se pronuncia por meio de diversos enunciadores que dão voz à emissora na construção da narrativa. Nesse mesmo circuito, inscreve-se o ouvinte como um *tu* interpretante, ou seja, um público que é idealizado como interlocutor e cuja audiência a emissora visa a conquistar, por meio de estratégias discursivas diversas materializadas no discurso do EUe. Dessa maneira, podemos dizer que o circuito externo caracteriza o nível situacional, que representa o lugar de um *fazer* psicossocial.

No circuito interno da enunciação, identificamos a presença do narrador que assume a função enunciativa de *eu enunciator* (Eue), atuando como *porta-voz* da instituição da qual é funcionário, elaborando estratégias que tragam à tona os anseios da emissora e o que, segundo ela, pode e deve ser dito. Em uma *narrativa esportiva de futebol*, podemos considerar, sob outra perspectiva, os diversos sujeitos que enunciam (comentaristas, repórteres e plantonistas), como enunciadores e, conseqüentemente, o ouvinte como um *Tud* a quem todos eles se dirigem. No entanto, neste trabalho, abordaremos apenas a interação entre narrador (EUE) e demais participantes (TUD), incluindo neste último o torcedor. O *tu destinatário* (TUD), então, consiste nas diversas instâncias de interlocução, descritas no quadro, com quem o enunciator interage. Esse circuito interno caracteriza o nível comunicacional, que representa o lugar onde o *dizer* é organizado.

Como já discutimos na análise da narrativa radiofônica anterior, a principal função de um enunciator que assume a função enunciativa de narrador de uma *narrativa esportiva de futebol* no rádio consiste em relatar os fatos, descrevê-los e comentá-los, explorando o imaginário dos ouvintes que acompanham sua narrativa. Ele deve saber lidar com o imprevisto e não permitir lacunas durante a transmissão, preenchendo ao máximo o espaço-tempo que lhe é cedido. Cabe ao narrador, também, moldar seu discurso de forma a transmitir para o ouvinte a emoção ou o drama vivido por aqueles que participam da partida, sejam os que estão em campo, sejam os que estão nas arquibancadas.

Observemos, no quadro a seguir, as principais funções discursivas desempenhadas pelo narrador (PS) e pelos demais participantes dessa enunciação. Marcamos com um “x” as funções e os fatos a elas relacionados e referentes a cada uma das instâncias enunciativas.

Função	Fatos	Narra	C-1	R-1	R-2	R-3	P-1	P-2	P-3	P-4
--------	-------	-------	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----

		Avaliação sobre o desempenho da arbitragem									
		Reprise de lances									
		Lances de outras partidas									
↓ propor		Discussão sobre aspectos técnicos do jogo									
		Discussão sobre fatos de arbitragem									

O narrador ocupa uma função basilar e central na narrativa, gerenciando os turnos de fala, dos quais detém o maior número, e as informações que devem ser dadas, por quem e quando. Por isso, observamos também que cada um dos participantes possui uma função específica na enunciação, as quais se complementam a fim de produzir sentido para o telespectador.

Analisando as funções discursivas elencadas no quadro, podemos destacar como comuns a um narrador de uma partida de futebol a função de narrar as ações e de solicitar informações dos repórteres, avaliações dos comentaristas. Podemos ver, entretanto, que ele acaba por desempenhar outras funções, típicas dos demais participantes da enunciação. Portanto, dentre todos eles, o narrador é o que exerce o maior número de funções discursivas durante a produção desta narrativa radiofônica.

Como já dissemos, isso se deve ao fato de que, ao desempenhar a função discursiva que lhe é própria, esta exige que ele assuma outra função e outra, e assim por diante, como, por exemplo, a narração de uma falta pode levá-lo a emitir uma opinião sobre a jogada e, por sua vez, solicitar algum esclarecimento ao repórter ou uma opinião sobre o lance ao comentarista. Devido a este e outros exemplos presentes na narrativa, podemos afirmar que o narrador é a instância enunciativa que desempenha o maior número de funções discursivas nesta enunciação.

Selecionamos alguns exemplos na narrativa em que Paulo Soares (PS) atende à função discursiva de narrador e, a seguir, outros em que ele exerce outras funções, a fim de comprovar o que foi descrito na tabela acima.

PS: Apita o árbitro (ouve-se o apito). Com o Corinthians outra vez a bola rola e comigo!!! Rola a bola!! (vinheta: “Eldorado/ESPN! Informação é o nosso esporte!”) Lá vem Pablo Escobar, atira pro gol!!!! À esquerda de Felipe!!! Tiro de meta pro Corinthians e quase, quase Escobar espeta o primeiro do jogo, Loredó!! (ouve-se o barulho do estádio o tempo todo)

PS: Bola com Escobar na ponta esquerda, Christian desvia, saiu o lateral para o time do Santo André pela ponta esquerda. Toma posição Elvis, camisa 10, Marcelinho Carioca se apresenta pertinho da área, bola pro Marcelinho, Marcelinho domina, na ponta esquerda, cruzamento bom! Antônio Flávio fechou na boca do gol, vai Chicão, completa a retaguarda corintiana. Fala, Calçade!

PS: Lá vem contra-ataque, Antônio Flávio pelo meio, André Santos vai por baixo, William completa, Christian sai jogando, o time do Corinthians rápido na velocidade! Douglas erra o passe na frente, bola de graça pra Cezinha, Marcelo Di Lallo!!

PS: Bola pra Lulinha! Vira o jogo aqui na direita pra Fabinho ultrapassa a metade do campo da esquerda pra direita do seu rádio, pra Lulinha pela meia direita, caminha Lulinha, 0 a 0, 22 minutos, Lulinha! Recebeu aqui na ponta direita, preparou, pra Fabinho, boa jogada na linha de fundo, cruzou, o goleiro ficou, subiu Cezinha de cabeça afasta! Junior Dutra pega o rebote na sua intermediária! Sai jogando o Junior Dutra, vai Boquita, faz o breque, travou Boquita, Boquita pra Douglas, na meia esquerda para o André Santos, no meio, pra Christian, Lulinha encosta, Christian no meio da rua! Bateu longe do gol! Tiro de meta para o Santo André!

Esses excertos extraídos do 2º tempo de jogo representam alguns dos momentos em que o narrador atende apenas à função de narrar, relatando as ações dos jogadores em campo e solicitando a participação de repórteres. É importante ressaltar que, embora grande parte dos enunciados seja acompanhada de uma solicitação de um dos interlocutores de PS, o que também se caracteriza como parte da função de um narrador, há muitos enunciados, como afirmado, em que ele apenas relata a partida. Além disso, permeiam a narrativa vinhetas que visam a anunciar a emissora e seu slogan, como se pode ver no quadro. Vejamos, a seguir, outros exemplos em que percebemos que o narrador oscila entre atender à função discursiva de narrar e a distanciar-se dela.

PS: Você participa e hoje, na nossa lojinha, muitas camisas de times de futebol da softballbrasil.com!! Lá vai Douglas, faz o lançamento, para o Soooooosa, Neneca, o goleiro do Santo André, vai fora da sua grande área!!! E pela lateral esquerda, de pé esquerdo, Neneca!! [...] Ronaldo não está jogando, não foi relacionado, poupado no jogo de hoje! Ronaldo::!! Cadê você?? Eu vim aqui só pra te ver!! (fala como se cantasse). Como faz falta Ronaldo! Mesmo gorducho, o Ronaldo dá de dez em todos! Bola com o time do Corinthians. André Santos, mAta no peito, baixa na grama, ultrapassa a linha divisória do gramado, faz o lançamento na meia esquerda pra Sousa, [...] Daqui a pouco no Morumbi, Reinaldo Costa vai transmitir São Paulo e Marília! Seis e Dez começa o jogo no estádio do Morumbi. Alô Reinaldo! Alô Morumbi! Boa tarde, Reinaldo:::!!

O trecho acima exemplifica uma parte da narrativa em que o narrador não segue uma linearidade discursiva, interrompendo-a em diversos pontos, para fazer outras intervenções as quais mostraremos no quadro a seguir. Esse caráter desordenado do discurso revela o sujeito em termos da função que desempenha na narrativa, o que o leva a assumir diversas funções que não lhe são atribuídas, ou que não lhe são típicas, e mescla, conseqüentemente, conteúdos temáticos variados ao seu enunciado. Analisemos, a seguir, esse trecho, mapeando as ações discursivas, em cada uma de suas partes.

Excertos do trecho	Ações discursivas
“Você participa e hoje, na nossa lojinha, muitas camisas de times de futebol da softballbrasil.com!!”	Informar dados paralelos ao evento.
“Lá vai Douglas, faz o lançamento, para o Sooooooua, Neneca, o goleiro do Santo André, vai fora da sua grande área!!! E pela lateral esquerda, de pé esquerdo, Neneca!! [...]”	Narrar o evento.
“Ronaldo não está jogando, não foi relacionado, poupado no jogo de hoje! Ronaldo:!! Cadê você?? Eu vim aqui só pra te ver!! (fala como se cantasse). Como faz falta Ronaldo! Mesmo gorducho, o Ronaldo dá de dez em todos!”	Informar dados do jogo/ Emitir opinião sobre desempenho dos jogadores.
“Bola com o time do Corinthians. André Santos, mAta no peito, baixa na grama, ultrapassa a linha divisória do gramado, faz o lançamento na meia esquerda pra Sousa, [...]”	Narrar o evento.
“Daqui a pouco no Morumbi, Reinaldo Costa vai transmitir São Paulo e Marília! Seis e Dez começa o jogo no estádio do Morumbi.”	Informar dados do Campeonato Paulista.
“Alô Reinaldo! Alô Morumbi! Boa tarde, Reinaldo:!!”	Solicitar informação ao plantonista.

Os excertos mostram que, ao mesmo tempo em que Paulo Soares atua na função discursiva de narrador, relatando o evento e solicitando informações a um plantonista, ele desempenha outras funções que seriam comumente assumidas por um repórter, por um plantonista e por um comentarista. Além disso, desempenha a função de um anunciante, ao fazer propaganda de um sorteio pela própria emissora. Vejamos outro exemplo.

PS: Impedimento! Toma posição Felipe na sua grande área. Você é fã de baseball? Então fique ligado porque hoje a partir da meia noite na ESPN tem World Classic 2009! O Campeonato Mundial de Baseball! Bola com perigo, Corinthians na esquerda, atira pro gol Dentinho:!! Pegou em alguém, saiu escanteio na ponta esquerda para o Corinthians, Ortega:!!

Percebemos, mais uma vez, que, ao mesmo tempo em que procura narrar as ações da partida, PS também informa dados paralelos ao jogo, como a programação da emissora.

Excertos do trecho	Ações discursivas
“Impedimento! Toma posição Felipe na sua grande área.”	Narrar o evento.

“Você é fã de baseball? Então fique ligado porque hoje a partir da meia noite na ESPN tem World Classic 2009! O Campeonato Mundial de Baseball!”	Informar dados paralelos ao jogo.
“Bola com perigo, Corinthians na esquerda, atira pro gol Dentinho:!! Pegou em alguém, saiu escanteio na ponta esquerda para o Corinthians”	Narrar o evento.
“Ortega!”	Solicitar informação ao repórter.

Analisemos, por fim, mais dois pequenos excertos do discurso do narrador. Eles demonstram que ao enunciar “[...] E aqui mudou o Corinthians” e “[O jogo vai a 48]”, PS assume uma função distinta da sua função enunciativa de narrador, pois tais enunciados são típicos de enunciadorees que desempenham a função enunciativa de repórter. Assim, PS assume, também, essa função discursiva neste contexto da enunciação. Como já discutimos, esse comportamento deve ser considerado comum ao narrador, o qual assume, com isso, uma função de metanarrador –, pois o fato de ele ser o gerente dos turnos de fala permite-lhe esse exercício mais amplo de funções.

PS: [...] E aqui mudou o Corinthians e falta perigosa pro Timão!!

PS: [O jogo vai a 48.

Excertos do trecho	Ações discursivas
“[...] E aqui mudou o Corinthians”	Informar dados do jogo (substituição)
“e falta perigosa pro Timão!!”	Narrar o evento.
“O jogo vai a 48.	Informar dados do jogo (acréscimos)

Embora possamos apontar alguns exemplos em que PS desempenha funções discursivas distintas da sua função enunciativa de narrador, percebemos que esse comportamento discursivo não lhe é muito comum, ocorrendo apenas em trechos isolados. É interessante dizer, no entanto, que é típico nesta narrativa encontrarmos um narrador que interrompe sua narrativa, em muitos momentos, para produzir enunciados que introduzem uma propaganda da emissora e de sua programação. Vejamos alguns enunciados que exemplificam isso.

PS: [...] Neneca! Um soco de mão direita na bola, pra fora! Lateral aqui na ponta direita para o time do Corinthians. **Daqui a pouco o PVC volta e repete o desafio de hoje: Verdadeiro ou Falso no PVC! Já já pra você ligado com a gente e**

escrevendo pelos Murais espn.com.br/radio e territorioeldorado.com.br!
Douglas, boa jogada pra Boquita, levantou, Fernando desvia, saiu Neneca pra firme defesa!! [...]

PS: [...] Lateral para o Corinthians bater na direita no seu campo de defesa! **Você quer informação e prestação de serviço com a credibilidade do Grupo Estado? Jornal Eldorado 1ª Edição, de segunda a sábado, a partir das cinco e meia da manhã. Apresentação de Caio Camargo!** Bola com Fabinho, recuando pro goleiro Felipe na sua grande área! **Limite, o melhor da velocidade na ESPN Brasil! Terça-feira, dez da noite, com João Carlos Albuquerque, Flávio Gomes e Mauro (vinheta som) César Pereira!** Bola de Alves, recuando pro goleiro Neneca, fora da grande área, Neneca de pé esquerdo despacha para o ataque [...]

PS: Na ponta direita, pro gol, Marcelinho, com curva, Felipe no alto pra firme defesa. Atenção, Brasil cinco horas e onze minutos. (vinheta som) **Domingo de futebol na Rádio Eldorado (vinheta música instrumental), o conteúdo mais inteligente do Brasil!!** Placar do Paulistão aqui! Santo André, 7, 2º tempo, Santo André e Corinthians, 0 a 0, Reinaldo!!

Nos excertos acima, verificamos como os enunciados referentes à publicidade se misturam à narrativa. Alguns deles se fazem acompanhar de vinhetas com música instrumental. Ao anunciar a programação, PS fornece detalhes sobre quem apresenta os programas, o horário da transmissão e a qualidade da emissora, dizendo “Você quer informação e prestação de serviço com a credibilidade do Grupo Estado?”, “Limite, o melhor da velocidade na ESPN Brasil!” e “Domingo de futebol na Rádio Eldorado [...] o conteúdo mais inteligente do Brasil!!”. Além disso, ao enunciar “[...] Verdadeiro ou Falso no PVC! Já, já pra você ligado com a gente e escrevendo pelos Murais espn.com.br/radio e territorioeldorado.com.br!”, ele intenciona mostrar que a emissora conta com a participação dos ouvintes “ligados” na rádio.

A narrativa em questão apresenta um caráter dinâmico, devido à velocidade que o narrador imprime ao seu relato, à quantidade de informações dadas ao ouvinte em um curto espaço de tempo, mas também pela rapidez com que os interlocutores trocam os turnos de fala. Esta narrativa, em particular, busca se diferenciar das demais produzidas no rádio por: apresentar menos publicidades dos patrocinadores; ter uma participação maior dos enunciadores em termos quantitativos, embora seja uma narrativa muito focada no “narrar”; preocupar-se com a autopromoção de suas transmissões e produtos; ser uma narrativa que aparenta ser mais comprometida com o que se dispõe a fazer. Outra característica peculiar a esta narrativa foi a realização de duas entrevistas, quase no fim da narração do jogo Corinthians e Santo André, com jogadores que participariam do próximo jogo que seria transmitido pela rádio. Ainda que essas entrevistas tivessem sido breves, elas não impediram a

interrupção da narrativa. Isso, porém, não perturbou o narrador, o qual retomou a narrativa normalmente, como podemos observar no exemplo a seguir.

CG: Temos alguns segundos só pra registrar a chegada do Santos e o Neimar que vai fazer o primeiro jogo dele como titular?

PS: Vamos lá!

CG: Vamo então! Santos chegando nesse momento por aqui e o Neimar ao lado dos jogadores. Neimar! (silêncio)

Neimar: Se Deus quiser hoje eu acho que () (muito baixo)

CG: Cê lembra do Giovani jogando no Santos?

Neimar: Lembro, lembro.

CG: Naquele jogo contra o Fluminense aqui no Pacaembu cê num lembra não, né?

Neimar: Não... contra o Fluminense não, mas eu já vi jogar pelo Santos aí, contra o Corinthians já vi (som) ele jogar também, ele é um grande jogador, fora de série.

CG: (aumenta o volume) Como é que cê ta vivendo esses momentos antes de começar a sua primeira partida como titular?

Neimar: Ah... um momento que... vai ficar guardado pra sempre, né? Começar uma partida minha é sempre muito bom.

CG: Brigado, valeu! Menino de fala mansa, mas de muito futebol, Neimar chegando no Pacaembu!

PS: E Conrado Giuletto registrou garoto Neimar, boa sorte, Neimar! Aqui 35 minutos, etapa final, 0 a 0 Corinthians e Santo André, bola com Fernando, Fernando pra Chiquinho [...].

O narrador, em uma narrativa radiofônica, precisa conciliar a simultaneidade da enunciação e dos acontecimentos, tendo como apoio apenas a voz, o que exige dele alta performance fônica, aumentando e diminuindo o tom e o volume da voz ao narrar os lances, chegando a gritar em muitos momentos. Dessa maneira, ele tenta seduzir o ouvinte a imaginar a proximidade ou a distância, a velocidade e a intensidade de uma jogada.

PS: Lá vai Pablo Escobar na área pra Antônio Flávio, vem, Fabinho, afasta Fabinho, a bola caiu para o time do Santo André, na ponta esquerda pra Elvis, chuveirinho na área, Felipe saiu, ficOU, MARCELINHO de cabeça pra fora::::!!!! Tiro de meta, Loredo!!

PS: Lulinha, já já no time do Corinthians, na marca dos 20 minutos, 2º tempo, 0 a 0!! Bola com o Corinthians, Fabinho na meia direita, no corredor central Boquita emendou pro gO:::!! Um desvio, escanteio pro Corinthians, troca o Corinthians, Flávio Ortega::::!!!!

PS: ...Dentinho!!! Vai ser expulso Marcel que já tem amarelo!!! Recebe o segundo amarelo! Marcel comete falta em Dentinho pertinho da área!!! (som) PE-RI-GO-SÍS-SI-MA para o time do Corinthians!!! Seneme confirma o número de Marcel e saca o cartão vermelho, Ortega::::!!!!

Ao longo de toda a narrativa, o ritmo empolgado, a emoção e agitação do narrador ao relatar os fatos, é muito presente. Infelizmente, devido à exiguidade de tempo e ao volume do

corpus, não nos aprofundaremos neste tópico. Porém, tentamos reproduzir, graficamente, um pouco dessas oscilações da voz do narrador, por meio de letras maiúsculas e minúsculas, e do sinal gráfico (::), e os prolongamentos de vogais, embora “gritos” sejam algo constante na narrativa, o que configura essas letras maiúsculas como um destaque ainda maior em meio a uma narrativa construída num volume muito alto. As silabações, pausadas e enfáticas, também são uma característica típica do discurso de Paulo Soares, como em “PE-RI-GO-SÍS-SI-MA”, cujo objetivo é chamar a atenção do ouvinte para a gravidade ou importância da jogada.

Paulo Soares, evocado pelos colegas de transmissão como “Amigão”, é jornalista, apresentador do programa *Sportscenter*, juntamente com Antero Greco, e radialista na ESPN Brasil. O narrador atua também como um mediador, definindo a quem é dado o direito de pronunciar-se, quando e sobre o quê deve enunciar. Os seus turnos são distribuídos de forma quase equânime em relação aos turnos dos demais interlocutores, especialmente dos comentaristas Paulo Calçade e Flávio Ortega, o que leva o ouvinte a imaginar um grupo de amigos discutindo descontraidamente a partida entre si, enquanto a assiste da arquibancada. Soares, no entanto, comanda o grupo, convocando-os ao longo de toda a narrativa para dar breves informações ou fazer comentários. A Paulo Calçade, por sua vez, é destinado um espaço especial, no início da transmissão do 2º tempo e no final da partida, para comentar e “fazer um resumo” de cada etapa de jogo.

Nesta transmissão não há a participação de um comentarista de arbitragem e de ex-jogadores, sendo os participantes, em sua maioria, radialistas e jornalistas esportivos. Sendo assim, percebemos que não há uma preocupação da emissora de rádio em contratar como narrador e comentaristas “personalidades” reconhecidas pelo seu passado como árbitro ou jogador, mas sim pessoas que tenham experiência na mídia televisiva ou radiofônica.

Por não possuir o suporte da imagem como a TV, a enunciação na qual se produz esta narrativa revela uma intensa exploração de recursos sonoros, como músicas, vinhetas e efeitos prosódicos na fala do narrador, como já afirmamos. É interessante notar que a maior parte das publicidades se refere à própria emissora e são inseridas no meio da fala do narrador, na maioria das vezes, e, em alguns momentos, acompanhadas de efeitos sonoros. Além disso, também percebemos, apenas duas vezes no 2º tempo, anúncios do medicamento ENGOV.

A situação comunicativa cria um ambiente cujo intuito é trazer o ouvinte para perto do que ocorre na partida, para que ele “veja” cada jogada e sinta a emoção de que é tomado o estádio. Observamos que há um esforço do narrador em prender a atenção do ouvinte, seja por meio da temática das discussões que ele e seus co-enunciadores inserem na narrativa, seja

pelo seu modo de narrar com intenção de criar expectativa e emocionar o ouvinte. A retórica do narrador do rádio procura não apenas convencer o ouvinte de que o que diz é verdade, mas agradá-lo, repassando ideias e sensações, o que é possível perceber no procedimento discursivo dos enunciadores.

Analisemos agora as funções discursivas assumidas por C1 (Paulo Calçade), o qual participa da narrativa ocupando, *a priori*, uma função enunciativa de comentarista, que consiste em comentar o andamento do jogo e o desempenho dos jogadores e das equipes da partida transmitida pela Rádio Eldorado/ESPN. Vejamos, por meio de alguns exemplos, se essa hipótese se confirma ou se ele desempenha outras funções durante a produção desta narrativa.

PC: O Mano foi **até mais ousado**. O Mano tira um dos dois volantes, volantes de marcação, Christian e Túlio. Saca o Túlio, vai colocar o Boquita nessa posição que ele vem trabalhando, vem, né, trabalhando com esse jogador que né naturalmente um meia pra trabalhar como um segundo volante, é um Corinthians **mais ofensivo**, ele ta apostando também numa queda de rendimento do Santo André no meio de campo, que pode mudar a qualquer momento com alterações do Sérgio Guedes, mas **é um jogo ainda cheio de passes errados, de bolas mal dominadas, num ta fácil**, Paulo.

PC: Corinthians **tem mais volume agora**, de jogo e também na pressão ao Santo André. **Tinha volume** no 1º tempo e **não pressionava nada**. Agora assim, com o Sousa, **melhorou taticamente**. O Sousa é um jogador ainda que **define pouco**, mas taticamente ele proporciona uma **situação melhor** pros outros jogadores. Lulinha lado direito, Douglas pelo meio e pela esquerda o Dentinho.

PC: **Fisicamente** Santo André **caiu** nesse 2º tempo, Corinthians **continua forte** na parte física, né? O Cicinho desceu agora pra uma bola pro ataque e voltou, psi **pediu um táxi pra voltar**, então ele **ta preso**, é o lateral direito. O Junior Dutra jogava à frente dele, **era um jogador que impedia** o André Santos de jogar, de descer. Ele saiu pra entrada do zagueiro em função da expulsão, então significa dizer que o André terá, a menos que mude a sua composição tática, o time do Santo Caetano, o André terá **muito espaço** pra descer, chutar e criar jogadas pelo lado esquerdo.

Nos trechos acima, observamos que há um predomínio da função enunciativa de comentarista no discurso produzido por C1. Neles, destacamos algumas expressões de um enunciatador que se propõe a mostrar seu ponto de vista acerca das ações dos jogadores, da equipe e do técnico do Corinthians, Mano Menezes; é quando o comentarista revela o que pensa, por exemplo, sobre a substituição de um jogador e sobre o desempenho físico dos atletas durante o jogo.

Em suas participações durante a narrativa, C1 comenta mais o desempenho dos jogadores em particular, o que facilita a compreensão do ouvinte do que acontece em campo. Porém, quando lhe é concedido um espaço “especial” para comentar no início e no final da

partida, ele usa o nome dos times como referência e, em menor escala, o nome dos jogadores. Observamos, também que, na maioria das vezes que C1 enuncia, ele só assume o turno de fala para responder a uma pergunta do narrador, o qual solicita sua participação a fim de obter sua avaliação sobre jogadores. como afirmado anteriormente.

Apesar de manter seu discurso inscrito na temática (desempenho de jogadores, equipes, andamento do jogo), observamos que C1 também desempenha, na produção da narrativa, outras funções discursivas que complementam sua função enunciativa. Vejamos algumas dessas funções nos exemplos a seguir.

Excertos dos trechos	Ações discursivas
“Melhorou, melhorou com a presença do Sousa, porque o time agora trabalha, enxergando alguém à frente, porque era uma equipe que armava, armava, armava pra ninguém né? nada acontecia, não existia um poder finalização nada, ai meu Deus, o que hum eu ãh eu já volto (alguém ri) o quê que acontece o que aconteceu, por favor?”	Emitir opinião sobre desempenho das equipes/ Solicitar informação dos repórteres.
“Eh... ele quer jogar... ouviu tanto falar do Fenômeno, ele falou “tem gandula fenomenal também”!! e foi pro jogo. Eu já volto.”	Emitir opinião sobre episódios de bastidores.
“O::: Ronaldo teve aqui em 1998, ele atendia um dos patrocinadores eh... a:: Pirelli, né? E tinha um trabalho social com crianças e o Chiquinho fazia parte desse trabalho e o Ronaldo já:: o grande Ronaldo, né... adorado por todos os jogadores e o Chiquinho era um desses meninos desse trabalho, Paulo.”	Informar dados/ histórico dos jogadores.
“Ele que já tinha cartão amarelo, bem recebido no 1º tempo e agora fez uma falta pra cartão amarelo, perfeito o Celene, não tem do que reclamar, ele cumpriu a regra e tirou o jogador de campo.”	Emitir opinião acerca do desempenho da arbitragem.
“Renda! [...] 313.410 reais! Público pagante 7.993.”	Informar dados do jogo.
“Pois é, o que eu ia dizer. São 8.000 torcedores aproximadamente e olha, se é pra 14.000 não sei se a gente teria espaço pra tantos assim ainda. Espaço só do outro lado. Aqui a arquibancada abaixo das cabines está completamente lotada. Tudo bem que ninguém tá muito apertado não espremido, mas é um público decepcionante, pequeno pra... foram 14.000 ingressos colocados à venda pro jogo aqui de Santo André. 7,993. Pra Corinthians, que tem agora Ronaldo e tal é um público ridículo.”	Informar dados de bastidores.

No quadro acima, comprovamos que C1 não exerce apenas uma função discursiva, mas também outras, quais sejam: solicitar informação dos repórteres; emitir opinião sobre episódios de bastidores do jogo; informar dados e histórico dos jogadores; emitir opinião sobre o desempenho da arbitragem (o que na TV é destinado a um comentarista com essa função discursiva específica); informar dados do jogo e dos bastidores. Ao realizar essas ações discursivas, C1 assume as funções discursivas típicas de narrador e repórter.

E, ainda, quanto à ação discursiva emitir opinião sobre o desempenho da arbitragem, assim como na análise anterior, embora tenhamos apontado que essa função é distinta da

função discursiva de emitir opinião sobre o andamento da partida, sobre os jogadores e as equipes, vamos considerá-la como comum ao sujeito que assume a função enunciativa de comentarista, já que, no rádio, é comum caber a ele também informar e comentar o cometimento, ou não, de faltas e a decisão da arbitragem em relação a eles.

Analisemos, a partir de agora, as funções discursivas assumidas por R1 (Sérgio Loredó), o qual também participa da narrativa ocupando, inicialmente, a função de repórter, ou seja, de informar episódios de bastidores, dados e histórico dos participantes da partida, substituições e, por fim, informar sobre o campeonato. Na sequência, seguem alguns excertos, a fim de verificar se essa hipótese se confirma, ou se também R1 desempenha outras funções durante a enunciação.

Excertos dos trechos	Ações discursivas
“Sem... pretensão alguma, o Antônio Flávio bateu, só que o Felipe não conseguiu segurar por muito pouco, né? né? que num teve nenhum jogador do Santo André ali no rebote, daí o Felipe fez a defesa e vamos ver quem o Mano mandou chamar aqui, porque vai entrar alguém nesse Corinthians, né... a sinalização, vamos ver se é o Otacílio Neto. Daqui a pouco... vamo ver lá quem vem daqui a pouco aqui no Corinthians, Amigão!”	Informar dados do jogo (explicar lances).
“Lulinha!”	Informar substituições.
“Vai mudar!”	Informar substituições.
“Chiquinho! Então, Chiquinho entra no Santo André. Vai embora Pablo Escobar, com a número 8.”	Informar substituições.
“Pro Otacílio Neto! A falha começou com o Fabinho que perdeu a bola. O Otacílio fez a falta no Chiquinho, discutiu ali com o Christian e agora o Marcelinho! No finalzinho do jogo. Já está ajoelhado, aquele, aquele gesto típico do Marcelinho, de sempre né? Praticamente conversando com a bola, com muito carinho, o Elvis também chega por ali e o Felipe pedindo cinco jogadores na barreira do Corinthians.”	Informar dados do jogo (explicar lances).
“Falta em Chiquinho, camisa 15, do 30 corintiano Boquita. É distante e tudo mais, só que o Marcelinho ó, já ta ajeitando, por que não? 46 do 2º tempo, vem o 7 do Ramalhão na bola, Amigão!”	Informar dados do jogo (explicar lances).

Os exemplos acima comprovam que R1 desempenha função de repórter, ao informar substituições e dados do jogo que está sendo transmitido. É importante ressaltar que a ação discursiva de informar dados do jogo apresenta uma peculiaridade em relação à mesma ação, quando realizada por um repórter que participa da construção de uma narrativa na TV. No rádio, o repórter parece assumir uma função que na TV cabe, na maioria das vezes, ao recurso denominado “tira-teima”, ou seja, a repetição das imagens de cada lance da jogada para que o telespectador compreenda o que aconteceu em campo, em determinado momento. Como no

rádio não se pode contar com o recurso da imagem e, muito menos com *reprises*, resta ao repórter, que é convocado pelo narrador para, em lances geralmente duvidosos, ou considerados importantes, esclarecer esse lance, relatando de forma detalhada as ações dos jogadores. Assim, a impressão que se tem é a de que o repórter esteja narrando, quando, na verdade, está apenas retomando os acontecimentos, para explicar a ocorrência de uma falta, um escanteio, um tiro de meta, um chute a gol, dentre outras ações típicas do futebol.

Não identificamos, portanto, no discurso produzido por R1, momentos nos quais ele assumisse outras funções discursivas diferentes da função enunciativa de repórter, até mesmo porque sua responsabilidade na partida é muito grande, devendo prestar o máximo de atenção às ações e aos fatos que ocorrem em campo, para poder explicá-los, quando requisitado pelo narrador.

Vejam os exemplos das funções discursivas desempenhadas por outro repórter, Flávio Ortega (R2).

Excertos dos trechos	Ações discursivas
“É o Sousa, então, essa referência que você citou há pouco, vem com a 50, no lugar do Jorge Henrique. O Jorge Henrique fica, então, no banco de reservas, ficou no vestiário, vem mancando também o jogador, pra entrada do Sousa, então, com a 50, mudança do Mano.”	Informar substituições/ Dados de bastidores
“Eh... achei até um pouco afoito agora , o Cicinho. Tinha cobertura, o Junior Dutra tava chegando também na marcação, mas, o Cicinho foi no corpo do Dentinho e fez a falta. É perigosa, o Christian ta por ali, o André Santos ajeita com carinho pra cobrança. Corinthians que tem o Chicão na área e o Fabinho vem chegando também. Dentinho e Sousa, todos pro cabeceio, Amigão!”	Informar dados do jogo (explicar lances)/ Emitir opinião sobre andamento do jogo.
“Eh.. e isso é o que foi marcado pelo Celene. Ótima jogada do Corinthians, o passe em profundidade , e aí o Neneca corajoso sai no corpo do Dentinho, protege e a bola sobra. Só que aí o Dentinho, no momento que se levanta pro equilíbrio pra colocar no fundo das redes, toca com o braço na bola e o Celene anula o gol corintiano.”	Informar dados do jogo (explica lances)/ Emitir opinião sobre andamento do jogo.
“Vi e não marcaria . Eu achei que o Sousa se joga e tenta cavar o pênalti, Amigão!”	Informar dados do jogo (explica lances)/ Emitir opinião sobre andamento do jogo.
“Eh... num fez a falta não, Amigão, até tem o braço ali no ombro do Dentinho, mas ele se joga quando vê que perde a passada. Desperdiçou a chance o jogador corinthiano.”	Informar dados do jogo (explicar lances)/ Emitir opinião sobre andamento do jogo.
“Ah, perfeito , Amigão. Acredito que o Celene foi muito bem nesse lance, com tranquilidade o Dentinho ia pro gol, ele cortou o Marcel e foi derrubado, mas pra amarelo já tinha o segundo, consequentemente o vermelho, ta fora o camisa 4 da equipe do Santo André. Timão pressiona em ter um homem a mais no restante do jogo. Daqui a pouco camisa número 13, o Vinícius foi chamado ali pelo técnico Sérgio Guedes e o Corinthians tem falta perigosa, o Chicão com pé direito, André Santos com a perna esquerda e o Christian um pouco mais forte	Informar dados do jogo (explicar lances)/ Emitir opinião sobre andamento do jogo/ Informar substituições.

são os candidatos à cobrança.”	
“Isso. Pintou cartão amarelo pro Elvis, camisa número 10, a falta é perigosa , entrou o Otacílio Neto, com a 20 no lugar do Douglas. Corinthians vem pra cima, momento decisivo do jogo por aqui, Amigão!”	Informar dados do jogo (explicar lances)/ Emitir opinião sobre andamento do jogo.
“Tiro de meta. O Otacílio Neto tenta, subiu mais do que os zagueiros, depois do segundo desvio de cabeça. Primeiro foi do William, um desvio colocando de novo a bola em jogo dentro da área, Neneca sem pressa vai segurando 0 a 0!”	Informar dados do jogo (explicar lances)

R2 apresenta um comportamento discursivo semelhante ao de R1, ou seja, assume a função enunciativa de repórter e nela se mantém ao longo da narrativa. Além disso, seus enunciados também possuem como característica o fato de informarem dados do jogo como explicações complementares da narrativa de Paulo Soares. Assim, do mesmo modo que R1, R2 detalha o desenrolar das ações que culminaram em um chute a gol, cometimento de uma falta, um impedimento, escanteio ou qualquer outra ação relevante para a partida.

Contudo, como se pode verificar no quadro acima, R2 assume, em alguns momentos de sua enunciação, a função discursiva de comentarista, por realizar ações discursivas como emitir opinião sobre o andamento do jogo. Destacamos nos excertos citados algumas expressões que revelam avaliação, um ponto de vista crítico do repórter diante das ações, o que comprova o desempenho desta outra função.

A seguir, apresentamos alguns trechos enunciados por R3 (Paulo Vinícius Coelho), o qual também ocupa a função enunciativa de repórter nesta narrativa.

Excertos dos trechos	Ações discursivas
“O recordista de partidas do Corinthians jogou também no Santo André, é verdadeiro ou falso?”	Informar dados paralelos ao evento.

Citamos apenas um dos três turnos de fala de R3, no 2º tempo da narrativa, por economia, pois são idênticos. Observamos que o enunciador não assume outras funções discursivas nesta segunda etapa do jogo. Ele desempenha apenas a função enunciativa de repórter quando evocado pelo narrador, enunciando dados paralelos à partida, e neste caso um desafio representado por uma pergunta que cabe ao ouvinte responder pela Internet, a fim de ganhar algum prêmio.

Passemos, agora, à análise das funções discursivas assumidas por P1 (Marcelo Di Lallo), o qual participa da narrativa ocupando, *a priori*, a função enunciativa de plantonista, função semelhante a de um repórter, informando episódios de bastidores, dados e histórico dos participantes, escalação, porém de outros jogos do campeonato. Apresentamos, a seguir,

alguns exemplos, a fim de comprovar nossa hipótese e verificar se ele também desempenha outras funções durante a enunciação.

Excertos dos trechos	Ações discursivas
“No Morumbi, São Paulo e Marília, às seis e dez, também no mesmo horário, no Brinco de Ouro, Guarani e Oeste, no Pacaembu, um pouquinho mais tarde, às sete e dez, Santos e Mogi Mirim, na terça-feira, o complemento com Mirassol e Paulista.”	Informar sobre campeonato paulista (jogos)
“Gauchão, 2º tempo, Sapucaense 0, Grêmio 2.”	Informar sobre campeonato gaúcho (jogo e placar)
“Campeonato Mineiro, 2º tempo, Mineirão, América e Cruzeiro, 0 a 0.”	Informar sobre campeonato mineiro (jogo e placar)
“Maracanã! Festa da torcida do Fluminense, porque Fred, o estreante, empata de cabeça (música com hino do Fluminense). Agora Fluminense 1, Macaé também 1.”	Informar sobre campeonato carioca (jogo, dados dos jogadores e placar)
“Taça Rio, 2º tempo, em Bacachá, Boa Vista 0, Vasco 1!”	Informar sobre campeonato carioca (jogo e placar)

Com base nos exemplos citados, percebemos que a função discursiva desempenhada por P1 corresponde também à sua função enunciativa de plantonista, embora o conteúdo de suas informações seja mais abrangente, se estendendo a jogos, placar, rodadas ou gols de todos os campeonatos estaduais – o carioca, o paulista e o mineiro –, como podemos comprovar no quadro acima. Cabe ressaltar que as informações fornecidas por P1 são de jogos que estão transcorrendo simultaneamente à partida transmitida no momento, ao contrário das informações dadas pelos outros plantonistas as quais dizem respeito a jogos que serão transmitidos pela emissora mais tarde.

Sendo assim, a análise das ações discursivas realizadas por P1 demonstra que ele se mantém fiel à sua função enunciativa, não assumindo outras funções discursivas durante sua participação na narrativa.

A seguir, analisemos as funções desempenhadas por P2 (Reinaldo Costa) e verifiquemos se ele segue a mesma tendência de P1.

Excertos dos trechos	Ações discursivas
“Boa tarde, Amigão da galera! Ar condicionado ligado, luxuosa a cabine central do Morumbi, com muito calor à espera (ri) do São Paulo contra o Marília, Amigão!”	Informar sobre campeonato (jogo, episódios de bastidores)
“Aqui no Morumbi, às seis e dez, com um calor fortíssimo, teremos São Paulo e Marília!”	Informar sobre campeonato (jogo)
“Morumbi, seis e dez, o São Paulo contra o Marília!!”	Informar sobre campeonato (jogo)

“Aqui no Morumbi o sol já puxou o carro. Às seis e dez, São Paulo e Marília!”	Informar sobre campeonato (jogo, dados paralelos)
“Aqui no Morumbi o São Paulo escalado inteiro hein? É o titular contra o Marília seis e dez!”	Informar sobre campeonato (jogo e escalação)
“Esse Chiquinho que ta entrando aí no Santo André é aquele um que o () fez um trabalho magnífico com ele, hein?”	Informar dados/histórico dos jogadores (da partida que está sendo transmitida)

P2 também mantém um comportamento discursivo regular quanto às funções discursivas que desempenha. A maioria dos enunciados por ele produzidos demonstra que a função discursiva por ele exercida – “informar sobre campeonato” – corresponde à sua função enunciativa de plantonista. Nestes excertos, ele informa a Paulo Soares, o narrador, e aos ouvintes, horário, local e times de uma das próximas partidas a serem transmitidas pela emissora, como, por exemplo, “Aqui no Morumbi, às seis e dez, com um calor fortíssimo, teremos São Paulo e Marília!”. Além disso, ele informa dados paralelos ao jogo, como o fato de estar anoitecendo – “Aqui no Morumbi o sol já puxou o carro. Às seis e dez, São Paulo e Marília!” e dados do jogo, como a escalação – “Aqui no Morumbi o São Paulo escalado, inteiro hein? É o titular contra o Marília seis e dez!”.

A única exceção é o último trecho citado acima, no qual P2 assume mais a função de repórter da partida que está sendo transmitida do que de plantonista, pois informa dados relativos à história do jogador Chiquinho, do Santo André, assumindo, além da sua função enunciativa de plantonista, a de repórter.

Tratemos, agora, de alguns exemplos relativos à P3 (Eduardo Afonso), a fim de observarmos as funções discursivas desempenhadas por este enunciatador.

Excertos dos trechos	Ações discursivas
“Morumbi...”	Informar sobre campeonato (jogo)
“As duas equipes já escaladas por aqui, Amigão!”	Informar sobre campeonato (dados do jogo)
“Rogério Ceni 1, Rodrigo 4, Renato Silva 14, Miranda 5, Zé Luís 23, Junior César meia dúzia, Jean 15, Hernanes 10, Jorge Vagner 7, Borges 17, Washington 9! Força máxima do Tricolor em campo!”	Informar sobre campeonato (escalação)
“Giovani, goleiro, 1, Flávio Boaventura 3, Carlinhos 4 e Rodrigo Costa 5, Rafael Mineiro 2, Adílio meia dúzia, Francis 8, João Vitor 7, Ricardinho 10, Robert 9 e Cláudio, ex-Palmeiras, com a 11.”	Informar sobre campeonato (escalação)

P3 participa da narrativa ocupando a função enunciativa de plantonista, como podemos comprovar nos trechos do quadro acima. Por isso, realiza a ação discursiva de informar sobre o campeonato e, mais particularmente, dados sobre uma partida que acontecerá no Morumbi e será transmitida pela emissora, após o jogo Corinthians e Santo André. Como é possível verificar, esses dados são relativos à escalação das equipes, sendo o nome do time da primeira recuperado em seu discurso – “Força máxima do Tricolor em campo!”, e do segundo apenas na fala do narrador, que lhe pergunta – “E como joga o Marília?”.

O enunciador tem poucos turnos de fala ao longo da narrativa e não assume outras funções discursivas distintas da sua função enunciativa de plantonista.

Por fim, analisemos alguns enunciados produzidos por P4 (Conrado Giulietti), para analisar suas funções discursivas nesta narrativa.

Excertos dos trechos	Ações discursivas
“Pacaembu, sete e dez tem Santos e Mogi Mirim!!”	Informar sobre campeonato (jogo)
“Pacaembu, sete e dez, o Santos quer voltar ao G 4 e o Mogi, fugir da lanterna!”	Informar sobre campeonato (jogo, classificação)
“Aqui no Pacaembu às sete e dez o encontro de Neymar e Giovani, Santos contra Mogi Mirim.”	Informar sobre campeonato (jogo, dados do jogo)
“Temos alguns segundos só pra registrar a chegada do Santos e o Neymar que vai fazer o primeiro jogo dele como titular?”	Informar sobre campeonato (dados de bastidores - entrevista)
“Agora o ídolo do outro lado, Giovani, do Mogi Mirim também chega por aqui. (pausa) () simbólico pra você também, tem como não se lembrar daquela semi-final de 95?”	Informar sobre campeonato (dados de bastidores - entrevista)
“E às sete e dez tem o Santos do Neymar contra o Mogi Mirim do Giovani!”	Informar sobre campeonato (jogo, dados do jogo)

Os exemplos acima revelam que a função discursiva desempenhada por P4 corresponde também à sua função enunciativa de plantonista, pois informa o horário, local e as equipes que participarão de um dos próximos jogos, bem como em que posição os times estão na classificação do Campeonato Paulista, dados do jogo, como quem são os destaques de cada time e dados de bastidores, entrevistas com os jogadores Neymar e Giovani. P4 não assume outras funções discursivas durante toda a narrativa além da de plantonista.

Abordando um pouco a questão da presença de expressões dêiticas que se referem ao tempo e ao espaço, diremos que elas têm mais destaque na narrativa radiofônica do que na televisiva. Isso se deve à necessidade de o narrador localizar seu ouvinte, em relação às ações

que são realizadas em campo, como o jogador tocar a bola, de onde e para onde, enfim, o que é importante para o ouvinte dar sentido ao que ouve.

Os enunciadores, ao posicionarem-se como sujeitos de seu discurso, definem também o lugar de onde falam, o momento em que enunciam. Assim, só é possível compreendermos onde eles se situam, quando enunciam, e se posicionando como sujeitos de seu dizer, ou seja, se colocam enquanto “EU” na enunciação. Observemos como isso acontece em alguns enunciados na narrativa.

SL: ganha o escanteio... Santo André! Chega, o Sousa já ta **aqui** ó, atacante do Corinthians **vem pra área** pra ajudar na marcação e é o Marcelinho que vai nessa. Agora, os sete do Santo André na cobrança **pelo lado direito**, Amigão!

RC: **Aqui** no Morumbi, às seis e dez, com um calor fortíssimo, teremos São Paulo e Marília!

PS: Lá vem Alves, na **ponta esquerda** pra Antônio Flávio, rolinho na bola, pra cima do Fabinho **pra linha de fundo**, cruzamento rasteiro, afasta Chicão!! Completa Fabinho, Fabinho pra Boquita **aqui na direita no campo de defesa**, Elvis pra cima dele, Boquita mandou pra fora. Lateral para o time do Santo André!! Placar de 0 a 0, 15 minutos, 15, etapa final **aqui na cidade de Santo André!** [...]

FO: Ótima jogada! O desvio do Chicão consciente, procurava o canto do Neneca e o Sousa acompanhando na segunda trave por pouco não desviou **pro fundo das redes**, mas uma boa chance desperdiçada. Corinthians melhora no jogo. 0 a 0 **aqui no ABC!!**

CG: E **aqui no Pacaembu** o jogo Santos e Mogi Mirim começa às sete e dez!

Podemos notar que, cada vez que um sujeito assume o discurso, ele atualiza o ser no mundo que diz “EU”, bem como o “aqui” e o “agora” da enunciação. Assim, “aqui” pode referir-se a “Santo André”, “Morumbi”, “Pacaembu” e a “ABC”. É importante dizer que, devido à ausência da imagem, o enunciador precisa completar esse “aqui”, e o faz, usando um sintagma nominal, como se pode ver nos trechos acima (“aqui, Pacaembu”), caso contrário, poderia deixar transparecer que se encontra no mesmo local (Pacaembu).

Os dêiticos que localizam os interlocutores espacialmente, também são usados por Paulo Soares, no momento em que narra as ações que acontecem em campo, para que o ouvinte possa “visualizar,” mentalmente, o que acontece no jogo, tendo como centro organizador desse espaço o lugar de onde enuncia o narrador.

PS: [...] Lá vai Douglas, faz o lançamento, para o Sooooooua, Neneca, o goleiro do Santo André, vai **fora da sua grande área!!! E pela lateral esquerda**, de pé

esquerdo, Neneca!! Bate **na metade do campo** pra Junior Dutra! Com ele Christian, o rebote do Ricardo Conceição, de cabeça **no ataque**, subiu, Túlio de cabeça afasta, vem Fernando de cabeça **no círculo central**, vai Túlio de cabeça, bola **na esquerda, no chão** para André Santos! 3 minutos, 2º tempo, 0 a 0! André Santos, para Christian, () **no círculo central, na meia esquerda** pas-se lon-go para Douglas! Fica pra Cezinha, zagueiro do time do Santo André! Cezinha recua, dá pra Cicinho! Cicinho aprofunda **no alto, na ponta direita** passa por todo mundo, posse de bola pra Felipe **na sua grande área!** [...] Bola com o time do Corinthians. André Santos, mata no peito, baixa **na grama, ultrapassa a linha divisória** do gramado, faz o lançamento **na meia esquerda** pra Sousa, recebe Sousa, pede Fabinho **na direita**, Sousa pra Douglas que não ta bem, Douglas vacila, a bola passa por ele, fica com Pablo Escobar **aqui no campo de retaguarda**, bem **à frente do banco de reservas** do Santo André, **volta na quarta zaga**, para o Elvis. Lateral esquerdo indeciso, ele recua pra Neneca, o goleiro **dentro da sua grande área!!** [...]

É interessante notar o uso recorrente de expressões como “à direita do seu rádio”, “à esquerda do seu rádio”, na fala do narrador, como podemos ver nos excertos abaixo, o que parece ser uma estratégia para que o ouvinte se imagine diante do campo, enquanto se posiciona diante de seu rádio. Assim tais construções caracterizam-se como metáforas/metonímias de um campo de futebol.

PS: [...] Com sol em Santo André, 0 a 0! Olha o Corinthians aqui, Reinaldo, na meia esquerda, Christian na direita do seu rádio, bateu na ponta esquerda pra André Santos, André Santos na frente, bom passe, pro Dentinho, recolheu Dentinho, encarou a marcação e perdeu pro Cezinha, Rei!

PS: Na ponta direita toma posição Elvis!! Pro gol, à esquerda do seu rádio, Elvis, pé esquerdo, cruzou! Felipe no alto, é dele pra firme defesa! [...]

PS: Bola pra Lulinha! Vira o jogo aqui na direita pra Fabinho ultrapassa a metade do campo da esquerda pra direita do seu rádio, pra Lulinha pela meia direita, caminha Lulinha, 0 a 0, 22 minutos, Lulinha! [...]

Ao enunciar, o narrador situa-se também em relação ao tempo e, ao fazer isso, situa também seus interlocutores. Por não apresentar nenhum recurso visual para informar placar e tempo, nesta narrativa, eles são enunciados a todo o momento, para que o ouvinte, ao ligar o rádio, obtenha tais informações tão rápido quanto se tivesse as imagens. No trecho acima, quando o narrador diz “3 minutos, 2º tempo, 0 a 0!”, e em outras citações anteriores, fica evidente como essa referência temporal é recorrente na narrativa.

Ainda em relação à temporalidade da narrativa, o narrador, como vimos, é o responsável por narrar os acontecimentos, como se fosse um contador de histórias. Como a enunciação ocorre simultaneamente aos acontecimentos, o tempo da partida “cola” no tempo da narrativa. Logo, em sua grande maioria, a narrativa apresenta as ações no presente, já que o enunciador traz o presente do jogo para a narrativa, passando ao ouvinte uma ideia de

atualidade, do “agora” dos fatos, o que o aproxima desses acontecimentos que ocorrem em campo. A narrativa também possui alguns verbos no passado e no futuro que se mesclam a esse presente. Vejamos como isso funciona nesta narrativa.

PS: E o motorista **ta** irritado, **abrindo** os braços, porque ele **vai** pra uma placa, **vai** pra outra e tal e agora **estacionou** bem à frente de uma placa de um banco pouco famoso!! Nem **precisa** mostrar a placa, os caras já **tão** milionários... **Fecha** André Santos lá pela ponta esquerda, bola **solta** pro time do Corinthians, Dentinho **balançou, rolou, apelou** pro Sousa, **domina**, a primeira do Sousa no jogo, **vira** aqui na ponta direita. Atenção, Boquita **levanta** na área, subiu!!! **Desvia** de cabeça lá atrás Fernando! A bola **cai** pela direita no campo de defesa, pra Junior Dutra, de primeira ele **tenta** o passe pra Marcelinho Carioca. Primeiro Christian na ponta esquerda, pra Dentinho, atropelado, **comete** falta Cicinho!! Na ponta esquerda, fAlta para o time do Corinthians bater, Ortega!!

FO: Eh... **achei** até um pouco afoito agora, o Cicinho. **Tinha** cobertura, o Junior Dutra **tava chegando** também na marcação, mas, o Cicinho **foi** no corpo do Dentinho e **fez** a falta. É perigosa, o Christian **ta** por ali, o André Santos **ajeita** com carinho pra cobrança. Corinthians que **tem** o Chicão na área e o Fabinho **vem chegando** também. Dentinho e Sousa, todos pro cabeceio, Amigão!

Este exemplo mostra como os tempos verbais se alternam no decorrer da narrativa. O que podemos afirmar é que o uso do presente, como uma estratégia jornalística, possui uma função atualizadora das ações, ainda que estas já tenham ocorrido. Devido ao fato de muitas delas já estarem em um passado próximo, o narrador acaba mesclando os tempos verbais, lançando mão do pretérito. No caso dos comentaristas, é interessante perceber que muitos de seus comentários são construídos com base no pretérito e, em menor escala, no presente, porque, na maioria das vezes, retomaram uma ação que já foi relatada pelo narrador, por isso não cabe retomá-la no presente, pois seria incoerência. Na fala de Ortega, acima, detectamos o uso do presente também, que acontece com muitos comentaristas, quando descrevem o que veem em campo, no momento em que enunciam, parecendo atuar como “narradores”.

É necessário dizer que esse presente, no entanto, é usado, em grande parte, para se referir a um pretérito perfeito. Como já afirmamos, isso consiste em uma estratégia discursiva do jornalismo, a fim de criar uma ilusão de atualidade para o ouvinte. Da mesma maneira, o presente também é usado com o sentido de ação futura.

RC: Aqui no Morumbi, às seis e dez, com um calor fortíssimo, **teremos** São Paulo e Marília!

CG: Pacaembu, sete e dez **tem** Santos e Mogi Mirim!!

PS: Impedimento! **Toma** posição Felipe na sua grande área. Você é fã de baseball? Então **fique** ligado porque hoje a partir da meia noite na ESPN **tem** World Classic 2009! O Campeonato Mundial de Baseball! Bola com perigo, Corinthians na esquerda, **atira** pro gol Dentinho::! **Pegou** em alguém, **saiu** escanteio na ponta esquerda para o Corinthians, Ortega::!

Reiterando, nos dois primeiros excertos, o verbo “ter” é usado de forma diferente pelos plantonistas, mesmo ambos se referindo a um futuro próximo, o que demonstra que, em alguns momentos da narrativa, eles usam o presente também para se referir a um acontecimento no futuro. No último excerto, observamos que o narrador Paulo Soares, ao divulgar a programação da emissora, sempre o faz no presente, ainda que remeta a um acontecimento futuro, isso se deve, em certos casos, ao fato de ele anunciar atrações típicas, habituais da grade de programação da emissora.

As expressões dêiticas que marcam os sujeitos do discurso, especialmente os enunciadores da narrativa, aparecem mais nas falas dos comentaristas e, ainda assim, em menor escala que na TV. Isso pode ser uma estratégia da emissora que defende o “Jornalismo independente: analisa o esporte com imparcialidade e sem ufanismo.”²³, segundo o tópico *O perfil da ESPN no Brasil*, apresentado no site da emissora. O fato de a emissora inserir-se em uma formação discursiva como essa não significa que a narrativa não apresente comentários dos enunciadores, porém a maior parte deles é construída na 3ª pessoa, focalizando o acontecimento, promovendo uma aparência de distanciamento do sujeito que enuncia, em relação ao seu enunciado. Estes trechos das falas de Loredó e Ortega revelam isso.

SL: Sem... pretensão alguma, o Antônio Flávio bateu, só que o Felipe não conseguiu segurar por muito pouco, né? né? que num teve nenhum jogador do Santo André ali no rebote, daí o Felipe fez a defesa e vamos ver quem o Mano mandou chamar aqui, porque vai entrar alguém nesse Corinthians, né... a sinalização, vamos ver se é o Otacílio Neto. Daqui a pouco... vamo ver lá quem vem daqui a pouco aqui no Corinthians, Amigão!

FO: Foi uma boa jogada agora, hein, individual do Dentinho, o Sousa no trabalho de pivô desvia de cabeça e o Dentinho corta o Cicinho, chuta pro gol, toca no jogador andreense e pega na rede pelo lado de fora. Chegou a enganar alguns corintianos. O escanteio marcado e o Douglas cobra!

Percebemos que os comentários, em geral, ficam mais atrelados ao próprio fato do que a uma opinião do comentarista. Quando, porém, os enunciadores usam a 1ª pessoa do plural, notamos que eles incluem seus companheiros de transmissão bem como o ouvinte, como vemos no primeiro exemplo, em que Loredó convida seus interlocutores a conferirem quem será substituído no time do Corinthians.

Os ouvintes são evocados em muitos momentos ao longo da narrativa. O narrador refere-se a eles, não só durante os anúncios da programação da emissora, como notamos em

²³ Para mais informações, veja <http://espnbrasil.terra.com.br/quemsomos#>.

vários exemplos a seguir, mas também durante a narrativa, na publicidade do medicamento ENGOV, nas vinhetas da emissora – “Rede Eldorado! Esporte e informação no **seu** rádio!” e “**Acesse** espn.com.br/radio e **ouça** as emoções das partidas na narração da equipe Eldorado ESPN!” e quando diz “Atenção, Brasil!” – “Atenção, Brasil cinco horas e onze minutos.”.

PS: [...] Daqui a pouco o PVC volta e repete o desafio de hoje: Verdadeiro ou Falso no PVC! Já já pra **você** ligado com a gente e escrevendo pelos Murais espn.com.br/radio e territorioeldorado.com.br!

PS: Você participa e hoje, na nossa lojinha, muitas camisas de times de futebol da softballbrasil.com!! [...]

PS: [...] Lateral para o Corinthians bater na direita no seu campo de defesa! **Você** quer informação e prestação de serviço com a credibilidade do Grupo Estado? [...]

PS: [...] Todas as noites na ESPN/Brasil e todas as manhãs na ESPN tem Sportscenter Brasil, o mais completo noticiário esportivo da TV. **Você** é uma autoridade em esportes na quinta-feira que vem Sportscenter 3000, o Sportscenter é diferente! [...] **Você** só assiste na tela da ESPN! [...]

PS: [...] **Você** é fã de baseball? Então **fique ligado** porque hoje a partir da meia noite na ESPN tem World Classic 2009! [...]

[ENGOV, Bom ENGOV pra **você**! ENGOV 1, 2. Esse medicamento é contraindicado em caso de suspeita de dengue. Ao persistirem os sintomas o médico deverá ser consultado.]

Dessa forma, percebemos aqui também que os enunciadores, principalmente o narrador, procuram incluir o ouvinte, como se dissesse a ele que sabe da sua presença sintonizada no rádio e deseja sua permanência. É esse saber da presença do ouvinte que possibilita, no quadro enunciativo, incluir um *Tud* como sendo o ouvinte. Isso pode ser confirmado, quando em seu site, a emissora apregoa o seguinte discurso: “Valoriza o fã de esporte: ele opina, critica, elogia e participa de programas, além de dezenas de promoções durante todo o ano.”²⁴

Analisando o enunciado desta situação comunicativa, diremos que o enunciado construído também segue um “modelo” prévio, embora adaptado a condições de produção específicas, o qual faz com que o ouvinte reconheça, ao ligar o rádio, que se trata da narração de uma partida de futebol.

Esta narrativa, bem como a anterior, também produzida no rádio, apresenta algumas regularidades: a sobreposição do relato ao comentário, a dinamicidade de informação e da

²⁴ Para mais informações, veja <http://espnbrasil.terra.com.br/quemsomos#>.

troca de turnos, a existência não apenas de repórteres, mas de plantonistas e âncoras, a recorrência de jogos de palavras - por meio de slogans e bordões que são falados ao longo da narrativa, bem como de vinhetas e músicas as quais promovem um ambiente de agitação e emoção que pretende ir até o ouvinte e incluí-lo na narrativa -, a presença de patrocinadores que aparecem na forma das publicidades que usam recursos sonoros, que visam a suprir a ausência da imagem; estes são alguns elementos que caracterizam uma *narrativa esportiva de futebol* radiofônica.

Quanto ao estilo, o narrador se preocupa mais em “narrar”, embora permita que os demais interlocutores participem ativamente, ao longo da narrativa. PS também anuncia a programação da emissora, dialoga brevemente sobre lances da partida que narra e informa sobre o que acontece em outros estádios de onde serão transmitidos os próximos jogos.

Como mencionamos anteriormente, PS é um narrador que se exalta durante toda a narrativa, explorando os recursos que sua voz lhe pode proporcionar, como efeitos prosódicos, repetição, prolongamento de vogais, para motivar o ouvinte a continuar ligado no rádio acompanhando a partida. Além da constante repetição do placar e da atualização sobre os minutos já transcorridos na partida, e no horário de Brasília.

Os enunciadores não usam uma linguagem muito popular, coloquial, ou termos típicos do futebol, mantendo um padrão mais distinto ao enunciar, sem muitas metáforas, sem apelidar os jogadores, que são referenciados por seus nomes e/ou pelo número de sua camisa, e/ou por sua posição como jogador, nem criam neologismos para ações que acontecem em campo. Não utilizam muitos adjetivos flexionados, como palavras no diminutivo ou no aumentativo. Isso, entretanto, não impede que a narrativa seja comunicativa e construída em um ambiente intimista, descontraído e animado.

Podemos notar também o uso de frases nominais ao longo desta narrativa, como nos trechos no quadro a seguir, recursos que revelam uma economia de linguagem, pois para acompanhar os acontecimentos que ocorrem no gramado em tempo real, é preciso imprimir um ritmo veloz à narração, exigência da situação comunicativa na qual se encontram os enunciadores.

PS: Atenção, Brasil! Em Santo André (vinheta som), cinco e vinte e sete! Placar do Campeonato Paulista! (música ao fundo) Aqui! Quase 23, 2º tempo! Corinthians e Santo André, 0 a 0, Reinaldo!

PS: [...] Bola com Christian na lua cheia do campo da esquerda pra direita do seu rádio, na ponta esquerda, para o André Santos, bom passe, pro Dentinho na dividida, sentiu Dentinho!!

A narrativa construída por Paulo Soares apresenta a imprevisibilidade característica da *narrativa esportiva de futebol*, por esta ser enunciada simultaneamente com os acontecimentos. Isso muitas vezes faz com que o narrador “atropele” uma fala do comentarista ou do plantonista e, até mesmo, as vinhetas, para narrar um lance importante.

PC: Tem um cara que pode decidir o jogo agora, é o André Santos, o Junior Dutra, quer dizer...

PS (interrompe): ... lá vai LulI:::nha:::!!! Parou o jogo!!! Fora do lance Dentinho, comete falta em Elvis, Ortega?

MD: Campeonato Mineiro, 2º tempo, Mineirão, América e Cruzeiro, 0 a 0! [vinheta “Acesse espn.com... (som vai sendo reduzido)"]

PS (interrompe): ... Arranca Boquita!!! Pra LulI:::nha!!! Não domina Lulinha... Ia sair de frente pro goleiro Neneca!! Lulinha! A bola queimou no pé dele na meia lua da grande área! Bola com o goleiro Neneca do Santo André! Informação é o nosso esporte! (vinheta “Acesse espn.com.br/radio e ouça as emoções das partidas na narração da equipe Eldorado ESPN”).

3.5.4 Ação e Discurso na narrativa da Rádio Eldorado/ESPN

Analisemos, a partir de agora, a categoria discurso e ação, verificando como as ações se realizam durante a produção discursiva.

Com base no que apresentamos em relação às ações discursivas desempenhadas pelo narrador de “solicitar” – informações da partida, do Campeonato Paulista e de outros campeonatos estaduais, avaliação do desempenho dos times e da arbitragem – e “atender a um pedido/ passar a palavra”, discutiremos como se realiza a interação entre PS e seus interlocutores.

O narrador será tomado como nosso ponto de partida, tendo em vista que atua como um enunciador responsável por centralizar a troca verbal e, por isso, por coordenar tal interação. Nosso objetivo, assim como nas demais análises, é descrever o modo como o narrador se dirige aos seus interlocutores e, se essa ação verbal conduz a outra ação consecutiva, mostrar se tal ação segue uma regra prévia relativa à função enunciativa dos participantes da interação e, por fim, verificar se o significado dos atos de linguagem produzidos por PS condicionam as ações dos interlocutores.

Observando a posição enunciativa do narrador, abordaremos, inicialmente, os diversos modos como ele exerce a função discursiva de “solicitar” e “atender a um pedido/ passar a

palavra”, a qual se manifesta a partir de atos de fala diretos e/ou indiretos que apresentam forças ilocucionais com características distintas, como pretendemos identificar em alguns excertos adiante, que demonstram a recorrência dessa função ao longo do discurso na narrativa do narrador.

Trecho	Ação discursiva	Ato de fala/Força Ilocucional
PS: [...] Tiro de meta pro Corinthians e quase quase Escobar espeta o primeiro do jogo, <u>Loredo!!</u>	Solicitar informações ao repórter	Indireto; π : diretivo; μ : interpelação; θ : forma exclamativa do enunciado; Σ como narrador, ser gerenciador de turnos ao longo da narrativa; Ψ : que a fala do repórter deva trazer algo de relevante para a narrativa
PS: Oi Conrado Giullieti! <u>Pacaembu Conrado!</u>	Solicitar informações ao plantonista.	Indireto; π : diretivo; μ : interpelação; θ : forma exclamativa do enunciado; Σ como narrador, ser gerenciador de turnos ao longo da narrativa; Ψ : que a fala do plantonista deva trazer algo de relevante para a narrativa
PS: O gol, <u>Marcelo:::!!!</u>	Solicitar informações ao plantonista.	Indireto; π : diretivo; μ : interpelação; θ : forma exclamativa do enunciado; Σ como narrador, ser gerenciador de turnos ao longo da narrativa; Ψ : que a fala do plantonista deva trazer algo de relevante para a narrativa
PS: Morumbi chama! Eduardo Afonso, São Paulo e Marília!! Já já o jogo, <u>Edu!!!</u>	Atender a um pedido/ passar a palavra	Indireto; π : diretivo; μ : permissão; θ : forma exclamativa do enunciado; Σ como narrador, ser gerenciador de turnos ao longo da narrativa; Ψ : que a fala do plantonista deva trazer algo de relevante para a narrativa
PS: “[...] Daqui a pouco o PVC volta e repete o desafio de hoje: Verdadeiro ou Falso no PVC! Já já pra você ligado com a gente e escrevendo pelos Murais espn.com.br/radio e territorioeldorado.com.br ! [...] <u>PVC, qual é o desafio de hoje???</u> ”	Solicitar informações ao repórter	Direto; π : diretivo; μ : pergunta; θ : forma interrogativa do enunciado; Σ : como narrador, ser gerenciador de turnos ao longo da narrativa; Ψ : que a informação do repórter deva trazer algo de relevante para a narrativa
PS: Bola com o Corinthians. André Santos, o André Santos pra Sousa, dominou, perdeu, <u>fala Reinaldo!!</u>	Atender a um pedido/ passar a palavra	Direto; π : diretivo; μ : permissão; θ : forma exclamativa do enunciado; Σ como narrador, ser gerenciador de turnos ao longo da narrativa; Ψ : que a fala do plantonista deva trazer algo de relevante para a narrativa
PS: <u>Fala, Calçade!</u>	Solicitar avaliação sobre o desempenho das equipes e dos jogadores.	Direto; π : diretivo; μ : interpelação; θ : forma exclamativa do enunciado; Σ como narrador, ser gerenciador de turnos ao longo da narrativa; Ψ : que

		a fala do comentarista deva trazer algo de relevante para a narrativa
--	--	---

O narrador solicita, em muitos momentos da narrativa, a presença dos demais participantes da enunciação. Essas solicitações são feitas, quando PS evoca seus interlocutores por meio de seus nomes e, em geral, de forma exclamativa. Além disso, as condições preparatórias a que está submetido o narrador o caracterizam como um gerenciador dessas interações, cabendo a ele o papel de determinar quem assume o turno, quando e para quê. Essas condições estão diretamente relacionadas às condições de sinceridade, já que para gerenciar a troca verbal, PS deve crer que cada interlocutor tem algo relevante a dizer a respeito do desempenho das equipes e dos jogadores, da arbitragem, de outros jogos do campeonato (tanto o Paulista quanto os demais) e de jogadas importantes, entre outros.

É interessante notar que essas condições apresentam uma expressão genérica, independentemente do ato realizado, o que lhes garante uma identidade na narrativa, como se pode observar no quadro acima.

A interação imprime à narrativa maior dinamicidade das informações quando transmitidas ao público, o que é necessário, especialmente quando essa narrativa tem o rádio como suporte. Como já dissemos, essa dinâmica permite que os enunciadores dialoguem o tempo todo entre si e com o ouvinte, mantendo o contato com este último, assim evitando que ele desligue o aparelho ou mude de emissora.

Nesta narrativa radiofônica, não localizamos momentos em que o narrador “propõe” a discussão de aspectos técnicos do jogo ou sobre fatos da arbitragem. Uma hipótese para explicar isso pode ser o suporte em que a narrativa é produzida, pois, sem a narração, as imagens não se constroem na mente do ouvinte. Sendo assim, o narrador não pode e não cede muito tempo da transmissão para propor discussões, dando espaço apenas a breves comentários e informações da partida, de outros jogos que serão transmitidos pela emissora e dados de outros campeonatos estaduais, e para a publicidade do patrocinador (no caso, do medicamento ENGOV).

No tocante a esses atos ilocucionários serem diretos ou indiretos, e do ponto de realização e da modalização, desses atos, percebemos que a maior parte dos atos enunciados pelo narrador, neste contexto enunciativo, caracteriza-se como indiretos, já que há um ato ilocucionário sendo realizado na forma de outro. Neste caso, temos um ato diretivo se realizando na forma de um expressivo, já que o narrador solicita a participação dos

interlocutores, não a partir de formas linguísticas tradicionalmente empregadas neste tipo de ato, como uma pergunta, mas por meio de um chamamento ou uma evocação.

As funções enunciativas de “solicitar” e “atender a um pedido/passar a palavra” se materializam de formas variadas, em especial, quanto ao modo – interpelação e permissão. O modo “permissão”, em especial, só pode ser caracterizado como tal, porque o plantonista já havia tentado interceptar a narração da partida em algum momento. Isso difere este ato dos demais, já que, na maioria dos casos, a iniciativa de passar o turno cabe ao narrador.

Quanto aos atos diretos, eles aparecem em menor escala, como demonstramos acima, e há apenas um ato ilocucionário, o qual é realizado por meio de formas linguísticas comuns a esses tipos de atos, como o uso de enunciados interrogativos no caso das perguntas. É interessante dizer que uma hipótese para a preferência pela realização indireta, pode ser o fato de que, ao evocar o nome do interlocutor, ou do lugar em que acontecerá(ão) a(s) próxima(s) partida(s), o narrador agiliza a interação.

O fato de o narrador enunciar de modo explícito o nome dos interlocutores com quem pretende interagir é uma regularidade durante a narração. Logo, o ouvinte pode reconhecer e relacionar ao nome de cada enunciador a informação que será enunciada por cada um deles.

Considerando que para um ato de fala se realizar são necessárias a presença, no quadro da enunciação, de um locutor, de uma proposição e de um ou mais interlocutores, os quais interagem entre si, nos interessa agora tecer alguns comentários acerca das ações implicadas nessa interação narrador/interlocutores em tal situação comunicativa.

Trecho <small>narrador</small>	Ação ₁	Trecho <small>interlocutores</small>	Ação ₂
PS: [...] Tiro de meta pro Corinthians e quase quase Escobar espeta o primeiro do jogo, <u>Loredo</u> !!	Solicitar informações ao repórter	SL: Com 10 segundos! Pra já assustar o goleiro Felipe!! Voou na bola, ela passou muito perto pelo lado esquerdo! Tiro de meta, Corinthians, e o... a maca tá dando problema lá... hein, Amigão?	Informar dados do jogo/ dados de bastidores.
PS: Oi Conrado Giullieti! <u>Pacaembu Conrado</u> !	Solicitar informações ao plantonista	CG: Temos alguns segundos só pra registrar a chegada do Santos e o Neymar que vai fazer o primeiro jogo dele como titular?	Informar dados de bastidores de outros campeonatos estaduais.
PS: O gol, <u>Marcelo</u> :::!!!	Solicitar informações ao plantonista	MD: Maracanã! Festa da torcida do Fluminense, porque Fred, o estreante, empata de cabeça (música com hino do Fluminense). Agora Fluminense 1, Macaé também 1.	Informar dados sobre outra partida do Campeonato Carioca.

PS: Morumbi chama! Eduardo Afonso, São Paulo e Marília!! Já já o jogo, <u>Edu!!!</u>	Atender a um pedido/passar a palavra	EA: As duas equipes já escaladas por aqui, Amigão!	Informar dados sobre outra partida do Campeonato Paulista.
PS: “[...] Daqui a pouco o PVC volta e repete o desafio de hoje: Verdadeiro ou Falso no PVC! Já já pra você ligado com a gente e escrevendo pelos Murais espn.com.br/radio e territorioeldorado.com.br ! [...] <u>PVC, qual é o desafio de hoje??</u> ”	Solicitar informações ao repórter	PVC: O recordista de partidas do Corinthians jogou também no Santo André, é verdadeiro ou falso?	Informar dados paralelos ao evento.
PS: Bola com o Corinthians. André Santos, o André Santos pra Sousa, dominou, perdeu, <u>fala Reinaldo!!</u>	Atender a um pedido/passar a palavra	RC: Esse Chiquinho que ta entrando aí no Santo André é aquele um que o () fez um trabalho magnífico com ele, hein?	Informar dados/histórico dos jogadores.
PS: <u>Fala, Calçade!</u>	Solicitar avaliação sobre o desempenho das equipes e dos jogadores	PC: Poderia colocar o Alessandro por esse lado direito, por onde joga o Boquita que é um joga... o Alessandro é um jogador que tem um bom sentido no pro gol, ele é um jogador que entra em diagonal... agora, num sei qual é a situação dele, porque ele já foi melhor aproveitado no time corintiano e ficou muito tempo contundido, agora, se ta no banco, Paulo, eu imagino que tenha condição de jogar, pelo menos, parte do 2º tempo.	Emitir opinião sobre desempenho de jogadores.

Percebemos, no quadro acima, que tanto os atos diretos quanto os indiretos implicam uma ação consecutiva por parte dos interlocutores, o que não acontece de forma arbitrária, já que depende de eles seguirem uma regra a qual condiciona a satisfação ou não de uma ação. Isso se relaciona com o que apontamos acima sobre as condições preparatórias e as condições de sinceridade, já que, para participar desta interação, os interlocutores devem reconhecer no narrador o gerenciador de seus turnos, a partir do qual a interação tem início; por outro lado, devem saber que deles é esperada uma resposta em contrapartida ao que lhes foi solicitado, ou quando o narrador lhes atende a um chamado.

As trocas verbais destacadas exemplificam o fato de que, por seguirem uma regra, esta condiciona a satisfação de uma ação dos interlocutores. Estas regras às quais cada um dos

interlocutores deve obedecer aparecem no quadro, a seguir. Algumas delas podem ser comprovadas no quadro anterior, outras serão registradas apenas no quadro abaixo.

Interlocutor	Regra
PC	Condiciona-o a enunciar seu posicionamento, por meio da modalidade comentário, diante das ações dos jogadores e do trio de arbitragem.
SL	Condiciona-o a enunciar informações do jogo, como resultado, tempo, cartões, substituições, público, renda.
FO	Condiciona-o a enunciar informações do jogo, como resultado, tempo, cartões, substituições, público, renda.
PVC	Condiciona-o a enunciar informações paralelas ao evento (desafio)
MD	Condiciona-o a enunciar informações sobre jogos do Campeonato Paulista e de outros campeonatos estaduais.
RC	Condiciona-o a enunciar informações sobre outra partida do Campeonato Paulista.
CG	Condiciona-o a enunciar informações sobre outra partida do Campeonato Paulista.
EA	Condiciona-o a enunciar informações sobre outra partida do Campeonato Paulista.

Essas regras regulam e orientam o que pode e deve ser dito por sujeitos específicos; elas nos mostram, portanto, que o significado de muitos atos diretos ou indiretos condiciona os interlocutores de Paulo Soares a realizarem um ato assertivo ao responderem a qualquer indagação que ele solicite. Isso explica, por exemplo, o fato de o narrador, ao praticar um ato indireto como “[...] Tiro de meta pro Corinthians e quase quase Escobar espeta o primeiro do jogo, Loredo!!”, obter um ato assertivo da parte do repórter que segue a regra de enunciar informações do jogo e que apresenta a função enunciativa de repórter. Essas regras também permitem que os interlocutores realizem um ato diretivo em resposta ao narrador, como o que acontece no segundo exemplo, em que o plantonista diz “Temos alguns segundos só pra registrar a chegada do Santos; e o Neymar que vai fazer o primeiro jogo dele como titular?”.

Devido à existência dessas regras que controlam e guiam o que, por quem e o que pode e deve ser dito, percebemos que o significado de muitos atos diretos e indiretos condiciona os interlocutores de Luciano do Valle a realizarem um ato assertivo ao lhe prover respostas. Isso permite, por exemplo, que, ao enunciar um ato de fala direto como “[...] Temos alteração, né?”, o interlocutor que segue a regra “informar substituições”, responda ao ato do enunciador. No caso dos atos produzidos nos quais o interlocutor é explicitado na superfície do enunciado, observamos que, por reconhecer a função enunciativa de cada um de seus interlocutores, LV solicita sua participação, levando em conta a respectiva função de cada um na construção da narrativa.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS -UMA PROPOSTA DE CONFIGURAÇÃO DO GÊNERO “NARRATIVA ESPORTIVA DE FUTEBOL”

4.1 A “narrativa esportiva de futebol”: regularidades e atualizações

Após este longo percurso, podemos dizer que o estudo de categorias como enunciação, função discursiva e discurso e ação nos auxiliaram a alcançar nosso principal objetivo que seria, a partir da análise das diferentes narrativas, discutir a possibilidade de uma configuração do gênero *narrativa esportiva de futebol*.

Gostaríamos de ressaltar alguns objetos observados em termos de regularidades e atualizações do gênero, nas quatro narrativas apresentadas no capítulo anterior.

O primeiro deles diz respeito ao fato de que, em todas as narrativas, percebemos uma atitude do narrador de não restringir o seu papel discursivo ao *narrar*, assumindo outras funções, como a de comentarista, de repórter e de plantonista, o que nos leva a considerá-lo um metanarrador, a quem cabe gerenciar os turnos dos demais enunciadorees, conduzindo e controlando a interação. Observamos que nem sempre é o suporte – TV ou rádio – que determina a decisão de um narrador comentar mais que outro, já que também interfere nessa função discursiva o lugar de onde fala o enunciador, ou seja, da “escola de narradores” de que, de certa forma, ele faz parte, do lugar institucional onde se coloca. Isso demonstra certa interveniência do elemento histórico, das formações discursivas (sociais e ideológicas), na produção discursiva.

Outro aspecto a ser destacado é a necessidade de se construir uma referência espaço-temporal na narrativa, a qual é mais exigida nas narrativas radiofônicas, devido à ausência da imagem, mas que também aparece com certa frequência na narrativa televisiva, configurando o que muitos estudiosos na área de comunicação explicam como sendo um relato que beira a redundância, já que o telespectador não precisa de alguém que relate o que ele mesmo está vendo. Apesar disso, esse tipo de referência parece ser um elemento indispensável para a compreensão de uma sequência narrativa, ainda que esta apresente os acontecimentos como “flashes”, o que a caracteriza como alinear. É importante acrescentar que essa referência temporal deve ser analisada de acordo com o sentido que o uso dos tempos verbais adquire naquele momento da enunciação. Isso, porque observamos uma recorrência muito maior do presente, porém indicando ações passadas (presente histórico), pois, na maioria das vezes, a

ação já havia sido completada pelo seu protagonista. Isso consiste em uma estratégia midiática, cujo objetivo é revelar a intenção dos enunciadores de tornar o enunciado atual para o telespectador/ouvinte e, conseqüentemente, visa a aproximá-los dos fatos, como se estivessem acompanhando a partida dentro do estádio. Esse traço da referência temporal pode ser verificado em todas as narrativas analisadas.

Quanto à explicitação do sujeito enunciator, verificamos que, em algumas narrativas, os enunciadores parecem ter mais espaço e liberdade para comentar e assumir um posicionamento diante do que ocorre em campo do que outros sujeitos da narrativa, o que se deve tanto ao suporte, como, por exemplo, o rádio, que, devido ao curto espaço de tempo, busca uma economia em termos de comentário, quanto à formação ideológica da instituição da qual acabam se tornando “porta-vozes”.

Abordando ainda a questão da enunciação, é interessante notar a referência ao ouvinte/telespectador, durante a construção das narrativas, embora a recorrência varie de uma narrativa para a outra. Percebemos que algumas emissoras apresentam uma atitude mais “bairrista” que outras, dirigindo-se a um público restrito, como ocorre, por exemplo, na narrativa da Rádio Globo de São Paulo e na Rádio Eldorado/ESPN. Na Rádio Globo, há exploração de recursos como músicas, efeitos prosódicos, uso de onomatopéias que visam a referir-se ao produto anunciado, e que são colocadas no ar, a partir de uma sinalização do narrador com o uso de um bordão. Já na Rádio Eldorado/ESPN há quase uma ausência de publicidades, o que pode estar relacionado à formação ideológica da emissora, de que ela “faz” um jornalismo independente, mas também à sua relativa independência financeira, pois faz parte de um grande grupo de empresas internacionais (da ABC Network e da Hearst Corporation).

Percebemos uma semelhança quanto ao número e as funções enunciativas desempenhadas pelos sujeitos que participam da enunciação, quando comparamos as narrativas televisivas entre si e, em seguida, as radiofônicas. Vejamos esboçado a seguir um quadro que as resume.

a) Funções enunciativas e funções discursivas

Suporte	Funções enunciativas	Funções discursivas
TV	Narrador (1)	a) narrar b) informar c) emitir opinião d) solicitar (informação dos repórteres, avaliação sobre desempenho dos times)

		e) propor
Rádio	Narrador (1)	a) narrar b) emitir opinião c) solicitar (informação dos repórteres, avaliação sobre desempenho dos times) d) propor
TV	Comentarista de arbitragem (1)	a) emitir opinião (desempenho da arbitragem, andamento do jogo) b) informar (trio de arbitragem)
	Comentarista (1 ou 2)	a) emitir opinião (andamento do jogo, desempenho das equipes, episódios de bastidores, desenrolar do campeonato) b) narrar
Rádio	Comentarista (1 ou 2)	a) emitir opinião (andamento do jogo, desempenho das equipes, desempenho da arbitragem, episódios de bastidores) b) informar (substituições, dados do jogo, episódios diversos de bastidores, dados/histórico dos participantes da partida) c) solicitar (informações dos repórteres)
TV	Repórter (2)	a) informar (substituições, dados do jogo, episódios diversos de bastidores, dados/histórico dos participantes, Campeonato) b) emitir opinião (andamento do jogo, desempenho das equipes, episódios de bastidores)
Rádio	Repórter** (3)	a) informar (substituições, dados do jogo, episódios diversos de bastidores) b) emitir opinião (andamento do jogo, desempenho das equipes, desempenho da arbitragem, episódios de bastidores)
TV	Plantonista (2)*	a) informar (Campeonato)
Rádio	Plantonista (4 ou 6)	a) informar (dados do jogo, episódios diversos de bastidores, campeonato(s), dados paralelos ao evento) b) emitir opinião (andamento do jogo, desempenho da arbitragem, episódios de bastidores, desenrolar do(s) campeonato(s))
TV	-	-
Rádio	Âncora** (1)	a) informar (dados paralelos ao evento) b) emitir opinião (desempenho das equipes) c) solicitar (informações dos repórteres, avaliação sobre o desempenho dos times) d) propor (discussão sobre aspectos técnicos do jogo)

QUADRO 1: Comparação entre os suportes

* apenas na BAND

** apenas na Rádio Eldorado/ESPN

Suporte	Funções enunciativas	Funções discursivas
Rede Globo	Narrador (1)	a) narrar b) informar (escalação dos times, trio de arbitragem, substituições, dados do jogo, Campeonato) c) emitir opinião (andamento do jogo, desempenho das equipes, desempenho da arbitragem, desenrolar do Campeonato) d) solicitar (informação dos repórteres, avaliação sobre o desempenho dos times, avaliação sobre o desempenho da arbitragem, reprises de lances, lances de outras partidas) e) propor (discussão sobre aspectos técnicos do jogo, discussão sobre fatos de arbitragem)

BAND	Narrador (1)	<ul style="list-style-type: none"> a) narrar b) informar (escalação dos times, trio de arbitragem, substituições, dados do jogo, episódios diversos de bastidores, Campeonato, dados paralelos ao evento) c) emitir opinião (andamento do jogo, desempenho das equipes, episódios diversos de bastidores, desenrolar do Campeonato) d) solicitar (informação dos repórteres, avaliação sobre o desempenho dos times, avaliação sobre o desempenho da arbitragem, reprises de lances, lances de outras partidas) e) propor (discussão sobre aspectos técnicos do jogo, discussão sobre fatos de arbitragem)
Rede Globo	Comentarista de arbitragem (1)	<ul style="list-style-type: none"> a) emitir opinião (desempenho da arbitragem, andamento do jogo) b) informar (trio de arbitragem)
BAND	Comentarista de arbitragem (1)	a) emitir opinião (andamento do jogo, desempenho da arbitragem, episódios de bastidores)
Rede Globo	Comentarista (2)	<ul style="list-style-type: none"> a) emitir opinião (andamento do jogo, desempenho das equipes) b) narrar
BAND	Comentarista (1)	<ul style="list-style-type: none"> a) emitir opinião (andamento do jogo, desempenho das equipes, desempenho da arbitragem, episódios de bastidores, desenrolar do Campeonato) b) informar (dados do jogo, episódios diversos de bastidores, dados/histórico dos participantes da partida, Campeonato)
Rede Globo	Repórter (2)	<ul style="list-style-type: none"> a) informar (substituições, dados do jogo, episódios diversos de bastidores, dados/histórico dos participantes, Campeonato) b) emitir opinião (andamento do jogo, episódios de bastidores, desenrolar do Campeonato)
BAND	Repórter (2)	<ul style="list-style-type: none"> a) informar (substituições, dados do jogo, episódios diversos de bastidores, dados/histórico dos participantes) b) emitir opinião (andamento do jogo)
Rede Globo	-	-
BAND	Plantonista (2)	a) informar (Campeonato)

QUADRO 2: Comparação entre Rede Globo e BAND

Suporte	Funções enunciativas	Funções discursivas
Rádio Globo	Narrador (1)	<ul style="list-style-type: none"> a) narrar b) informar (substituições, dados do jogo, episódios diversos de bastidores, dados/histórico de participantes, Campeonato, dados paralelos ao evento) c) emitir opinião (andamento do jogo, desempenho das equipes, episódios de bastidores, desenrolar do Campeonato) d) solicitar (informação dos repórteres, avaliação sobre o desempenho dos times, avaliação sobre o desempenho da arbitragem) e) propor (discussão sobre aspectos técnicos do jogo, discussão sobre fatos de arbitragem)
Rádio Eldorado/ESPN	Narrador (1)	<ul style="list-style-type: none"> a) narrar b) informar (substituições, dados do jogo, episódios diversos de bastidores, Campeonato, dados paralelos ao evento) c) emitir opinião (andamento do jogo, desempenho das equipes) d) solicitar (informação dos repórteres, avaliação sobre o desempenho

		dos times)
Rádio Globo	Comentarista (2)	a) emitir opinião (andamento do jogo, desempenho das equipes, desempenho da arbitragem, episódios de bastidores) b) narrar c) informar (substituições, dados do jogo, episódios diversos de bastidores, dados/histórico de participantes) d) solicitar (informações dos repórteres)
Rádio Eldorado/ESPN	Comentarista (1)	a) emitir opinião (andamento do jogo, desempenho das equipes, desempenho da arbitragem, episódios de bastidores) b) informar (escalação dos times, episódios diversos de bastidores, dados/histórico dos participantes da partida, Campeonato, dados paralelos ao evento) c) solicitar (informações dos repórteres)
Rádio Globo	-	-
Rádio Eldorado/ESPN	Repórter (3)	a) informar (substituições, dados do jogo, episódios diversos de bastidores, dados paralelos ao evento) b) emitir opinião (andamento do jogo, desempenho das equipes, desempenho da arbitragem, episódios de bastidores) c) narrar
Rádio Globo	Plantonista (6)	a) informar (dados do jogo, episódios diversos de bastidores, Campeonato, dados paralelos ao evento) b) emitir opinião (andamento do jogo, desempenho da arbitragem, episódios de bastidores, desenrolar do Campeonato)
Rádio Eldorado/ESPN	Plantonista (4)	a) informar (campeonato(s), dados paralelos ao evento) b) emitir opinião (desenrolar do(s) campeonato(s))

QUADRO 3: Comparação entre Rádio Globo e Rádio Eldorado/ESPN

Como se observa, em um suporte como o rádio, a figura do comentarista de arbitragem desaparece para dar lugar a mais repórteres e plantonistas, já que o narrador depende desses enunciadores para descrever com mais detalhes as jogadas consideradas importantes ou polêmicas que não podem ser revistas pelo ouvinte por meio de *reprises* ou “tira-teimas”.

Podemos destacar como uma regularidade o fato de os narradores assumirem a função de um metanarrador, ou seja, de um narrador que assume outras funções discursivas, não se limitando às circunstâncias específicas de uma função discursiva demarcada pela enunciação, ao contrário dos demais enunciadores que assumem um turno de fala com uma função determinada. Mesmo que os narradores do rádio exerçam variadas funções discursivas, a função discursiva de “narrar” se sobrepõe às de “informar” e “emitir opinião”, por exemplo. Isso acontece, porque o ouvinte é mais dependente da narrativa em si, já que sem ela, ele se vê impossibilitado de construir uma imagem do que acontece em campo e, portanto, de compreender o jogo. No caso da TV, percebemos que as narrativas de CM e LV são menos “presas” ao verbal, especialmente a produzida por LV que procura criar um ambiente de descontração, dando liberdade para que seus interlocutores se pronunciem e participem

constante e ativamente da construção da narrativa. Quanto aos demais participantes das narrativas, identificamos como regular o fato de desempenharem outras funções discursivas distintas da sua função enunciativa, embora esse comportamento varie conforme a emissora e o suporte.

Em relação ao estilo, é importante dizer que ele é um dos elementos que permite diferenciar uma narrativa da outra, ainda que os narradores, por exemplo, apresentem características comuns quanto ao modo de narrar. Tentaremos estabelecer algumas comparações neste sentido entre as narrativas a partir de agora. Lembremos, desde o início, que a narrativa esportiva de futebol, em geral, se caracteriza como alinear e, por isso, tanto a referência à espacialidade quanto à temporalidade das ações são flutuantes, atualizando-se a todo instante, na fala de cada enunciador que assume um turno de fala.

Quanto ao tempo, em especial, observamos que o narrador oscila entre o presente e o passado, sendo esse presente, na maioria dos casos, um passado próximo, atualizado na enunciação, a fim de tornar os fatos e ações “presente” para os telespectadores.

b) O estilo

Suporte	Componentes de estilo: semelhanças
Rede Globo	NARRADOR: detém o predomínio dos turnos de fala (qualitativa e quantitativamente) NARRADOR: destaca o <i>comentar</i> em detrimento do <i>narrar</i> ENUNCIACÃO/NARRADOR: 1ª pessoa do singular e do plural e a 3ª pessoa. ENUNCIACÃO/COMENTARISTA: não utilizam, na maioria das vezes, a 1ª pessoa do singular (representam a voz do especialista, distanciamento) PROPAGANDA: presença do enunciado “Globo, a gente se vê por aqui!” inserção de publicidades
BAND	NARRADOR: detém o predomínio dos turnos de fala NARRADOR: destaca o <i>comentar</i> em detrimento do <i>narrar</i> ENUNCIACÃO/NARRADOR: 1ª pessoa do singular e do plural e a 3ª pessoa (predomínio da 1ª pessoa do plural e da 3ª do singular) ENUNCIACÃO/COMENTARISTA: 1ª pessoa do singular (representam a voz do especialista, distanciamento) PROPAGANDA: a presença do enunciado “Futebol na BAND tem mais emoção!”: inserção de publicidades

QUADRO 4: Comparação entre Rede Globo e BAND: semelhanças

Suporte	Componentes de estilo: semelhanças/diferenças parciais
Rede Globo	- INTERLOCUTORES DE CM: enunciam quando solicitados, mas é muito comum assumirem um turno naturalmente, sem que sejam evocados.
BAND	- INTERLOCUTORES DE LV: enunciam, na maioria das vezes, sem serem solicitados (mais recorrente que na anterior). Há turnos, porém, em que o narrador os solicita, e em que seus interlocutores lhe pedem a palavra, o que depende da aprovação ou não do narrador

QUADRO 5: Comparação entre Rede Globo e BAND: semelhanças/diferenças parciais

Suporte	Componentes de estilo: diferenças
Rede Globo	<ul style="list-style-type: none"> - NARRADOR: narrar mais comedido, menos efeitos prosódicos na fala, linguagem formal, menos descontraindo (comparado à LV) - INTERLOCUTORES: apresentam turnos curtos e intercalados aos do narrador - INTERLOCUTORES: mais comentaristas que repórteres; não possui plantonistas (emissora mais preocupada em construir um ambiente de discussão sobre os fatos e ações relativos ou não à partida do que transmitir informação) - REPÓRTERES DE CAMPO: quase ausentes - RECURSOS TECNOLÓGICOS: investimento da emissora (<i>reprises, tira-teimas, recursos gráficos</i> de computador da tela da TV, chats na internet, postagem de perguntas durante a transmissão ou no intervalo) → maior interatividade - TELESPECTADOR: menos referido pelo narrador - PROPAGANDA: após o narrador enunciá-la, um som relativo ao produto, acompanhado pela voz de outro locutor, é emitido ao mesmo tempo em que o produto ou um link aparece, de forma animada, no canto esquerdo da tela.
BAND	<ul style="list-style-type: none"> - NARRADOR: narrar empolgado, prolongando vogais, exaltando-se enquanto enuncia, linguagem se aproxima do popular, modo descontraindo de narrar - INTERLOCUTORES: turnos são mais alternados com os do narrador do que na narrativa anterior - INTERLOCUTORES: maior equilíbrio quanto ao número de comentaristas e repórteres (emissora não tem a intenção de privilegiar nem a discussão sobre os fatos e ações relativos ou não à partida nem somente a transmissão de informações) - REPÓRTERES DE CAMPO: participantes constantes; mais destaque à função que a Rede Globo - RECURSOS TECNOLÓGICOS: efeitos de aproximação de câmeras, <i>replays</i> ou <i>tira-teimas</i>. Em comparação à Rede Globo, a emissora parece não dispor e/ou não ter interesse em explorar muitos recursos tecnológicos (apenas nas publicidades) - TELESPECTADOR: não interage por meio de chats ou enquetes na internet - TELESPECTADOR: mais referido pelo narrador - PROPAGANDA: o narrador o enuncia, a imagem ou a marca do produto aparecem no canto esquerdo da tela, acompanhadas pela voz de outro locutor.

QUADRO 6: Comparação entre Rede Globo e BAND: diferenças

Suporte	Componentes de estilo: semelhanças
Rádio Globo	<p>NARRADOR: destaca o <i>narrar</i> em detrimento do <i>comentar</i> – necessidade do discurso acompanhar o ritmo da partida</p> <p>EXPRESSÕES DÉITICAS (sujeitos): marcam os sujeitos do discurso, aparecem mais nas falas dos comentaristas e em menor escala que na TV</p> <p>EXPRESSÕES DÉITICAS (tempo): em sua grande maioria, enuncia as ações no presente e, em menor escala, alguns verbos no passado e no futuro.</p> <p>NARRADOR: mediador; detém a maior parte dos turnos de fala, em geral mais extensos do que produzidos na TV</p> <p>NARRADOR: enuncia constantemente placar e tempo</p> <p>COMENTARISTA: enunciados parecem destacar mais os próprios fatos do que as suas opiniões em si</p> <p>ENUNCIADORES: são, em sua maioria, radialistas, jornalistas esportivos</p> <p>COMENTARISTA DE ARBITRAGEM: não há um enunciador específico para esta função (cabe ao comentarista)</p> <p>apresenta plantonistas</p>
Rádio Eldorado/ESPN	<p>NARRADOR: destaca o <i>narrar</i> em detrimento do <i>comentar</i></p> <p>EXPRESSÕES DÉITICAS (sujeitos): marcam os sujeitos do discurso, aparecem mais nas falas dos comentaristas e em menor escala que na TV</p> <p>EXPRESSÕES DÉITICAS (tempo): em sua grande maioria, enuncia as ações no presente e, em menor escala, alguns verbos no passado e no futuro.</p> <p>NARRADOR: mediador; detém a maior parte dos turnos de fala, em geral mais extensos do</p>

	<p>que produzidos na TV</p> <p>NARRADOR: enuncia constantemente placar e tempo</p> <p>COMENTARISTA: enunciados parecem destacar mais os próprios fatos do que as suas opiniões em si</p> <p>ENUNCIADORES: são, em sua maioria, radialistas, jornalistas esportivos</p> <p>COMENTARISTA DE ARBITRAGEM: não há um enunciador específico para esta função (cabe ao comentarista)</p> <p>apresenta plantonistas</p>
--	---

Quadro 7: Comparação entre Rádio Globo e Rádio Eldorado/ESPN: semelhanças

Suporte	Componentes de estilo: semelhanças/diferenças parciais
Rádio Globo	<p>EXPRESSÕES DÉITICAS: relacionadas ao tempo e ao espaço tem mais destaque do que na televisiva → ouvinte “visualize” as ações.</p> <p>INTERLOCUTORES: evocados pelo narrador, apresentam turnos mais longos e mais numerosos em relação aos da narrativa na TV, quase equilibrando em número aos do narrador</p> <p>Narrativa emocionada, troca constante de turnos, permeada de recursos sonoros (vinhetas, músicas, efeitos prosódicos na fala do narrador, em especial) e publicidades</p>
Rádio Eldorado/ESPN	<p>EXPRESSÕES DÉITICAS: relacionadas ao tempo e ao espaço tem mais destaque do que na televisiva → ouvinte “visualize” as ações. É recorrente o uso da expressão “à direita do seu rádio”, “à esquerda do seu rádio”</p> <p>INTERLOCUTORES: evocados pelo narrador, apresentam turnos, em geral, curtos e numerosos → dinamicidade de informação e trocas constantes de turnos</p> <p>Narrador se exalta durante toda a narrativa, explora efeitos prosódicos, repetição, prolongamento de vogais, uso de recursos sonoros (vinhetas, músicas, efeitos prosódicos na fala do narrador, publicidades, etc): mais dosado que na narrativa da Rádio Globo</p>

Quadro 8: Comparação entre Rádio Globo e Rádio Eldorado/ESPN: semelhanças/diferenças parciais

Suporte	Componentes de estilo: diferenças
Rádio Globo	<p>OUVINTE: impressão de que sua participação é mais reduzida</p> <p>VINHETAS E MÚSICAS: algumas identificam momentos específicos da narrativa, sendo algumas repetidas constantemente ao longo da enunciação</p> <p>PROPAGANDA: a vinheta “Futebol show é na Rádio Globo!” sinaliza que a narrativa será interrompida para dar lugar a uma publicidade, que são muitas</p> <p>PROPAGANDA: acompanhadas de onomatopeias referentes ao produto divulgado, narradas por outra voz, não identificada, a qual sugere uma gravação. Algumas retomam a ideia do rádio como um prestador de “serviço” à sociedade</p> <p>ENUNCIADORES: usam uma linguagem mais popular, termos típicos do futebol, padrão mais coloquial ao enunciar</p>
Rádio Eldorado/ESPN	<p>OUVINTE: evocados em muitos momentos durante a narrativa (inclusive durante os anúncios da programação da emissora, na publicidade do medicamento ENGOV e nas vinhetas da emissora)</p> <p>ENUNCIADORES: procuram incluir o ouvinte: reconhecimento de sua presença e desejo de que esta permaneça</p> <p>VINHETAS E MÚSICAS: função mais publicitária do que de anunciar algum momento específico da narrativa</p> <p>PROPAGANDA: apenas do medicamento ENGOV e da emissora. Não são introduzidas por jargões ou vinhetas</p> <p>Recorrência de jogos de palavras por meio de slogans e bordões que são falados pelo narrador ao longo da narrativa bem como de vinhetas e músicas</p> <p>ENUNCIADORES: não usam uma linguagem muito popular, ou termos típicos do futebol, padrão mais distinto ao enunciar, jogadores são referenciados por seus nomes e/ou número da camisa, e/ou por sua função ou criam neologismos para ações que acontecem em campo</p>

Quadro 9: Comparação entre Rádio Globo e Rádio Eldorado/ESPN: diferenças

Passemos agora a um contraponto entre as narrativas em termos da relação linguagem e ação nestes contextos de comunicação. Durante a análise dessas categorias, percebemos que, tanto nas narrativas produzidas na TV quanto nas do rádio, há uma inter-relação entre as funções discursivas, funções enunciativas e, de maneira menos contundente, as formações discursivas.

Assim, ao assumir a função enunciativa que lhe foi estabelecida na enunciação um sujeito fala de um lugar discursivo específico, o da autoridade em futebol. No caso da narrativa esportiva de futebol, observamos que os enunciadores passavam, no decorrer da narrativa, a desempenhar outras funções discursivas. Ao analisarmos essas funções discursivas verificamos que, ao assumi-las, tais enunciadores produzem um discurso circunscrito a uma formação discursiva²⁵ específica: a de autoridades representantes das empresas onde trabalham, os líderes do grupo de narradores; portanto, uma relação de poder, por mais distensa e cúmplice que seja a interação durante a narrativa das partidas. Prova disso é que ao narrador é atribuída uma função metanarrativa, devido às várias funções que cruzam aquela originalmente vinculada na enunciação, o que não ocorre com seus subordinados-colegas de narração, os repórteres de campo, plantonistas, comentaristas de arbitragem etc.. Esses fatos confirmam, mais uma vez, a ideia de que um discurso também é determinado por condições sócio-históricas.

É importante ressaltar o fato de que na narrativa produzida na Rede Globo, o narrador, o comentarista de arbitragem e o repórter Mauro Naves são enunciadores que apresentam essa dispersão em termos discursivos, assumindo diferentes funções discursivas. Quanto ao narrador, já dissemos que se trata de uma característica que pode ser considerada típica, já que podemos considerar essas funções como subconjuntos de uma função de metanarrador.

Na narrativa transmitida pela BAND, apenas três dos sete enunciadores assumem outras funções discursivas além daquela vinculada nas suas funções enunciativas: o narrador, o comentarista e um dos repórteres. Podemos dizer, então, que, em ambas as narrativas produzidas na TV, os enunciadores apresentam essa dispersão em seu discurso em número equânime, o que caracteriza tal comportamento discursivo como uma regularidade, em especial, em relação ao narrador.

Abordando a mesma questão na narrativa produzida na Rádio Globo e na Rádio Eldorado/ESPN, verificamos que, enquanto na primeira emissora, a maioria dos enunciadores

²⁵ Segundo Foucault (1995, p.51), “No caso em que se pudesse descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se poderia definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), dir-se-á, por convenção, que se trata de uma **formação discursiva** [...]”

assume outras funções discursivas, sendo eles o narrador, um comentarista e três plantonistas, na última, a maioria – três repórteres e três plantonistas – assume apenas a função discursiva a que corresponde sua função enunciativa.

Uma primeira observação consiste em dizer que o fato de os sujeitos apresentarem uma maior dispersão discursiva na narrativa da Rádio Globo revela uma enunciação menos coerciva quanto às funções que os sujeitos devem desempenhar na transmissão, por outro lado, na Rádio Eldorado/ESPN, os enunciadores possuem papéis mais definidos, o que pode facilitar mais a compreensão do ouvinte quanto a quem transmite quais informações. Assim, ele sabe, por exemplo, que, quando Sérgio Loredó ou Flávio Ortega assumem o turno de fala, eles informarão algum dado do jogo que está sendo transmitido e não um comentário sobre o possível cometimento de uma falta.

Um segundo aspecto diz respeito ao fato de que nestas situações comunicativas ambas as narrativas radiofônicas não apresentam um enunciador específico que desempenhe a função enunciativa de comentarista de arbitragem como a TV apresenta. Sendo assim, optamos por considerar como uma função discursiva comum ao comentarista, dizer se houve ou não falta, e emitir opinião sobre o desempenho da arbitragem.

Sobre a relação discurso e ação, procuramos responder, nas análises das quatro narrativas, algumas questões básicas, mas importantes para a compreensão da linguagem como forma de ação na narrativa esportiva de futebol. São elas: (a) “como o narrador se dirige a seus interlocutores?”, (b) “Essa ação verbal leva a outra ação consecutiva?”, (c) “Tal ação consecutiva segue uma regra prévia relativa à função enunciativa dos participantes da interação?”, e por fim (d) “O significado dos atos de linguagem produzidos pelos sujeitos na função de narrador condicionam as ações dos interlocutores?”.

Observamos que, nas narrativas televisivas, o narrador se dirige aos seus interlocutores por meio das ações discursivas de “solicitar”, “propor” e “atender a um pedido/passar a palavra”, enquanto que nas narrativas radiofônicas não identificamos a ação de “propor”. Isso pode ser explicado pelo fato de que, em um suporte como o rádio, que não dispõe do recurso da imagem, a narrativa não se caracteriza apenas como um complementar desta. Sendo assim, o narrador não pode e não cede muito tempo da transmissão para propor discussões, dando espaço apenas a breves comentários e informações da partida, de outros jogos que serão transmitidos pela emissora e dados de outros campeonatos estaduais, e para a publicidade dos patrocinadores.

Nas quatro narrativas, identificamos como ponto comum o narrador solicitar, em muitos momentos da enunciação, a participação dos demais enunciadores. Contudo, o modo

como ele realiza essa ação é distinto em todas elas, embora apresentem alguns pontos em comum.

c) Ação e Discurso

Suporte	Atos de fala
Rede Globo	Atos se realizam por meio de formas linguísticas comuns a cada um deles: ATOS DIRETOS: interpelação (forma imperativa); pergunta (forma interrogativa); pedido (forma interrogativa) Ato de fala do narrador aciona a interação e leva a uma ação consecutiva por parte de outro enunciador
BAND	A maior parte dos atos enunciados pelo narrador neste contexto enunciativo caracteriza-se como diretos Atos se realizam por meio de formas linguísticas comuns a cada um deles: ATOS DIRETOS: ordem (forma imperativa); pedido (forma interrogativa) ATOS INDIRETOS: evocação (forma assertiva) Atos diretos e indiretos: implicam uma ação consecutiva por parte dos interlocutores que seguem uma regra a qual condiciona a satisfação ou não de uma ação. Assim, o significado dos atos que o narrador produz condiciona as ações desses interlocutores

Quadro 10: Comparação entre Rede Globo e BAND: atos de fala

Na narrativa da Rede Globo, quando evoca um interlocutor implicitamente, CM não deixa claro a quem se destina seu enunciado, mas sempre há um interlocutor “pré-definido” que o responde. Isso acontece, porque os interlocutores, por possuírem uma função enunciativa pré-determinada, reconhecem no discurso do narrador o conteúdo temático que lhes diz respeito na enunciação, identificando-o com sua função enunciativa e, conseqüentemente, assumindo o turno de fala a fim de responder ao narrador.

Em muitos momentos durante a enunciação da narrativa na BAND, os interlocutores pedem o turno de fala e, na maioria das vezes, o narrador não explicita o nome do outro enunciador. Uma explicação possível é o fato de que, como o seu interlocutor enuncia primeiro, o narrador pressupõe que o telespectador já tenha conhecimento (por reconhecer a voz), se se trata de um dos comentaristas ou de um dos repórteres.

Suporte	Atos de fala
Rádio Globo	A maioria dos atos enunciados pelo narrador são diretos Atos se realizam por meio de formas linguísticas comuns a cada um deles: ATOS DIRETOS: pedido (forma interrogativa); pergunta (forma interrogativa); interpelação (forma imperativa); pedido (forma afirmativa); evocação metonímica (forma exclamativa) ATOS INDIRETOS: interpelação (forma exclamativa); permissão metonímica (forma

	<p>exclamativa); interpelação metonímica (forma exclamativa)</p> <p>Atos diretos e indiretos produzidos pelo narrador: implicam uma ação consecutiva por parte dos interlocutores, que depende de eles seguirem uma regra a qual condiciona a satisfação ou não de uma ação</p>
Rádio Eldorado/ESPN	<p>PS evoca os seus interlocutores por meio de seus nomes e, em geral, de forma exclamativa</p> <p>A maior parte dos atos enunciados pelo narrador são indiretos</p> <p>Atos se realizam por meio das seguintes formas: ATOS DIRETOS: pergunta (forma interrogativa); permissão (forma exclamativa); interpelação (forma exclamativa) ATOS INDIRETOS: interpelação (forma exclamativa); permissão (forma exclamativa).</p> <p>Modo “permissão”: tentativa anterior do plantonista de interceptar a narração da partida em algum momento</p> <p>Atos diretos e indiretos produzidos pelo narrador: implicam uma ação consecutiva por parte dos interlocutores, que depende de eles seguirem uma regra a qual condiciona a satisfação ou não de uma ação</p>

Quadro 11: Comparação entre Rádio Globo e Rádio Eldorado/ESPN: atos de fala

Como pudemos ver na narrativa da Rádio Globo, as formas como esses participantes são evocados apresentam padrões diferentes, como, por exemplo, o nome do interlocutor e expressões metonímicas como “Gol no Campeonato, gol na Globo!”, “Pacaembu!” e “Plantão Globo!”. As expressões metonímicas são muito usadas em suportes como o rádio, porque trazem consigo uma economia de linguagem, pois, ao mesmo tempo em que evoca o seu interlocutor, o narrador já informa o conteúdo temático do que será enunciado. Esse movimento imprime à narrativa maior dinamicidade das informações quando transmitidas ao público, o que é necessário, especialmente, quando essa narrativa tem o rádio como suporte.

É relevante destacar que, nesta narrativa radiofônica, não localizamos momentos em que o narrador “propõe” a discussão de aspectos técnicos do jogo ou sobre fatos da arbitragem. Acreditamos que isso ocorre, devido ao suporte em que a narrativa é produzida, pois na ausência da imagem, a narrativa não se caracteriza como apenas um complementador desta; sem a narração as imagens não se constroem na mente do ouvinte.

É interessante dizer, em relação à narrativa da Rádio Eldorado/ESPN, que uma hipótese para a preferência pela realização indireta, pode ser o fato de que, ao evocar o nome do interlocutor ou do lugar em que acontecerá a(s) próxima(s) partida(s), o narrador agiliza a interação. Além disso, o fato de o narrador enunciar de modo explícito o nome dos interlocutores com quem pretende interagir é uma regularidade durante a narração. Logo, o ouvinte pode reconhecer e relacionar ao nome de cada enunciador a informação que será enunciada por cada um deles.

Por fim, a partir do que expusemos até aqui, concluímos que existem regularidades que nos permitem pensar as *narrativas esportivas de futebol* como um gênero discursivo, já que há traços que garantem uma estabilidade genérica, apesar de estarem sujeitas a atualizações, conforme a enunciação na qual são produzidas, como apregoa Benveniste (2005, 2006).

4.2 Uma configuração do gênero *narração esportiva de futebol* é possível?

Neste trabalho, pretendemos promover uma discussão inicial acerca da *narração esportiva de futebol*, enquanto um gênero discursivo a ser analisado e/ou configurado, observando-se as suas regularidades e atualizações, e em que medida estas a definem. As teorias estudadas – Teoria da Enunciação; as discussões em torno do conceito de Ação e suas relações com a linguagem – tendo como orientação inicial as noções de “interação” e “gênero discursivo” nos permitiram desenvolver o trabalho de forma adequada aos propósitos de nossa pesquisa.

As questões em torno do estudo dos gêneros discursivos não se exaurem. Desde os estudos de Bakhtin (2006), eles têm inquietado muitos pesquisadores que buscam respostas que atendam aos seus anseios por compreender melhor o modo como nos comunicamos em sociedade e em que sentido isso nos afeta enquanto seres de linguagem.

Interagimos uns com os outros por meio da linguagem e, mais especificamente, por meio dos diversos enunciados de que dispomos em nossa memória social e discursiva. A cada nova situação, somos levados a reconstruir o já construído e a moldá-lo, conforme as exigências desse novo contexto, o que inclui as pessoas que estão em interação, o papel que desempenham na sociedade e, naquele instante, a finalidade dessa troca, dentre muitos outros fatores intervenientes no modo como produzimos esses enunciados.

A “metamorfose” genérica é resultado de uma constante mudança social. Assim, ao observarmos essas relações sócio-comunicacionais em termos de mídia, nos deparamos com uma prática social que há muito tempo povoa a sociedade, mas que ainda não havia sido muito estudada, abordada e analisada em termos linguístico-discursivos – a *narração esportiva de futebol*.

A indagação sobre o caráter desse objeto, enquanto parte de nossas interações verbais, nos conduziu a essa pesquisa e à seguinte pergunta: como se configura a narração esportiva de futebol em termos discursivos? Contudo, ao desenvolvermos a pesquisa, verificamos a

necessidade de responder ainda a uma questão que deve anteceder a esta – Uma configuração do gênero é possível?

Sim. Mediante a análise descrita, acreditamos ser possível configurá-lo, ainda que apresente aspectos que sofram mais atualizações do que outros, o gênero mantém certa estabilidade, e obedece, por exemplo, a um princípio de economia na linguagem, já que um telespectador/ouvinte o reconhece assim como o contrato que ele visa a estabelecer entre os sujeitos que participam dessa troca verbal.

Esta pesquisa nos possibilitou compreender melhor o funcionamento enunciativo-discursivo do gênero midiático *narração esportiva de futebol* e perceber como um discurso se submete, simultaneamente, a condições enunciativas, sócio-históricas e intencionais. É na enunciação que os narradores e seus interlocutores se apropriam desse gênero, efetivando uma prática discursiva que envolve esta prática social, partidas de futebol.

Observamos que um discurso é uma prática em constante mutação, já que as sociedades mudam ao mudarem seus valores, crenças, desejos, conhecimentos, enfim, seu comportamento social e linguageiro. Ao evoluírem, essas práticas discursivas se complexificam, a fim de atender as exigências do mercado da informação, no caso dos gêneros produzidos nas mídias.

Por isso, podemos encontrar, por exemplo, uma necessidade, tanto do rádio quanto da TV, de estabelecer uma relação íntima com a Internet, já que hoje ela se caracteriza como um dos grandes meios através dos quais nós interagimos uns com os outros, quando nos encontramos distantes fisicamente (ou até mesmo próximos!). A mídia acaba se apropriando de uma ideologia comum, difundida por empresas do ramo de tecnologia, de que a “internet conecta, aproxima as pessoas” e, nessa “era da interatividade”, nada mais justo do que oferecer este “serviço” aos telespectadores/ouvintes de uma *narração esportiva de futebol*. Essa estratégia parece, nas narrações, simular uma interação face a face, criando um ambiente de confiança, amizade, proximidade, intimidade, e união entre sujeitos-enunciadores e público.

Ao finalizarmos este trabalho, observamos que foi possível promover uma primeira aproximação entre os estudos do discurso e os da enunciação e a *narração esportiva de futebol*. Acreditamos que, por ter cooperado para uma maior compreensão sobre o funcionamento dessa *narração*, no campo de estudos da linguagem, tenhamos provido, também, um maior conhecimento sobre o funcionamento desta linguagem como um todo, cientes de que este estudo terá significância apenas enquanto debater com a seriedade as

relações desse gênero com a caracterização complexa da sociedade contemporânea na qual vivemos e expressamos nossas práticas languageiras.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. 4. ed. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BARBOSA, M. C. **Televisão, narrativa e restos do passado**. E-Compós (Brasília), v.8. p.1-12, 2007.

BENJAMIN, W. **Walter Benjamin – obras escolhidas**. Magia e técnica, arte e política. Tradução Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1996.

BENVENISTE, E. **Problemas de lingüística geral I**. 5. ed. Tradução Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. São Paulo: Pontes, 2005.

BENVENISTE, E. **Problemas de lingüística geral II**. 2. ed. Tradução Eduardo Guimarães. São Paulo: Pontes, 2006.

BRANDÃO, H. H. N. **Introdução à Análise do Discurso**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2004.

CAMARGO, I. A. Imagem, Movimento e Som: apreensão e instantaneidade na mídia. In: **14º Encontro Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação**, 2005, Curitiba. Caderno GT Produção de Sentidos nas Mídias, 2005. p. 43-48.

CHARAUDEAU, P. **Discurso das Mídias**. Tradução Ângela S. M. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2006.

DAVIDSON, D. **Actions et événements**. Paris: PUF, 1993

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. 4. ed. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

GLOBO Rádio. [S.l.]: SGR, 2009. Disponível em:
<<http://globoradio.globo.com/MusicCenter/0,,5324,00.html#>>. Acesso em: 05 dez. 2009.

GUERRA, M. O. **Rádio x TV: o jogo da narração**. A imaginação entra em campo e seduz o torcedor. 2006. 246 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

GREGOLIN, M. R. **Foucault e Pêcheux na análise do discurso: diálogos & duelos**. 2. ed. São Carlos: Claraluz, 2006.

MACHADO, I. Gêneros Discursivos. In: BRAIT, B. (Org.) **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005.

MAINGUENEAU, D. Michel Pêcheux: três figuras. Tradução Fabiana Komesu. In: BARONAS, R. L.; KOMESU, F. (Orgs.) **Homenagem a Michel Pêcheux: 25 anos de presença na análise do discurso**. Campinas: Mercado de Letras, 2008.

MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em Análise do Discurso**. 3. ed. Tradução Freda Indursky. Campinas: Pontes; Ed. da Unicamp, 1997.

MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação**. 4. Ed. Tradução Cecília P. de Souza-e-Silva e Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2005.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual: análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MARI, H. Discurso e ação. In: MARI, H.; MACHADO, I. L.; MELLO, R. (Orgs.) **Análise do Discurso em perspectivas**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2003.

MEMÓRIA Globo. [S.l.]: Globo Comunicação e Participações, 2009. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,55750,5265,00.html>>. Acesso em: 05 dez. 2009.

OSVALDO Pascoal. [S.l.]: Wikimedia Foundation, 2009. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Osvaldo_Pascoal>. Acesso em: 05 dez. 2009>.

PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução Eni Pulcinelli Orlandi et al. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1988.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso (ADD-69). In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Tradução Bethânia S. Mariani et al. 3. ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1997.

PINHEIRO, N. F. A noção de gênero para análise de textos midiáticos. In: MEURER, J. L., MOTTA-ROTH, D. (Orgs.). **Gêneros Textuais e práticas discursivas: subsídios para o ensino de linguagem**. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

QUERÉ, L. Action située et perception du sens. In: FORNEL, M.; QUERÉ, L. **La logique des situations**. Nouveau regards sur l'écologie des activités sociale. Paris: EHESS-CNRS, 1999.

REUTER, Y. **A análise da narrativa**. O texto, a ficção e a narração. Tradução Mário Pontes. Rio de Janeiro: Difel, 2002.

SANTIAGO, S. **Na malhas da letra**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

VERNANT, D. D. **Du discours à l'action** – Études Pragmatiques. Paris: PUF, 1997.

VILLANUEVA, D. VILLANUEVA, D. **Glosario de Narratología**. Gijón: Ediciones Júcar, s/d.

WILLIAM, W. **Olho no Lance**: Silvio Luiz. São Paulo: Best Seller, 2002.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)